

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E LITERATURA ALEMÃ

CRISTIANA BUSATTO BERÉA DE OLIVEIRA

A questão da ambientação na tradução anotada e comentada de
Der Prinz und der Bottelknabe oder Erzähl mir vom Dow Jones,
de Kirsten Boie

v.1

SÃO PAULO

2008

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E LITERATURA ALEMÃ

A questão da ambientação na tradução anotada e comentada de
Der Prinz und der Bottelknabe oder Erzähl mir vom Dow Jones,
de Kirsten Boie

Cristiana Busatto Beréa de Oliveira

Dissertação apresentada ao
Departamento de Letras Modernas
da Faculdade de Filosofia, Letras e
Ciências Humanas da Universidade
de São Paulo, para a obtenção
do Título de Mestre em Letras

Orientador: Prof. Dr. João Azenha Júnior

SÃO PAULO

2008

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais Olgamaria e Luis Fernando, pelos valores que fazem parte de mim.

Ao meu marido Maurício, por ser meu porto seguro e por estar ao meu lado em todos os momentos, apoiando-me absolutamente em todos os sentidos.

Ao meu filho Rodrigo, pelo incentivo, pelas leituras da tradução e pelas inúmeras acessórias relacionadas ao universo juvenil.

À minha amiga Felícia, por me mostrar o caminho das pedras.

Ao meu orientador João Azenha Junior, pela dedicação sem fim, pela imensa paciência e pela capacidade de aliar, como somente um genuíno mestre sabe fazer, a orientação que faz crescer e o reconhecimento pelo crescimento já alcançado.

RESUMO

O ato de traduzir supera a simples transformação de palavras de uma língua para a outra e exige a intervenção do tradutor no texto original. A partir do questionamento sobre os limites desta interferência nasce o presente trabalho, que tem como objetivo apresentar os resultados e discutir o processo de tradução da narrativa *Der Prinz und der Bottelknabe – oder Erzähl mir vom Dow Jones*, da autora alemã Kirsten Boie, com ênfase no tratamento dado, na tradução, à ambientação da obra. Para tanto, são analisados os limites entre os conceitos de tradução e adaptação, diferentes posturas teóricas, que ora se voltam para o texto-fonte, ora para o texto-alvo e o tratamento de marcas culturais em tradução. Por se tratar de uma narrativa destinada ao público juvenil, são abordadas também características específicas da tradução de literatura infantil e juvenil, assim como legibilidade e criatividade em tradução.

Palavras-chave: tradução de literatura infantil e juvenil; ambientação; legibilidade; criatividade

ABSTRACT

The act of translating surpasses the mere conversion of words from one language to another and demands the intervention of the translator in the original text. The questioning about the limits of this interference originates the present work, which seeks to present the results and to discuss the translating process of the narrative *Der Prinz und der Bottelknabe – oder Erzähl mir vom Dow Jones*, by the German author Kirsten Boie, with emphasis on the treatment given, in the translation, to the setting of the book.

With this intent are analysed the limits between the concepts of translation and adaptation, different theoretical attitudes, which turn themselves sometimes to the source text, sometimes to the target text, and the treatment of cultural marks. As the narrative is addressed to young audience, specific characteristics of the translation of children's and young adult's literature, as well as legibility and creativity are also developed.

Key-words: translation of children's and young adult's literature; setting; legibility; creativity

ZUSAMMENFASSUNG

Der Akt des Übersetzens geht über die einfache Verwandlung von Wörtern von einer Sprache auf die andere hinaus und verlangt das Eingreifen des Übersetzers in den Originaltext. Ausgehend von der Frage über die Grenzen dieses Eingreifens entstand die vorliegende Arbeit, die es sich zum Ziel setzt, den Prozess und die Ergebnisse der Übersetzung der Erzählung *Der Prinz und der Bottelknabe – oder Erzähl mir vom Dow Jones*, von der deutschen Schriftstellerin Kirsten Boie, zu präsentieren und zu diskutieren, mit Schwerpunkt auf der Verarbeitung der Einbettung der Erzählung. Zu diesem Zweck werden die Grenzen zwischen den Begriffen Übersetzung und Adaptation analysiert; verschiedene theoretische Haltungen, die sich manchmal dem Ausgangstext, manchmal dem Zieltext zuwenden, sowohl als auch die Behandlung von Kulturmarkierungen. Da es sich um eine an Jugendliche gerichtete Erzählung handelt, werden auch spezifische Merkmale der Übersetzung von Kinder- und Jugendliteratur angesprochen, so wie Lesbarkeit und Kreativität.

Schlüsselwörter: Übersetzung von Kinder- und Jugendliteratur; Einbettung der Erzählung; Lesbarkeit; Kreativität

SUMÁRIO

Tomo 1

	Página
Resumo.....	3
Abstract.....	4
Zusammenfassung.....	5
Uma retrospectiva... Da aula de língua para a tradução literária: uma trajetória de descobertas.....	8
Introdução.....	12
1. Traduzir ou adaptar? Traduzir e adaptar? Traduzir é adaptar.....	21
2. A criança e o jovem em foco.....	37
3. Marcas culturais, Ambientação e Legibilidade: Os pilares da tradução de <i>Der Prinz und der Bottelknabe</i>	47
4. Aspectos da ambientação.....	59
4.1 Ambientação explícita.....	59
4.1.1 Antropônimos.....	60
4.1.2 Topônimos.....	64
4.1.3 Nomes de lojas, empresas e marcas de produtos.....	66
4.1.4 Nomes de programas de televisão e revistas.....	69
4.1.5 Conceitos relacionados ao sistema escolar alemão e ao ambiente da sala de aula.....	71
4.1.6 Uso de termos em inglês.....	76
4.1.7 Outros conceitos ou denominações que não se encaixam nos itens anteriores e que aparecem com menos frequência.....	77
4.2 Ambientação implícita.....	79
5. Amostra geral das interferências realizadas.....	86
Conclusão.....	97
Referências Bibliográficas.....	101

Anexo

Informações sobre a autora.....	105
Correspondência com a autora.....	106
Pesquisa junto ao público-alvo.....	122

Tomo 2

Original: *Der Prinz und der Bottelknabe oder Erzähl mir vom Dow Jones*, de Kirsten Boie.

Tradução: *O príncipe e o plebeu ou quem sabe... Como é que anda o Dow Jones?*, de Cristiana Busatto Beréa de Oliveira.

Uma retrospectiva...

Da aula de língua para a tradução literária: uma trajetória de descobertas

- Was bedeutet *leicht* auf Portugiesisch? ¹
- *Fácil* oder *leve*. In welchem Kontext? Kannst du bitte den Satz lesen?
- Er war leicht verletzt.
- Ach, dann bedeutet *leicht* hier nicht *leve*, aber *levemente*. Ele estava levemente ferido.

Temos aqui um típico diálogo entre um aluno e um professor em uma aula de língua alemã. Lecionando este idioma para crianças e jovens, há dezoito anos, posso afirmar que o questionamento sobre o significado de palavras está presente no cotidiano de todo professor de língua estrangeira.

É verdade que o desenvolvimento dos materiais didáticos para o ensino da língua alemã tem mostrado um distanciamento da tradução direta em sala de aula e uma maior preocupação com a abordagem comunicativa, inserindo o aprendiz em situações monolíngues, em que a compreensão se dá através de imagens visuais, contextos e associações. A despeito dessa tendência, continuamos nos deparando diariamente com a necessidade de explicar aos alunos o significado de inúmeras palavras.

A presença da tradução em sala de aula não se dá, todavia, apenas no nível lingüístico. A aprendizagem efetiva de uma língua estrangeira envolve, além do domínio de estruturas lexicais e gramaticais, a aquisição de conhecimentos relacionados ao país e à cultura da língua em questão. São frequentes, em aulas de língua estrangeira, explicações sobre geografia, história, hábitos e costumes, a fim de se esclarecer o uso de certas palavras e estruturas.

O uso do pronome pessoal “Sie” na língua alemã pode servir como um exemplo para a afirmação acima. Não é suficiente que o aluno saiba que este pronome signifique as formas de tratamento “o senhor” ou “a senhora”; é indispensável que ele seja orientado

¹ - O que significa *leicht* em português?”

- *Fácil* ou *leve*. Em que contexto? Você pode ler a frase, por favor?
- Er war leicht verletzt.
- Ah, então *leicht* aqui não significa *leve*, mas *levemente*. Ele estava levemente ferido.

sobre a maneira formal com que se tratam os alemães, empregando esta forma de tratamento com muito mais frequência do que é feito no Brasil.

Para um jovem brasileiro seria bastante comum, por exemplo, tratar um vendedor pelo pronome “você”. Transferindo este conhecimento de mundo para a língua alemã, este mesmo jovem utilizaria, de forma inadequada, o pronome “du” ao escrever, ou ainda, travar um diálogo em uma loja.

Podemos ver, dessa forma, que o ensino de uma língua estrangeira suplanta a simples explicação de palavras e regras gramaticais. Acredito ser papel do professor “traduzir” o contexto sócio-cultural da língua estudada, possibilitando ao aluno, não apenas a conquista do novo idioma, mas também a compreensão do mundo que este idioma “habita”.

Envolvida na busca por métodos eficientes de explicação e inserção do jovem na cultura alemã e atraída por um interesse crescente pela questão da tradução, empreendi, no ano de 2005, uma trajetória de volta à Universidade.

Freqüentei inicialmente um semestre do Curso de Especialização de Tradução da Faculdade de Letras da Universidade de São Paulo, onde tive a oportunidade de acompanhar o módulo: Tradução para a Criança e o Jovem, ministrado pelo professor João Azenha Junior.

Saindo, portanto, da sala de aula, entrei em contato pela primeira vez com a atividade de tradução literária.

Entre outras atividades, trabalhamos durante o curso com a tradução do livro *Pimpinella in der Hexenschule*², destinado ao público infantil. O trabalho de tradução deste livro revelou-se extremamente prazeroso, mas acima de tudo desafiador. Iniciei o trabalho de forma intuitiva, procurando aplicar meus conhecimentos da língua alemã associados à vivência com o universo infanto-juvenil, adquirida como mãe e professora.

Percebi logo de início que, apesar da facilidade aparente, o livro apresentava inúmeros desafios de tradução, que procurarei ilustrar aqui através de alguns exemplos.

O livro *Pimpinella in der Hexenschule* contém, além da história sobre a ida da pequena bruxa Pimpinella à escola de bruxaria, inúmeras atividades interativas, em que a criança é convidada a participar, recortando, pintando e montando páginas do livro. Desta forma, a primeira dificuldade encontrada na tradução relacionava-se à presença de duas

² O livro *Pimpinella in der Hexenschule* de Martha Steinmeyer e Corina Beurenmeister (Editora OZ Velber) conta as aventuras da pequena bruxa Pimpinella em sua primeira semana de aulas na escola de bruxaria.

formas linguagem: 1) a linguagem do interior do texto e 2) a linguagem mais técnica das instruções das atividades.

A linguagem das instruções demandava um tratamento cuidadoso, uma vez que precisava ser clara e didática. Instruções como “recorte o chapéu e dobre-o na marca”³ ou “faça um furinho através do ponto amarelo”⁴ deviam ser entendidas de forma simples e correta, a fim de que as atividades propostas fossem realizadas com sucesso pelos pequenos leitores.

A linguagem do interior do texto, por sua vez, caracterizava-se por uma estrutura dialógica com vocabulário do universo infantil, inúmeros jogos de palavras e vocábulos fantásticos, criados pelas autoras, que se caracterizaram com uma das grandes dificuldades encontradas na tradução deste livro.

Como exemplo da criação de vocábulos fantásticos, podemos citar as expressões de espanto utilizadas pela pequena bruxa ao longo de todo o texto. Tais expressões, inexistentes na língua alemã, iniciam sempre com a palavra *Hexelpotzel* e vão variando de acordo com cada situação enfrentada por Pimpinella: *Hexelpotzelblitzgenial*, *Hexelpotzelglotzelstark*, *Hexelpotzelunglücksrabe*, etc.

Analisemos as palavras usadas pelas autoras para a criação da primeira expressão: as palavras *Hexel* e *potzel* derivam, provavelmente, das palavras *Hexe* (bruxa) e *potz* (interjeição que já caiu em desuso). De acordo com o dicionário Langenscheidt, a palavra *potz* somente é utilizada na expressão *potz Blitz!*, que denota espanto por parte de seu interlocutor e poderia ser traduzida como *Nossa!* ou *Caramba!* No texto em questão, porém, *potz* acompanha outras palavras como *glotzelstark* e *Unglücksrabe*, o que mostra que as autoras se utilizaram da estratégia de decompor uma expressão cristalizada a fim de criar palavras novas.

Diante da situação acima descrita e a partir da discussão sobre o problema, desencadeada no curso, pude perceber que apenas meus conhecimentos da língua alemã não seriam suficientes para encontrar soluções adequadas de tradução. Traduzir palavra por palavra poderia ser o primeiro passo, a fim de que eu pudesse localizar o campo semântico de cada expressão, porém transformar os significados em expressões tão ricas como as do texto de partida, exigia um trabalho de recriação. Era necessário que se levasse em conta

³ “Schneide den Hut [...] und falte ihn.” (STEINMEYER; BEURENMEISTER, 2001, p.6)

⁴ “Stich ein Loch durch den gelben Punkt [...]” (STEINMEYER; BEURENMEISTER, 2001, p.34)

que as palavras criadas pelas autoras tinham como objetivo produzir uma atmosfera divertida e lúdica e, acima de tudo, dar ao texto um caráter especial: revelar o “universo bruxo” de Pimpinella. A partir da constatação de que tais características não poderiam ser ignoradas, passei a refletir de forma mais cuidadosa, buscando soluções que contemplassem a criatividade do texto de partida e se adequassem à linguagem infantil.

Observemos algumas das soluções encontradas: a expressão de espanto *Hexelpotzelaugenstern!*, utilizada pela bruxinha ao se deparar com a professora que tinha três olhos, foi traduzida pela expressão *Mas que olhar-sem-par-estelar!*. No caso da expressão *Hexenpotzelwindebblietz!*, utilizada por Pimpinella ao presenciar um feitiço que fazia nascer uma planta, temos a tradução *Mas que da-hora-sem-demora-ela-aflora!* E ainda *Hexenpotzelunglücksrabe!*, empregada quando seu polvo de estimação começa a sentir coceira, ao beber uma poção mágica, traduzida por *Mas que azar-coçar-sem-parar!*

Podemos perceber que as soluções apresentadas não se prendem às palavras utilizadas no texto de partida, mas procuram resgatar a mensagem presente em cada expressão de espanto, contemplando tanto o contexto de cada situação como o jogo de palavras.

As reflexões desencadeadas pelo processo de tradução acima relatado mostraram que a atividade ali realizada não se resumia, como a princípio poderia parecer, no simples transporte de significados de uma língua para outra. O ato de traduzir revelou-se como um processo complexo que suplantava a questão lingüística, assemelhando-se ao ato de ensinar uma língua estrangeira. Assim como o ato de ensinar uma língua estrangeira exige a “tradução” do universo que a rodeia, o ato tradutório parecia exigir a “tradução” não apenas da história contada, mas também do universo que envolvia esta história.

A partir das descobertas realizadas durante esta pequena experiência tradutória, consolidou-se o desejo de maior aprofundamento no assunto, o que gerou meu ingresso no Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura Alemã da Faculdade de Letras, Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo e o desenvolvimento do presente trabalho.

Introdução

O presente trabalho insere-se na linha de pesquisa “A tradução como transferência cultural: metodologias de pesquisa, construção de aportes teóricos e análise da recepção no Brasil”, integrando o projeto “A tradução comentada e anotada como forma de difusão de conhecimento”. Este projeto visa a dar continuidade a uma tradição na Universidade de São Paulo, que remonta aos anos de 1960: a apresentação, em todo ou em parte, de obra inédita de expressão alemã em tradução comentada e anotada, acompanhada de contextualização da vida e obra do(a) autor(a) em questão, bem como de discussão sobre a metodologia empregada no processo de tradução e de justificativa do aporte teórico adotado para a interface entre os Estudos da Tradução e áreas afins.

Cumprindo com os objetivos do projeto em que se insere, este trabalho visa: 1) apresentar a tradução anotada e comentada da narrativa *Der Prinz und der Bottelknabe – oder Erzähl mir vom Dow Jones*; 2) unir prática e teoria, a partir da construção de ponte entre a atividade tradutória e o aparato teórico adotado; 3) discutir sobre a metodologia utilizada no processo de tradução e 4) divulgar a autora alemã Kirsten Boie, inédita no Brasil

A tradução aqui apresentada vem sendo desenvolvida há três anos, ao longo do curso de Pós-Graduação, e tem se caracterizado como um processo de reflexão que parte do ato tradutório em si para a busca de subsídios teóricos que venham contribuir para a solução das inúmeras dificuldades e obstáculos encontrados, justificando e fundamentando as decisões tomadas. Além do suporte teórico, este processo tem se apoiado na correspondência com a autora do original, que está ciente do projeto e do tratamento dado à tradução, tendo se colocado à disposição para discutir dúvidas e problemas.⁵ Além disso, a fim de controlar a questão da subjetividade sobre o que é ou não adequado ao público-alvo, foi realizada uma pesquisa de reconhecimento de marcas culturais⁶, cujos resultados nos obrigaram, por vezes a rever as estratégias tradutórias adotadas.⁷

⁵ cf. correspondência com a autora, Anexo.

⁶ Sobre a questão das marcas culturais e sua importância no processo de escolha das estratégias adotadas na tradução realizada, cf. Cáp. 3, p.47-58.

⁷ Esta pesquisa foi realizada com 63 adolescentes entre 12 e 14 anos da cidade de São Paulo e pode ser conferida no Anexo.

A narrativa *Der Prinz und der Bottelknabe – oder Erzähl mir vom Dow Jones*, escrita em 1997, destina-se ao público juvenil⁸ e consiste na reescritura da obra clássica: *O Príncipe e o Mendigo*, de Mark Twain (1881). BOIE recria a aventura de TWAIN, transportando-a da cidade de Londres, Inglaterra, na segunda metade do século XVI, para Hamburgo, Alemanha, no final do século XX.⁹

Calvin Prinz e Kevin Bottel, protagonistas da narrativa, nascem no mesmo dia e na mesma cidade, procedem, porém, de famílias e classes sociais bem diferentes.

Calvin vive com seus pais em um bairro rico e bem localizado da cidade de Hamburgo. É um garoto mimado, com baixo rendimento escolar, que frequenta aulas de hóquei e tênis. O futuro, que já foi traçado para ele - assumir a firma do pai -, não lhe interessa muito no momento. Assim como também não lhe interessam as ações da Bolsa de Valores que ganhou de aniversário do pai, que insiste em discutir o assunto com o filho.

Kevin vive com a mãe e três irmãos em um pequeno apartamento em um bairro muito simples da cidade. É esperto, porém não gosta de estudar e utiliza muita gíria e palavrões ao falar. A mãe trabalha como faxineira e a família passa por dificuldades econômicas. Kevin ajuda no orçamento doméstico, entregando jornais.

Seguindo os passos de Edward Tudor e Tom Canty, de TWAIN, Calvin e Kevin encontram-se ao acaso e levam o maior susto de suas vidas: descobrem que são idênticos. Superado o choque inicial, decidem fazer a experiência de trocar de papéis e “experimentar” a vida um do outro. Mergulham, então, em suas novas vidas e impressionam-se com as diferenças que encontram. A casa, a escola, os costumes da família... Enfrentam o estranhamento e os medos iniciais e adaptam-se, aos poucos, aos novos ambientes. Não se limitam, porém, à mera observação dos acontecimentos e acabam se envolvendo e interferindo na vida do outro. Após inúmeras aventuras e experiências

⁸ *Der Prinz und der Bottelknabe* foi lançado em agosto de 1997 pela Editora Oetinger. A narrativa está indicada como leitura para crianças a partir de 12 anos na página eletrônica da editora (<http://www.oetinger.de>).

⁹ A localização da narrativa no tempo se dá de forma indireta. Não são citadas datas específicas, apenas dados referenciais, que permitem ao leitor tirar suas próprias conclusões. No prólogo, o narrador autoral, através de suas interferências, informa que o nascimento dos protagonistas acontece alguns anos antes do advento do telefone celular, o que ocorreu por volta de 1980. Levando em consideração as informações fornecidas pelo próprio texto, podemos assumir que os protagonistas têm aproximadamente 15 e 16 anos, o que nos levar a acreditar que a história se passa por volta dos anos 1994 e 1995.

inusitadas, voltam para o “filme” de suas vidas, mas percebem que a vida real nunca mais será a mesma.

Trata-se de uma narrativa divertida e dinâmica, em que três grandes capítulos se dividem em pequenos subcapítulos denominados *Calvin* e *Kevin* e apresentam os pontos de vista dos dois protagonistas, alternadamente.

Durante o processo de tradução foram detectados, no interior da narrativa de BOIE, inúmeros aspectos relevantes à discussão sobre tradução e que poderiam suscitar um aprofundamento teórico, abrindo diversos caminhos a se explorar. Entre os aspectos detectados, podemos citar quatro, em especial: 1) a questão da intertextualidade com o texto de TWAIN; 2) a linguagem característica do adolescente, utilizada pelos protagonistas da narrativa; 3) o uso recorrente de expressões idiomáticas e 4) a forte ancoragem da narrativa na cidade de Hamburgo.

Uma vez que o presente trabalho não se resume a uma tradução por si só, constituindo, outrossim, uma dissertação de Mestrado, fez-se necessário optar por um dos inúmeros caminhos, a fim de que se pudesse conseguir o aprofundamento esperado neste tipo de trabalho.

Após uma fase inicial, em que os aspectos elencados foram trabalhados e pesquisados em suas particularidades, optamos pelo aprofundamento do quarto aspecto: a ancoragem da narrativa na cidade de Hamburgo. A escolha por esta questão encaminhou a pesquisa para o desenvolvimento do tema “ambientação da obra”, o que exigiu uma análise cuidadosa das marcas culturais presentes ao longo do texto e a reflexão sobre o tratamento a ser dado a cada uma delas.

Antes de discorrermos sobre o processo de escolha da questão da ambientação, entretanto, apresentaremos um breve comentário sobre os outros aspectos destacados, uma vez que fizeram parte das reflexões e estiveram presentes, ainda que como pano de fundo, no desenvolvimento deste trabalho.

O primeiro aspecto destacado - a intertextualidade com o texto de TWAIN - reflete uma tendência da literatura, do cinema e do teatro atualmente: a reescritura de obras clássicas.

Como afirma CALVINO (1993), os clássicos são livros que se impõem como inesquecíveis, que se ocultam nas dobras da memória, que nunca terminam de dizer aquilo que tinham para dizer. Se uma obra é considerada clássica, no sentido mais amplo da

palavra, é porque de alguma forma ela sobreviveu no tempo. Isto acontece, porque esta obra traz consigo uma verdade, um traço que a faz inesquecível e é este traço que reclama uma reescritura, que motiva um autor a recriar uma obra já existente.

Quando questionada sobre sua opção pela reescritura, BOIE respondeu que desejava escrever um livro sobre contrastes sociais na Alemanha. Apesar da temática séria, a autora não objetivava uma história “sombria”, mas sim uma que se desenvolvesse de forma leve e prazerosa para o adolescente. O caminho para este livro foi descoberto por ela ao assistir a uma antiga adaptação da obra de TWAIN para a televisão. A retomada do clássico e sua recriação foram, segundo a autora, a forma encontrada para representar, através de uma história divertida, os contrastes entre dois ambientes tão diferentes.¹⁰

A partir desta afirmação, podemos concluir que BOIE acredita que a obra de TWAIN parece “não ter terminado de dizer aquilo que tinha para dizer”, isto é, optando por uma reescritura, ao invés da criação de uma história totalmente nova, a autora mostra que o clássico ainda tem “o que dizer” nos dias de hoje e contribui, de certa forma, para a sua “sobrevivência” no tempo.

Segundo DISCINI (2004), intertextualidade significa compactuar, entrar em conflito e brincar com outro texto. Nesse processo é necessário que se tenha consciência deste outro texto e que ao representá-lo, ele seja tomado “como sujeito-parceiro da construção da enunciação.” A autora afirma ainda que “na intertextualidade não há fronteiras, não há linha divisória entre o eu e o outro, não há ruptura. Intertextualidade é a retomada consciente, intencional da palavra do outro, mostrada, mas não demarcada no discurso da variante” (p.10-11).

É clara a intenção de BOIE, em *Der Prinz und der Bettelknabe*, de retomar a obra de TWAIN. A autora, porém, não se apropria simplesmente da idéia proposta no texto-base; ela o assimila, para em seguida transformá-lo. Existe um diálogo entre as duas obras, que se revela aos poucos durante a narrativa.

A primeira relação que se estabelece entre as duas obras está no título da reescritura, que faz uma alusão ao título (em alemão) de TWAIN, *Prinz und Bettelknabe*. No tocante às estruturas narrativas e discursivas, temos diferenças significativas na reescritura, que apresenta maior fragmentação e focalização interna.

Quanto ao conteúdo, a relação intertextual baseia-se em semelhanças e diferenças.

¹⁰ cf. Anexo: Correspondência com a autora p. 110 e 118.

Como elementos de permanência podem ser citados a temática do duplo, a insatisfação pessoal e a conseqüente troca de papéis, problemas familiares e os contrastes entre riqueza e pobreza.

As transformações ocorridas perpassam pela localização geográfica e temporal da história, as classes sociais apresentadas (os protagonistas pertencem a níveis culturais e sociais diferentes, porém não há a presença de realza e mendicância) e pelo próprio conteúdo das aventuras vividas pelos protagonistas.

No nível lexical, temos na reescritura uma linguagem típica dos jovens, bastante coloquial, o que não acontece no texto-base e que se revelou, conforme comentado anteriormente, no segundo aspecto destacado como relevante à discussão tradutória. A fala dos protagonistas é permeada de gírias, palavrões e expressões peculiares aos jovens, que aparecem em períodos extremamente longos, refletindo o pensamento do adolescente. Esta característica demanda, por parte do tradutor, uma ampliação do seu campo de pesquisa, uma vez que o conhecimento de língua e as ferramentas tradicionais de consulta, tais como dicionários, livros e enciclopédias não se mostram suficientes. No processo de tradução da narrativa em questão foram utilizados, por exemplo, fóruns on-line e salas de bate-papo da Internet, que se apresentaram como ricos campos de pesquisa, uma vez que contém a linguagem viva e atual do adolescente.

A passagem abaixo ilustra uma situação em que foi necessário recorrer a um fórum on-line:

»Wenn du vielleicht gut in Mathe bist?«, sagte er hoffnungsvoll. »Du könntest gegen Knete meine Arbeiten für mich schreiben.«
 »Kannst du knicken«, sagte ich. (BOIE, p.59, grifo nosso)¹¹

O verbo “knicken” aparece nos dicionários consultados¹², sob os seguintes significados “dobrar, quebrar, rachar, vergar e ferir”. Nenhum destes significados, porém, contempla a passagem acima, uma vez que aqui a expressão “Kannst du knicken” sugere a idéia de “Pode desistir” ou “Pode esquecer”. O verbo “knicken” inserido neste contexto

¹¹ “Por acaso você é bom em matemática?”, perguntou esperançoso. “Eu podia te pagar pra você fazer as minhas provas.” “Pode desistir.”, disse. / Todos os exemplos retirados da narrativa de BOIE, assim como sua tradução, podem ser conferidos no volume 2 deste trabalho.

¹² Foram consultados os dicionários Langenscheidts, Duden, o dicionário on-line da Universidade de Leipzig e a versão on-line do dicionário Bertelsmann, tendo sido encontradas as mesmas definições.

somente foi localizado em fóruns de discussão on-line¹³, revelando desta forma o seu emprego com um novo significado, provavelmente incorporado à fala, porém ainda não dicionarizado.

Levando-se em consideração que a situação descrita no exemplo acima é recorrente ao longo de todo o texto, podemos afirmar que o aspecto da linguagem dos protagonistas figura-se como um elemento importante na discussão sobre a tradução da narrativa em questão.

O terceiro aspecto destacado - o uso recorrente de expressões idiomáticas - revela-se também no texto de BOIE como um aspecto bastante interessante dentro da discussão sobre tradução, uma vez que o tratamento dado a tais expressões demanda cuidado, pesquisa e conhecimento das línguas em questão.

Observemos o processo de reflexão na tradução de duas expressões idiomáticas presentes no texto de BOIE:

»Ich habe einen Hunger wie ein Bär«, und sie ließ sich auf einen Stuhl fallen...
(p.27, grifo nosso)¹⁴

»Bist du immer noch da?«, schnaubte er. »Entweder kaufen oder phht!, die Fliege, hab ich dir schon mal gesagt, oder?«¹⁵ (p.44, grifo nosso)

Temos nos exemplos acima duas expressões idiomáticas que fazem uso de animais. Na primeira, a simples troca do animal “urso” por “leão” na língua portuguesa (“Estou com uma fome de leão”) manterá o contexto do original e respeitará o uso desta expressão na língua-alvo. Neste caso, o domínio da língua alemã e da língua portuguesa e o

¹³ Saiki escreveu: “...Ich bin mir nicht sicher, aber es gibt SATA-ICH5R Controller dessen Raid NUR mit Windows funktioniert !!!Ich habe mich mal kurz belesen - also Hardware Raid übers Bios kannst du **knicken, das wird nicht gehen**.” Fórum da página eletrônica Unibox.de. Página consultada em 22 de março de 2005, <<http://www.unixboard.de/vb3/archive/index.php/t-4478.html>>./Mal_anders escreveu: “... dein zweites query ist auch quatsch, **entweder** fragst du bestimmte spalten (a,b,c,) ab **oder** halt alles (*), **beides zusammen kannst du knicken!**” Fórum da página eletrônica Flashforum. Página consultada em 22 de março de 2005, <<http://www.flashforum.de/forum/archive/index.php/t-77077.html>>.

¹⁴ “ »Estou com uma fome de leão«, e largou-se na cadeira...” » A tradução literal para esta passagem seria: “»Estou com uma fome de urso«, e largou-se na cadeira...”

¹⁵ “Você ainda está aí?”, ele esbravejou. “Ou você compra alguma coisa ou chispa daqui! Eu já não te avisei?” A tradução literal para esta passagem seria: “Você ainda está aí?”, ele esbravejou. “Ou você compra alguma coisa ou phht! a mosca! Eu já não te avisei?”

conhecimento de expressões idiomáticas em ambos os idiomas serão suficientes para a realização da tradução.

Já na segunda expressão, o conhecimento de língua não será suficiente, uma vez que a expressão utilizada no original não existe no português do Brasil. Além de compreender a expressão, o tradutor precisa recriá-la¹⁶ e, se possível, manter a imagem presente na mesma. A expressão “die Fliege machen” significa “deixar um local rapidamente; sumir; desaparecer”¹⁷, ação que está provavelmente relacionada ao vôo rápido de uma mosca. Diante da inexistência de uma expressão que se utilize do animal mosca neste contexto, recorreremos à expressão “Chispa daqui!”, que contempla a idéia de sumir rapidamente e recupera a onomatopéia “phht!” (presente no original), uma vez que “chispar” significa também “lançar chispas ou faíscas” e poderia evocar o som “pscchh” na língua portuguesa.

O trabalho com as expressões idiomáticas revelou-se, durante todo o processo tradutório, como uma tarefa desafiadora e enriquecedora.

Os três aspectos até aqui apresentados - a intertextualidade, a linguagem dos protagonistas e o uso de expressões idiomáticas - revelaram-se, conforme já foi dito, como relevantes à discussão sobre tradução. Optamos, todavia, por aprofundar o quarto aspecto elencado: a forte ancoragem da narrativa na cidade de Hamburgo.

Esta escolha se deu devido à singularidade com que este aspecto se apresentou ao longo de toda a narrativa, destacando-se de todos os outros.

O’SULLIVAN (1992) afirma que “enquanto é inquestionável que todos os textos sejam culturalmente específicos em termos de origem, alguns revelam-se sob este aspecto de forma mais acentuada que outros, especialmente quando a cultura é explicitada no livro”¹⁸ (p.154). Este parece ser o caso da narrativa de BOIE, uma vez que a autora se utiliza, inúmeras vezes, de antropônimos, topônimos, nomes de empresas, lojas, marcas de produtos, programas de televisão, revistas, além de pensamentos, costumes e comportamentos que transportam o leitor para dentro do universo do jovem alemão.

¹⁶ A noção de criatividade na tradução será desenvolvida ao longo deste trabalho.

¹⁷ “**Fliege** die;-,-n;...**die Fliege machen** *gespr.*; e-n Ort schnell verlassen (Langenscheidts, p.359) / eine / **die Fliege** machen : abhauen; verschwinden; weggehen; sich entfernen (Dicionário eletrônico Redensarten-index - <http://www.redensarten-index.de>)

¹⁸ Salvo indicação em contrário, todas as traduções das citações em língua estrangeira foram realizadas por nós. / “While all texts are unquestionably culturally specific in terms of their origin, some reveal themselves to be more so than others – especially when the culture is made explicit in the book.”

A partir da percepção de que o texto em questão oferecia ao leitor a possibilidade de criar uma imagem da juventude na Alemanha e seguindo o pensamento de VENUTI (2002) de que a tradução exerce um poder enorme na construção de representações de culturas estrangeiras, devendo ser escrita com o maior respeito às diferenças lingüísticas e culturais, optamos pela manutenção da ambientação do texto e pela preservação do caráter estrangeiro da obra.

Entretanto, os elementos responsáveis pela identidade alemã presentes na narrativa, são, em sua grande maioria, estranhos ou desconhecidos para o leitor brasileiro e passaram a caracterizar dificuldades e obstáculos à tradução. Estas dificuldades refletiam mais uma vez o pensamento de VENUTI, que apesar de defender a manutenção da estrangeiridade em traduções, admite que, ao fazer isso, o tradutor corre o risco de tornar seu texto hermético e inacessível ao leitor, devido à presença exagerada de elementos desconhecidos.

Deparamo-nos, assim, com diversos questionamentos, que confrontavam a decisão de se manter o caráter estrangeiro da obra com a inacessibilidade do leitor ao texto: Como conseguir um texto fluente e claro, em que o jovem encontrasse prazer, sem tirar sua identidade e seus traços culturais? O que fazer com tantos elementos estrangeiros, diante de um público que não possui conhecimentos prévios suficientes para sua compreensão? Como manter o humor e a ironia da obra, uma vez que, muitas vezes, estes aspectos encontravam-se intimamente ligados à questão cultural?

A partir destes questionamentos, percebemos que as marcas culturais da narrativa demandariam um tratamento bastante cuidadoso, caracterizando-se, assim, como o objeto de estudo específico deste trabalho.

Encaminhamos, desta forma, a pesquisa para o campo da ambientação e buscamos suporte em teorias que versassem sobre o assunto. Podemos destacar, dentro deste processo, o estudo e análise das seguintes questões: 1) a definição dos conceitos “tradução” e “adaptação”, bem como a discussão sobre os limites que os separam; 2) diferentes posturas teóricas, que ora se voltam para o texto-fonte, ora se voltam para o texto-alvo; 3) características e tratamento específico da tradução de literatura infantil e juvenil¹⁹; 4) a legibilidade; 5) a criatividade em tradução; 6) o tratamento de marcas culturais em tradução.

¹⁹ O termo “literatura infantil e juvenil” será representado neste trabalho pela sigla LIJ.

Aliando, desta forma, o estudo das questões apresentadas à experiência tradutória, constituiu-se uma ponte entre teoria e prática. A descrição do processo de construção desta ponte e dos resultados obtidos a partir da mesma faz parte dos objetivos do trabalho que ora apresentamos. Não se trata, portanto, do estabelecimento de regras, mas sim da apresentação descritiva da experiência realizada.

Reiteramos que, ainda que cientes das inúmeras possibilidades de discussão que o texto original oferece, optamos pelo aprofundamento da questão da ambientação da obra e do tratamento dado aos aspectos relacionados a esta questão, uma vez que seria impossível abarcar todos os aspectos presentes no texto de forma completa e eficaz.

1. Traduzir ou adaptar? Traduzir e adaptar? Traduzir é adaptar

Pode-se afirmar, assim, que há uma mobilidade relativa dos limites que definem a identidade e a diferença entre tradução e adaptação: entre o que é traduzir e adaptar, há uma fronteira 'móvel' [...] AMORIM (2005)

As considerações a respeito da tradução do livro *Pimpinella in der Hexenschule*, feitas no início deste trabalho, destacam dificuldades encontradas durante o ato tradutório e revelam a necessidade de interferências por parte do tradutor. Essas interferências apresentam-se sob a forma de substituições ou recriações que visam à manutenção do universo "mágico" e do aspecto lúdico da leitura. A constatação de que um trabalho de tradução supera a simples transformação de palavras de uma língua para a outra e exige a intervenção do tradutor no texto original, leva-nos ao questionamento sobre os limites desta interferência.

Tradicionalmente o conceito de tradução está relacionado à noção de permanência, enquanto que alterações e desvios costumam ser relacionados a outras formas de reescritura como versões ou adaptações. Ainda que, conforme veremos adiante, esta noção seja combatida por diversos teóricos, esta afirmação revela a visão do senso-comum sobre a questão. “Espera-se, assim,”, destaca AMORIM (2005), “que a tradução aproxime-se o máximo possível do texto original e que as adaptações promovam desvios” (p.42).

Se comparamos este ponto de vista com a experiência tradutória relatada anteriormente, percebemos que se contrapõem, uma vez que a adaptação surge como caminho para a tradução e não parece se opor a ela. Tomando essa contraposição como ponto de partida, como saber se o trabalho realizado pode ser reconhecido como uma tradução? A partir de que momento um texto passa a ser caracterizado como uma adaptação? Existe, de fato, um limite entre os conceitos *tradução* e *adaptação*?

Diante destes questionamentos, sentimos a necessidade de fazer uma definição preliminar dos conceitos discutidos. Para tanto, optamos por buscar inicialmente os verbetes *tradução* e *adaptação* em dicionários comuns e, posteriormente, em dicionários especializados no assunto.

tradução. [Do lat. *traductione*, "ato de conduzir além, de transferir".] **S.f.** **1.** Ato ou efeito de traduzir. **2.** Obra traduzida: *Quase só se lê [sic] traduções*. **3.** Versão (2). **4.** *Inform.* O processo de converter uma linguagem em outra. **5.** *Genét.* Etapa final do processamento da informação genética através da síntese de uma cadeia polipeptídica, a partir da seqüência de nucleotídeos do ácido ribonucleico mensageiro. ^ **Tradução justalinear.** Aquela em que o texto de cada linha vai traduzido ao lado, ou na linha imediata. **Tradução literal.** A que é feita ao pé da letra. [opõe-se a *tradução livre*.] **Tradução livre.** A que não se atém às palavras do texto original. [opõe-se a *tradução literal*.] **Tradução simultânea.** Interpretação simultânea.
(AURÉLIO, p.1982, grifos nossos)

tradução. sf (lat. *traductione*) **1.** Ato ou efeito de traduzir. **2.** Ato de trasladar palavras, frases ou obras escritas de uma língua para outra. **3.** Obra assim trasladada. **4.** Imagem, reflexo, repercussão. **5.** Explicação, interpretação. T. *interlinear*: tradução literal, para o estudo de línguas, em que, abaixo de cada linha do texto original, se coloca em tipo menor, a respectiva linha de tradução. T. *justalinear*: tradução em que o texto de cada linha vai traduzido ao lado ou na linha imediata. T. *literal*: a que segue quase palavra por palavra o texto original. T. *livre*: aquela em que se traslada para outra língua o pensamento e idéias do original sem se cingir às palavras textuais. T. *pararela*: sistema de tradução justalinear, no qual o texto traduzido forma coluna ao lado do texto original, correspondendo-lhe linha a linha. T. *simultânea*: diz-se, nos congressos internacionais, do sistema de tradução, por meio de fones, de cada discurso que esteja sendo feito. T. *sucessiva*: diz-se, nos mesmos congressos, da tradução oral imediata, de cada discurso, por pessoa habilitada.
(MICHAELIS, p.2093, grifos nossos)

Tanto no Dicionário Aurélio como no Dicionário Michaelis encontramos dois níveis de definição para o conceito de tradução: o primeiro em que a tradução se caracteriza como "condução, transferência, traslado, imagem, reflexo" e o segundo em que o termo está relacionado à "versão, explicação e interpretação". Apesar de não se tratarem de dicionários especializados em tradução, apresentam referência a diferentes tipos de tradução, como por exemplo, *tradução literal* e *tradução livre*, o que já revela a presença de uma oposição entre uma forma de se traduzir mais "presa" ao original ("ao pé da letra") e outra mais livre, preocupada mais com as idéias e menos com as palavras.

A busca do verbete *adaptação* nos mesmos dicionários revelou que o conceito está relacionado a diversas áreas de estudo, tais como a Biologia, a Música e a Arquitetura.

adaptação [De *adaptar* + -ção.] **S.f. 1.** Ação ou efeito de adaptar(-se) **2. Biol.** Ajustamento de um organismo, particularmente do homem, às condições do meio ambiente: *A respiração pulmonar é uma adaptação à vida aérea, assim como a transpiração é uma adaptação ao calor.* **3.** Transformação de uma obra literária em representação teatral, cinematográfica, radiofônica ou televisionada: *A opereta My Fair Lady é uma adaptação da peça teatral Pygmalion, do escritor irlandês Georg Bernard Shaw (1856-1950).* **4.** Uso de utensílio, objeto, peça, etc., para um fim diverso daquele ao qual se destinava: *Este pé de lâmpada é adaptação de um antigo moinho de café.* **5. Mús.** Transformação de uma obra musical para servir a um novo fim. [Cf. nesta acepç., *arranjo* (6) e *transcrição* (5).] **6. Mús.** Utilização de obras já existentes como ilustração musical de uma obra dramática, coreográfica ou cinematográfica. **7. Arquit.** Acomodação de um complexo arquitetônico para novo uso mediante intervenções necessárias à nova função; reutilização. (AURÉLIO, p.49)

adaptação. sf (lat. *med adaptatione*) **1.** Ação ou efeito de adaptar. **2.** Acomodação. **3. Biol.** Poder normal do olho de ajustar-se às variações da intensidade da luz. **4. Biol.** Processo pelo qual os indivíduos (ou as espécies) passam a possuir caracteres adequados para viver em determinado ambiente. *A. das espécies:* o mesmo que *adaptação evolutiva*. *A. evolutiva, Biol:* a que resulta de mutações e recombinações gênicas, seguidas de seleção natural. *A. individual:* o mesmo que *adaptação somática*. *A. somática, Biol:* a que resulta de uma modificação não hereditária, em resposta a algum fator do meio. Var.: *adaptamento*. (MICHAELIS, p.57)

No que diz respeito ao ato tradutório, temos apenas a menção à tradução intersemiótica, que, segundo JAKOBSON (1969), é “a interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não-verbais” (p.65), como, por exemplo, a transformação de textos literários em outras formas de representação, como o cinema, a televisão e o rádio.

Ampliando-se a busca para dicionários especializados, encontramos o termo *adaptação* relacionado à tradução de forma recorrente.

Observemos como o *Dictionary of Translation Studies* de SHUTTLEWORTH e COWIE apresenta ambos os conceitos.

A oposição entre duas formas de traduzir, que encontramos reunidas no verbete *tradução* nos dicionários Michaelis e Aurélio, aparece aqui desdobrada nos verbetes *tradução* e *adaptação*:

Tradução Uma noção incrivelmente ampla que pode ser entendida de muitos modos diferentes. Pode-se falar, por exemplo, em tradução como um processo ou como um produto e, além disso, identificar sub-tipos como tradução literária, tradução técnica, legendagem e tradução eletrônica, porém, o termo refere-se,

mais tipicamente, à transferência de textos escritos e inclui, algumas vezes, interpretação [...] (p.181, grifos nossos)²⁰

Adaptação 1 Um termo tradicionalmente usado para se referir a qualquer texto-alvo no qual uma estratégia de tradução livre em especial foi adotada. O termo normalmente indica que mudanças consideráveis foram realizadas, a fim de tornar o texto mais adequado a uma audiência específica (por exemplo, as crianças) ou para algum propósito particular por detrás da tradução [...] (p.3, grifos nossos)²¹

O dicionário Shuttleworth destaca que o processo de tradução é tipicamente conhecido como “transferência de textos escritos”, o que reflete o primeiro nível de definição encontrado nos dicionários Aurélio e Michaelis, que trata a tradução como “condução, transferência, imagem, reflexo”.

A adaptação, por sua vez, é apresentada aqui como um texto onde são utilizadas “estratégias livres de tradução”, opondo-se, portanto, à idéia de uma tradução “presa” ao original e aproximando-se do segundo nível de definição dos dicionários Aurélio e Michaelis para o conceito *tradução*, em que esta atividade é encarada como “versão, explicação e interpretação”.

Sendo assim, a busca ao dicionário Shuttleworth revela que a definição dos conceitos parece, inicialmente, corresponder à noção tradicional de que tradução se caracteriza como permanência e adaptação, como desvio. Entretanto, a leitura completa de ambos os verbetes mostra que, assim como acontece nos dicionários inicialmente consultados, duas visões opostas são apresentadas. Podemos detectar estas visões opostas ao rastrear os conceitos de tradução e adaptação, definidos no dicionário Shuttleworth, a partir de perspectivas teóricas distintas.

Dentre as definições que defendem a posição de que a tradução tem como característica principal a “permanência”, podemos citar as de CATFORD e LAWENDOWSKY,

²⁰ "**Translation** An incredibly broad notion which can be understood in many different ways. For example one may talk of translation as a process or a product, and indentify such sub-types as literary translation, technical translation, subtitling and machine translation, moreover, while more typically it just refers to the transfer of written texts, the term sometimes also includes interpreting [...]"

²¹ "**Adaptation 1** A term traditionally used to refer to any TT in which a particularly free translation strategy has been adopted. The term usually implies that considerable changes have been made in order to make the text more suitable for a specific audience (e.g. children) or for the particular purpose behind the translation [...]"

que se utilizam de termos como “substituição” e “transferência”, encarando o processo tradutório como uma atividade de troca de significados:

[...] Assim Catford, por exemplo, define tradução como ‘a substituição de material textual em uma língua (língua-fonte) por material textual equivalente em outra língua (língua-alvo)’ [...] Lawendowsky define tradução como ‘a transferência de ‘significados’ de um conjunto de sinais lingüísticos a outro conjunto de sinais lingüísticos’ (p.181-182, grifos nossos)²²

Seguindo a mesma linha de pensamento, encontramos RADÓ, que não considera a adaptação como uma forma legítima de tradução:

[...] Radó caracteriza a adaptação como uma forma de pseudotradução, ou, em outras palavras, simplesmente não a considera como uma tradução ‘real’ (1979:192) [...] (p.4)²³

Em oposição a estas definições, encontramos diferentes vertentes teóricas que parecem não encarar a adaptação como “desvio” ou “transgressão”, aceitando-a algumas vezes como estratégia de tradução e, outras, como parte integrante desta.

NORD, por exemplo, considera que toda tradução contém uma porcentagem de adaptação, fortalecendo a idéia de que as fronteiras entre os conceitos não são tão claras e definidas.

[...] Nord, por exemplo, encara a **adaptação** como algo relativo que reflete o objetivo da tradução; de acordo com ela, qualquer tradução será caracterizada pela proporção relativa (ou porcentagem) de adaptação que contém (1991a:29-30) [...] (p.4)²⁴

VINAY e DALBERNET, ao definirem adaptação, destacam o aspecto das diferenças culturais entre texto de partida e texto de chegada. Para os autores a adaptação se

²² “[...]Thus Catford, for example, defines translation as ‘the replacement of textual material in one language (SL) by equivalent textual material in another language (TL)’. [...] Lawendowsky defines translation as ‘the transfer of ‘meaning’ from one set of language signs to another set of language signs’”

²³ “[...] Radó characterizes adaptation as a type of pseudotranslation, or in other words not as ‘real’ translation at all (1979:192) [...]”

²⁴ “[...] Nord, for example, views **adaptation** as a relative quantity reflecting a translation's skopos; according to her, any one translation will be characterized by the relative proportion (or percentage) of adaptation which it contains (1991a:29-30) [...]”

caracteriza como o “limite extremo da tradução” e a consideram importante, a fim de se evitar a “sensação de texto traduzido” junto ao público-alvo.

[...] Segundo Vinay & Darbelnet, adaptação é uma estratégia que deveria ser utilizada quando a situação referida no texto-fonte não existe na cultura-alvo, ou não possui a mesma relevância ou conotações que possui no contexto-fonte [...] Por exemplo, uma referência ao críquete como um esporte popular na Inglaterra poderia ser substituída em uma tradução para o francês por uma referência ao Tour de France (1958:53, 1958/1995:39) [...] Destacam também que a não utilização da adaptação pode resultar em um texto que, apesar de perfeitamente correto, transmite a clara impressão de tradução (1958:53, 1958/1995:39) [...] (p.4)²⁵

Esta definição encara a adaptação como uma estratégia tradutória e parece encorajar o tradutor a interferir no texto de partida nas situações em que diferenças culturais apareçam como obstáculos à tradução. Este tipo de situação é descrito na *Routledge encyclopedia of translations studies* de BAKER como “*situational inadequacy*”, isto é, a não existência de contexto equivalente na língua de chegada, e se caracteriza como um dos quatro fatores que, segundo a autora, podem levar à necessidade de adaptação²⁶.

BASSNETT trata a questão de forma ainda mais incisiva, não concordando com a tentativa de se dissociar os conceitos *tradução* e *adaptação* e afirma que a discussão sobre a diferença entre os conceitos somente existe, porque o texto de partida tem sido tradicionalmente encarado como um objeto fechado, que permite uma única interpretação, atitude esta criticada pela autora.

[...] Bassnett, escrevendo sobre tradução literária, comenta que muita tinta foi gasta ‘na tentativa de se diferenciar *traduções*, *versões*, *adaptações* e no estabelecimento de uma hierarquia ‘exata’ entre estas categorias’ (1991:1980/78-79). Ela argumenta que a razão para isso é que o texto tem sido entendido como um ‘objeto que só deveria produzir uma única e invariante

²⁵ “[...] According to Vinay & Darbelnet, adaptation is a strategy which should be used when the situation referred to in ST does not exist in the target culture, or does not have the same relevance or connotations as it does in the source context. [...] For example, a reference to *cricket* as a popular sport in England could be replaced in a French translation by a reference to the *Tour de France* (1958:53, 1958/1995:39) [...] They also point out that an avoidance of adaptation can result in a text which is perfectly correct, yet retains the unmistakable feel of translation (1958:53, 1958/1995:39) [...]”

²⁶ Os outros três fatores destacados são “*cross-code breakdown*”, a não existência de palavra equivalente na língua de chegada; “*genre switching*”, mudança de gênero literário e “*disruption of the communication process*”, interrupção do processo de comunicação, que se dá pelo surgimento de uma nova época ou abordagem.

leitura', sendo que 'qualquer desvio' por parte do leitor/tradutor será julgado como uma transgressão [...] (in SHUTTLEWORTH & COWIE, p.4)²⁷

Podemos observar, portanto, que tanto a consulta a dicionários comuns como a um dicionário especializado revela a coexistência de visões opostas no que diz respeito à realização de adaptações durante o processo tradutório. A consulta à enciclopédia de BAKER vem reafirmar esta constatação, uma vez que destaca a questão do limite tênue entre os conceitos discutidos e a diversidade de opiniões a respeito do assunto.

Alguns estudiosos preferem simplesmente não utilizar o termo "adaptação", pois acreditam que o conceito de tradução pode ser ampliado a fim de cobrir todos os tipos de transformação, desde que a função principal da atividade seja preservada. Outros encaram os dois conceitos como representantes de práticas essencialmente diferentes. Michel Garneau, poeta de Quebec e tradutor, cunhou o termo "**tradaptation**" (tradaptação) para expressar a estreita relação entre as duas atividades (Delisle 1986). Os poucos estudiosos que tentaram fazer uma análise séria sobre o fenômeno da adaptação e sua relação com a tradução insistem na natureza tênue da fronteira que separa os dois conceitos [...] (p.7, grifos nossos)²⁸

Diante da falta de consenso em relação aos conceitos pesquisados e a constatação de que a busca aos dicionários, por si só, não nos permite responder aos questionamentos feitos no início deste capítulo, procuramos ampliar a busca para além dos dicionários, analisando a questão da interferência por parte do tradutor na prática, isto é, no interior de obras traduzidas. Para realizar esta análise, optamos pela observação de estratégias tradutórias escolhidas por MACHADO e SEVCENKO para a obra clássica de CARROLL: *Alice no País das Maravilhas*.

²⁷ “[...] Bassnett, writing about literary translation, observes that much ink has been wasted 'attempting to differentiate between *translations, versions, adaptations* and the establishment of a hierarchy of 'correctness' between these categories' (1980/1991:78-79). She argues that the reason for this is that the text has been perceived as an 'object that should only produce a single invariant reading', so that 'any deviation' on the part of the reader/translator will be judged as a transgression [...]"

²⁸ “[...] Some scholars prefer not to use the term 'adaptation' at all, believing that the concept of translation can be stretched to cover all types of transformation as long as the main function of the activity is preserved. Others view the two concepts as representing essentially different practices. Michel Garneau, Quebec poet and translator, coined the term **tradaptation** to express the close relationship between the two activities (Delisle 1986). The very few scholars who have attempted a serious analysis of the phenomenon of adaptation and its relation to translation insist on the tenuous nature of the borderline which separates the two concepts[...]"

Na passagem destacada abaixo, Alice é convidada a cantar uma canção a seus companheiros. Uma das características que Alice começa a apresentar assim que chega ao novo “país” é o esquecimento e é devido a este fato, que a personagem acaba trocando palavras e cantando uma nova versão para uma canção tradicional inglesa.

“This the voice of the sluggard”

“This the voice of the Lobster”; I heard him declare,
 “You have baked me too brown, I must sugar my hair”.
 As a duck with its eyelids, so he with his nose
 Trims his belt and his buttons, and turns out his toes.
 When the sands are all dry, he is gay as a lark,
 And will talk in contemptuous tones of the Shark:
 But, when the tide rises and sharks are round,
 His voice has a timid and tremulous sound.
 (CARROLL, 1960:100)

Observemos as soluções encontradas pelos tradutores:

“Eis a opinião do preguiçoso”

Eis a opinião da lagosta, aqui declarada:
 - Ai! vocês me assaram demais, fiquei tostada!
 O pato exhibe a sobancelha, ela o nariz;
 Ajeita o cinto e os botões, e sai tão feliz.
 N’areia seca, saltita qual cotovia,
 E o tubarão, com desprezo, ela calunia.
 Mas quando ele volta com a maré montante...
 Ah! Sua voz soa tímida e tremulante.
 (CARROLL, tradução de SEVCENKO, 1995: 102)

“Minha terra tem palmeiras”

“Minha terra tem pauleiras
 Onda espanta o sal do mar.
 Azar vir aqui com cheia
 Não coceira acumular.”
 (CARROLL, tradução de MACHADO, 1997: 107)

A diferença entre as soluções apresentadas salta aos olhos. Analisando-se estas traduções sob a ótica tradicional, em que tradução significa permanência e adaptação,

desvios, poderíamos dizer que a primeira solução apresentada se trata de uma tradução e a segunda, uma adaptação. A prática do mercado editorial neste caso revela, porém, o contrário. O trabalho realizado por SEVCENKO está inserido na série *Reencontro* da Editora Scipione e é denominado “adaptação em português” na capa do livro. Na folha de rosto temos “tradução e adaptação em português”. Já o trabalho realizado por MACHADO está inserido na série *Eu leio* da Editora Ática e é denominado tradução na capa do livro.

Analisando as passagens aqui discutidas, AMORIM (2005) destaca que:

Nicolau Sevcenko não propõe grandes modificações em sua adaptação. Pelo contrário, poderíamos dizer que o adaptador segue ‘de perto’ o original, possibilitando uma reescritura tão ‘próxima’ quanto possível da estrutura da canção. Já Ana Maria Machado, em sua tradução ‘transgride’, por assim dizer, não somente a ‘estrutura’ do original, mas toda e qualquer referência cultural que a canção-fonte poderia, eventualmente, evocar. (p.160)

Este exemplo retirado da prática tradutória vem corroborar dois aspectos destacados neste capítulo. O primeiro refere-se à questão dos limites tênues que separam os conceitos *tradução* e *adaptação*, uma vez que o trabalho de SEVCENKO, que se aproxima mais da noção tradicional de tradução, é denominado adaptação e o de MACHADO, que promove tantos desvios, é denominado tradução. O segundo aspecto refere-se às duas visões opostas de tradução, representadas aqui por um texto mais voltado para o texto de partida – o de SEVCENKO – e por outro, que se orienta pela cultura de chegada – o de MACHADO.

Esta polarização de idéias que vemos tanto na teoria como na prática tem marcado tradicionalmente a discussão sobre tradução. Esta tentativa de se distinguir duas formas opostas de se traduzir esconde, na verdade, dicotomias bastante antigas. Encontramos, por exemplo, já nos primórdios da história da tradução, nos escritos de CÍCERO, menção à dicotomia palavra x sentido.

E eu não os traduzi como um intérprete, mas sim como um orador, mantendo as mesmas idéias e formas, ou como se poderia dizer, as "figuras" de pensamento, mas, em uma linguagem que está de acordo com o nosso uso. E, ao fazê-lo, não julguei necessário verter palavra por palavra, mas preservei o estilo em geral e a força da linguagem. (in MUNDAY, 2001: 19; grifos nossos)²⁹

²⁹ “And I did not translate them as an interpreter, but as an orator, keeping the same ideas and forms, or as one might say, the ‘figures’ of thought, but in language which conforms to our usage. And in so doing, I did not hold it necessary to render word for word, but I preserved the general style and force of the language.”

Passados mais de dois mil anos a problemática da polarização continua presente em textos teóricos sobre tradução e a tentativa inicial de se distinguir palavra e sentido aparece em textos mais recentes associada a outra dicotomia: fidelidade x liberdade e parece nortear os trabalhos de crítica e tradução atuais.

Os estudos sobre a tradução desenvolvidos nos anos 1980 e 1990 têm questionado as polarizações que tradicionalmente perpassam a reflexão sobre a tradução, tais como fonte e alvo, palavra e sentido, fidelidade e criatividade [...] (RODRIGUES, in AMORIM, 2005: 11; grifos nossos)

Há alguns anos, venho tentando desenvolver uma reflexão acerca dos problemas teóricos da tradução que se coloca em franca oposição ao conceito tradicional de texto 'original' e conseqüentemente, ao conceito tradicional de fidelidade e à visão do ato de traduzir que esses conceitos propõem. (ARROJO, 1993: 16; grifos nossos)

O que podemos perceber é que as dicotomias aqui apresentadas revelam-se ao longo da história dos Estudos da Tradução como atitudes por parte de tradutores, críticos e estudiosos e apontam ora para o texto de partida, ora para o texto de chegada, como destaca RODRIGUES (1999):

Diversos trabalhos que pretendem oferecer um panorama histórico dos estudos da tradução costumam traçar o percurso da discussão, que teria se iniciado com Cícero e Horácio no século I a.C., e mostram como as diversas épocas ou tradutores priorizaram um ou outro modo de traduzir. Certos autores chegam a afirmar que a oposição é o problema central da reflexão sobre tradução [...] (p.14)

Observemos, a seguir, como alguns teóricos e estudiosos abordam a questão da polarização de atitudes no trabalho de tradução.

Em seu trabalho *Über die verschiedenen Methoden des Übersetzens*, de 1813, o teólogo e tradutor SCHLEIERMACHER trata da questão da oposição de idéias e discute a questão da atitude adotada pelo tradutor em relação ao texto a ser traduzido. O autor afirma

que o problema não está em ser fiel ou não, para ele, a questão central está na aproximação do autor com seu leitor, que poderia ser feita de duas formas:

Ou o tradutor deixa o escritor em paz, tanto quanto possível, e move o leitor na direção do escritor, ou ele deixa o leitor em paz, tanto quanto possível, e move o escritor na direção do leitor. (in MUNDAY, 2001:28)³⁰

SCHLEIERMACHER acredita que a primeira forma - levar o leitor na direção do autor - é a melhor estratégia, aconselhando o tradutor a adotar um método “alienador”, isto é, orientando-se a partir da língua e do conteúdo do texto original. A tradução deveria passar ao leitor a mesma impressão que ele, como estrangeiro, teria ao ler o original. A preocupação aqui não é com um texto “fluyente” ou “natural”, mas sim com a preservação do caráter estrangeiro.

A visão de SCHLEIERMACHER exerceu grande influência sobre inúmeros teóricos, tendo suas considerações repercussões bastante recentes, como por exemplo, no trabalho de VENUTI, que aplicou as características do método alienador em seus conceitos de domesticação e estrangeirização.

A domesticação caracteriza-se, segundo VENUTI (2002), como a “supressão de diferenças culturais e lingüísticas do texto estrangeiro, assimilando-as a valores dominantes na cultura da língua-alvo, tornando-a reconhecível, portanto aparentemente não traduzida.” (p.66) O texto apresenta-se, dessa forma, como se fosse o original. A estrangeirização aparece como uma estratégia alternativa à domesticação, ou seja, a manutenção do caráter estrangeiro, em que as marcas culturais do texto de partida são preservadas. Para o teórico, a tradução exerce um poder enorme na construção de representações de comunidades estrangeiras e deve ser escrita com o maior respeito às diferenças lingüísticas e culturais e defende, assim como SCHLEIERMACHER, que o tradutor deve trazer o leitor para perto do texto original e não domesticar o original para que fique mais acessível ao leitor. O próprio autor admite, porém, que ao fazer isso, o tradutor corre o risco de tornar seu texto hermético e inacessível ao leitor, devido à presença exagerada de elementos desconhecidos.

³⁰ “Either the translator leaves the writer alone as much as possible and moves the reader toward the writer, or he leaves the reader alone as much as possible and moves the writer toward the reader.”

NIDA, em seu trabalho *Toward a Science of Translating*, publicado em 1964, destaca também duas formas opostas de se traduzir, que o autor chama de *equivalência formal* e *equivalência dinâmica*, respectivamente. A equivalência formal está centrada na mensagem em si, tanto em forma quanto em conteúdo, e é caracterizada pela reprodução literal do original. A mensagem tem que estar em correlação com os elementos da língua-fonte.

A equivalência formal concentra sua atenção na mensagem em si, tanto em relação à forma quanto ao conteúdo. Neste tipo de tradução a preocupação está nas correspondências, como, por exemplo, de poesia para poesia, sentença para sentença, conceito para conceito. A partir desta orientação formal, busca-se aproximar, tanto quanto possível, os diferentes elementos da língua-fonte à mensagem na língua do receptor. (p.159)³¹

A equivalência dinâmica, por sua vez, tem como característica a busca pela “naturalidade de expressão” e tem como objetivo estabelecer uma relação entre o receptor e a mensagem do texto traduzido equivalente àquela estabelecida entre o receptor e a mensagem do texto original. A equivalência dinâmica caracteriza-se também pela tentativa de aproximação do receptor com aspectos de sua própria cultura, a fim de que a compreensão da mensagem seja facilitada.

Uma tradução feita a partir da equivalência dinâmica tem como objetivo a completa naturalidade de expressão, buscando relacionar o receptor com os modos de comportamento relevantes no contexto de sua própria cultura; ela não insiste que ele compreenda os padrões culturais do contexto da língua-fonte para que entenda a mensagem. (p.159)³²

A atitude adotada pelos tradutores, ora focando o texto de partida, ora focando o texto de chegada pode ter diferentes motivações, entre as quais podemos citar o público-

³¹ “Formal equivalence focuses attention on the message itself, in both form and content. In such a translation one is concerned with such correspondences as poetry to poetry, sentence to sentence, and concept to concept. Viewed from this formal orientation, one is concerned that the message in the receptor language should match as closely as possible the different elements in the source language.”

³² “A translation of dynamic equivalence aims at complete naturalness of expression, and tries to relate the receptor to modes of behavior relevant within the context of his own culture; it does not insist that he understand the cultural patterns of the source-language context in order to comprehend the message.”

alvo. Ao descrever diferentes opções tradutórias em obras infantis e juvenis, AZENHA (2005) destaca, por exemplo, que as especificidades deste público-alvo podem se caracterizar como um fator determinante no posicionamento do tradutor.

Como o público receptor está no centro das questões de tradução de LIJ, não é possível escapar de uma certa aproximação com a linguagem do tempo para o qual se traduz. (p.380)

Segundo o autor, a substituição no texto traduzido de referências que situam a narrativa no tempo e no espaço - como, por exemplo, antropônimos, topônimos, unidades de peso e medidas, entre outros - aproximam, por um lado, o texto da realidade do leitor-receptor, por outro lado, apagam a “cor local” da obra e não proporcionam ao leitor o contato com a cultura de outros povos. AZENHA destaca ainda que embora a substituição destas referências tenha sido uma prática bastante adotada no Brasil nas décadas de 1940 e 1950, o que se observa na prática editorial atualmente é um movimento no sentido de se manter a estrangeiridade do texto.

Escrevendo também sobre o posicionamento do tradutor em obras infanto-juvenis, ALMEIDA (2000) defende, por sua vez, uma postura tradutória que se volte para o texto de chegada e afirma que o jovem leitor precisa encontrar um “contra-ponto na realidade que lhe é familiar”. A autora reconhece a importância que o texto traduzido tem na construção da imagem da cultura estrangeira, mas acredita que os textos “têm que trazer consigo elementos reconhecíveis pelos mais pequenos”.

Aproximar-se ou distanciar-se do texto de partida? Preservar o caráter estrangeiro ou buscar referências familiares ao público-alvo? Tais questionamentos, entre outros, que polarizam as discussões desde os primórdios dos Estudos da Tradução podem ser sintetizados, na história mais recente, sob a forma de dois grandes paradigmas: o paradigma prescritivo e o paradigma descritivo.

No campo da pesquisa a abordagem prescritiva (*como se deve traduzir?*), tão típica dos estudos iniciais nos anos 60, foi largamente substituída por uma abordagem descritiva (*como os textos se apresentam na forma de traduções?*). (VAN COILLIE e VERSCHUEREN, 2006:vi)³³

³³ “In the field of research the prescriptive approach (*how should you translate?*), so typical of the earliest studies in the 1960s, has been largely substituted by a descriptive approach (*how do texts present themselves as translations?*).”

O paradigma prescritivo, adotado largamente até a década de 1970, tem como característica estudar a tradução sempre a partir do texto original, isto é, reverenciando o texto de partida, seu autor e a língua na qual o referido texto está escrito. Tradutores e teóricos que se orientam por esse modelo adotam, em geral, uma postura prescritiva, isto é, definem regras e estratégias tradutórias que visam a normatizar o processo de tradução. O paradigma prescritivo é marcado pela crença de que é possível haver uma tradução literal, equivalente ao original, e de que o texto é um objeto estável, cujo significado se identifica com a intenção consciente do autor. A leitura de um texto, analisado sob essa ótica, exclui a contribuição do leitor e suas possíveis interpretações, isto é, o leitor tem a sua frente a tarefa de descobrir os significados intrínsecos do texto e de seu autor. Descobrir e não interpretar. Ler torna-se, portanto, sinônimo de proteger os significados do texto e traduzir transforma-se em ato de transportar de forma protetora os significados de uma língua para a outra.

O paradigma descritivo surge, entre as décadas de 1970 e 1980, e tem entre um de seus primeiros estudiosos TOURY, que acreditava ser necessário desenvolver um ramo descritivo para os Estudos da Tradução. O paradigma descritivo insere a tradução em um sistema de uma determinada cultura e seu contexto sócio-histórico. Ao contrário do paradigma prescritivo, não se preocupa com “o que é” a tradução ou como ela deve ser, mas sim como e porque ela foi realizada, isto é, busca explicações para as estratégias tradutórias escolhidas por cada tradutor. Este modelo de tradução contrapõe-se à noção de que o texto é um objeto definido, congelado, receptáculo de significados estáveis, substituindo a idéia de estabilidade por um conceito de movimento. De acordo com esta orientação, o sentido não está no objeto-texto, ele nasce da interação entre o sujeito e o objeto, isto é, as palavras não possuem significados puramente lingüísticos, mas sim significados relacionados a uma situação, a um contexto. Desta forma, cada leitura é única, pois cada sujeito é único e evoca toda uma rede pessoal de sentidos. A tradução, de acordo com a visão descritiva, assume também um status diferente. Por revelar uma leitura pessoal, ela assume, muitas vezes, uma atitude “transgressora”, apresentando os significados de acordo com esta interpretação pessoal, modificando-os, adaptando-os ou recriando-os. Sendo assim, encontramos no paradigma descritivo uma ampliação do conceito tradicional de tradução. O que, no paradigma prescritivo é encarado como

adaptação, imitação, é aceito no paradigma descritivo como tradução. Tradutores e teóricos que se orientam pela visão descritiva tendem a evitar uma abordagem generalizada do processo tradutório, isto é, adotam uma postura descritiva, procurando inserir as estratégias de tradução em um contexto, analisando todo o processo e não apenas o produto final.

Esta breve descrição dos paradigmas prescritivo e descritivo revela mais uma vez, conforme já mencionado, o traço marcante dos Estudos da Tradução: a polarização de idéias. Num movimento pendular, observamos que tradutores e estudiosos acabam por se posicionar “de um lado ou de outro”.

O processo de tradução, no entanto, parece ser complexo demais para ser reduzido a uma escolha entre dois pólos opostos, o que nos leva a buscar estratégias menos extremistas. VAN COILLIE (2006) argumentando contra a polarização de atitudes na tradução, afirma que “o tradutor deveria objetivar um equilíbrio” entre ser “leal” ao leitor do texto de chegada ou “fiel” ao texto de partida. (p.137)

Retomando a discussão do início deste capítulo, parece-nos que a tentativa de dissociação entre duas formas de reescritura, a tradução e a adaptação, é por demais reducionista e, talvez, impraticável.

Esta constatação parece ser confirmada na prática, se observarmos a tendência atual na outorga de prêmios pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), conforme destaca AZENHA (2008): “Desde 2005, as categorias ‘tradução’ e ‘adaptação’ foram reunidas numa só, o que coincide com os avanços recentes nas pesquisas que enfocam esse controvertido aspecto dos Estudos da Tradução.”

A partir das pesquisas e reflexões realizadas, defendemos neste trabalho uma visão de tradução em que a adaptação não seja encarada como outra forma de se traduzir ou, simplesmente, uma técnica de tradução, mas sim parte integrante desta. Dos questionamentos iniciais “traduzir ou adaptar?” e “traduzir e adaptar?”, caminhamos para um trabalho em que “traduzir é adaptar”, isto é, atividades que se mesclam, numa zona fluida, seguindo assim no sentido contrário da polarização e caracterizando, conforme destaca AMORIM, uma “fronteira móvel”.

Nesta visão de tradução, as interferências inserem-se, o tempo todo, na reflexão tradutória. Ressaltamos aqui a palavra “reflexão”, pois acreditamos que as interferências por parte do tradutor não são realizadas a seu bel-prazer, mas sim embasadas e justificadas de acordo com cada situação tradutória.

Dessa forma, entendemos ser de suma importância a reflexão sobre dois questionamentos básicos relacionados às interferências na tradução: 1) quais situações podem motivar a interferência? e 2) diante da necessidade de interferência, como ela ocorre?³⁴

Estes questionamentos serão desenvolvidos sob a luz de teorias que tratam da tradução de LIJ no capítulo “A criança e o jovem em foco”, uma vez que a tradução discutida neste trabalho tem como público-alvo o adolescente.

³⁴Propomos uma reflexão descritiva e não prescritiva, isto é, analisar quando e como as interferências ocorrem e não quando e como elas devem ocorrer.

2. A criança e o jovem em foco

“Eu acredito que as crianças possuem uma maravilhosa capacidade de compreender as coisas e as circunstâncias mais estranhas e distantes, se tiverem a ajuda de um bom tradutor, e acredito que sua imaginação continua a criar, onde o tradutor não consegue avançar.”
LINDGREN³⁵

Antes de falarmos sobre a tradução de obras infantis e juvenis, observemos uma afirmação de MEIRELLES (1979;1^a ed.1951) sobre a questão da classificação deste gênero da literatura:

[...] em lugar de se classificar e julgar o livro infantil como habitualmente se faz, pelo critério comum da opinião do adulto, mais acertado parece submetê-lo ao uso – não estou dizendo a crítica – da criança, que, afinal, sendo a pessoa diretamente interessada por essa leitura, manifestará pela sua preferência, se ela a satisfaz ou não. Pode até acontecer que a criança, entre um livro escrito especialmente para ela e outro que não o foi, venha a preferir o segundo. (p.27)

Segundo a autora, os livros infanto-juvenis não são aqueles escritos por adultos para as crianças e jovens, mas sim aqueles escolhidos pelas crianças e jovens. Podemos então nos perguntar: quais são as razões para a escolha e preferência do jovem leitor entre uma e outra obra? Para MEIRELLES esta é uma pergunta de difícil resposta, já que “tudo é misterioso, nesse reino que o homem começa a desconhecer desde que o começa a abandonar.”

O processo de escolha, leitura e aprovação, por parte de um jovem leitor, de uma obra traduzida está provavelmente envolvido também neste “mistério”, afinal o sucesso de uma obra literária junto ao público-alvo não é, naturalmente, garantia para o sucesso de sua tradução. No caso específico de LIJ, parece-nos importante, portanto, que o tradutor tenha em mente a necessidade de identificar dentro da obra a ser traduzida os tais elementos “misteriosos”, responsáveis por atrair o interesse do leitor, a fim de dedicar a eles uma atenção especial. Parece lógico pensar que uma trama envolvente seja a chave de todo o mistério, porém, existem inúmeros elementos, tais como a linguagem, os jogos de palavras,

³⁵ “I believe that children have a marvellous ability to re-experience the most alien and distant things and circumstances, if a good translator is there to help them, and I believe that their imagination continues to build where the translator can go no further.” (In STOLT, 1978:69)

a ambientação, aspectos sócio-culturais, entre outros, que se não forem trabalhados com grande sensibilidade, podem tirar a força de uma história muito bem construída, comprometendo a legibilidade³⁶ da obra. É bem verdade que esta não é uma característica exclusiva do gênero infanto-juvenil. Qualquer tradução exige sensibilidade por parte de seu tradutor, porém o que parece distinguir este gênero literário dos outros é justamente seu público-alvo.

REISS (1982), tratando da questão da tradução para crianças e jovens, destaca o papel decisivo que o público-alvo exerce neste tipo de trabalho. A autora afirma que os problemas de tradução que encontramos, tanto na literatura para adultos como na LIJ, podem ser basicamente os mesmos, porém a diferença reside na maneira como estes problemas são tratados e solucionados, com o objetivo de se contemplar as necessidades do jovem leitor.

Esta diferença no tratamento dos problemas encontrados no trabalho de tradução de LIJ justifica-se, segundo REISS, por três condicionantes: 1) pela assimetria entre as instâncias produtora e receptora, no que diz respeito à diferença de idade; 2) pela influência de instâncias mediadoras e 3) pela limitação do conhecimento de mundo do público-alvo.

Estas três condicionantes estão, portanto, diretamente relacionadas com as interferências realizadas por tradutores de LIJ e ajudam-nos a responder o primeiro questionamento feito no final do capítulo anterior: quais situações podem motivar a interferência?

Observemos inicialmente a segunda condicionante destacada por REISS: a influência das instâncias mediadoras. A autora afirma que, no fundo, as traduções de obras infanto-juvenis são feitas apenas indiretamente para seus verdadeiros receptores - as crianças e jovens - pois os tradutores precisam, muitas vezes, adequar suas traduções à influência de instâncias mediadoras. Esta influência, também denominada por LEFEVERE (1992) de “patronagem”, caracteriza-se pela pressão exercida pelos diversos “poderes” que envolvem o processo de tradução. No caso da LIJ, tais “poderes” podem ser representados por pais, professores, bibliotecários e editores e sua pressão está relacionada, em geral, a assuntos que envolvam temas-tabu, questões religiosas e políticas ou princípios educativos e morais. Sabemos que a influência exercida por instâncias mediadoras não é uma

³⁶ A questão da legibilidade será desenvolvida a seguir.

característica exclusiva da LIJ, uma vez que está presente também na tradução de literatura adulta, porém existe uma diferença no grau de interferência, conforme afirma DESMIDT (2006):

O tradutor é confrontado com uma enorme variedade de normas, uma vez que todos os parceiros do processo de comunicação possuem suas próprias expectativas, desejos e exigências [...] No caso da tradução de literatura infantil, a situação é ainda mais complexa. [...] a tradução de literatura infantil é também governada por normas específicas, tais como normas didáticas, normas pedagógicas e normas técnicas.³⁷ (p.86)

Em relação às normas técnicas, podemos citar a extensão do texto e a manutenção, substituição ou eliminação de ilustrações como alguns dos aspectos a sofrer influências.

No caso das normas didáticas e pedagógicas, podemos citar a necessidade de adequação do texto ao desenvolvimento intelectual e/ou emocional da criança. Em alguns países, por exemplo, o uso de palavrões é aceitável em obras destinadas ao público juvenil, enquanto que em outros, este aspecto pode sofrer algum tipo de censura.

O'SULLIVAN (2006) destaca, na tradução para o alemão da obra de LINDGREN *Pippi Långstrump* (1945), um exemplo de tradução em que um aspecto pedagógico-moralizante motivou a interferência.

Em uma cena do romance, Pippi, Tommy e Annika estão brincando no sótão, quando Pippi acha algumas pistolas em um baú. Ela atira com as pistolas para o alto e depois as oferece aos amigos, que as aceitam alegremente. Na tradução para o alemão (Lindgren, 1965:205), Pippi não entrega as pistolas para os amigos e, ao invés disso, dá uma lição a eles – e aos leitores – mudando de idéia, guardando as pistolas de volta no baú e declarando: ‘Das ist nichts für Kinder!’ (Isto não é para crianças!) [...] (p.98)

As interferências realizadas por tradutores que são motivadas por normas didáticas, pedagógicas e técnicas não podem ser sempre consideradas responsabilidade do tradutor, uma vez que são, muitas vezes, “impostas” pelas instâncias mediadoras. No exemplo

³⁷ “The translator is confronted with a wide variety of norms, as all communication partners have their own expectations, wishes and demands[...]. As for the translation of children’s literature, the situation is even more complex. [...] the translation of children’s literature is also governed by specific norms, such as didactic norms, pedagogical norms and technical norms.”

acima, a interferência realizada provavelmente não partiu da própria tradutora, já que a primeira edição da tradução, lançada em 1949, trazia a cena como no original. Segundo O'SULLIVAN, “uma boa explicação para esta mudança [...] poderia ser que a Alemanha pós-guerra não quisesse que suas crianças fossem encorajadas a usar armas”. (p.99)

É possível dizer, portanto, que a influência das instâncias mediadoras é responsável por algumas situações em que o tradutor realiza interferências. Estas interferências, contudo, podem não fazer parte de uma crença pessoal do tradutor.

Voltemos nossa atenção agora para a primeira e a terceira condicionantes destacadas por REISS (1982), responsáveis, também, por situações em que o tradutor realiza interferências: a assimetria e a limitação do conhecimento de mundo do público-alvo. Ambas as condicionantes parecem estar intimamente ligadas, uma vez que a assimetria, presente neste processo, está diretamente relacionada com as limitações do público-alvo. Adultos escrevem e traduzem para “não adultos”, isto é, a relação entre as instâncias produtora e receptora é marcada pelas diferenças existentes entre dois universos: o do adulto e o da criança.

Esta “comunicação assimétrica” nem sempre é fácil de ser atingida, pois implica, conforme destaca AZENHA (2005), numa “dupla projeção”, isto é, o tradutor trabalha com a imagem daquilo que acredita ser a criança, que, na verdade, também é uma projeção imaginada pelo autor. A consequência disso é que o texto traduzido pode convergir para ou divergir da criança imaginada e de seu mundo. AZENHA afirma que “a fim de se escapar das armadilhas desse jogo de projeções, vale a pena [...] considerar a tradução de textos para crianças e jovens um processo interativo [...]” (p.378)

As estratégias de tradução de textos infantis e juvenis devem, portanto, levar em conta, não apenas as características do texto de partida, mas também a interação entre o autor e todo o universo que envolve o seu leitor.

[...] o ponto de partida para a definição de uma estratégia de trabalho com textos produzidos – quer dizer, escritos originalmente ou traduzidos – para o jovem e a criança não está apenas nas características do texto-em-si, tomado isoladamente, desvinculado de seu entorno, mas também e, sobretudo, na sua *interação* com quem escreve – autor e o autor-tradutor – e com quem lê; na sua interação, enfim, com o entorno que lhe deu origem, com as referências ao universo eminentemente cultural que lhe serve de fundo (op. cit., p. 372).

O tradutor de LIJ, que já “habita” o universo adulto, marcado por suas próprias vivências, valores e convicções, tem a sua frente o desafio de mergulhar no universo infantil e juvenil, a fim de encontrar os caminhos que o aproximem de seu leitor e façam com que sua tradução seja “legível”. Estes caminhos podem ser trilhados, entre outras formas, através de pesquisa de materiais produzidos para e/ ou utilizados por crianças e jovens como livros, revistas, programas de televisão, filmes, páginas eletrônicas, jogos, etc. e, até mesmo, através do convívio com essa realidade. Independentemente dos caminhos escolhidos, o mais importante é que o tradutor tenha abertura e disposição para adentrar este “reino desconhecido”, a fim de se instrumentalizar para a tarefa que tem a sua frente.

REISS (1982) destaca ainda que as diferenças existentes entre o universo do adulto e o da criança e o do jovem refletem-se tanto sobre questões lingüísticas, quanto sobre questões experienciais:

Isso significa, principalmente, que se escreve e se traduz para um grupo de receptores, cuja competência lingüística ainda não está totalmente formada e cujos conhecimentos de mundo e experiência de vida ainda são demasiadamente limitados [...] ³⁸ (p.7)

Com relação às questões lingüísticas, a autora fala sobre a necessidade de se fazer escolhas lexicais e sintáticas adequadas à faixa etária do público-alvo e salienta que, além disso, é tarefa do tradutor pesquisar a forma como seu leitor se expressa, isto é, “dominar a linguagem *para* crianças e jovens, assim como a linguagem *de* crianças e jovens.” ³⁹ (p.8)

Assim como o faz no nível lingüístico, o tradutor deve também refletir sobre os conhecimentos-prévios de seu público-alvo, no que diz respeito às questões experienciais, isto é, verificar se os aspectos sócio-culturais presentes no texto de partida são compreensíveis. Enquanto o leitor adulto já dispõe, em geral, destes conhecimentos e de instrumentos de compreensão, o leitor de LIJ depende da ajuda do tradutor.

Esta ajuda de que necessita o jovem leitor – tanto em relação às questões lingüísticas, como experienciais - e que é lembrada por LINDGREN na epígrafe deste

³⁸ “Das bedeutet, vor allem, daß für eine Empfängergruppe geschrieben und übersetzt wird, deren Sprachkompetenz noch nicht voll ausgebildet und deren Weltkenntnis und Lebenserfahrung noch stark eingeschränkt ist [...]”

³⁹ “[...] er sollte die Sprache *für* Kinder und Jugendliche ebenso wie die Sprache *von* Kindern und Jugendlichen beherrschen.”

capítulo nada mais é do que a intervenção realizada por parte do tradutor, com o objetivo de promover a legibilidade no texto de chegada.

FULGÊNCIO e LIBERATO (in BASTIANETTO, 2004) definem a legibilidade como uma “interação entre o leitor e o texto ou, mais especificamente, entre o conhecimento prévio do leitor e a informação que ele capta do texto” (p.96). BASTIANETTO (2004), por sua vez, afirma que “legibilidade é a medida da facilidade com que o leitor pode extrair informações do texto” (p.177) e afirma que um texto ilegível incorre em frustração por parte do leitor, uma vez que sua expectativa - apreender o texto – não é alcançada.

O conceito de legibilidade, segundo BASTIANETTO, pode ser dividido em dois tipos: 1) a legibilidade tipográfica, que envolve aspectos como fonte, espaçamento, margens, cor do papel, etc. e 2) a legibilidade lingüística (da qual tratamos neste trabalho), que engloba a estruturação interna de sentenças, as escolhas lexicais, a organização do discurso e os conhecimentos não lingüísticos.

Segundo a estudiosa, o autor do texto de partida concebe o leitor ao qual seu texto se destina, podendo prever, desta forma, seus conhecimentos prévios e sua possível interação com o texto. Esse mesmo autor, porém, não pode ter certeza quanto ao universo de leitores estrangeiros que, eventualmente, terão acesso a sua obra. É aqui que “entra em jogo o tradutor, que deverá conferir permanentemente o tipo de inferência proposto pelo texto da língua de origem e julgar a capacidade do leitor, público-alvo da obra, de recuperar esse conhecimento não explícito.” (p.33)

Tornar um texto “legível” ao público-alvo assume, portanto, uma dimensão maior. O processo de apreensão do texto por parte do leitor envolve não apenas o reconhecimento e compreensão de palavras e idéias, mas também a sua compreensão dentro de uma determinada cultura, além do resgate de “sensações” presentes nestas palavras e significados, como, por exemplo, o humor ou diferentes emoções, que são responsáveis, em última instância, pelo envolvimento e prazer na leitura.

OITTINEN (2006) destaca a importância da legibilidade no texto, ao afirmar que “quanto mais a criança aproveita a leitura” - obtendo conhecimentos, prazer, etc. -, “mais vontade de ler ela tem” (p.38).

Admitindo-se ser tarefa do tradutor fornecer aos leitores condições para “recuperar os conhecimentos não explícitos” e construir um sentido para o texto, podemos afirmar que, no caso da tradução de LIJ esta responsabilidade aumenta, pois, como já sabemos,

esta atividade é marcada tanto pela assimetria entre as instâncias produtora e receptora, como pela limitação do conhecimento de mundo do público-alvo. O que fazer, então, diante desta responsabilidade? Esta pergunta leva-nos de volta ao segundo questionamento feito no final do capítulo anterior: como a interferência pode ocorrer?

Encontramos na literatura específica sobre o assunto, inúmeros posicionamentos, muitas vezes controversos, quanto às soluções mais adequadas para cada situação.

REISS (1982), por exemplo, sugere que o tradutor forneça observações e explicações de conceitos estranhos, orientações quanto à pronúncia de palavras e informações sobre o autor em notas de rodapé, prefácios ou posfácios, que venham a suprir a falta de conhecimentos básicos do leitor sobre o assunto. STOLT (1978), assim como REISS, fala sobre o fornecimento de explicações e informações em prefácios e notas de rodapé, mas afirma que pequenas explicações no corpo do texto podem ser também recomendadas. NORD (1993) afirma que comentários externos ao texto têm um efeito irritante, pois arrancam o leitor da “situação interna” do texto. LATHEY (2006), seguindo esta mesma linha, afirma que o uso de notas de rodapé em textos para crianças e jovens é uma solução insatisfatória, citando a adaptação como uma forma de tratar as informações que comprometam a legibilidade.

VAN COILLIE (2006) apresenta uma lista de dez possíveis estratégias⁴⁰ adotadas por tradutores face à necessidade de realizarem interferências. O autor destaca que esta amostra de estratégias é “resultado de uma pesquisa descritiva e não tem como objetivo, de forma alguma, ser prescritiva” (p.129).⁴¹

1) não-tradução, reprodução, cópia

A manutenção de nomes estrangeiros é uma possibilidade de tratamento, mas pode, segundo o autor, causar um efeito alienador no leitor. Esta estratégia é comumente adotada em traduções, em que se busca a manutenção do caráter estrangeiro.

⁴⁰ Tais estratégias referem-se ao tratamento dado a nomes de personagens, porém acreditamos que podem ser aplicadas não apenas a antropônimos, mas também a outras marcas culturais, assim como em diversas situações tradutórias, em que a legibilidade possa ser comprometida.

⁴¹ Neste capítulo, limitamo-nos tão somente a apresentar as estratégias sistematizadas pelo autor. Nos capítulos reservados à apresentação dos exemplos da tradução (caps. 5 e 6), estas categorias serão retomadas ao menos em parte.

2) não-tradução adicionada de explicação

A explicação adicionada a um nome estrangeiro (ou a qualquer marca cultural) tem como objetivo suprir as diferenças de conhecimentos entre o leitor do texto original e o leitor da tradução e pode ser realizada tanto no corpo do texto, como em notas de rodapé. VAN COILLIE acredita que explicações feitas em notas de rodapé têm uma função informativa, pois encorajam o leitor da tradução a aprender algo, mas destaca que se a explicação é muito densa, o prazer na leitura pode ser atrapalhado. O autor acredita que uma explicação “modesta” no corpo do texto altera menos a função original do texto.

3) substituição de um nome próprio por um substantivo comum

Esta estratégia pode ser adotada quando o tradutor não localiza na língua-alvo um nome que evoque as mesmas associações presentes no original.

4) adaptação fonética ou morfológica

A alteração de certos sons ou da ortografia de certos nomes tem como objetivo uma melhor adequação à pronúncia na língua-alvo.

5) substituição por um exônimo

Alguns nomes populares ou de personagens históricos e principalmente topônimos possuem exônimos, isto é, um outro nome pelo qual são conhecidos na cultura estrangeira. A substituição de antropônimos ou topônimos por seus exônimos é mais uma forma de integrar o original à cultura-alvo.

6) substituição por um nome mais conhecido da cultura-fonte ou por um nome conhecido internacionalmente, que tenha a mesma função

Esta estratégia opta pelo reconhecimento por parte do leitor da função que o nome representa, sem se abandonar, no entanto, o contexto estrangeiro.

7) substituição por outro nome da cultura-alvo

Esta estratégia, similar à anterior, opta pela troca de nomes, porém tem a preocupação de preservar a sua função. A substituição, todavia, é feita por um nome conhecido na cultura-alvo e não na cultura-fonte.

8) tradução de nomes que possuem uma conotação em especial

Esta estratégia visa à reprodução da conotação do nome original na língua-alvo, por exemplo, mantendo um efeito de humor ou emocional. Para que este efeito seja mantido é necessário que o tradutor “manipule” de forma criativa as palavras que lhe são apresentadas no original. Vale destacar que VAN COILLIE chama esta estratégia de “tradução”, reiterando a afirmação de que traduzir é adaptar.

9) substituição de um nome por outro que altera ou amplia a conotação do original

De acordo com esta estratégia, mantém-se a função de humor ou qualquer outra função emocional, mas altera-se a conotação. O novo nome pode, por exemplo, apresentar outra característica do personagem ou ainda ressaltar uma característica já apresentada.

10) supressão (“apagamento”)

De acordo com a última estratégia listada por VAN COILLIE, a supressão é utilizada no caso da impossibilidade de se traduzir trocadilhos ou jogos de palavras. Nesse caso, o tradutor exclui a passagem e qualquer função presente na mesma é apagada.

Entendemos que diferentes soluções aplicam-se a diferentes necessidades e que não é possível uma definição de estratégias a priori. Acreditamos, todavia, que quanto mais jovem o público-alvo, menos eficientes se tornam as soluções que trazem informações fora do corpo do texto, uma vez que “quebram” a fluência da leitura e podem ser, muitas vezes, ignoradas pelo jovem leitor. Pequenas explicações no interior do texto, substituições de palavras ou contextos por similares e a recriação de nomes e jogos de palavras mostram-se bastante eficazes, quando o objetivo da tradução é a manutenção da legibilidade no sentido mais amplo da palavra. Ressaltamos, porém, que ao optar por este tipo de estratégia, o tradutor não poderá abrir mão de uma ferramenta valiosa: a criatividade. Estratégias, como as citadas acima, requerem não apenas pesquisa e aproximação com o mundo infanto-juvenil, exigem também que o tradutor recorra constantemente à imaginação, a fim de encontrar soluções que contemplem a riqueza presente no original. Este pré-requisito vem ampliar o papel do tradutor, que não mais como simples mediador, assume conscientemente, conforme afirmam REISS e VERMEER (1991), seu papel de “produtor autônomo e criativo”.

A criatividade surge, portanto, como uma habilidade necessária à tradução de LIJ, retomando a noção de que traduzir é adaptar.

VAN COILLIE (2006), defendendo o papel do tradutor como “produtor criativo” afirma que este, pode também ousar e seguir os passos do autor, decidindo-se por uma tradução mais desafiadora, que conte com as habilidades criativas, intelectuais e estéticas do leitor. “Para atingir este desafio, o tradutor pode e deve ser criativo. A fantasia e a linguagem usadas em muitos livros para crianças dão a ele a oportunidade de fazer exatamente isso.” (p.137)⁴²

Vale ressaltar que os desafios enfrentados por tradutores de LIJ, ao aceitarem a tarefa de “mergulhar” no universo da criança, entender suas especificidades e trabalhar de forma criativa com este “mundo imaginativo”, têm elevado, paulatinamente, o status do trabalho de tradução deste gênero da literatura, que, por muito tempo, foi considerado uma tarefa “menor”.

[...] Atualmente, o ato de se traduzir para crianças tem sido cada vez mais reconhecido como um desafio literário em si. [...] clássicos recentes, também, tais como os trabalhos de Astrid Lindgren, Roald Dahl, J.K. Rowling e Philip Pulmann, são agora reconhecidos em geral como obras de arte literárias que, sob o ponto de vista de um tradutor, não exigem menos que a literatura “séria” (adulta). Pelo contrário – frequentemente o uso criativo e lúdico da linguagem oferece um desafio adicional que requer uma empatia especial com o mundo imaginativo da criança. (VAN COILLIE e VERSCHUEREN, 2006: v-vi)⁴³

Continuaremos a analisar, no capítulo seguinte, diferentes soluções tradutórias, focalizando mais especificamente a questão da ambientação e da dimensão cultural em que está envolvida toda tradução.

⁴² “To meet this challenge the translator can and must be creative. The imagination and language used in many children’s books give him [...] the opportunity to do just that.”

⁴³ “[...] Today, translating for children is increasingly recognized as a literary challenge in its own right. [...] recent classics, too, such as the works of Astrid Lindgren, Roald Dahl, J.K. Rowling and Philip Pulmann, are now generally recognized as literary masterpieces that, from a translator’s point of view, are no less demanding than ‘serious’ (adult) literature. On the contrary – often the creative, playful use of language offers an additional challenge in that requires a special empathy with the imaginative world of the child”.

3. Marcas culturais, ambientação e legibilidade:

Os pilares da tradução de *Der Prinz und der Bottelknabe*

“O interesse na dimensão cultural em tradução nasce do reconhecimento de que tanto o texto original quanto o traduzido não são simplesmente amostras de material lingüístico. As traduções acontecem em uma determinada cultura e em uma determina da época e estão, dessa forma, enraizadas numa rede de marcas de ambas as culturas: a de partida e a de chegada.”
CASCALLANA⁴⁴

CASCALLANA (2006), ao falar sobre a dimensão cultural em trabalhos de tradução, afirma que, mesmo quando as culturas envolvidas – a de partida e a de chegada – não são tão distantes, o tratamento dado às marcas culturais pode exigir mais do tradutor do que as questões semânticas e sintáticas presentes no texto. Segundo a autora, essa dificuldade aumenta no caso de a tradução ter como público-alvo a criança e o jovem.

A fim de aprofundarmos a discussão sobre o tratamento de marcas culturais, acreditamos ser importante definir alguns traços deste conceito. O que são de fato marcas culturais e como podemos detectá-las?

Inicialmente, podemos associar o conceito de “marca cultural” ao de “Realia”, termo este comumente relacionado à questão da ambientação em trabalhos de tradução e definido, por exemplo, em MARKSTEIN (1998:288) como um conjunto de “elementos do cotidiano, da história, da cultura, da política, entre outros, de um povo, país ou lugar específicos, que não possuem equivalentes em outros povos, outros países e outros lugares”⁴⁵.

MARKSTEIN sugere uma ampliação da definição usual do termo, associando os “Realia” a elementos “portadores da identidade” (Identitätsträger) de uma cultura, que se relacionam a um país ou a uma região. No sentido, portanto, de marca portadora de um traço de identidade, a associação entre os conceitos de “marcas culturais” e de “Realia” é procedente e, tal como definida, representa uma questão importante para a tradução. Mas

⁴⁴ “Interest in the cultural dimension of translation arises from the recognition that both the original and the translated texts are not simply samples of linguistic materials. Translations occur in a given culture at a given time and are therefore embedded in a network of both source and target cultural signs.” (Cascallana, 2006:97)

⁴⁵ “[...] Element des Alltags, der Geschichte, der Kultur, der Politik u. dgl. Eines bestimmten Volkes, Landes, Ortes, die keine Entsprechung bei anderen Völkern, in anderen Ländern, an anderen Orten hat[...].”

dela decorre, também, o fato de que, neste caso, é muito forte o vínculo entre o conceito de marca cultural e um item concreto da realidade extralingüística – “caipirinha” e “feijoada”, para marcas culturais brasileiras, ou “Stollen” e “Oktoberfest” para as alemãs, entre tantos outros exemplos –, o que acaba vinculando o conceito de “marca cultural” fundamentalmente à classe dos substantivos.

Conforme dissemos na Introdução deste trabalho, a prática de traduzir *Der Prinz und der Bottelknabe* foi o ponto de partida deste trabalho, a partir do qual fomos estabelecendo um diálogo com diferentes aportes teóricos. Assim, apesar de grande parte de nossos exemplos envolverem a categoria dos substantivos, percebemos também que “marcas” havia no texto que remetiam a um tipo de comportamento, a uma forma de pensar, e que se expressavam, no plano da língua, pela conjugação de uma série de elementos. A partir daí, foi necessário buscar uma ampliação para esse conceito.

NORD (1997), abordando a questão da especificidade das culturas, define assim o que ela chama de “culturema”⁴⁶:

Um culturema é um fenômeno social de uma cultura X que é considerado relevante por membros desta cultura e, quando comparado com o fenômeno social correspondente em uma cultura Y, é reconhecido como específico da cultura X. (p.34)⁴⁷

NORD, para quem “traduzir significa comparar culturas” (p.34)⁴⁸, destaca que um culturema é um fenômeno culturalmente específico que existe sob uma certa forma, exercendo uma certa função em apenas uma das duas culturas comparadas. O que não significa, segundo a autora, que este mesmo fenômeno não possa ser observado em outras culturas.

NORD afirma que os tradutores analisam os textos da cultura-fonte à luz dos conhecimentos de sua própria cultura a respeito da outra e que “os conceitos da própria cultura serão, dessa forma, a base de percepção da alteridade” (p.34)⁴⁹. A afirmação de

⁴⁶ O termo “culturema” foi criado por Els Oksaar e é apresentado em sua obra *Kulturemtheorie*, de 1988.

⁴⁷ “A cultureme is a social phenomenon of a culture X that is regarded as relevant by the members of this culture and, when compared with a corresponding social phenomenon in a culture Y, is found to be specific to culture X.”

⁴⁸ “Translating means comparing cultures.”

⁴⁹ “The concepts of our own culture will thus be the touchstones for the perception of otherness.”

NORD traz implícito o fato de que o tradutor, no seu julgamento sobre a alteridade, caminha sempre sobre uma fina linha que separa a realidade extralingüística da realidade construída nos textos e sempre corre o risco de estabelecer associações e de fazer projeções indevidas. Afinal, no trabalho de tradução, os tradutores lidam com textos, isto é, com representações da realidade e não com a realidade mesma.

Assim, para a localização de diferenças a partir da comparação entre culturas expressa em textos é necessário que se analise o texto-fonte de forma criteriosa, pois se muitas vezes as referências responsáveis pela identificação de diferenças interculturais aparecem de forma clara, outras vezes elas aparecem de forma implícita, sutil, sendo, portanto, mais difíceis de serem detectadas.

NORD (1993) aborda esta questão ao discorrer sobre o processo de construção de textos ficcionais. A autora afirma que a realidade do texto, denominada por ela de mundo textual (Textwelt), é construída dentro do próprio texto, ocorrendo de três maneiras distintas: 1) de forma explícita mediante referências à realidade (“Tatiana e eu estamos... juntos há uma eternidade, desde que ela veio para a Alemanha,”) ⁵⁰; 2) de forma implícita, aludindo a atitudes comportamentos e elementos que são convencionalmente relacionados a um certo modelo de realidade (“Mas meia hora pode parecer uma eternidade, quando você tem que contar com a possibilidade de o cobrador aparecer e pedir para ver sua passagem.” – O trecho refere-se ao uso do metrô na Alemanha, em que o passageiro só apresenta sua passagem no caso de um eventual controle) e, ainda, 3) através da omissão destas referências explícitas e implícitas.

Dessas breves considerações podemos dizer, em suma, que entendemos por marcas culturais as referências no texto a traços específicos das culturas confrontadas. Se é verdade que, por vezes, se trata de algo tão simples como o nome de uma rua, a moeda de um país etc., expressos pela categoria dos substantivos, por outras a especificidade cultural se revela numa atitude, numa resposta a uma pergunta, num pensamento etc. Conseqüentemente, não se pode definir “marcas culturais” considerando-se para isso apenas uma classe gramatical, como a dos substantivos, pois elas podem estar expressas tanto em itens lexicais específicos, quanto podem se manifestar em segmentos textuais

⁵⁰ Os exemplos aqui apresentados são nossos e foram retirados da tradução de *Der Prinz und der Bottelknabe oder erzähl mir vom Dow Jones* e podem ser conferidos no volume 2.

complexos, revelando – neste caso – o ponto de vista do autor e do personagem, ou seja, o modo como estes vêem o mundo, enfrentam problemas etc. AZENHA (2006) comenta:

[...] a “marca cultural” do texto a ser traduzido – entendida esta mais no sentido do modo como cada um lê e interpreta o mundo – desloca-se da relação entre um item lexical e seu correspondente no universo extralingüístico para o interior da tessitura discursiva (p.20)

Quando entra em contato com as marcas culturais disponibilizadas pelo autor, o leitor pode, ou não, identificá-las com uma determinada cultura. Se o mundo textual corresponde exatamente à sua realidade, não existe, segundo NORD, distância cultural (kulturelle Distanz), isto é, o leitor consegue relacionar seus conhecimentos e experiências pessoais à história apresentada, caracterizando o que a autora chama de distância-zero (Zéro-Distanz).

Quando o mundo textual é idêntico ao mundo dos leitores, estes podem associar a ‘história’ ficcional a seus conhecimentos e sua experiência e se identificarem com ela. Existe, então, a distância-zero⁵¹ (p.397).

Se, por outro lado, o mundo textual se manifesta, de forma clara, como pertencente a uma realidade diferente da realidade do leitor, cria-se a distância cultural. Neste caso, o leitor entra em contato com informações desta realidade diferente, mas não é capaz de associá-las diretamente ao seu próprio mundo.

Quando o mundo textual pertence à outra cultura, que não a dos leitores, existe a distância cultural: Os leitores tomam conhecimento do universo estrangeiro, sem poder relacioná-lo a si mesmo e à sua própria situação. (p.397).⁵²

Podemos nos perguntar se realmente é possível que o mundo textual seja “idêntico ao mundo dos leitores”, configurando assim a distância-zero, conforme sugere NORD. Entendemos que o texto seja a forma como o sujeito enxerga o mundo, o seu ou de outro.

⁵¹ “Wenn die Textwelt mit der Welt der Leser identisch ist, können diese die fiktionale ‘Geschichte’ an ihr Wissen und ihre Erfahrung anknüpfen und sich mit ihr identifizieren. Es besteht Zéro-Distanz.”

⁵² “Wenn die Textwelt zu einer den Lesern fremden Kultur gehört, besteht kulturelle Distanz: Die Leser nehmen die Informationen über die fremde Kultur zur Kenntnis, ohne sie auf sich selbst und ihre eigene Situation direkt beziehen zu können.”

Sendo assim, o mundo textual construído pelo autor pode ser enxergado por seus leitores de inúmeras formas diferentes. Acreditamos que, dependendo de sua leitura do texto, o leitor se identificará mais ou menos com o mundo textual, não existindo nem uma identificação e nem uma alienação total em relação a este.

No caso da ausência de referências explícitas ou implícitas, que, segundo NORD é a terceira forma através da qual se constrói o mundo textual, a autora acredita que, em geral, o leitor acaba por se identificar com a realidade apresentada, pois, “quanto menos indicações sobre o mundo textual se encontrarem em um texto ficcional, mais inclinados ficarão os leitores a identificar o cenário da ação ficcional com seu próprio mundo ‘real’[...]”⁵³ (p.396).

A questão que se abre, todavia, é que, no caso da presença de marcas culturais – implícitas ou explícitas - muitas vezes estas não são compreendidas ou mesmo passam despercebidas.

Observemos o trecho abaixo, retirado da obra *A Hora da Estrela*, de LISPECTOR (1977):

Depois – ignora-se por que – tinham vindo para o Rio, o inacreditável Rio de Janeiro, a tia lhe arranjara emprego, finalmente morrera e ela, agora sozinha, morava numa vaga de quarto compartilhado com mais quatro moças balconistas das Lojas Americanas. (p.37)

Temos aqui um exemplo de texto marcado tanto explícita quanto implicitamente em relação ao mundo textual. Quando LISPECTOR cita a cidade do Rio de Janeiro, está situando claramente o cenário da narrativa no Brasil. Trata-se, portanto, de uma marca cultural explícita. No caso da referência às *Lojas Americanas*, podemos dizer que a autora faz uso de uma marca cultural que é, ao mesmo tempo, explícita e implícita. Explícita, pois cita o nome do estabelecimento comercial que existe na realidade e implícita, pois fornece ao leitor uma informação cultural, que somente será apreendida por quem conhece esta rede de lojas e seu status no Brasil. Trata-se de uma grande rede de lojas brasileira, cujo slogan é “Grandes marcas, preços baixos, todos os dias”, caracterizando-se como uma loja popular, que oferece ao público artigos a baixo custo. Se analisarmos a descrição da personagem, ao longo da narrativa de LISPECTOR, percebemos que esta é caracterizada como uma moça extremamente simples, algumas vezes até desprezada pela sociedade.

⁵³ “Je weniger Hinweise auf die Textwelt sich in einem fiktionalen Text finden, um so eher werden die Leser geneigt sein, das Setting der fiktionalen Handlung mit ihrer eigenen ‘realen’ Welt zu identifizieren...”

[...] Ela que deveria ter ficado no sertão de Alagoas com vestido de chita e sem nenhuma datilografia, já que escrevia tão mal, só tinha até o terceiro ano primário. [...] A pessoa de quem vou falar é tão tola que às vezes sorri para os outros na rua. Ninguém lhe responde ao sorriso porque nem ao menos a olham. [...]Faltava-lhe o jeito de se ajeitar [...] Ela era subterrânea e nunca tinha tido floração. Minto: ela era capim. [...] (p.20-31-34)

A personagem de LISPECTOR - Macabéa - não trabalha em um grande escritório ou em um hotel cinco estrelas ou ainda em uma loja cara e refinada. Não, Macabéa trabalha como balconista nas *Lojas Americanas*. Traçando um paralelo entre a caracterização da personagem e a escolha de LISPECTOR por este local de trabalho, poderíamos nos questionar se não temos aqui uma marca cultural cujo objetivo seria reiterar a simplicidade da protagonista. Diante desse questionamento e a fim de ilustrar a questão do tratamento dado a esta marca cultural, buscamos traduções do trecho aqui discutido. Observemos, então, as soluções encontradas por PONTIERO (1986), em sua tradução para o inglês, e por ALETTI (1989), em sua tradução para o italiano:

Then – who knows for what reason – she arrived in Rio, the incredible Rio de Janeiro, where her aunt had found her a job. Then her aunt had died, and the girl was on her own, lodging in a bedsitter with four other girls who worked as shop-assistants at a well-known department store. (p. 29, grifo nosso)

In seguito no si sa perché – erano venute a Rio, l’inverosimile Rio de Janeiro. La zia le aveva rimediato um lavoro, infine era morta e lei, ora sola, abitava in una stanzetta affittata insieme ad altre quattro ragazze, commesse alle Lojas Americanas. (p.30, grifo nosso)

Não pretendemos aqui criticar as traduções realizadas. Nosso intuito é apenas comparar diferentes tratamentos para o mesmo problema.

PONTIERO substitui a marca cultural *Lojas Americanas* por uma explicação: “uma loja de departamentos muito conhecida”. Se, por um lado, esta estratégia apaga a cor local da obra, por outro, permite ao leitor, que não conhece as *Lojas Americanas*, saber um pouco mais sobre o local de trabalho da protagonista. O tradutor não destaca, todavia, o aspecto popular da loja, apenas o fato de que se trata de uma loja de departamentos conhecida.

No caso da tradução italiana, ALETTI mantém a nomenclatura intacta, preservando assim a estranheira, mas deixando o leitor sem nenhuma informação específica. A presença da palavra “commesse” (balconistas) revela ao leitor que Macabéa trabalha em um estabelecimento comercial, porém não há como saber se este estabelecimento é uma pequena loja de rua, uma loja de departamentos, um supermercado etc.

VAN COILLIE (2006), ao discorrer sobre o papel de nomes de personagens em livros, afirma que tanto os nomes como outras marcas culturais servem a certos objetivos ou funções em particular. Segundo o autor, os nomes são utilizados não apenas para identificar personagens, mas também para divertir o leitor, transmitir conhecimento ou evocar emoções. Diante dessa pluralidade de funções, VAN COILLIE chama de efeito possível (possible effect) o objetivo ou função de uma marca cultural. Se considerarmos como “efeito possível” da marca cultural *Lojas Americanas* a reiteração da simplicidade de Macabéa - conforme sugerido anteriormente - podemos dizer que este efeito não é contemplado em nenhuma das duas traduções.

JENTSCH (2006) comentando a tradução da série Harry Potter para o alemão, aborda a questão do “efeito possível”, afirmando que os nomes dos personagens da série possuem com frequência um significado e são obviamente escolhidos pela autora J.K.Rowling de forma cuidadosa. Para JENTSCH, cabe ao tradutor não apenas decidir como traduzí-los, mas também quando traduzí-los e quando deixá-los na forma original, sendo que a observação do “efeito possível” torna-se decisiva nesta decisão, como vemos na passagem abaixo.

A maioria dos nomes de pessoas e lugares não são traduzidos para o alemão, exceto quando possuem um significado que, de outra forma, não seria percebido pelo leitor alemão. Sendo assim, Professor Kettleburn se torna ‘Professor Kesselbrand’ (“caldeirão queimando”), Crookshanks é ‘Krummbein’ (“perna torta”), e Scabbers é chamado de ‘Krätze’ (sarna), porém Snape permanece Snape e Pomfrey permanece Pomfrey.⁵⁴
(p.201, grifo nosso)

⁵⁴ “Most people’s and place names are not translated into German, except when they have a significance that would otherwise be lost on the German reader. Therefore Professor Kettleburn becomes ‘Professor Kesselbrand’ (Kettleburn), Crookshanks is ‘Krummbein’ (crooked leg), and Scabbers is called ‘Krätze’ (scabies), but Snape remains Snape and Pomfrey stays Pomfrey.”

Conforme já abordado no capítulo anterior, além da questão do “efeito possível”, a adaptação de marcas culturais pode ser motivada também por outro tipo de obstáculo à legibilidade: a grafia e a pronúncia estrangeiras. Muitas vezes, a distância cultural se faz notar através do estranhamento causado pela leitura de certos nomes e palavras, que são grafados e ou pronunciados de forma muito diferente que na cultura de chegada. STOLT (1978) cita, por exemplo, a tradução de um livro sueco para o francês, em que o nome “Pelle Göran” é traduzido pela sua forma popular “Peter George”, por ser considerado de difícil pronúncia na língua francesa.

São controversas as opiniões a respeito do tratamento de nomes e palavras que causam estranhamento devido a sua grafia ou pronúncia. VAN COILLIE (2006), ao comentar a estratégia de manter nomes intactos, destaca que:

Esta não-tradução pode ter um efeito alienador sobre o leitor da tradução, o que, para alguns, poderia dificultar a identificação do leitor com os personagens. Além disso, nomes originais que são (muito) difíceis de ler podem atrapalhar o simples prazer da leitura.”⁵⁵ (p.125)

Existem autores, todavia, que acreditam que a presença de nomes estrangeiros pode ser enriquecedora, pois promove o contato dos leitores com a cultura estrangeira. Esta é, por exemplo, a opinião de PASCUA (in VAN COILLIE, 2006) que considera a tradução “um ato de educação intercultural” que faz parte de “uma nova política educacional necessária para a superação de tanta hostilidade em relação ao estrangeiro, ao estranho, ao ‘outro’”(p.134)⁵⁶. STOLT (1978) divide a mesma opinião e acredita que a presença de nomes estrangeiros não atrapalha a fluência da leitura:

Se o conteúdo de um livro é suficientemente emocionante, a criança lidará com as dificuldades e o nome desconhecido, com o qual ela se acostuma rapidamente, faz parte do ambiente desconhecido⁵⁷ (p.74).

⁵⁵ “This non-translation can have an alienating effect on the reader of the translation, which some feel could make it difficult for the reader to identify with the characters. Moreover, original names that are (too) difficult to read may spoil the mere pleasure of reading.”

⁵⁶ “[...] an act of intercultural education [...] a new educational policy needed to overcome so much hostility toward the foreign, the strange, the ‘other’.”

⁵⁷ “If the contents of the book are exciting enough, the child will also put up with difficulties and the strange name, to which one quickly gets accustomed, is a part of the strange milieu.”

Defendemos que, também em relação à questão do estranhamento frente a marcas culturais, seja necessário a busca de um equilíbrio e acreditamos que, além disso, a faixa etária do leitor deva ser analisada. No caso de crianças muito pequenas, é importante que a leitura tenha um “som familiar”, a fim de que exista uma identificação e a manutenção do prazer na leitura. No caso de adolescentes, podemos dizer que a capacidade de tolerar o estranho é um pouco maior, além do que, conforme afirma PAINTER (in STOLT, 1978), o estranho e o exótico podem se revelar como elementos de “charme”, “interesse” e “valor educacional”.

Falamos até aqui sobre o efeito alienador causado por nomes ou palavras, cuja grafia e pronúncia apresentam-se muito estranhas ao leitor. O estranhamento enfrentado pelo leitor não é causado, todavia, apenas por questões de grafia e pronúncia. É importante ressaltar que existem inúmeras situações de estranhamento suscitadas pela falta de conhecimentos prévios, mencionada no segundo capítulo deste trabalho.

Observemos o exemplo abaixo, em que AZENHA (2005), ao comentar sua tradução do livro *Wo warst du, Robert?*, de Enzensberger, apresenta um exemplo de interferência que, fornecendo dados ao leitor, vem suprir sua falta de conhecimentos e minimizar o estranhamento que a passagem poderia suscitar.

[...] ‘*Kostbaar*’ hatte er gesagt. Das war nicht schwer zu verstehen.
Überhaupt fiel Robert das Niederländische leicht [...]

[...] ‘*Kostbaar*’ ele dissera. Robert não demorou a entender o sentido da palavra, graças à sua semelhança com o adjetivo *kostbar*, do alemão, que significa ‘valioso’. Aliás, ele estava achando fácil o idioma holandês, [...]

Nesta passagem o personagem Robert visita a cidade de Amsterdã. Por escrever em alemão, Enzensberger pode “brincar” com a semelhanças entre as palavras deste idioma e do idioma holandês. No caso da tradução para o português isso não é possível, sendo necessária uma expansão. Caso o tradutor não tivesse optado por esta estratégia e traduzisse o texto de forma literal, teríamos a seguinte tradução:

[...] ‘*Kostbaar*’ ele dissera. Robert não demorou a entender o sentido da palavra. Aliás, ele estava achando fácil o idioma holandês, [...]

Neste caso, ocorreria aqui, para o leitor brasileiro, uma ruptura: ele não só não entenderia a relação entre o alemão e o holandês, como também não entenderia a resposta, havendo então uma quebra do diálogo, o que comprometeria a legibilidade da passagem.

Após as breves reflexões feitas nesta seção, ressaltamos que o tratamento dado às marcas culturais em obras traduzidas pode influenciar tanto na relação do leitor com a cultura estrangeira, como na compreensão do texto como um todo.

Podemos dizer que quanto mais um texto apresente marcas que remetem a uma realidade sócio-cultural específica, tanto maior será a ancoragem nessa realidade, aumentando, portanto, o leque de decisões que o tradutor terá de tomar, seja no sentido de manter o texto ancorado no ambiente para o qual foi concebido, seja no sentido de deslocá-lo para o ambiente em que se encontram os destinatários da tradução.

No caso da narrativa *Der Prinz und der Bottelknabe*, trabalhamos com um texto fortemente ancorado na cidade de Hamburgo, que confronta o destinatário da tradução – o leitor juvenil brasileiro – com uma ambientação com a qual não está familiarizado.

A constatação desta “distância cultural” entre o texto a ser traduzido e seu público-alvo revelou, portanto, em nosso trabalho, a necessidade de tratamento cuidadoso em relação às marcas culturais encontradas. Para que a legibilidade do texto de chegada fosse mantida, era necessário que se fizessem inúmeras interferências sob a forma de alterações na ortografia, substituições, expansões e recriações. Deparamo-nos, dessa forma, durante o processo de tradução, com dois possíveis caminhos, que a princípio pareciam se opor: preservar o caráter estrangeiro da obra – decisão tomada a partir da premissa de que esta narrativa poderia promover o conhecimento da identidade alemã – ou adaptar as passagens que poderiam comprometer a legibilidade.

Baseando-nos nas reflexões feitas anteriormente a respeito da polarização de idéias que tem marcado os Estudos da Tradução desde os seus primórdios e reiterando a afirmação de que o processo tradutório é complexo demais para ser reduzido a uma escolha entre dois pólos opostos, optamos por buscar um terceiro caminho, que contemplasse tanto a preservação do caráter estrangeiro quanto a acessibilidade do leitor à obra. Definimos, dessa forma, os pilares, sobre os quais passou a se apoiar este trabalho: a identificação das marcas culturais, a manutenção da ambientação e a legibilidade. A coexistência destes pilares, que a princípio parecem se opor, baseia-se no seguinte princípio: as marcas culturais são mantidas, sempre que possível, ao longo do texto e, caso comprometam a

legibilidade, são alteradas de forma a não ferir a ambientação, isto é, respeitando o cenário alemão.

Este respeito ao cenário alemão se dá através da substituição de marcas culturais não conhecidas do leitor brasileiro, por outras, que sejam ao mesmo tempo conhecidas no Brasil e na Alemanha. Nas situações em que não é possível a localização de uma marca cultural que seja reconhecida tanto no Brasil como na Alemanha, realizamos expansões e, em casos extremos, apagamos o elemento estrangeiro, substituindo-o por uma explicação.⁵⁸

Podemos dizer, portanto, que as estratégias adotadas tendem à manutenção da estrangeiridade e, nas passagens em que isso compromete a legibilidade – e, portanto, o interesse do leitor – cedem lugar a interferências mais profundas.

Nosso leitor é confrontado com uma série de elementos que sinalizam claramente a ambientação estrangeira da obra: os personagens não possuem nomes brasileiros, freqüentam lugares desconhecidos, assistem a programas de televisão que não passam no Brasil etc. Apresentamos o jovem alemão dentro do universo alemão, permitindo que o leitor brasileiro construa uma imagem desta cultura, através das semelhanças e diferenças que vai descobrindo ao longo do texto.

Entretanto, esta inclinação para o texto de partida tem, em nosso trabalho, um contraponto: a conferência permanente de inferências propostas por este texto e a análise sobre a capacidade do leitor de recuperar mensagens não explícitas, principalmente aquelas que se relacionam com a ambientação da obra, além da reflexão sobre o grau de estranhamento que certas marcas culturais podem trazer ao leitor. Temos neste contraponto, portanto, as três situações que motivam as interferências realizadas na tradução de *Der Prinz und der Bottelknabe*: 1) o leitor não possui conhecimentos prévios suficientes para compreender o mundo textual, 2) o leitor não é capaz de recuperar a mensagem presente em uma marca cultural (“efeito possível”) e 3) as marcas culturais deixam de ser atrativas e passam a exercer um efeito alienador e desconfortável sobre o leitor.

Além da constatação destas três situações, em que interferências se fazem necessárias, percebemos que a ambientação se evidencia, basicamente, de duas formas: 1)

⁵⁸ As interferências realizadas ao longo da tradução podem ser conferidas nos capítulos 4 e 5.

através de marcas culturais explícitas, tais como antropônimos, topônimos, nomes de empresas e produtos etc. e 2) através de marcas culturais implícitas, que se revelam por meio de atitudes, hábitos e comportamentos.

O primeiro tipo de ambientação, que se apresenta de forma mais concreta e pode ser localizado facilmente ao longo da narrativa, será chamado aqui de “ambientação explícita”.

O segundo tipo, que chamaremos de “ambientação implícita” revela-se de forma mais sutil e transcende as questões da cidade em si, estendendo-se para o nível do pensamento característico do povo alemão e, algumas vezes, europeu.

Analisaremos a seguir as marcas culturais que se caracterizaram como obstáculos à legibilidade na tradução da narrativa *Der Prinz und der Bottelknabe*, dividindo-as em diferentes categorias e apresentaremos as soluções encontradas para o seu tratamento.

Reiteramos que as interferências realizadas - ora voltadas para o texto de partida ora para o texto de chegada - não se deram de forma aleatória. Tais interferências foram reguladas, durante todo o processo tradutório, pelos pilares que sustentam este trabalho: a identificação das marcas culturais, a manutenção da ambientação e a legibilidade.

Vale ressaltar que, além da regulação acima citada, as interferências realizadas passaram por outras formas de controle como a troca de idéias com falantes nativos do alemão e a avaliação do reconhecimento de marcas culturais, feita através de pesquisa realizada com alunos da mesma faixa etária do público destinatário da tradução.

4. Aspectos da ambientação

O trabalho de tradução aqui apresentado foi baseado, conforme mencionado anteriormente, num movimento em que a prática de traduzir leva à reflexão e esta à revisão do texto traduzido. A partir do fazer tradutório, surgiram dúvidas e questionamentos que levaram à pesquisa. O aparato teórico nasceu, portanto, dos problemas encontrados e foi construído ao longo do processo de tradução. Paralelamente à pesquisa teórica, realizamos um trabalho de mapeamento das marcas culturais, a fim de que o tratamento dado às mesmas pudesse se realizar de forma conseqüente e organizada. Este mapeamento resultou na divisão de duas formas de ambientação – explícita e implícita – além da sub-divisão da ambientação explícita em diferentes categorias.

4.1 A ambientação explícita

As marcas culturais explícitas, encontradas ao longo da narrativa, foram organizadas em sete diferentes categorias, a saber: 1) antropônimos; 2) topônimos; 3) nomes de lojas, empresas e marcas de produtos; 4) nomes de programas de televisão e revistas; 5) conceitos relacionados ao sistema escolar alemão e ao ambiente da sala de aula; 6) uso de termos em inglês; 7) outros conceitos ou denominações que não se encaixam nos itens anteriores e que aparecem com menos freqüência. Estas categorias foram se formando a partir da recorrência e similaridade de assuntos e exigiram diferentes formas de tratamento, por apresentarem maior ou menor grau de comprometimento da legibilidade.

No caso de conceitos e denominações estrangeiros, facilmente reconhecidos pelo leitor brasileiro, percebemos que ajustes ortográficos ou pequenas adequações seriam suficientes para sanar eventuais problemas de compreensão. Em várias situações, porém, a presença de marcas desconhecidas comprometia a interpretação de passagens e informações importantes para a história, provocando a realização de ajustes maiores. Tais ajustes caracterizavam-se, em alguns casos, pela adaptação de conceitos e denominações, em outros, pela inserção de explicações no corpo do texto ou até recriações.

A partir desta diferenciação no tratamento dado às marcas culturais, surgiram três diferentes critérios de tradução: 1) Adaptações simples e ajustes ortográficos, no caso de

nomes que apresentam pequenos obstáculos à legibilidade; 2) Substituições, no caso de nomes que apresentam obstáculos à legibilidade, mas possuem similares/exônimos na realidade do texto de chegada; 3) Explicações, expansões, supressões ou recriações, no caso de nomes que apresentam obstáculos à legibilidade e não podem ser substituídos por similares na realidade do texto de chegada.⁵⁹

Apresentaremos a seguir o tratamento dados às marcas culturais explícitas, seguindo a sub-divisão em categorias.

4.1.1 Antropônimos

A leitura do nome de um personagem gera para o leitor um som e uma imagem. O som se dá pela forma como a grafia do nome é pronunciada na língua de chegada e a imagem, de acordo com a imaginação de cada um.

Ao se deparar com antropônimos não comumente encontrados na sociedade brasileira, o jovem leitor percebe que se encontra em ambiente estrangeiro, o que já proporciona um primeiro passo em direção à outra cultura.

Os nomes de personagens da tradução aqui comentada foram, em sua maioria, mantidos, com o objetivo de se manter a cor local da ambientação. Cito, como exemplos: *Kevin, Calvin, Nisi, Markus, Fabian, Sabrina, senhora Kramer, Jacqueline, Ramon, Rudolf e Herbert.*

Foram alterados os nomes de personagens que poderiam comprometer a legibilidade. Em alguns casos, o comprometimento da legibilidade se dava pelo estranhamento causado por sua pronúncia ou grafia; em outros, por possuírem uma conotação particular, que não seria reconhecida pelo leitor brasileiro.

Podemos citar, como nomes que poderiam causar estranhamento ao leitor : *Tatjana* e *Gun*. O nome *Tatjana* teve sua grafia alterada para *Tatiana*, com o intuito de se preservar o som da letra “i”, representado pela letra “j” na língua alemã. No caso de *Gun*, nome de uma personagem que desperta o interesse do protagonista Kevin, substituímos por *Gunni*, forma também usada durante a narrativa para se referir à mesma personagem. Optamos por usar *Gunni* durante todo o texto, pois a forma *Gun*, além de ter uma

⁵⁹ cf. tabelas p. 87 a 96

pronúncia estranha em português do Brasil, poderia evocar a palavra *gun* (arma em inglês) ou, ainda, gerar uma confusão de gênero. Dentre os nomes que possuíam uma conotação particular, que seria perdida, caso fossem mantidos, podemos citar o sobrenome do protagonista *Kevin*. O primeiro nome do personagem pode ser mantido sem problemas, porém a manutenção de seu sobrenome (*Bottel*) causaria um comprometimento significativo, o que exigiu um processo de recriação. Isso ocorre, pois os sobrenomes dos protagonistas *Calvin Prinz* e *Kevin Bottel* estão presentes no título do original: *Der Prinz und der Bettelknabe* e são uma clara alusão ao clássico *Prinz und Bettelknabe*, título em alemão da obra *O Príncipe e o Mendigo*.

Explorando as palavras *Bettelknabe* (mendigo) e *Knabe* (jovem, garoto), BOIE criou o sobrenome do personagem *Kevin Bottel*. Substituindo a letra “e” de *Bettelknabe* pela letra “o”, a autora criou a palavra *Bottelknabe*, que não existe em alemão, mas que, ao ser pronunciada separadamente (*Bottel Knabe*), poderia ser interpretada como *jovem Bottel*.

A tradução enfrenta o problema de não dispor, em português do Brasil, de palavras passíveis de combinação como o que ocorre na língua alemã com: *mendigo* (*Bettelknabe*) e *o jovem Bottel* (*Bottelknabe*). A busca por sobrenomes alemães (verdadeiros ou criados), que pudessem apresentar uma semelhança sonora com a palavra *mendigo* não se mostrou muito frutífera. Sendo assim, decidimos explorar a palavra *plebeu*, uma vez que encontramos várias referências ao romance de Twain sob a tradução *O Príncipe e o Plebeu*.

Encontramos a palavra *Plebejer*, plebeu em alemão, que nos levou a outra correlata: *Plebs* (plebe). Ao pesquisar sobrenomes alemães, encontramos quatro ocorrências de *Plebs* como sobrenome, o que veio a corroborar a sugestão de se substituir o nome *Kevin Bottel* por *Kevin Plebs*.

Acreditamos, assim, que o leitor brasileiro será capaz de relacionar os sobrenomes alemães *Prinz* e *Plebs* com a situação social de cada personagem através da semelhança sonora que apresentam com as palavras *príncipe* e *plebeu/plebe*. Nesse caso, a opção contempla tanto o critério da ambientação, quanto o do jogo de palavras.

Outro exemplo, em que foi necessária a recriação, é o caso dos nomes *Özden* e *Zekriye*, personagens de origem turca, companheiras de classe de Kevin. Além de possuírem grafia e pronúncia bastante diferentes da língua portuguesa, o que

provavelmente causaria estranhamento ao leitor, certamente estes antropônimos não foram escolhidos de forma aleatória pela autora do original. Trata-se de nomes provenientes da comunidade turca, cuja presença na Alemanha e em cada sala de aula alemã não pode ser ignorada.⁶⁰ A manutenção destes antropônimos não permitiria que o leitor brasileiro os relacionasse a esta questão cultural, uma vez que não são conhecidos no Brasil. Sendo assim, através de uma pesquisa de nomes turcos comumente encontrados no Brasil, foi feita a adaptação para *Sahra* e *Yasmin*.

Temos ainda, dentro da discussão sobre o tratamento dado aos antropônimos, a questão do uso de apelidos, recurso utilizado durante toda a narrativa pelos protagonistas. A designação de apelidos revela características do comportamento dos personagens e colabora na construção da identidade da juventude alemã, não podendo, portanto, ser tratada de forma simplista. É muito importante que a tradução resgate o humor e a ironia presentes nestes apelidos, o que exige, mais uma vez, um trabalho de recriação.

A professora de matemática é tratada por Kevin, por exemplo, como *Mathemaus*. O jogo de palavras possui dois aspectos a serem observados na tradução: o uso do animal “rato”, como forma de depreciar a professora, e a combinação de sons entre as palavras *Mathematik* e *Maus*. Após inúmeras experimentações, optamos pela solução *Materrática*.

Em uma passagem em que os protagonistas estão sendo perseguidos por um funcionário do túnel do rio Elba, este é descrito por Kevin, de forma divertida, como um homem cruel que “caça” suas vítimas. Por usar um uniforme azul, o funcionário recebe apelidos relacionados a esta cor, tais como *der blaue Kerl* (*o cara de azul*) e *der blaue Menschenjäger* (*o caçador azul*). No caso da passagem destacada abaixo, Kevin o denomina simplesmente *o Azul*.

Der Kopfgeldjäger ging in die Knie und ich schrie dem Jungchen zu, dass er abhauen sollte, und erst als er genügend Abstand hatte, ließ ich den Blauen los [...] (p.52)

Traduzimos inicialmente a expressão por “...soltei o Azul”, porém esta solução pareceu-nos um pouco artificial. A segunda solução encontrada - “...soltei o Azulão” – pareceu-nos, por sua vez, evocar o pássaro brasileiro, o que não correspondia à caracterização do personagem. Optamos, então, pelo uso da nona estratégia listada por

⁶⁰ cf. p. 81

VAN COILLIE, que sugere a ampliação da conotação de um nome, mantendo-se, todavia, a função de humor. Ampliamos o apelido *Azul* para *Barba Azul*, em alusão ao personagem da fábula homônima, que preserva a questão da cor e realça a crueldade do funcionário.

O caçador de cabeças caiu de joelhos e eu gritei para o menino que fugisse e somente quando ele atingiu uma distância suficiente, soltei o Barba Azul [...] (p.24)

Os pais do personagem Calvin recebem, também, apelidos na história: *Momma* e *Daddo*. Estas palavras não existem na língua inglesa, mas derivam-se de “mom” e “dad”. Os termos são grafados com letras maiúsculas, assumindo o papel de antropônimos, uma vez que os verdadeiros nomes dos personagens não são mencionados.

Como a pronúncia de *Daddo*, em português do Brasil, poderia remeter o leitor brasileiro ao objeto “dado”, e não ao substantivo “pai” em inglês, optamos por manter as formas originais *Mom* e *Dad*, porém grafadas com letra maiúscula, a fim de que assumissem, como no original, a forma de antropônimos.

Por fim, temos a presença de antropônimos conhecidos na Alemanha, porém pouco conhecidos ou mesmo desconhecidos no Brasil. Neste caso buscamos similares na cultura de chegada, que pudessem evocar as mesmas associações propostas no original, mas que fossem ao mesmo tempo conhecidos no Brasil e na Alemanha, utilizando-nos desta forma das estratégias de número dez e onze listadas por Van Coillie.

Natürlich hatten einige sofort die Hoffnung, dass sie durch Sabrinas Vermittlung jetzt ins internationale Showbiz aufsteigen und Thomas Gottschalk und Richard Gere Hand und Mund würden reichen dürfen. (p.20)

É claro que agora algumas tinham a esperança de entrar, com a ajuda de Sabrina, para o *showbiz* internacional e quem sabe se oferecer para o Brad Pitt ou o Tom Cruise. (p.8)

Temos, na passagem destacada do original, a menção a duas personalidades da televisão e do cinema. Richard Gere, ator conhecido internacionalmente, porém muito pouco conhecido entre o público destinatário, e Thomas Gottschalk, apresentador de televisão muito famoso na Alemanha, mas totalmente desconhecido no Brasil. Ambos os nomes citados têm como função ilustrar a cobiça de garotas pela fama e por personalidades famosas. A substituição das personalidades pelos atores Brad Pitt e Tom Cruise permitem

que o leitor faça a associação desejada, sem que se abandone o ambiente estrangeiro, uma vez que são também conhecidos na Alemanha.

O mesmo ocorre com a menção ao jogador Bierhoff, muito pouco conhecido entre os jovens brasileiros, substituído pelo jogador Ballack.

“Ich spielte, als wäre ich Bierhoff.” (p.172)

“Eu joguei como se fosse o Ballack.” (p.85)

A necessidade destas três últimas interferências foi reiterada pela pesquisa realizada junto aos adolescentes, uma vez que se confirmou a falta de conhecimento dos jovens em relação às três personalidades citadas.

Podemos citar também um caso de supressão de um antropônimo, devido à falta de similar na cultura de chegada:

“[...] und nur daran, dass er mit den Fingern auf der Matratze ein kleines Percussion-Solo hinlegte, warscheinlich Heino oder irgendetwas ähnlich Fetziges, [...] (p.145)

“[...] e só porque ele tamborilava um pequeno solo de percussão com os dedos no colchão, provavelmente alguma coisa bem brega, [...]”(p.69)

Bastante conhecido na Alemanha, o cantor Heino, é considerado um ícone kitsch. Devido a esta característica é que, provavelmente, o protagonista Kevin menciona o seu estilo musical de forma irônica. Não conseguimos localizar um cantor que evocasse as mesmas características e fosse conhecido tanto na cultura de partida como na de chegada, optando, dessa forma, pela substituição do antropônimo pela expressão “alguma coisa bem brega”, que destaca a maneira como é encarado na Alemanha.

4.1.2 Topônimos

O texto de partida cita, em algumas passagens, nomes de rios, ancorando dessa forma a história no ambiente estrangeiro. Por serem conhecidos do leitor alemão, estes rios

aparecem sem qualquer referência. A tradução mantém a nomenclatura, acrescentando, porém, a palavra *rio* e fazendo alguns ajustes ortográficos ou substituição por exônimos.

Danach haben wir den Fahrstuhl runter in den alten Elbtunnel genommen...
(p.42)

Então pegávamos o elevador e descíamos para o antigo túnel do rio Elba [...]
(p.18)

[...]fragte die Schürzenfrau mit diesem hartem Akzent, den ich von den Müttern aus meiner Klasse kenne. Jenseits von Oder und Neiße, schätze ich mal. (p.118)

[...] perguntou a mulher-avental, com um sotaque forte, que eu conhecia das mães da minha classe. Algum lugar pra lá do rio Oder ou do Neisse, eu acho.(p.55)

O rio *Elbe* é citado outras vezes ao longo da narrativa. Realizamos, todavia, a expansão através da palavra *rio* apenas na primeira menção, pois acreditamos que, a partir desta interferência, o leitor será capaz de fazer a associação sem necessidade de ajuda. Mantivemos apenas a substituição pelo exônimo em português do Brasil (Elba).

Outro topônimo citado no texto é o ponto mais famoso do porto de Hamburgo, que recebe o nome de *Landungsbrücken*.

Landungsbrücke significa *ponte de desembarque, píer*; porém, a palavra não é utilizada como um simples substantivo, mas sim como o nome deste ponto turístico em especial. Apesar dessa peculiaridade, optamos por substituir o nome da atração turística por seu significado em português do Brasil, uma vez que o leitor brasileiro não teria condições de interpretar o duplo sentido da palavra.

[...] fragte ich, als wir an den Landungsbrücken das Fahrrad wieder in Empfang genommen hatten. [...] (p.61)

[...] perguntei quando pegamos a bicicleta de volta no píer. (p.27)

O Mar Báltico é mais um topônimo que vem ancorar o texto no ambiente alemão. Banhando o norte da Alemanha, o Mar Báltico atrai o turismo interno, o que, provavelmente, provoca entre leitores alemães a sua associação com o tema férias. Na passagem abaixo temos a associação deste mar com a compra de uma casa de férias.

Auf diese Weise würde ich mein Kapital in ganz kurzer Zeit ver Hundertfach haben und ich konnte [...] meiner lieben Mutti eine Zweitwohnung an der Ostsee kaufen, [...] (p.128).

Por acreditarmos que a possível associação feita entre leitores alemães não aconteceria entre leitores brasileiros, sugerimos a substituição do nome próprio pelo substantivo comum *praia* que, apesar de apagar a cor local, mantém a função da passagem.

Dessa maneira eu teria, em bem pouco tempo, multiplicado meu capital por cem e eu poderia [...] comprar uma casa de férias na praia para minha querida mãezinha, [...] (p.60).

4.1.3 Nomes de lojas, empresas e marcas de produtos

O emprego de nomes de lojas e marcas de produtos é um dos recursos utilizados pela autora para abordar, de forma irônica, as diferenças sociais (tema central do livro). O exemplo a seguir revela uma divisão da sociedade, através da menção de dois tipos de lojas: popular e refinada.

Sie hat eine Figur, an der Hennes und Mauritz aussieht wie Marc Cain oder Max Mara, [...] (p.21)

Ela tem um corpo, que faz C&A parecer Armani ou Chanel, [...] (p.8)⁶¹

Por serem, em parte, desconhecidas do público brasileiro, a manutenção dos nomes das lojas acima citadas comprometeria a compreensão da ironia, exigindo, portanto, uma adaptação. As lojas e marcas escolhidas para a tradução - *C&A*, *Armani* e *Chanel* -

⁶¹ cf. Anexo: Correspondência com a autora, p.109 e 117.

atendem às características das lojas do original (populares/refinadas) e obedecem ao critério da ambientação, pois são encontradas em toda a Alemanha.

Esse recurso é também utilizado nas expressões depreciativas com que Calvin descreve seu duplo, explicitando, assim, o preconceito gerado a partir da diferença social. No momento da troca de roupas, que antecede a troca de papéis, Calvin refere-se ao tênis de Kevin como “seine *ALDI-Turnschuhe*” e quando entra em seu apartamento, critica a decoração, ao mencionar os adesivos dos *Kellogg’s Cornflakes* colados na porta.

Ich schnürte seine ALDI-Turnschuhe zu. (p.63)

Im dritten Stock hielt sie an und schloss eine Wohnungstür auf, auf der verschiedene Aufkleber für Kellogg’s Cornflakes...warben. (p.71)

Temos aqui dois exemplos de ancoragem na realidade alemã, feitos através de nomes de empresas. No caso da *Kellogg’s*, foi feita apenas a substituição da palavra *Cornflakes*, uma vez que se trata de uma marca bastante conhecida no Brasil, porém estes cereais são conhecidos como *sucrilhos Kellogg’s*:

Ela parou no terceiro andar e destrancou uma porta, na qual estavam colados vários adesivos de propaganda dos sucrilhos Kellogg’s. (p.31)

Já no outro exemplo, não foi possível localizar similares no Brasil, que pudessem ser encontrados também na Alemanha.

ALDI é o nome de uma cadeia gigantesca de supermercados, que se caracteriza pela venda de produtos com desconto, isto é, em geral bastante baratos.

Por ser desconhecida no Brasil, o elemento depreciador contido no nome desta loja ficaria perdido. Entre os nomes encontrados na pesquisa sobre redes de supermercados de descontos no Brasil, apenas a rede Wal Mart possuía lojas (até 2006) também na Alemanha.

Uma opção para a tradução seria, portanto, o uso da frase: “Amarrei o cadarço dos *tênis do Wal-Mart* dele”. Não temos certeza, porém, se o leitor brasileiro relacionaria o nome desta loja à idéia de “barato”, “má qualidade”. Sendo assim, optamos por excluir o

nome da loja e utilizar uma expansão, isto é, acrescentar uma explicação no corpo do texto, que destacasse o tom depreciativo usado pelo personagem:

Amarrei o cadarço dos tênis dele, que provavelmente tinham sido comprados num supermercado. (p.28)

A loja ALDI é mencionada novamente ao longo da narrativa e o tratamento dado à passagem em que isso acontece não é o mesmo do descrito acima. Isso ocorre, pois, conforme destacamos anteriormente, acreditamos que diferentes soluções aplicam-se a diferentes necessidades e que não é possível uma definição de estratégias a priori.

No primeiro exemplo descrito, a menção da loja tinha como função a depreciação de um dos personagens. Na passagem que será apresentada a seguir, temos uma descrição do centro de compras do bairro onde Kevin mora, feita sob o ponto de vista de Calvin. Não podemos dizer que não exista também nessa passagem um tom depreciativo, mas acreditamos que aqui o aspecto mais importante a ser destacado é o da descrição detalhada das lojas, que caracteriza o ambiente de forma singular. Sendo assim, optamos pela manutenção dos nomes de duas lojas mencionadas - ALDI e Quelle -, seguidos de pequenas explicações, que visam a suprir a falta de conhecimentos prévios dos leitores em relação às mesmas.

Das Einkaufszentrum war winzig. Wer in dieser Gegend wohnte, musste zum richtigen Einkauf in die U-Bahn steigen. Wer Schuhe wollte, zum Beispiel, hatte keine Chance, außer wenn sie zufällig gerade bei ALDI im Zusatzangebot waren. Es gab einen Supermarkt und einen Dro-Markt und einen Schlachter und einen türkischen Gemüseladen; Es gab eine Quelle-Filiale, in der drei Frauen [...] eifrig in Katalogen blätterten,; [...] (p.127)

O centro de compras era minúsculo. Quem morava nessa região, tinha que pegar o metrô para fazer compras de verdade. Quem quisesse sapatos, por exemplo, não tinha a menor chance, a não ser que, por acaso, a ALDI, a loja de descontos, estivesse oferecendo sapatos naquela semana. Havia um supermercado e uma drogaria e um açougue e uma quitanda de turcos; havia uma filial da Quelle, uma dessas lojas que vendem coisas pelo correio, onde três mulheres, [...], folheavam entusiasmadas os catálogos; [...] (p.60)

No último exemplo desta categoria, temos a menção a uma rede de perfumarias conhecida na Alemanha.

Offenbar war sie gerade von ihrem Friseur zurückgekommen. Sie duftete noch immer wie eine ganze Budnikowsky-Filiale. (p.150)

Pelo jeito ela havia acabado de voltar do cabeleireiro dela. Ela ainda estava cheirando a uma perfumaria inteira. (p.72)

Como a rede *Budnikowsky* é desconhecida no Brasil, a expressão “cheirando ainda como uma filial inteira da *Budnikowsky*” não permitiria ao leitor descobrir de que “cheiro” o personagem estaria falando. Sendo assim, substituímos o nome da rede pelo substantivo *perfumaria* a fim de que o contexto seja mantido e, ao mesmo tempo, entendido pelo leitor brasileiro.

4.1.4 Nomes de programas de televisão e revistas

Warum sollte ich in dieser Wohnung aushalten, an deren Wänden die BRAVO-Poster noch am ehesten minimalen ästhetischen Ansprüchen genügten? (p.75)

BRAVO é o nome de uma revista destinada a adolescentes. Podemos encontrar inúmeras revistas similares no Brasil, tais como *Contigo*, *Capricho*, *Todateen* etc., porém nenhuma delas contemplaria o critério da ambientação alemã. Além disso, a manutenção do nome da revista poderia levar a uma interpretação errônea, uma vez que existe uma revista brasileira homônima, com público-alvo bastante diferente. Trata-se de uma revista destinada a adultos, que trata de assuntos como as artes plásticas, o cinema, a música, o teatro, a dança e a literatura e outras manifestações culturais.

Diante desses obstáculos, optamos por suprimir o nome da revista e substituí-lo por uma expansão:

Por que é que eu deveria agüentar ficar nesse apartamento em que os pôsteres de revistas de adolescentes na parede eram o que mais se aproximava de requisitos estéticos básicos? (p.35)

No caso dos programas de televisão citados por Kevin, temos duas séries policiais alemãs dos anos 60 e 70 (*Derrick* e *Kommissar*), totalmente desconhecidas do público brasileiro e um programa infantil (*Alf*), que ainda pode ser visto pelo público brasileiro nos dias de hoje:

Manchmal schaltete Mama freitags abends *Derrick* ein oder den *Kommissar*, so Mutti- Filme eben [...] (p.78)

Aber das war eben Fernsehen. Im Fernsehen gab es ja auch *Alf*. (p.78)

No primeiro caso, a substituição por similares torna-se mais difícil, uma vez que a escolha de uma série policial brasileira não obedeceria ao critério da ambientação. Uma possível solução para o problema seria a escolha de séries americanas como “Kojak”, “Magnum” ou “Havaí 5-0”, que respeitariam a questão da ambientação, já que foram exibidas tanto no Brasil como na Alemanha. Por se tratarem, porém, de séries muito antigas, não seriam provavelmente reconhecidas pelos adolescentes de hoje, o que acabaria por comprometer o critério da legibilidade. A substituição de um elemento estranho por outro, que se revelaria também estranho, não se justifica e invalida a adaptação, que tem como objetivo tornar o texto acessível ao leitor. Sendo assim, a opção da tradução foi a manutenção dos títulos originais, acompanhados de uma expansão:

Às vezes mamãe ligava a televisão nas noites de sexta-feira e assistia *Derrick* ou o *Kommissar*, essas séries policiais antigas, coisa de mãe [...] (p.34)

No segundo caso, o nome do programa foi mantido, tendo sido apenas acrescido do subtítulo, pelo qual é conhecido no Brasil:

Mas isso era na televisão. E na televisão havia de tudo, até *Alf - O ETeimoso!* (p.34)

A irmã do personagem Kevin, Jacqueline, assiste com frequência o canal VIVA na televisão. Trata-se de um canal com programação destinada aos jovens, que apresenta video-clipes, entrevistas com artistas e cantores e debates sobre temas como amor, namoro, sexo etc. Acreditamos que a escolha deste canal caracteriza a personagem e por ser

desconhecido do leitor brasileiro, foi substituído pelo canal MTV, que possui programação similar e é visto tanto na Alemanha como no Brasil.

Auf dem Bildschirm erschienen nacheinander fünf verschiedene Serien, bis Jacqueline endlich bei VIVA war. (p.150)

Na tela apareceram cinco séries diferentes uma depois da outra, até que Jacqueline chegou na MTV. (p.74)

4.1.5 Conceitos relacionados ao sistema escolar alemão e ao ambiente da sala de aula

A escola e, mais especificamente, a sala de aula são ambientes onde uma grande parte da narrativa se desenvolve. O texto faz várias menções ao sistema escolar alemão que tem características diferentes do brasileiro. Essas características devem ser levadas em conta pelo tradutor, uma vez que se torna necessário buscar termos e conceitos correspondentes em português do Brasil.

Uma das diferenças básicas reside no fato de que os alunos alemães são divididos, a partir da 5^a série em três tipos diferentes de escolas: *Hauptschule*, *Realschule* e *Gymnasium*. A divisão se dá conforme o desempenho escolar e não está relacionada à situação econômica de cada família. De uma forma geral, somente o aluno que tem a oportunidade de frequentar um *Gymnasium* fica habilitado para o acesso a uma universidade ou escola superior. O que frequenta a *Hauptschule* destina-se geralmente ao trabalho na indústria ou na agricultura e a *Realschule* habilita o aluno a frequentar cursos mais adiantados em escolas profissionalizantes.

Não temos, no Brasil, três tipos diferentes de escola, para diferentes graus de aprendizagem ou aplicação. É notório que a diferenciação se dá pela divisão entre as escolas públicas e particulares, fenômeno este desencadeado por razões econômicas, embora o sistema escolar seja igual nos dois casos.

Calvin frequenta o *Gymnasium* e Kevin, a *Hauptschule* e ambos os termos aparecem ao longo do texto inúmeras vezes.

Diante da falta de conceitos paralelos em português do Brasil, optamos por traduções que contemplassem individualmente a idéia principal de cada passagem, onde os termos fossem usados.

Von uns glaubten sowieso nicht mehr viele, dass sie den Hauptschulabschluss durch irgendetwas anderes als die pure Güte der Lehrer kriegen würden... (p.22)

Poucos alunos ainda acreditavam que terminariam a escola sem a boa vontade dos professores [...] (p.9)

Na expressão destacada no trecho acima “den Hauptschulabschluss kriegen”, a idéia principal é a de se conseguir encerrar a escola, conseguindo o diploma. A questão da diferença entre as escolas não tem aqui papel relevante. Sendo assim, optamos pela expressão “terminar a escola”.

Em outras passagens, porém, a diferença entre o nível dos alunos das escolas torna-se a idéia principal, exigindo outros tipos de solução.

Como exemplo, citamos o pensamento de Kevin em seu primeiro dia no *Gymnasium*.

Natürlich war mir klar gewesen, dass es mit der Schule nichts werden konnte. Gymnasium, Mann! Und das, wo ich noch nicht mal bei uns zu den Top Ten gehöre. (p.100)

Como aluno de uma *Hauptschule*, Kevin sabia que teria poucas chances de sucesso em um *Gymnasium*. Nesta passagem, o personagem destaca sua inferioridade em relação aos alunos da outra escola, portanto a tradução precisa contemplar esse aspecto.

É claro que eu sabia que na escola eu não teria a menor chance. Escola de CDFs, meu! E pra piorar, na minha escola eu não estou nem entre os dez melhores. (p.45)

Conforme mencionado, apenas os alunos que freqüentam o *Gymnasium* têm a oportunidade de cursar, posteriormente, uma faculdade. O acesso ao Ensino Superior é definido a partir das notas obtidas no último ano de *Gymnasium*, chamado na Alemanha de

Abitur. Percebemos aqui mais uma diferença entre os sistemas educacionais do Brasil e da Alemanha, uma vez que o ingresso no Ensino Superior se dá a partir dos exames vestibulares, inexistentes na Alemanha. Na passagem abaixo, o protagonista Calvin afirma que, tendo ou não o *Abitur*, assumirá, de um modo ou de outro, a firma de seu pai. A fim de superar a falta de um conceito similar na cultura de chegada, optamos pelo apagamento da marca cultural *Abitur* e sua substituição pela expressão “me formando ou não”, que contempla a idéia de encerramento da escola e o conseqüente ingresso no Ensino Superior.

[...] dass ich doch sowieso später die Firma übernehmen würde, mit oder ohne Abitur, [...] (p.12)

[...] que, me formando ou não, eu assumiria a firma de qualquer jeito, [...] (p.4)

Esta solução, porém, não se adéqua a todas as passagens em que esta marca cultural é mencionada. Na passagem destacada abaixo, Kevin compara a cabeleireira que está cortando seu cabelo, em um salão de beleza refinado, com sua irmã que freqüenta um curso técnico de cabeleireira.

[...] und die Tante, die an meinen Haaren rummachte, sah aus, als hätte sie mindestens Abitur. (p.125)

[...] e a dona que estava mexendo no meu cabelo, tinha jeito de quem faria faculdade. (p.59)

Não podemos, nesta passagem, substituir a expressão “als hätte sie mindestens Abitur” (“que tinha no mínimo Abitur”) pelo verbo “formar-se”, pois a irmã de Kevin também havia se formado, porém não possuía o *Abitur*. A solução encontrada tem, portanto, como objetivo contemplar o aspecto de pré-requisito para o ingresso à faculdade.

Outra questão relacionada ao ambiente escolar é o sistema de notas alemão que, por se diferenciar do brasileiro, exige tratamento cuidadoso. Temos no Brasil diferentes formas de aplicação de notas, representadas por números (de 0 a 10, sendo 10 a melhor nota), letras (de A a E, sendo A a melhor nota) e conceitos (de excelente ou muito bom a insuficiente). As escolas alemãs, por sua vez, se utilizam de números (de 1 a 6, sendo 1 a melhor nota) que representam conceitos (muito bom, bom, satisfatório, etc.). Não existe, portanto, uma relação de paridade entre os conceitos representados por números, uma vez

que a nota alemã mais baixa (6) representa no Brasil uma nota acima da média. Diante das diferenças observadas entre o sistema de notas das culturas de partida e de chegada, optamos por trabalhar com o único ponto em comum: os conceitos. Sendo assim, as notas representadas por números no texto de partida são substituídas por seus respectivos conceitos no texto de chegada, conforme podemos observar na passagem destacada abaixo:

In der Mathearbeit hatte ich eine Fünf geschrieben und damit bestand für die Versetzung eigentlich kaum noch eine Chance. (p.11)

Na prova de matemática havia tirado um insuficiente e com isso, as chances de passar de ano eram praticamente nulas. (p.4)

A lousa da sala de aula caracteriza-se como uma marca cultural quando comparamos os ambientes escolares do Brasil e da Alemanha. A primeira diferença que podemos encontrar está no formato e a segunda, no ato de se apagar a lousa. As lousas alemãs possuem, em geral, abas laterais dobráveis, que podem ser abertas e fechadas, permitindo ao professor escrever no lado externo e no interno. Algumas vezes encontramos lousas sobrepostas que deslizam tanto no sentido vertical, como no horizontal. No Brasil, as lousas utilizadas na maioria das escolas são inteiriças e não possuem abas dobráveis ou mecanismos de deslizamento. Quanto ao ato de se apagar a lousa, a diferença consiste nos objetos utilizados para a realização desta atividade. Enquanto no Brasil, a maioria dos professores se utiliza de um apagador de madeira ou de plástico recoberto com feltro, os professores alemães fazem uso de uma esponja úmida (Tafelschwamm) e de um pano (Tafellappen).

Encontramos, ao longo da narrativa traduzida, inúmeras referências à lousa e às diferenças aqui mencionadas.

[...] und die Mathemaus schlug die Seitenflügel der Tafel auf und begann ohne ein Wort die schweinishen Zeichnungen abzuwischen, die Bruno in der Pause produziert hatte. (p.22)

[...] enquanto a Materrática, sem dizer uma palavra, abria as abas laterais da lousa e começava a apagar os desenhos obscenos que Bruno havia feito, na parte de dentro, no intervalo.

Neste primeiro exemplo realizamos uma expansão “na parte de dentro”, a fim de que o leitor compreenda que “as abas laterais”, ao serem abertas, permitem que se escreva

na parte interior da lousa. Assim como no caso da expansão referente ao rio Elba, citado no item 2 deste capítulo, esta interferência foi realizada apenas uma vez, pois acreditamos que, após a primeira explicação, o leitor já disponibilizará do conhecimento necessário para entender as passagens seguintes.

Sie schlug die Tafel auf und begann zu schreiben. (p.96)

Ela abriu a lousa e começou a escrever. (p.44)

A passagem a seguir ilustra a questão da diferença em relação à forma de se apagar a lousa:

»Fast hätten wir da schon ein paar schöne Hyperbeln«, sagte er mit Kennblick. [...], und er reichte mir den Tafelschwamm, und der war tatsächlich feucht und so gab es eben doch einen Unterschied zwischen dieser und meiner eigenen Klasse. (p.102)

O personagem Kevin, ao comparar sua classe com a de Calvin, afirma, inicialmente, que não existem grandes diferenças entre ambas. Na passagem acima, todavia, ele descobre uma diferença, ao perceber que a esponja de apagar a lousa está úmida. A informação de que em sua classe a esponja costuma estar seca permanece implícita. Optamos, na tradução, por inserir uma explicação que explicitasse essa informação, a fim de suprir a falta de conhecimento do leitor brasileiro em relação a esta marca cultural. Dessa forma o leitor pode compreender melhor o uso da esponja na sala de aula alemã, além de entender a diferença que existe entre as salas de aula dos dois personagens.

»Não é que já temos praticamente algumas belas hipérboles aqui?«, disse com ar de conhecedor. [...], e me estendeu a esponja de apagar a lousa e ela estava mesmo úmida, o que provava que havia sim uma diferença entre esta e a minha classe, onde a esponja vivia seca. (p.46)

4.1.6 Uso de termos em inglês

O texto de partida apresenta, com frequência, termos em inglês. Essas palavras aparecem incorporadas ao texto e não são grafadas de forma diferente das palavras em alemão.

O uso de termos em inglês, mesclados à língua materna é comum na fala do adolescente alemão. Por essa razão, a grafia em inglês foi preservada no caso de palavras e expressões comumente usadas por falantes da língua portuguesa, como por exemplo: “No monitor do meu PC estava colada uma folhinha de *Post-it*”, “Its’s now or never” ou “não, não, Calvin, sorry”.

Em alguns casos foram efetuados, porém, pequenos ajustes, como por exemplo: “ins internationale *Showbiz* aufsteigen” (“entrar para o *showbiz* internacional”) ou “Sie trug wild gemusterte Leggings” (“Ela estava usando uma *legging* muito estampada”).

Há várias passagens, porém, onde os termos em inglês, inseridos na frase da língua portuguesa, soam extremamente artificiais. Neste caso, foram traduzidos, para melhor compreensão do leitor brasileiro: “Alles total easy” (“Moleza!”) ou “wäre die ganze Story nicht passiert” (“a história toda não teria acontecido”).

É interessante destacar, que em dois casos, a tradução utilizou-se de termos em inglês para substituir palavras originalmente escritas em alemão: “Ich bin in der Kartei!” (“Estou no book!”) e “Die Diele war so geräumig” (“O hall de entrada era tão espaçoso”). Isso ocorreu devido ao fato de ambos os termos, apesar de possuírem correspondentes em português do Brasil, serem comumente utilizados em inglês. No caso da palavra *book*, trata-se de jargão do meio da moda. Já a palavra *Diele* poderia ter sido substituída por *vestíbulo*, porém esta palavra dificilmente seria utilizada por um jovem brasileiro de quinze anos.

4.1.7 Outros conceitos ou denominações que não se encaixam nos itens anteriores e que aparecem com menos frequência

Na passagem abaixo, temos a menção a um hábito alimentar, bastante característico da cidade de Hamburgo, assim como de outras cidades portuárias da Europa: comer pão com peixe.

Als ich klein war, sind Daddo und ich da manchmal hingefahren und haben uns die Schiffe angeguckt und zuerst ein Fischbrötchen und dann ein Eis gekauft (p.42).

Por não ser usual no Brasil, esta marca cultural pode causar certo estranhamento. Sugerimos uma pequena explicação no corpo do texto, que esclareça ao leitor que este é um hábito comum na região portuária da cidade em que se passa a narrativa.

Quando eu era pequeno, Dad e eu vínhamos às vezes aqui para olhar os navios. Comprávamos primeiro um pãozinho com peixe, que é o que todo mundo come no porto, e depois um sorvete. (p.18)

Na passagem seguinte, encontramos a moeda alemã vigente antes do Euro: “o Marco Alemão”:

Zum Geburtstag hatte Daddo mir für 10000 Mark Aktien geschenkt.(p.16)

Dad havia me dado 10000 marcos em ações no meu aniversário. (p.6)

Utilizamos aqui o exônimo de *Mark* em português do Brasil: *marco*. Mantivemos a antiga moeda, ao invés de substituí-la pela nova moeda – o Euro – pois a narrativa se passa antes do seu advento.

Encontramos ainda, ao longo da narrativa, os nomes de alguns índices de Bolsas de Valores internacionais. Acreditamos que tais índices não sejam conhecidos pelo público-alvo da tradução em geral, uma vez que os programas que os veiculam diariamente - jornais televisivos, radiofônicos e eletrônicos – não são acessados pela maioria dos adolescentes.

A passagem abaixo faz a primeira referência aos índices, que, apesar de estarem contextualizados dentro de um capítulo que trata do assunto, não aparecem diretamente relacionados à Bolsa de Valores. Sendo assim, sugerimos o acréscimo de uma pequena explicação a fim de auxiliar o jovem leitor em sua leitura.

[...] und dabei konnte ich mir kaum irgendetwas vorstellen, das mich mehr gelangweilt hätte als diese blöde Papiere und der DAX und der Nikkei-Index und der Dow Jones. (p.17)

E eu não conseguia imaginar nada que me deixasse mais entediado do que aqueles documentos idiotas e o tal DAX, o índice da Bolsa de Valores e os índices de outros países, como o Nikkei e o Dow Jones. (p.7)

Podemos nos perguntar se os mesmos adolescentes que não assistem ou ouvem jornais com frequência saberão o que é um “índice da Bolsa de Valores”. Tal conhecimento, entretanto, vai sendo construído pela própria narrativa, ao longo dos capítulos.

Na passagem a seguir temos uma menção ao time de futebol alemão Borussia-Dortmund:

Ich schenkte mir Kaffee aus der Kaffeemaschine in eine *Borussia Dortmund*-Tasse [...] (p.90)

Por se tratar de um time relativamente conhecido no Brasil, optamos inicialmente pela manutenção da marca cultural.

Coloquei um pouco de café da cafeteira em uma caneca do *Borussia Dortmund* [...]

A pesquisa realizada junto ao público-alvo indicou, todavia, que mais de cinquenta por cento dos pesquisados não conhecia este time, funcionando, portanto, como regulador da subjetividade. Realizamos, dessa forma, a expansão da marca cultural através do substantivo *time*:

Coloquei um pouco de café da cafeteira em uma caneca do time Borussia Dortmund [...] (p.41)

O ultimo exemplo de ambientação explícita aqui apresentado contém uma alusão a um filme americano, bastante conhecido do público juvenil.

Ich ging langsam nach Hause. Ich meine: zu Kevin nach Hause. Jetzt musste telefoniert werden, wie wir zurücktauschen wollten. Es mussten uns ja nicht unbedingt gleich alle doppelt sehen. O Schock: Kevin mal ausnahmsweise nicht allein zu Haus! So was kann bei einfacheren Gemütern schon leicht mal Verwirrung anrichten. (p.149-150)

Trata-se do filme “Esqueceram de mim”, cujo título em alemão é “Kevin allein zu Hause”. Brincando com o título do filme, que possui um protagonista homônimo ao da narrativa, a autora do original sugere que “excepcionalmente Kevin não está sozinho desta vez”. O título em português não oferece as mesmas possibilidades, uma vez que não contém o nome do personagem. Uma possível solução para o problema seria “brincar” igualmente com o título em português, o que exigiria, todavia, uma explicação ampliada (“Afinal não era necessário que todo mundo nos visse dobrado. Uau, que susto: era como se em ‘Esqueceram de mim’, a mãe de Kevin voltasse e não o encontrasse sozinho!”), o que provavelmente faria com que a função de humor se perdesse de qualquer maneira. Optamos, dessa forma, pela décima estratégia lista por VAN COILLIE, a supressão:

Fui andando devagar para casa. Quer dizer: pra casa de Kevin. Era hora de telefonar, para ver como iríamos destruir. Afinal não era necessário que todo mundo nos visse dobrado. Este tipo de coisa pode facilmente causar confusão nas mentes mais simples. (p.72)

4.2 Ambientação implícita

Após a apresentação das marcas culturais explícitas, localizadas ao longo da narrativa de *Der Prinz und der Bottelknabe*, observemos como a ambientação desta obra se evidencia também sob a forma de marcas culturais implícitas.

Conforme já mencionado, a ambientação implícita revela-se de forma mais sutil, isto é, não a percebemos através de “marcas” e “nomes” concretos, mas sim através da percepção de pensamentos e comportamentos tipicamente alemães ou europeus. Esta percepção exige uma comparação cuidadosa das culturas de partida e de chegada e, no

caso da LIJ, a avaliação da capacidade do jovem leitor de compreender, ou não, tais pensamentos e comportamentos.

Observemos alguns exemplos de ambientação implícita, encontrados ao longo da narrativa:

“Erst als ich an den Containerschiffen für Asylbewerber und dem teuren Altersheim vorbeifuhr, begriff ich, dass ich mich in Richtung Hafen bewegte.”(p.42)

A Alemanha recebe anualmente aproximadamente vinte mil pedidos de asilo por parte de estrangeiros, sendo o Iraque o país de origem mais presente atualmente.⁶² Este número era ainda maior na época em que se passa a narrativa traduzida⁶³, sendo que nesse período a Turquia liderava o número de pedidos, seguida pela antiga Iugoslávia e pela Itália. No ano de 1993 a cidade de Hamburgo começa a receber um número crescente de refugiados e, a fim de sanar o problema de falta de abrigo para estas pessoas, a cidade aluga, no ano de 1995, o navio Bibby Altona e o transforma em moradia. Este é, provavelmente, um dos “Containerschiffen für Asylbewerber” mencionados pelo protagonista Calvin na passagem destacada acima.

Esta passagem requer uma atenção especial, uma vez que exige do leitor conhecimentos bastante específicos sobre a cidade de Hamburgo.

Uma estratégia de tradução possível seria utilizar a expressão “navios de contêiner para requerentes de asilo” ou “navios de refugiados” acompanhada de uma nota de rodapé, que poderia conter informações sobre a questão dos estrangeiros e a explicação sobre o navio-moradia Bibby Altona. Entendemos que esta estratégia poderia ter uma função educativa, uma vez que o leitor teria a oportunidade de aprender algo sobre a cultura-alvo. Acreditamos, no entanto, que a inserção da nota de rodapé quebraria a fluência da leitura, atrapalhando a função emotiva, já que se trata de uma passagem emocionante, em que o protagonista está fugindo de casa.

⁶² “Segundo o Ministério do Interior, 19.164 pessoas requereram asilo no ano passado, contra 21.029 em 2006. [...] Mais uma vez o país de origem mais presente foi o Iraque. Em comparação com 2006, o total de candidatos iraquianos cresceu 104,4%, alcançando 4.327.” Página eletrônica de 10.01.2008, consultada em 20 de outubro de 2008, <<http://www.dw-world.de>

⁶³ cf nota 9.

A fim de suprir a falta de conhecimentos do público-alvo e visando manter a fluência da leitura, optamos por uma estratégia que, ao mesmo tempo, reduz e expande o original:

“Só quando passei na frente daqueles navios, onde ficam os estrangeiros que estão aguardando asilo político, e daquela casa de repouso de velhos caríssima é que percebi que estava me movendo na direção do porto.” (p.18)

Reduz, pois elimina o elemento *Container* e expande, pois substitui a palavra *Asylbewerber* (requerentes de asilo ou refugiados) pela explicação “onde ficam aguardando asilo político”.

Na passagem a seguir, temos mais uma menção à questão da presença de estrangeiros na Alemanha:

Ich ging extra langsam. Die Sonne schien in die Häuserschluchten [...] Kleine schwarzhäarige Kinder spielten zwischen den geparkten Autos Verstecken und brüllten sich etwas zu in einer Sprache, die nach Urlaub klang. (p.126)

O número de estrangeiros vivendo na Alemanha atualmente é de 6,7 milhões, o que representa aproximadamente 8% da população, sendo a Turquia, a Itália e a Polônia os três países com maior número de estrangeiros no país.⁶⁴

A referência aos estrangeiros pode ser percebida na passagem destacada através de dois aspectos: a descrição física das crianças – “*kleine schwarzhäarige Kinder*” (criancinhas de cabelo preto) – e a descrição da língua que falam – “*in einer Sprache, die nach Urlaub klang*” (em uma língua que lembrava férias). É possível afirmar, todavia, que ambas as referências poderiam não ser facilmente relacionadas pelo jovem leitor brasileiro aos estrangeiros. Se a característica “cabelo preto” é rapidamente relacionada à presença estrangeira na Alemanha, não podemos dizer o mesmo do Brasil, uma vez que esta é uma característica de seu povo. A “língua que lembrava férias”, por sua vez, pode tanto ser

⁶⁴ “O número de estrangeiros vivendo na Alemanha reduziu um pouco no ano de 2007: No final do ano havia, segundo o Departamento de Estatística, por volta de 6,74 milhões de pessoas. [...] Os países de origem mais importantes [...] são a Turquia com uma participação de 25 por cento, a Itália com oito por cento e a Polônia com seis por cento, [...]” Tradução da página eletrônica de 18.02.2008, consultada em 07 de novembro de 2008, <http://www.stern.de>.

associada a idiomas falados em países estrangeiros, quanto simplesmente à gritaria de crianças em férias, caracterizando uma “língua à parte”, isto é, sons de alegria e animação.

Como esta passagem faz parte da descrição do bairro onde mora o protagonista Kevin, acreditamos ser importante que a presença dos estrangeiros seja percebida pelo leitor, afinal o objetivo da autora do original era escrever um livro juvenil que tratasse de contrastes sociais e esta é uma das marcas que diferencia os ambientes “rico” e “pobre” da narrativa. Desta forma, optamos pela substituição da característica “de cabelo preto” pelo adjetivo *estrangeiras*.

Fui andando mais devagar que o normal. O sol batia nos vãos entre as casas.
[...] Criancinhas estrangeiras brincavam de esconde-esconde entre os carros estacionados e berravam, umas para as outras, em uma língua que lembrava férias. (p.60)

No caso “da língua que lembrava férias”, poderíamos realizar uma interferência que visasse a um esclarecimento, utilizando-nos de uma explicação como “uma língua dessas que a gente ouve quando viaja de férias para o exterior”. Optamos, todavia, pela permanência da marca cultural, pois entendemos que a inserção da palavra *estrangeiras* na passagem seja suficiente para que o leitor faça a associação com a língua falada por elas e possibilita, também, a outra associação possível: a gritaria alegre e animada, característica de crianças em férias.

No exemplo seguinte, temos uma referência implícita à localização geográfica da Alemanha:

Aber der *Diesel*-Junge hatte das offenbar nicht gemerkt. Jedenfalls rannte er immer noch wie blöde und als ob er am Abend noch unbedingt zu Fuß bis Amsterdam kommen wollte. (p.52)

O protagonista Kevin menciona a possibilidade de se chegar a pé à Amsterdã, o que, para o leitor alemão, acostumado com a proximidade de seu país com a Holanda, seria plausível. No caso do leitor brasileiro, é possível dizer que esta afirmação poderia causar, num primeiro momento, certo estranhamento. Esta suposição é confirmada através da pesquisa realizada junto aos adolescentes, pois revela que 61,9% dos pesquisados não sabe em que país se localiza a cidade de Amsterdã e apenas 4,77% consegue identificar a Alemanha como um país que faz fronteira com a Holanda. A fim de minimizar o estranhamento que possivelmente seria causado pela falta de conhecimentos prévios,

sugerimos uma pequena expansão no corpo do texto, que visa lembrar ao leitor brasileiro que Alemanha e Holanda são países fronteiriços.

Mas pelo jeito o garoto-Diesel não havia percebido, pois ele continuava a correr como um tonto, como se quisesse cruzar a fronteira e chegar a Amsterdã a pé, ao anoitecer. (p.22)

Outra passagem, em que localizamos uma forma de pensar característica do povo alemão, está relacionada a uma questão ambiental: a presença de chumbo na gasolina dos automóveis, extremamente nocivo à saúde, quando emitido na atmosfera sob a forma de gases veiculares.

Unten vor der Haustür hatte ich ungefähr fünf Kubikmeter Straßenluft mit 20%igem Bleianteil eingeatmet, um bis zum dritten Stock zu kommen ohne Mund und Nase ein einziges Mal bewegen zu müssen; [...] (p.113)

Nesta passagem, o protagonista Calvin faz uma ironia, afirmando ser melhor inspirar o ar da rua, contendo vinte por cento de chumbo, que o ar da escada interna do edifício que cheira a urina. Esta ironia somente será apreendida, no entanto, se o leitor tiver consciência dos malefícios causados pelo chumbo e de toda a discussão a respeito da presença de chumbo nos combustíveis. Podemos nos questionar, portanto, se os jovens leitores – tanto do original, quanto da tradução - dispõem dos conhecimentos prévios necessários para esta tarefa.

Não podemos dizer que a preocupação em relação a este problema seja de exclusividade da Alemanha; afinal, trata-se de um problema mundial que vem sendo discutido por diversos países há décadas. Se nos concentrarmos, por exemplo, nas culturas de partida e de chegada da tradução aqui apresentada – a Alemanha e o Brasil – veremos que ambos os países estiveram engajados em um movimento de eliminação deste metal em seus combustíveis, sendo que na Alemanha, o uso de chumbo na gasolina foi proibido em 1988 e no Brasil, em 1992.

O que poderia diferenciar, todavia, a permeabilidade deste assunto junto à população da Alemanha e facilitar a sua compreensão por parte do público juvenil alemão é o fato de que o tema “consciência ecológica” possui raízes bem mais antigas neste país do que no Brasil. De acordo com o jornal eletrônico Deutsche Welle, a Alemanha é um

país reconhecido internacionalmente pela sua preocupação com a natureza e “uma legislação rígida, um imposto ecológico e a oferta cada vez maior de produtos orgânicos são exemplos deste pioneirismo”⁶⁵.

Acreditamos que, apesar da crescente consciência ecológica em nosso país, o tema “chumbo em combustíveis” não faça parte do cabedal de conhecimentos da maioria de nossos jovens leitores, o que nos levou a realizar uma interferência no original, evitando assim um possível estranhamento.

Lá embaixo, do lado de fora da porta havia inspirado uns cinco metros cúbicos do ar poluído da rua, para conseguir chegar até o terceiro andar sem ter que mover a boca e o nariz nem uma vez; [...]” (p.53)

Podemos citar como mais um aspecto cultural, percebido de forma implícita na narrativa, a menção ao “escândalo da vaca louca”, que causou um enorme pânico na Europa na década de 90. Temos na narrativa traduzida duas menções a este escândalo, através de comentários irônicos por parte do protagonista Calvin:

Wie hätte das denn ausgesehen? »Äh, sag mal und alles, aber ich erinner mich gerade nicht mehr, wo ich die Zeitungen abholen muss. Wo ich sie verteilen muss, auch nicht. Komisch eigentlich, oder? Glaubst du, ich hab mich vielleicht mit Rinderwahn angesteckt?« (p.120)

Für 86,40 Schweinepest und Rinderwahn will man ja auch nicht so gerne. (p.127)

Por ter sido um fato amplamente divulgado no Brasil, acreditamos inicialmente que as referências ao escândalo poderiam ser traduzidas sem maiores problemas, utilizando-se as formas como são conhecidas no Brasil: “Você acha que eu posso ter me contaminado com a doença da vaca louca?” e “ou então com carne de vaca louca”. Todavia, após algumas reflexões, percebemos que, devido à sua faixa etária, o público destinatário provavelmente não compreenderia as referências.

Na primeira passagem, por exemplo, o protagonista encontra-se em uma situação complicada, pois lhe faltam conhecimentos para exercer seu novo papel: Não sabe como funciona o trabalho de seu “clone” como entregador de jornais. A fim de se safar desta situação, pensa na hipótese de afirmar que está contaminado pela doença da vaca louca.

⁶⁵ Página eletrônica <<http://www.dw-world.de> de 27.11.2002 consultada em 20 de outubro de 2008.

Esta afirmação somente será compreendida pelo leitor brasileiro, se ele tiver conhecimento de todo o entorno que envolve a doença e que um de seus sintomas é a demência, o que justificaria o esquecimento do protagonista. A fim de evitarmos a ruptura da legibilidade, optamos, portanto, pela substituição da marca cultural por expressões mais genéricas.

Como é que soaria isso? »Ah, sabe, eu não consigo mais me lembrar onde é que eu tenho que buscar os jornais. Onde que eu tenho que entregá-los, também não. Estranho, né? Você acha que eu posso estar ficando esclerosado?« (p. 57)

Afinal ninguém quer gastar seus 86,40 comprando carne de porco ou de vaca, que no final das contas, pode até estar intoxicada. (p.60)

As interferências realizadas nos últimos dois exemplos aqui descritos tiveram, mais uma vez, suporte na pesquisa realizada junto aos adolescentes. No caso do problema ambiental (ar contendo 20% de chumbo), detectamos que 22,22% dos pesquisados relacionava esta informação com “ar poluído”, porém 14,29% relacionavam a informação com outros aspectos como “tiro”, “morte”, “ar pesado”, 38,09 % não relacionavam a nada ou deixaram em branco e 25,4% mostraram-se em dúvida quanto ao teor desta informação ou revelaram estranheza, respondendo o questionário com expressões como: “Quê?”, “Quem diz isso?”, “Não faço a mínima idéia” e “Uma coisa super estranha!”.

Já no caso do escândalo da vaca louca, apenas 9,52% dos pesquisados mostrou conhecer o problema.

5. Amostra geral das interferências realizadas

Neste capítulo, apresentaremos as interferências realizadas na tradução, divididas nas sete categorias já apresentadas - 1) antropônimos; 2) topônimos; 3) nomes de lojas, empresas e marcas de produtos; 4) nomes de programas de televisão e revistas; 5) conceitos relacionados ao sistema escolar alemão e ao ambiente da sala de aula; 6) uso de termos em inglês; 7) outros conceitos ou denominações que não se encaixam nos itens anteriores e que aparecem com menos frequência - e organizadas a partir dos três diferentes critérios que serviram de base para as escolhas tradutórias: 1) Adaptações simples e ajustes ortográficos, no caso de nomes que apresentam pequenos obstáculos à legibilidade; 2) Substituições, no caso de nomes que apresentam obstáculos à legibilidade, mas possuem similares/ exônimos na realidade do texto de chegada; 3) Explicações, expansões, supressões ou recriações, no caso de nomes que apresentam obstáculos à legibilidade e não podem ser substituídos por similares na realidade do texto de chegada.

Amostra geral das interferências realizadas (ambientação explícita)						
Critérios Categorias	1) Adaptações simples e ajustes ortográficos, no caso de nomes que apresentam pequenos obstáculos à legibilidade.		2) Substituições, no caso de nomes que apresentam obstáculos à legibilidade, mas possuem similares/exônimos na realidade do texto de chegada.		3) Explicações, expansões, supressões ou recriações, no caso de nomes que apresentam obstáculos à legibilidade e não podem ser substituídos por similares na realidade do texto de chegada.	
	original	Tradução	Original	tradução	original	Tradução
1) antropônimos ⁶⁶	Tatjana ⁶⁷	Tatiana	Özden (p.20)	Sahra (p.8)	Kevin Bottel	Kevin Plebs
	Momma	Mom	Zekrye (p.20)	Yasmin (p.8)	Mathemaus (p.21)	Materrática (p.9)
	Daddo	Dad	Thomas Gotschalk (p.20)	Brad Pitt (p.8)	[...] ließ ich den Blauen los [...] (p.52)	[...] soltei o Barba Azul [...] (p.24)
	Gun	Gunni	Richard Gere (p.20)	Tom Cruise (p.8)	[...] sagte ein Pokerfreund. [...] (p.107)	[...] disse um Pôquermaníaco [...] (p.51)
	Günay	Gunni	Bierhoff (p.172)	Ballack (p.85)	[...] und nur daran, dass er mit den Fingern [...] ein kleines Percussion-Solo hinlegte, wahrscheinlich <u>Heino</u> oder irgendetwas ähnlich Fetziges [...] (p.145)	[...] e só porque ele tamborilava um pequeno solo de percussão com os dedos, provavelmente <u>alguma coisa bem brega</u> , [...] (p.71)
	Anja (p.158)	Ana (p.78)				
	Per (p.158)	Petra (p.78)				

⁶⁶ Os apelidos ou formas engraçadas usadas para denominar pessoas estão incluídas na categoria “antropônimos”.

⁶⁷ Os antropônimos presentes nesta tabela sem referência ao número da página aparecem com regularidade ao longo de toda a narrativa.

Crêterios Categorias	1) Adapta�es simples e ajustes ortográficos, no caso de nomes que apresentam pequenos obstáculos � legibilidade.		2) Substitui�es, no caso de nomes que apresentam obstáculos � legibilidade, mas possuem similares/exônimos na realidade do texto de chegada.		3) Explica�es, expansões, supressões ou recria�es, no caso de nomes que apresentam obstáculos � legibilidade e não podem ser substituídos por similares na realidade do texto de chegada.	
2) topônimos			Deutschland (p.19) die Elbe (p.61)	Alemanha (p.8) O Elba (p.29)	[...] runter in den alten <u>Elbtunnel</u> [...] (p.42) [...] an den <u>Landungsbrücken</u> das Fahrrad [...] genommen hatten. (p.61) [...] Jenseits von <u>Oder</u> und <u>Neiße</u> , [...] (p.118) [...] eine Zweitwohnung an der <u>Ostsee</u> kaufen, [...] (p.128)	[...] e descíamos para o antigo túnel <u>do rio Elba</u> [...] (p.18) [...] pegamos a bicicleta de volta no <u>p�ier</u> .(p.29) [...] Algum lugar pra lá do <u>rio</u> Oder e do Neisse, [...] (p.57) [...] e comprar uma casa de férias na <u>praia</u> , [...] (p.62)

<p style="text-align: center;">Critérios</p> <p style="text-align: center;">Categorias</p>	1) Adaptações simples e ajustes ortográficos, no caso de nomes que apresentam pequenos obstáculos à legibilidade.		2) Substituições, no caso de nomes que apresentam obstáculos à legibilidade, mas possuem similares/exônimos na realidade do texto de chegada.		3) Explicações, expansões, supressões ou recriações, no caso de nomes que apresentam obstáculos à legibilidade e não podem ser substituídos por similares na realidade do texto de chegada.	
3) lojas, empresas e marcas de produtos	VW (p.16) Kellogg's Cornflakes (p.71)	Volkswagen (p.6) sucrilhos Kellogg's (p.33)	Hennes und Mauritz (p.21) Marc Cain (p.21) Max Mara (p.21) Joop! (p.100)	C&A (p.8) Armani (p.8) Chanel (p.8) Hugo Boss (p.47)	Ich schnürte seine <u>ALDI-Turnschuhe</u> zu. (p.63) [...] außer wenn sie zufällig gerade bei <u>ALDI</u> im Zusatzangebot waren. [...] (p.127) [...] es gab ...eine <u>Quelle-Filiale</u> , [...] (p.127) Sie duftete noch immer wie eine ganze <u>Budnikowsky-Filiale</u> . (p.150)	Amarrei o cadarço dos tênis dele, que <u>provavelmente tinham sido comprados num supermercado</u> . (p.30) [...] a não ser que, por acaso, a <u>ALDI</u> , a loja de <u>descontos</u> , estivesse oferecendo sapatos naquela semana. [...] (p.62) [...] havia <u>uma filial da Quelle</u> , uma dessas lojas que vendem coisas pelo correio, [...] (p.62) Ela estava cheirando a uma <u>perfumaria inteira</u> . (p.72)

<p>Critérios</p> <p>Categorias</p>	<p>1) Adaptações simples e ajustes ortográficos, no caso de nomes que apresentam pequenos obstáculos à legibilidade.</p>	<p>2) Substituições, no caso de nomes que apresentam obstáculos à legibilidade, mas possuem similares/exônimos na realidade do texto de chegada.</p>	<p>3) Explicações, expansões, supressões ou recriações, no caso de nomes que apresentam obstáculos à legibilidade e não podem ser substituídos por similares na realidade do texto de chegada.</p>		
<p>4) programas de televisão e revistas</p>		<p>VIVA (p.169)</p> <p>Ich schlich mich zur Rückseite und fühlte mich wie <u>Wolf</u> aus <u>Wolfs Revier</u> [...] (p.181)</p>	<p>MTV (p.84)</p> <p>Eu me esgueirei até a parte de trás da casa e me senti o próprio <u>Jack Bauer em 24 horas</u> [...] (p.90)</p>	<p>Warum sollte ich in dieser Wohnung aushalten, an deren Wänden die <u>BRAVO-Poster</u> noch am ehesten minimalen ästhetischen Ansprüchen genügten? (p.75)</p> <p>»Ich les <u>Sport-BILD!</u>« (pg.107)</p> <p>[...] <u>Derrick</u> [...] oder den <u>Kommissar</u>, so Mutti- Filme eben [...] (p.78)</p> <p>[...] Im Fernsehen gab es ja auch <u>Alf</u>. (p.78)</p>	<p>Por que é que eu deveria agüentar ficar nesse apartamento em que <u>os pôsteres de revistas de adolescentes</u> na parede eram o que mais se aproximava de requisitos estéticos básicos? (p.35)</p> <p>»Eu leio o <u>caderno de esportes!</u>« (p.51)</p> <p>[...] <u>Derrick</u> ou o <u>Kommissar</u>, essas séries <u>policiais antigas</u>, coisa de mãe [...] (p.36)</p> <p>[...] E na televisão havia de tudo, até <u>Alf - O ETeimoso!</u>(p.36)</p>

<p>Critérios</p> <p>Categorias</p>	<p>1) Adaptações simples e ajustes ortográficos, no caso de nomes que apresentam pequenos obstáculos à legibilidade.</p>	<p>2) Substituições, no caso de nomes que apresentam obstáculos à legibilidade, mas possuem similares/exônimos na realidade do texto de chegada.</p>	<p>3) Explicações, expansões, supressões ou recriações, no caso de nomes que apresentam obstáculos à legibilidade e não podem ser substituídos por similares na realidade do texto de chegada.</p>
<p>5) conceitos relacionados ao sistema escolar alemão e ao ambiente da sala de aula</p>		<p>In der Mathearbeit hatte ich <u>eine Fünf</u> geschrieben [...] (p.11)</p> <p>»[...] schafft es [...] nicht , dass das Kind wenigstens mal <u>eine Vier</u> schreibt?«, [...] (p.28)</p>	<p>Na prova de matemática havia tirado <u>um insuficiente</u> [...] (p.4)</p> <p>»[...] não consegue fazer o garoto tirar um <u>suficiente?</u> «, [...] (p.12)</p> <p>Von uns glaubten [...] nicht mehr viele, dass sie den <u>Hauptschulabschluss</u> durch irgendetwas anders als die pure Güte der Lehrer <u>kriegen würden</u>, [...] (p.22)</p> <p>» Aber <u>mit Hauptschulabschluss</u> wollen die Ärzte eigentlich nicht, [...] Darum brauche ich <u>einen guten Abschluss. Dass sie mich nehmen.</u> [...]« (p.141)</p> <p>Natürlich war mir klar gewesen, dass es mit der Schule nichts werden konnte. <u>Gymnasium, Mann!</u> (p.100)</p> <p>Poucos alunos ainda acreditavam que <u>terminariam a escola</u> sem a boa vontade dos professores, [...] (p.9)</p> <p>» O problema é que os médicos não querem gente <u>com um diploma de uma escola como a nossa</u>, [...] É por isso que eu <u>preciso me formar com notas muito boas. Pra que me eles me aceitem.</u> [...]« (p.69)</p> <p>É claro que eu sabia, que na escola eu não teria a menor chance. <u>Escola de CDFs, meu!</u> (p.47)</p>

				<p>Wann würde ich schon mal wieder ein <u>Gymnasium</u> von innen sehen? (p.110)</p> <p>Wenn Nisi sich weiter so merkwürdig entwickelte, war ja überhaupt nicht auszuschließen, dass ihre Lehrerin vorschlagen würde sie aufs <u>Gymnasium</u> zu schicken.”</p> <p>Als die Dreiviertelstunde um war, fühlte ich mich fast <u>gymnasial</u>.” (p.137)</p> <p>[...] dass ich doch sowieso später die Firma übernehmen würde, <u>mit oder ohne Abitur</u>, [...] (p.12)</p> <p>[...] und die Tante, die an meinen Haaren rummachte, sah aus, <u>als hätte sie mindestens Abitur</u>.(p.125)</p>	<p>Quando é que eu iria ver <u>uma escola dessas</u> por dentro de novo? (p.53)</p> <p>Se Nisi continuasse a se desenvolver assim de forma tão especial, não estava descartada a possibilidade de que a professora dela sugerisse que ela fosse para <u>uma escola assim</u>. (p.53)</p> <p>Quando os quarenta e cinco minutos acabaram eu já estava me sentindo <u>quase apto para a escola de Calvin</u>. (p.67)</p> <p>[...] que, <u>me formando ou não</u>, eu assumiria a firma de qualquer jeito, [...] (p.4)</p> <p>[...] e a dona que estava mexendo no meu cabelo, <u>tinha jeito de quem faria faculdade</u>. (p.61)</p>
--	--	--	--	---	--

				<p>» [...] Dann empfehle ich die <u>Abschulung</u>«, [...] (p.136)</p> <p>[...] und die Mathemaus <u>schlug die Seitenflügel der Tafel auf</u> und begann ohne ein Wort die schweinishen Zeichnungen abzuwischen die Bruno in der Pause produziert hatte. (p.22)</p> <p>»Fast hätten wir da schon ein paar schöne Hyperbeln«, sagte er mit Kennblick. [...], und er reichte mir den <u>Tafelschwamm</u>, und der war tatsächlich feucht und so gab es eben doch einen Unterschied zwischen dieser und meiner eigenen Klasse. (p.102)</p>	<p>» [...] Neste caso, recomendo a <u>mudança para uma escola mais fraca</u>«, [...] (p.67)</p> <p>[...] enquanto a Materrática, sem dizer uma palavra, <u>abria as abas laterais da lousa</u> e começava a apagar os desenhos obscenos que Bruno havia feito, <u>na parte de dentro</u>, no intervalo. (p.9)</p> <p>»Não é que já temos praticamente algumas belas hipérbolas aqui?«, disse com ar de conhecedor. [...], e me estendeu a <u>esponja de apagar a lousa</u> e ela estava mesmo úmida, o que provava que havia sim uma diferença entre esta e a minha classe, <u>onde a esponja vivia seca</u>. (p.46)</p>
--	--	--	--	--	--

<p>Critérios</p> <p>Categorias</p>	<p>1) Adaptações simples e ajustes ortográficos, no caso de nomes que apresentam pequenos obstáculos à legibilidade.</p>		<p>2) Substituições, no caso de nomes que apresentam obstáculos à legibilidade, mas possuem similares/exônimos na realidade do texto de chegada.</p>		<p>3) Explicações, expansões, supressões ou recriações, no caso de nomes que apresentam obstáculos à legibilidade e não podem ser substituídos por similares na realidade do texto de chegada.</p>	
<p>6) uso de termos em inglês⁶⁸</p>	<p><i>Gigabyte</i> (p.15)</p>	<p>giga (p.5)</p>	<p><i>Fitness</i> (p.12)</p> <p><i>Alles okay?</i> (p.13)</p> <p><i>Stressmanagement</i> (p.29)</p> <p>Sie denkt noch immer, du bist Kevin, so what? (p.179)</p> <p>Er sah anders aus als bei unserem Meeting im Hafenklo. (p.182)</p> <p>[...] wäre die ganze <i>Story</i> nicht passiert. (p.19)</p> <p>[...] der absolute Sound des Jahrtausends (p.49)</p>	<p>academia (p.4)</p> <p>Tudo OK? (p.5)</p> <p>administração do stress (p.12)</p> <p>Ela continua achando que você é o Kevin, então qual é o problema? (p.89)</p> <p>Ele estava diferente do que no nosso encontro no banheiro do porto. (p.90)</p> <p>[...] a história toda não teria acontecido. (p.8)</p> <p>...o som mais genial do milênio. (p.23)</p>	<p>Alles total easy.(p.61)</p> <p>No money, no Klo,[...] (61)</p> <p>Die Hose war echt nicht schlecht, <i>button-fly</i> und alles, [...] (p.139)</p> <p>[...] mit irgendeinem No-Name-Teil [...] (p.139)</p> <p>[...] zu ihren Autos auf dem Park- and – ride Platz [...] (p.181)</p> <p>[...] in 98% der Fälle ist es No-Go. (p.51)</p>	<p>Moleza!(p.29)</p> <p>Ou paga ou faz xixi na calça, [...] (p.29)</p> <p>A calça não era mesmo nada mal, <u>botão ao invés de zíper</u> e tudo mais, [...] (p.68)</p> <p>[...] com uma roupa sem marca qualquer [...] (p.68)</p> <p>[...] em direção aos seus carros no estacionamento do metrô [...] (p.90)</p> <p>[...] em 98% dos casos não entro.</p>

⁶⁸ No caso dos termos em inglês, a tradução para o português foi considerada uma substituição por similar na língua de chegada, portanto, critério nº2.

			<p>Sightseeing (p.51) Whirlpool (p.55)</p> <p>Yeah, Ladys and G, [...] (p.102)</p> <p>[...] bei diesen <i>In-Feten</i> (p.163)</p> <p>Sweet dreams dann.(p.73)</p>	<p>passeio turístico (p.23) banheira de hidromassagem (p.25)</p> <p>Pois é, senhoras e senhores [...] (p.48)</p> <p>[...] nestas festinhas da moda.(p.81)</p> <p>Bons sonhos, então. (p.34)</p>	<p>Mehr wie eine Bürofrau, würde ich sagen, irgendsowas Businessmäßiges [...] (p.125)</p>	<p>Parecia mais uma executiva, eu diria, assim tipo uma mulher de negócios, [...] (p.61)</p>
--	--	--	--	---	---	--

<p>Critérios</p> <p>Categorias</p>	<p>1) Adaptações simples e ajustes ortográficos, no caso de nomes que apresentam pequenos obstáculos à legibilidade.</p>	<p>2) Substituições, no caso de nomes que apresentam obstáculos à legibilidade, mas possuem similares/exônimos na realidade do texto de chegada.</p>	<p>3) Explicações, expansões, supressões ou recriações, no caso de nomes que apresentam obstáculos à legibilidade e não podem ser substituídos por similares na realidade do texto de chegada.</p>			
<p>7) outros conceitos ou denominações que não se encaixam nos itens anteriores e que aparecem com menos frequência</p>			<p>Zum Geburtstag hatte Daddo mir für 10000 <u>Mark</u> Aktien geschenkt. (p.16)</p>	<p>Dad havia me dado 10000 <u>marcos</u> em ações no meu aniversário. (p.6)</p>	<p>»Vielleicht nur eine kleine Feier, Kevi?...Wenn wir kein <u>Kaffeetrinken</u> machen?« (p.158)</p> <p>»Prinz?«, sagte Momma am anderen Ende [...] (p.151)</p> <p>Ich schenkte mir Kaffee aus der Kaffeemaschine in eine <i>Borrussia Dortmund</i>-Tasse [...] (p.90)</p>	<p>»Quem sabe só uma pequena comemoração, Kevi?«... Se a gente não fizer <u>nem bolo nem lanche?</u>« (p.78)</p> <p>»Residência dos Prinz«, disse Mom do outro lado da linha [...] (p.75)</p> <p>Coloquei um pouco de café da cafeteira em uma caneca <u>de time de futebol</u> [...] (p.41)</p>

Conclusão

Este trabalho teve como pontos de partida a constatação da necessidade de interferência, em trabalhos de tradução, no texto original e o questionamento sobre os limites desta interferência.

A partir da experiência de tradução de uma narrativa destinada ao público juvenil, buscamos apoio em diferentes aportes teóricos, nos quais procuramos embasar nossas reflexões acerca das decisões a serem tomadas e das estratégias a serem seguidas.

A tradução aqui realizada revelou, entre inúmeros outros aspectos, uma questão que exigiu especial atenção: a ambientação da narrativa. Fortemente ancorado na cidade de Hamburgo, o texto a ser traduzido apresentava-se mesclado de marcas culturais, isto é, de elementos especificamente característicos da cultura alemã. A percepção desta ambientação particular levou-nos à reflexão acerca da relação entre tradução e cultura.

Todo texto, original ou traduzido, está inscrito em uma determinada cultura e em uma determinada época e não se resume, portanto, a uma simples amostra de material lingüístico. O texto é o produto de uma leitura particular de uma realidade, leitura esta que pode focalizar aspectos específicos desta realidade, tais como tradições, usos e costumes, pontos de vista, comportamentos etc. Como decorrência disso, verifica-se em todo e qualquer texto, em maior ou menor grau, a presença de elementos e marcas que singularizam estes aspectos.

No caso específico do texto aqui traduzido, as marcas culturais evidenciam-se de duas formas distintas. Ou aparecem de forma clara e explícita, através de referências a elementos concretos do cenário alemão, tais como antropônimos, topônimos, nomes de estabelecimentos comerciais etc., ou revelam-se de forma mais sutil, através de comportamentos e formas de pensar dos personagens. Independentemente da forma como se evidenciam, porém, as marcas funcionam como portadoras da identidade da cultura apresentada na narrativa e exercem um papel importante na construção da história e dos valores que a autora pretende discutir. Sendo assim, para que esta história e estes valores possam ser apreendidos e usufruídos por uma outra comunidade lingüística e cultural, o tratamento dado às marcas culturais no texto traduzido merece atenção especial.

Levando em consideração a importância das marcas culturais no texto em questão, procuramos analisar a capacidade do jovem leitor brasileiro - público

destinatário da tradução - de compreendê-las e associá-las à sua realidade e iniciamos uma reflexão sobre as interferências que se faziam necessárias.

Focalizando, mais especificamente, a questão da interferência na literatura infantil e juvenil, constatamos que a diferença no tratamento dado a este gênero da literatura e à literatura adulta reside no grau, quer dizer, na extensão mesma de tal interferência e não em sua essência e baseia-se, principalmente, nas características específicas de seu público-alvo. Crianças e jovens não dispõem, muitas vezes, de conhecimentos prévios necessários para a compreensão de informações ou inferências presentes nos textos a serem traduzidos. Questões lingüísticas e experienciais precisam ser levadas em conta e revelam-se como grandes desafios para o tradutor, que, já adulto, vê-se diante da difícil tarefa de mergulhar no universo de seu leitor, a fim de buscar soluções que tornem sua tradução legível no sentido mais amplo da palavra, isto é, fluente, compreensível e prazerosa. E, nessa empreitada, o tradutor sabe que corre o risco inevitável de nunca ter certeza absoluta de que efetivamente mergulhou no universo do outro, do público para quem (re)escreve uma história, ou se apenas projetou como público aquilo que acredita ser traços fundamentais desse mesmo público.

Cientes, portanto, das peculiaridades do trabalho de tradução de LIJ e considerando a dimensão cultural da tradução, procuramos definir algumas estratégias que pudessem nos guiar durante o processo tradutório.

Estabelecemos como base da estratégia de tradução, a manutenção da ambientação da narrativa e, toda vez que esta ambientação se apresentava, a nosso ver, como obstáculo à legibilidade para o jovem leitor brasileiro, realizamos interferências sob a forma de pequenos ajustes, expansões, substituições e recriações.

Com o objetivo de minimizar a questão da subjetividade, evitando-se o risco já mencionado de se fazer um julgamento errado sobre o que é, ou não, adequado ao público-alvo, utilizamo-nos de alguns instrumentos de regulação, tais como a aplicação de questionários a alunos e conversas com educadores e jovens a respeito de formas de linguagem e temas relacionados à adolescência. Esta forma de controle foi responsável, por vezes, pela reavaliação e alteração de escolhas tradutórias já feitas. Vale ressaltar que o trabalho em sala de aula e o contato diário com estudantes foram de grande importância neste processo, pois facilitaram o “mergulho” dentro do universo dos jovens.

O processo tradutório revelou-se extremamente prazeroso e, ao mesmo tempo, desafiador e confirmou a constatação de que o ato de traduzir ultrapassa de longe a

transferência mecânica de palavras, e exige do tradutor a construção de uma visão de tradução, em que a adaptação é parte integrante desta. A interferência, de acordo com esta visão, aparece como um aspecto natural dentro do texto traduzido. Sendo assim, podemos dizer que o ato de traduzir requer do tradutor, entre inúmeras outras habilidades, também a criatividade. Criatividade na recriação das cores, dos sons e aromas do texto original. Criatividade na construção de pontes capazes de vencer as distâncias temporais, espaciais e culturais.

Esta visão de tradução não comporta, portanto, a idéia do tradutor como mero reproduzidor de conteúdos expressos numa língua estrangeira. Aqui, o tradutor assume o papel de agente e intermediador cultural, capaz de estabelecer pontes e promover o diálogo entre culturas. Abandona-se, dessa forma, a visão do tradutor como profissional de “segunda mão”, substituindo-a pelo seu reconhecimento como parceiro na construção de um texto, que, sem a sua participação, não poderia existir. É esta “parceria” entre autor e tradutor que possibilita a revitalização de textos e a extensão de sua aplicação a públicos e realidades distintos.

Esperamos que o trabalho aqui apresentado possa ser aplicado tanto dentro do ambiente acadêmico como fora deste. No âmbito acadêmico, a pesquisa realizada pode contribuir para a discussão da tradução, em especial da tradução de LIJ, além de ser de interesse para estudiosos da língua e cultura alemãs, uma vez que aponta para diversas questões interculturais.

No que diz respeito ao ambiente extra-acadêmico, acreditamos que a divulgação, entre tradutores, autores e editores, de pesquisas como esta, que vêem na figura do tradutor um co-autor, poderia ser um possível caminho para a elevação do status do papel do tradutor que ainda é, por vezes, menosprezado.

Em relação à tradução realizada, acreditamos que esta possa oferecer ao jovem leitor brasileiro a possibilidade de aprender e se divertir, não necessariamente nesta ordem. Podemos citar como aspectos de aprendizagem a aproximação com uma identidade estrangeira e a reflexão sobre a questão dos contrastes sociais. Através da narrativa o jovem leitor brasileiro pode construir uma imagem do jovem alemão, que se assemelha muito à sua própria imagem, isto é, os problemas relacionados aos pais, à escola, à sexualidade, entre outros, apresentados na narrativa, não se diferenciam de forma drástica daqueles vividos por ele mesmo. Sendo assim, a tradução permite a desconstrução de preconceitos e a construção de um diálogo intercultural. No que diz respeito à questão dos contrastes sociais, a narrativa coloca diante do leitor uma

experiência que mostra que, muitas vezes, não é a situação social que define o ser humano, mas sim o comportamento adotado diante da situação social. Muitos jovens brasileiros, provenientes de camadas sociais privilegiadas, vivem suas vidas como o personagem Calvin: aceitam com naturalidade todos os confortos que lhes são oferecidos, desperdiçam, muitas vezes, possibilidades de crescimento pessoal e não percebem que existem milhares de pessoas que não possuem as mesmas oportunidades. Abre-se aqui a possibilidade de uma reflexão sobre atitudes pessoais perante oportunidades ou problemas, além de uma discussão sobre questões sociais em nosso país. Quanto ao aspecto lúdico da leitura, acreditamos que a preocupação com a recriação global da ambientação, considerando-se o humor, a ironia e a emotividade presentes nas marcas culturais, tanto explícitas como implícitas, colaborou para a produção de um texto interessante e atrativo ao jovem. Em relação a estudantes que estudam o alemão como língua estrangeira – público com o qual trabalhamos – existe ainda a possibilidade de um trabalho contrastivo, mesmo que parcial, entre o texto de partida e o de chegada. Este tipo de trabalho permitiria, além de uma reflexão contrastiva entre essas duas línguas – o alemão e o português do Brasil -, também uma discussão mais aprofundada sobre os aspectos interculturais, que seria suscitada justamente pela análise das interferências realizadas na tradução. O confronto entre os dois textos e o questionamento acerca das passagens adaptadas poderia facilitar a percepção das diferenças.

Por fim, gostaríamos de ressaltar que a jornada empreendida, através da união entre a prática - representada pela desafiadora atividade de traduzir, brincando com palavras e idéias - e a teoria - sob a forma de profundas reflexões sobre a tradução de LIJ, a dimensão cultural na tradução e o papel criativo do tradutor -, favoreceu um grande enriquecimento pessoal que já se reflete no trabalho em sala de aula e desperta o interesse na realização de futuras traduções.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

TEXTO DO CORPUS

BOIE, Kirsten. *Der Prinz und der Bottelknabe, oder Erzähl mir vom Dow Jones*. Hamburg: Verlag Friedrich Oetinger, 1997. 220 p.

OUTRAS OBRAS CONSULTADAS

ALMEIDA, Maria João N. G. Borges de. *Como traduzir universos culturais em textos para crianças*. Dissertação de Mestrado. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2000.

AMORIM, Lauro Maia. *Tradução e Adaptação: encruzilhadas da textualidade em Alice no País das Maravilhas, de Lewis Carrol, e Kim de Rudyard Kipling*. São Paulo: Editora UNESP, 2005. 239 p.

ARROJO, Rosemary. *Tradução, Desconstrução e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1993. 210p.

AZENHA, Jr., João. *A tradução para a criança e para o jovem: a prática como base da reflexão e da relação profissional*. In: *Pandaemonicum Germanicum: Revista de estudos germanístico* n° 9, São Paulo: FFLCH-USP, 2005. 367-392.

AZENHA, Jr., João. *Linguística textual e tradução: redefinindo o conceito de “marca cultural”*. In: *TradTerm 12*. São Paulo, Humanitas, 2006. p. 13-32.

AZENHA, Jr., João. *Dependências, assimetrias e desafios na tradução para a criança e o jovem no Brasil*, 2008 (no prelo)

BASNETT-McGUIRE, Susan. *Translation Studies*. London: Methuen, 1980. 159 p.

BASTIANETTO, Patrizia Collina. *Legibilidade e Argumentação em textos traduzidos. Estudo de sete traduções da obra “Dos delitos e das penas”, de Cesare Beccaria*. Tese de Doutorado. São Paulo: FFLCH-USP, 2004. 207p.

CARROLL, Lewis. *Alice no país das maravilhas*. Adaptação em português de Nicolau Sevcenko. São Paulo: Scipione, 1995. 126 p. – Série Reencontro

CARROLL, Lewis. *Alice no país das maravilhas*. Tradução Ana Maria Machado. São Paulo, Ática: 1997. 136 p. – Série Eu leio

CARROLL, Lewis. *Alice's Adventures in Wonderland & through the looking-glass*. London: Signet Classics, 1960. 240p.

CALVINO, Ítalo. *Por que ler os Clássicos*. Tradução Nilson Mouli. São Paulo: Cia das Letras, 1993. 279 p.

CASCALLANA, Belén Gonzáles. *Translating Cultural Intertextuality in Children's Literature*, 97-110 / In: COILLIE, Jan Van e VERSCHUEREN, Walter P. (ed.). *Children's Literature in Translation*. Manchester: St.Jerome Publishing, 2006.190p.

COILLIE, Jan Van. *Character Names in Translation – A functional Approach*, 123-139 / In: COILLIE, Jan Van e VERSCHUEREN, Walter P. (ed.). *Children's Literature in Translation*. Manchester: St.Jerome Publishing, 2006.190p.

COLOMER, Teresa. *A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual*. Tradução Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003.454p.

DESMIDT, Isabelle. *A Prototypical Approach within Descriptive Translation Studies? Colliding Norms in Translated Children's Literature*, 79-96 / In: COILLIE, Jan Van e VERSCHUEREN, Walter P. (ed.). *Children's Literature in Translation*. Manchester: St.Jerome Publishing, 2006.190p.

DIAS, Renata. *Traduzir para a criança: uma brincadeira muito séria*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FFLCH-USP, 2001.

DISCINI, Norma. *Intertextualidade e conto maravilhoso*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2004. 294 p.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. Tradução Isidoro Blikstein e José Paulo Paes. 20 ed. São Paulo: Cultrix, 1969.162p.

JENTSCH, Nancy K. *Harry Potter and the Tower of Babel: Translating the Magic*, 190-207 / In: LATHEY, Gillian (ed.) – *The Translation of Children's Literature - A Reader*. Clevedon: Multilingual Matters, 2006. 259p.

LAJOLO, Marisa e ZILBERMANN, Regina. *Literatura infantil brasileira: história e histórias*. São Paulo: Ática 1985.190 p.

LEFEVERE, Andre. *Translation, rewriting and the manipulation of literary fame*. London: Routledge 1992. 176 p.

LISPECTOR, Clarice. *A Hora da Estrela*. 5ed., Rio de Janeiro: J.Olympio 1979. 104 p.

LISPECTOR, Clarice. *The hour of the star*. Tradução Giovanni Pontiero, New York: New Directions Pub. Corp., 1992 . 96p.

LISPECTOR, Clarice. *L'ora della stella*. Tradução Adelina Aletti, Giacomo Feltrinelli: Editore Milano, 1989. 95 p.

MARKSTEIN, Elisabeth. *Realia*, 288-291 / In: SNELL-HORNBY, Mary et al (Hrsg.). *Handbuch Translation*. Tübingen: Stauffenburg Verlag, 1998. 434p.

MEIRELES, Cecília. *Problemas da Literatura Infantil* (1951). São Paulo: Summus, 1979. 117 p.

MUNDAY, Jeremy. *Introducing translation studies : theories and applications*. London; New York: Routledge, 2001. 222 p.

NIDA, Eugene A. *Toward a science of translating*. Leiden: E.J. Brill, 1964. 331 p.

NORD, Christiane. *Alice im Niemandsland. Die Bedeutung von Kultursignalen für die Rezeption literarischer Übersetzungen*, in Traducere Navem, 1993. 395-414.

NORD, Christiane. *Translating as a Purposeful Activity – Functionalist Approaches Explained*, Manchester: St.Jerome Publishing, 1997. 153p.

O'SULLIVAN, Emer. *Does Pinocchio have an Italian Passport? What is Specifically National and what is International about Classics of Children's Literature* (1992), 146-162 / In: LATHEY, Gillian (ed.) – *The Translation of Children's Literature - A Reader*. Clevedon: Multilingual Matters, 2006. 259p.

OITTINEN, Rita *No innocent Act: On the Ethics of Translating for Children* 35-45 /, In: COILLIE, Jan Van e VERSCHUEREN, Walter P. (ed.). *Children's Literature in Translation*. Manchester, St.Jerome Publishing, 2006.190p.

REISS, Katharina. *Zur Übersetzung von Kinder- und Jugendbüchern..* In: *Lebende Sprachen: Zeitschrift für fremde Sprachen in Wissenschaft und Praxis*, I. Würzburg, 1982. 07-13.

REISS, Katharina; VERMEER, Hans J. *Grundlegung einer allgemeinen translationstheorie*. Linguistische Arbeiten ; v. 147, Tübingen, Niemeyer: 1991. 248 p.

RODRIGUES, Cristina C. *Tradução e diferença*. São Paulo: Unesp, 1999. 241p.

ROWLING, Joanne K. *Harry Potter and the sorcerer's stone* (1997). New York: Scholastic, 1999. 309 p.

ROWLING, Joanne K. *Harry Potter e a pedra filosofal*. Tradução Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. 263 p.

ROWLING, Joanne K. *Harry Potter and the chamber of secrets* (1999). New York: Scholastic, 2000. 341 p.

ROWLING, Joanne K. *Harry Potter e a câmara secreta*. Tradução Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. 287 p.

ROWLING, Joanne K. *Harry Potter e a Ordem da Fênix*. Tradução Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2003. 702 p.

ROWLING, Joanne K. *Harry Potter and the Half-Blood Prince*. Vancouver: Raincoast Books, 2005. 607 p.

ROWLING, Joanne K. *Harry Potter e o enigma do Príncipe*. Tradução Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2005. 510 p.

STEINMEYER, Martha; BEURENMEISTER, Corina: *Pimpinella in der Hexenschule*. Freiburg: OZ -Velber-Verlag, 2001. 46 p.

STOLT, Birgit. *How Emil becomes Michel: On the Translation of Children's Books* (1978), 67-83 / In: LATHEY, Gillian (ed.) – *The Translation of Children's Literature - A Reader*. Clevedon: Multilingual Matters, 2006. 259p.

TWAIN, Marc. *Prinz und Bettelknabe*. Tradução Käthe Recheis. München: Deutscher Taschenbuch Verlag, 2002. 215 p.

TWAIN, Marc. *O príncipe e o mendigo*. Tradução Maria Helena Grembecki. São Paulo: Editora Ática, 1998. 215 p.

VENUTI, Lawrence. *Escândalos da tradução*. Tradução Laureano Pelegrin, Lucinéia M. Villela, Marileide D. Esquerda, Valéria Biondo. Bauru: EDUSC, 2002. 394 p.

VENUTI, Lawrence. *The Translator's Invisibility: A history of translation*. London; New York : Routledge, 1995. 353 p.

OBRAS DE REFERÊNCIA

BAKER, Mona, *Routledge encyclopedia of translation studies*. London; New York: Routledge, 1998. 654 p.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa* / 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. 2128p.

LANGENSCHIEDT: *Grosswörterbuch Deutsch als Fremdsprache: das einsprachige Wörterbuch für alle, die Deutsch lernen*. Berlin; München: Langenscheidt, 2003. 1253p.

MICHAELIS: *Moderno dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998. 2259 p.

MICHAELIS: *Pequeno dicionário Inglês-Português/Português-Inglês*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1989. 792 p.

SHUTTLEWORTH, Mark; COWIE, Moira. *Dictionary of translation studies*. Manchester: St.Jerome, 1997. 233 p.

PÁGINAS ELETRÔNICAS CONSULTADAS

<http://www.redensarten-index.de>

<http://stockholm.paukerin.com>

<http://www1.uol.com.br/babylon>

<http://www.wissen.de>

<http://www.educacional.com.br/dicionarioaurelio/home.asp>

ANEXO

Informações sobre a autora

Kirsten Boie nasceu em 1950 em Hamburg. Estudou inglês e alemão e especializou-se em literatura. Entre 1978 e 1983 trabalhou como professora. Em 1985 lançou seu primeiro livro, *Paule ist ein Glücksgriff*, que foi incluído na lista de honra (Ehrenliste) do prêmio “Österreichischer Staatspreis für Kinder-und Jugendliteratur” e também foi indicado para concorrer ao prêmio “Deutscher Jugendliteraturpreis”.

Com mais de setenta títulos, é reconhecida na Alemanha por sua contribuição à literatura infantil e juvenil.

Kirsten Boie escreve histórias sobre famílias e sobre o cotidiano, em que aborda os medos e também os desejos de jovens e crianças, além de romances fantásticos. Seus livros trazem, em sua maioria, uma boa dose de crítica social.

A autora já foi indicada diversas vezes para prêmios de literatura infantil e juvenil, como “Hans-Christian-Andersen-Preis”, “UNESCO-Kinder und Jugendbuchpreis”, “Deutscher Jugendliteraturpreis”, “Gustav-Heinemann-Friedenspreis”, entre outros.

Entre suas premiações e condecorações estão o “Kalbacher Klapperschlange Literaturpreis”, de 1988, o “Evangelischer Buchpreis”, de 2006 e o mais recente “Sonderpreis des Deutschen Jugendliteraturpreises 2007”, na categoria Conjunto da Obra (Gesamtwerk).

A autora foi considerada pelo júri deste prêmio como “defensora coerente e obstinada de uma literatura própria para crianças e jovens” e como “pioneira incansável e bem-sucedida de uma educação estética e do fomento constante à leitura”⁶⁹.

Ainda como justificativa para a premiação, afirmou-se que “o prêmio especial presta homenagem também à crítica social e à utopia de suas ficções, claras e acessíveis

⁶⁹“Die Jury ehrt Kirsten Boie damit ‘als konsequente und kompromisslose Verfechterin einer eigenen Literatur für Kinder und Jugendliche’ und ‘als rastlose und erfolgreiche Vorkämpferin ästhetischer Erziehung und nachhaltiger Leseförderung’”. Arbeitskreis für Jugendliteratur e.V. (2007), " Die Preisträger des Deutschen Jugendliteraturpreises 2007". Página consultada em 25 de outubro de 2007, <<http://www.jugendliteratur.org/start02.htm>>.

às crianças. O júri vê este prêmio como um reconhecimento à sua contínua reflexão auto-crítica e à discussão sobre questões teóricas e mediação da LIJ.”⁷⁰

Maiores informações sobre a autora podem ser encontradas em sua página eletrônica: <http://www.kirsten-boie.de/>.

Correspondência com a autora

10 de julho de 2006

Liebe Frau Boie⁷¹,

Mein Name ist Cristiana Oliveira und ich arbeite schon seit 16 Jahren als DaF-Lehrerin an der Visconde de Porto Seguro Schule in São Paulo.

2005 habe ich Sie während des Seminars "Kinder -und Jugendliteratur" hier in Brasilien kennen gelernt.

Damals haben Sie Auszüge aus einigen Büchern vorgelesen und ich habe mich besonders in ein Buch verliebt: *Der Prinz und der Bottelknabe*.

Der Grund dafür war meine Bewunderung für Twains Geschichte und natürlich auch Ihre Fähigkeit eine so interessante und anregende Version zu schreiben.

Ich war so begeistert davon, dass ich mir schon am nächsten Tag das Buch gekauft habe.

Mir haben die Jugendsprache und die ironischen Kommentare besonders gut gefallen. Während der Lektüre hatte ich den Eindruck, dass ich die Stimme meiner Schüler hörte. Neben meiner Arbeit als Lehrerin beschäftige ich mich sehr gern mit Literatur und vor einem Jahr habe ich mit einem Magisterstudium "Literarisches Übersetzen" an der Universidade de São Paulo angefangen.

Da ich mich auf Kinder und Jugendliteratur spezialisieren möchte und für mein Studium einen ganzen Roman übersetzen muss, habe ich mich also für *Der Prinz und der Bottelknabe* entschieden.

Es ist eine anspruchsvolle Arbeit, denn ich bemühe mich sehr Ihren Stil zu bewahren.

Es ist sehr interessant passende Wörter und Ausdrücke auf Portugiesisch zu suchen, die sich Ihrer kreativen Sprache anpassen. Das Übersetzen macht mir großen Spaß und ich hoffe, dass ich Ihnen in der Zukunft ein positives Ergebnis dieser Arbeit zeigen kann.

Vielen Dank für Ihre Aufmerksamkeit!

Herzliche Grüße, Cristiana Busatto Beréa de Oliveira

⁷⁰ “Der Sonderpreis ehrt ebenfalls die hellsichtige, für Kinder zugängliche Gesellschaftskritik und -utopie ihrer Fiktionen. Die Jury versteht den Preis auch als Anerkennung von Kirsten Boies fortwährender selbstkritischer Reflexion und Auseinandersetzung mit theoretischen Fragen der Kinder- und Jugendliteratur und ihrer Vermittlung.” Arbeitskreis für Jugendliteratur e.V. (2007), " Die Preisträger des Deutschen Jugendliteraturpreises 2007". Página consultada em 25 de outubro de 2007, <<http://www.jugendliteratur.org/start02.htm>>.

⁷¹ A tradução da Correspondência com a Autora pode ser conferida a partir da página 10 deste documento.

30 de agosto de 2006

Liebe Cristiana Oliveira,

über Ihren Brief habe ich mich sehr gefreut; dass Sie ausgerechnet meinen Roman für Ihr Studium ausgewählt haben, empfinde ich als echtes Kompliment!
 Ich drücke Ihnen also sehr fest die Daumen, dass alles gut geht; und vielleicht lässt sich später ja mit Hilfe Ihrer Übersetzung sogar ein brasilianischer Verlag für das Buch finden? Ich habe die Information jedenfalls der für diese Fragen in meinem Verlag zuständigen Dame geschickt; vielleicht melden Sie sich ja, wenn Sie mit Ihrer Übersetzung fertig sind, und wir können gemeinsam gucken, was sich damit machen lässt. Aber zunächst mal ist es natürlich am wichtigsten, dass Sie das Magisterstudium mit Erfolg abschließen! Dafür wünsche ich viel Erfolg.
 Ich denke immer noch gerne an die Tage in Brasilien zurück. Ganz sicher war das eine meiner schönsten Lesereisen!

Sehr herzliche Grüße aus Hamburg und alles Gute,
 Kirsten Boie

03 de setembro de 2006

Liebe Frau Boie,

Vielen Dank für Ihre E-Mail!
 Ich habe mich darüber sehr gefreut.
 Mein Studienberater war auch sehr zufrieden, dass ich mit Ihnen Kontakt aufgenommen habe.
 Von Ihrem Vorschlag, die Übersetzung hier in Brasilien zu veröffentlichen, war ich natürlich sehr begeistert. Das wäre ein Traum!

Ich bleibe in Kontakt!
 Sehr herzliche Grüße, Cristiana Oliveira

13 de novembro de 2006

Liebe Frau Boie,

Wie geht es Ihnen?
 Im Moment erlebe ich in der Schule die Hektik der letzten drei Wochen vor den Sommerferien. In dieser Phase sind die Schüler besonders unruhig und aktiv und das verlangt viel Energie! Aber das gehört sowieso zum Lehreralltag, nicht wahr?
 Ich wollte Ihnen erzählen, dass ich vom Goethe Institut ein Stipendium zur Teilnahme an einem Fortbildungsseminar erhalten habe. Ich werde also drei Wochen im Januar/2007 in München verbringen. Ich freue mich wahnsinnig darauf, denn ich werde

die Gelegenheit haben, über verschiedene Unterrichtsprojekte zu diskutieren und meine Deutschlandkenntnisse zu erweitern.

Ich habe vorgestern das Seminarprogramm bekommen und habe gesehen, dass wir das zweite Wochenende zur freien Verfügung haben. Da ich Hamburg nicht kenne, habe ich mir gedacht, dass es vielleicht interessant wäre die Stadt zu besuchen. Ich denke, dass es sehr bereichend für die Übersetzung wäre, die Stadt, wo sich die Geschichte entwickelt, kennenzulernen. Es gibt einige Passagen, wie zum Beispiel die mit dem Elbtunnel, wo mir diese Kenntnis fehlt.

Wenn diese Pläne sich verwirklichen, werde ich also am 19.01, am Abend, ankommen. Wenn es Ihnen recht ist, würde ich Sie sehr gerne zu einem Kaffee oder vielleicht zu einem Mittagessen einladen. Ich könnte dann Ihnen ein bisschen von den Fortschritten und auch von den Schwierigkeiten der Übersetzung erzählen. Ich würde auch sehr gern Ihre Meinung und Vorschläge hören.

Wenn Sie aber in dieser Zeit beschäftigt sind, kann ich es natürlich verstehen.

Ich wünsche Ihnen alles Gute!
Herzliche Grüße, Cristiana Oliveira

15 de novembro de 2006

Liebe Frau Oliveira,

das ist ja eine wunderbare Chance! Hoffentlich ist das deutsche Wetter im Januar nicht allzu schrecklich...

Ja, Hamburg ist, glaube ich, in jedem Fall eine gute Entscheidung: Ich finde, es ist eine wunderschöne Stadt! Bitte melden Sie sich doch noch von München aus, bevor sie ankommen, bei mir (Telefon - top secret! - xxxxxxxx). Oft habe ich gerade am Wochenende Termine, aber im Augenblick glaube ich, dass ich zumindest am 19.1., eventuell auch am Wochenende selbst, Zeit für ein Treffen hätte.

Herzliche Grüße, Kirsten Boie

10 de janeiro de 2007

Liebe Frau Oliveira,

schön, von Ihnen zu hören! Auch wenn Sie sich über das milde Wetter freuen: Wir wünschen uns eigentlich alle langsam mal ein bisschen Schnee!

Genau an "Ihrem" Wochenende werde ich in Heidelberg einen schönen Kinderbuchpreis für

mein Buch "Der kleine Ritter Trenk" bekommen - den Heidelberger Leander; darum werde ich spätestens am Samstagmorgen nach Heidelberg abreisen, vermutlich aber schon am Freitag Abend, da die Fahrt sieben Stunden dauert. (Das wird alles über meinen Verlag geregelt, insofern bin ich mir noch nicht sicher.) Wenn ich mich also auch gerne mit Ihnen treffen würde, wird es wohl vermutlich doch nicht klappen können. Aber rufen Sie doch vielleicht so am Donnerstag noch mal an! Bis dahin weiß ich Bescheid, und wenn ich noch hier bin, reicht es sicher für einen kleinen Kaffee. Auf alle Fälle wünsche ich Ihnen noch eine ganz, ganz schöne Zeit in München!

Herzliche Grüße, Ihre Kirsten Boie

12 de janeiro de 2007

Liebe Cristiana,

ich hoffe, es gefällt Ihnen nach wie vor in München - und das Wetter wird irgendwann auch mal so, wie es sein sollte! Die Berge im Schnee sind einfach schön.

Inzwischen weiß ich, dass ich schon am Freitag reisen werde, das wollte ich Ihnen möglichst gleich mitteilen, damit Sie über Ihre Zeit am Freitag Abend dann anders verfügen können. Schade! Ich hätte mich gefreut, Sie zu sehen und auch von Ihnen zu hören, wie es mit Ihrer "Bottelknabe"-Übersetzung läuft.

Nun hoffe ich, dass es hier nicht mehr so fürchterlich stürmt, wenn Sie kommen, zur Zeit ist es wirklich grässlich.

Herzliche Grüße,
Kirsten

30 de abril de 2007

Liebe Frau Boie,
Wie geht´s Ihnen?

Bei mir geht´s alles OK. Viel Arbeit an der Schule und im Studium.

Nun bin ich auf Seite 100 der Übersetzung gekommen. Das bedeutet die Hälfte der Arbeit!

Bei unserem letzten Treffen hat mir mein Studienberater viele Tipps gegeben.

Am wichtigsten fand ich den Tipp über die Unterschiede zwischen den Ausdrucksweisen von Calvin und Kevin. Er meinte, ich sollte mehr auf die Adverbien und Adjektive, die Sie benutzt haben, achten. Natürlich war es mir klar, dass sie ganz verschiedene Sprechweisen haben, aber vielleicht war es mir nicht so bewusst, dass ihre Identitäten sich genau durch die Sprechweisen unterscheiden. Er hat mir einige Passagen gezeigt, wo ich den Sprachreichtum nicht genug ausgenutzt hatte. Im Moment arbeite ich daran.

Ein anderer Aspekt, an dem ich im Moment arbeite, ist das Problem der verschiedenen Namen, die in der Geschichte vorkommen. Zum Beispiel Namen der Figuren, Namen von Geschäften, Schauspielern, Magazinen usw.

Es gibt Situationen, wo der brasilianische Leser diese Namen nicht erkennen würde und das könnte die Lesbarkeit oder die Verständlichkeit in Gefahr bringen.

Damit Sie verstehen, was ich meine, werde ich drei Beispiele nennen.

Auf Seite 21 haben wir die Passage:

“Sie hat eine Figur, an der *Hennes und Mauritz* aussieht wie *Marc Cain* oder *Max Mara*...”

Oder auf Seite 63:

“Ich schnürte seine ALDI-Turnschuhe zu.”

In Brasilien sind diese Marken/Geschäfte überhaupt nicht bekannt und wenn ich diese Namen behalte, werden die Witze verloren gehen. (Was wirklich schade wäre!)

Auf der anderen Seite kann ich sie nicht einfach durch brasilianische Geschäfte ersetzen, denn dann würde ich die Lokalisation der Geschichte (Hamburg, Deutschland) nicht respektieren.

Die Lösung, an die ich gedacht habe, ist diese Namen durch andere zu ersetzen, die sowohl in Brasilien als auch in Deutschland bekannt sind.

Für das erste Beispiel habe ich Geschäfte gesucht, die den Kontrast zwischen billigen und teuren Geschäften, wie im Original, vertreten würden. Meine Idee ist "*Hennes und Mauritz*" durch "*C&A*" und "*Marc Cain* oder *Max Mara*" durch "*Armani* oder *Chanel*" zu übersetzen. Bei dem zweiten Beispiel war es ein bisschen schwieriger. Die einzige Discountkette (wie ALDI) die wir hier in Brasilien haben und, die vielleicht auch in Deutschland bekannt ist, ist "Wal Mart".

Wie wäre es mit: "Ich schnürte seine Wal-Mart-Turnschuhe zu."⁷²

Das dritte Beispiel ist auf auf Seite 20:

"Natürlich hatten einige sofort die Hoffnung, dass sie durch Sabrinas Vermittlung... Thomas Gottschalk und Richard Gere Hand und Mund würden reichen dürfen."

Thomas Gottschalk ist nicht in Brasilien bekannt, Richard Gere schon.

Die Idee hier wäre Thomas Gottschalk durch Brad Pitt zu ersetzen.

Ich würde sehr gern Ihre Meinung zu diesen Veränderungen hören.

Es gibt viele andere Passagen, wo das vorkommt.

Paralel zur Übersetzung, habe ich auch schon angefangen, den Entwurf der Dissertation zu schreiben.

Ein Kapitel davon wird natürlich von dem Aussuchen des Buches handeln und ich werde ein bisschen über das Thema Adaptation und das Neuschreiben von Klassikern schreiben.

Zu diesem Punkt würde ich sehr gern wissen, warum Sie genau diesen Klassiker ausgewählt haben.

Was waren Ihre Gründe die Geschichte von Twain neuzuschreiben? Könnten Sie mir ein bisschen davon erzählen?

Und wie war die Rezeption des Buches unter den Jugendlichen?

Ich bedanke mich nochmal ganz herzlich für Ihre Aufmerksamkeit!

Viele liebe Grüsse,

Cristiana

09 de maio de 2007

Liebe Cristiana,

ja, die unterschiedlichen Sprachstile der beiden Jungen sind ein wirkliches Problem für jede Übersetzung! Das stelle ich mir auch sehr, sehr schwierig vor!

⁷² Foi encontrada, posteriormente, uma solução alternativa para este problema. cf. p.67.

Aber für die anderen Fragen haben Sie ja schon selbst die optimalen Lösungen gefunden! Jede Ihrer Ideen finde ich sehr gut. Damit erreichen Sie ja wirklich, dass Hamburg als Schauplatz erhalten bleiben kann und dass trotzdem für brasilianische Leser deutlich wird, worum es geht.

Für die Geschichte habe ich mich entschieden, weil ich gerne ein Jugendbuch schreiben wollte, in dem es um die sozialen Gegensätze gehen sollte, die es ja auch bei uns in Deutschland gibt - wenn auch sicher nicht so krass wie in Brasilien. Es sollte aber kein schweres, düsteres Buch sein, sondern möglichst leicht und vergnüglich, damit es Jugendlichen Spaß macht - und da ist mir bei diesem Thema zunächst nichts eingefallen. Dann lief eines Tages im Fernsehen eine alte Verfilmung von Twains Prinz und Bettelknabe, und ich wusste sofort, dass das die Möglichkeit bieten würde, beide Milieus darzustellen und trotzdem eine unterhaltsame Geschichte zu erzählen. Ich habe mir dann auch den Roman noch einmal besorgt, und danach stand es fest. - Was die Popularität bei Jugendlichen betrifft, kann ich nichts Genaues sagen; aber da das Buch jetzt seit fast zehn Jahren auf dem Markt ist (was für ein Jugendbuch bei uns ungewöhnlich lange ist) und außerdem ein Filmoptionsvertrag unterzeichnet ist, deutet das ja auf eine gewisse Beliebtheit hin - wenn auch, natürlich, auf nichts, was in die Nähe von Harry Potter käme!

Ich wünsche Ihnen weiter viel Spaß, gute Nerven und dass sie trotz der vielen Arbeit manchmal ein Bisschen Freizeit genießen können!

Sehr herzliche Grüße,
Kirsten Boie
24 de outubro de 2007

Liebe Frau Boie,
Ich habe gerade von Ihrem Sonderpreis erfahren!
Meine Bewunderung für Sie, die schon sehr groß war, ist jetzt noch größer!

Sie sind wirklich eine Meisterin!
Ich bin sehr stolz, dass ich ausgerechnet Ihr Buch für mein Studium ausgewählt habe!

Herzlichen Glückwunsch!
Viele liebe Grüße, Cristiana

28 de outubro de 2007

Liebe Cristiana,

vielen Dank für Ihre Glückwünsche! Ich habe mich über den Preis auch sehr gefreut.
(Und war sehr überrascht!!!)

Ich hoffe, mit Ihrer Arbeit läuft alles gut? Sie lassen mich doch wissen, wenn alle Prüfungen überstanden sind?

Herzliche Grüße aus dem wirklich sehr, sehr herbstlichen Hamburg,
Kirsten Boie

31 de outubro de 2007

Liebe Frau Boie, hallo!

Ja, mit meiner Arbeit läuft alles gut.

In den nächsten Wochen werde ich meinen Qualifikationsbericht abgeben und im März, die Qualifikationsprüfung ablegen.

Leider musste ich, um den Bericht zu schreiben, eine Pause bei der Übersetzung machen, aber ich werde sie bald wieder in die Hand nehmen.

Zu dem Bericht kann ich sagen, dass zwei wichtige Aspekte behandelt wurden, auf denen sich die Übersetzungsarbeit gestützt wird: die Erhaltung der Lokalisierung der Geschichte und die Lesbarkeit.

Das heißt, ich habe alle mögliche Zeichen der deutschen Kultur (sowie Namen der Figuren, Namen von Geschäften, Marken, Orte, Fernsehprogramme usw.) erhalten. Nur wenn diese fremden Zeichen die Lesbarkeit (das Verstehen einer Ironie oder einer Passage) in Gefahr bringen, habe ich Adaptationen gemacht.

Über diese Adaptationen habe ich Ihnen einmal schon geschrieben. Ich habe damals Beispiele genannt, so wie mit den "ALDI-Turnschuhen" oder mit den Geschäften "H&M, Marc Cain oder Max Mara". Es gibt viele andere, so viele, dass ich mich entschieden habe, diesen Aspekt als Hauptproblem der Arbeit zu behandeln.

Neulich habe ich eine Lösung gefunden für das schwierigste Problem: der Nachname Bottel und der Titel der Geschichte.

Dieses Wortspiel mit den Wörtern "Bettelknabe" und "Bottel+Knabe" kann man auf Portugiesisch überhaupt nicht übersetzen, weil wir kein Wort haben, das "Knabe" bedeutet und gleichzeitig ähnlich wie "Bettelknabe" ist.

Ich wollte aber dieses Merkmal nicht einfach ignorieren, weil die Nachnamen der zwei Hauptfiguren eine wichtige Rolle spielen. Wenn der Leser den Namen "Bottel" mit dem Wort "Bettelknabe" verknüpft, dann stellt dieser Name Kevins Armut dar. (So wie "Prinz", Calvins Reichtum.)

Nach einer langen Suche und viel Überlegen, habe ich aufgegeben mit dem Wort "Bettelknabe" zu arbeiten und habe angefangen andere Begriffe zu suchen. Hier in Brasilien ist die Geschichte von Twain sowohl als "Der Prinz und der Bettelknabe" als auch als "Der Prinz und der Plebejer" bekannt. Auf Portugiesisch: O príncipe e o plebeu.

Da die Wörter "Plebejer" und "plebeu" ähnlich sind, habe ich gedacht, dass ich vielleicht damit arbeiten könnte. Zuerst habe ich zusammenhängende Wörter gesucht und habe das Wort "Plebs" gefunden.

Im Internet habe ich dann eine Recherche nach deutschen Nachnamen gemacht und habe herausgefunden, dass es vier Personen in Deutschland gibt, die den Nachnamen Plebs haben.

Mein Vorschlag wäre dann Kevin diesen Nachnamen zu geben, damit die brasilianischen Leser ihn mit dem Wort "plebeu" verknüpfen können. Diese Adaptation würde die Lesbarkeit des Wortspiels vom Original ermöglichen und die Lokalisierung respektieren, da es ein deutscher Nachname ist.

Bei Calvin würde ich nichts ändern, denn das Wort "Prinz" ist sehr ähnlich wie unser Wort "príncipe".

Was der Titel angeht, möchte ich (wenn ich diese Änderung wirklich mache) die Option "O príncipe e o plebeu" nehmen. Ich weiß aber noch nicht genau, was ich mit dem Untertitel "Oder erzähl mir vom Dow Jones" machen werde.

Ich weiß nicht, ob die Veränderung bei Kevins Namen Ihnen sehr komisch oder sogar unangenehm klingt. Ich würde Ihre Meinung sehr gern hören und wenn Sie dagegen sind, werde ich nach anderen Lösungen weitersuchen.

Was ich noch sagen möchte ist, dass die Übersetzungsarbeit, nach wie vor, mir viel Spaß macht und eine große Herausforderung ist.

Herzliche Grüße aus dem wirklich sehr, sehr sommerlichen São Paulo (obwohl es noch Frühling ist!).

Cristiana

07 de novembro de 2007

Liebe Cristiana,

gerade aus England zurück, habe ich über Ihre Mail gegrübelt! Tatsächlich sind, was Sie beschreiben, ja immer die zentralen Probleme bei jeder Übersetzung. Die Idee, mit der Namensuche beim brasilianischen Titel anzusetzen, finde ich genial. Allerdings klingt das Wort Plebs auf Deutsch wirklich ganz, ganz, ganz abwertend und auch unsympathisch. Vielleicht können Sie ihn Plebeus nennen, es gibt auf Deutsch ja viele Namen auf -us, und wenn es speziell diesen Namen nicht gibt: Es könnte ihn problemlos geben, und er enthält dieselben Assoziationen, ohne so unangenehm zu sein. (Aber ein brasilianischer Leser wüsste ja natürlich ohnehin nicht, was ein deutscher Leser bei dem wort Plebs empfindet, seine Assoziationen sind ja ganz andere.)

Herzliche Grüße,
ich wünsche alles Gute für die stressige Endphase!

Ihre Kirsten Boie

11 de novembro de 2007

Liebe Frau Boie,

vielen Dank für Ihre Antwort und auch für den Vorschlag!

Am Dienstag habe ich ein Treffen mit meinem Studienberater und wir werden sicher darüber sprechen.

Vielen Dank noch einmal für Ihre Aufmerksamkeit! Das ist wirklich sehr nett von Ihnen!

Ich bleibe in Kontakt.

Herzliche Grüsse, Cristiana

Tradução da correspondência com a autora

10 de julho de 2006

Cara Sra. Boie,

Meu nome é Cristiana Oliveira e trabalho já há 16 anos como professora de alemão no Colégio Visconde de Porto Seguro em São Paulo.

Tive a oportunidade de conhecê-la, em 2005, durante o Seminário "Kinder -und Jugendliteratur" ("Literatura Infantil e Juvenil") aqui no Brasil.

Nesta ocasião a senhora fez a leitura de trechos de alguns de seus livros e eu me apaixonei especialmente por um deles: *Der Prinz und der Bottelknabe*.

Isso se deu devido à minha admiração pela história de Twain e também, é claro, devido à sua capacidade de escrever uma versão tão interessante e emocionante.

Fiquei tão animada com a história, que comprei o livro logo no dia seguinte.

Agradaram-me, em especial, a linguagem jovem e os comentários irônicos. Durante a leitura, tinha a sensação de estar ouvindo a voz de meus alunos.

Paralelamente ao trabalho como professora, gosto de me ocupar com literatura e, há um ano, iniciei um Mestrado sobre Tradução Literária na Universidade de São Paulo.

Como gostaria de me especializar em Literatura Infantil e Juvenil e tenho, como parte do Mestrado, que traduzir um romance inteiro, decidi-me por *Der Prinz und der Bottelknabe*.

O trabalho com a tradução tem exigido bastante de mim, uma vez que tenho me esforçado em preservar seu estilo. É muito interessante buscar palavras e expressões em português, que se adequem à sua linguagem criativa. Tem sido um grande prazer trabalhar com esta tradução e eu espero que, no futuro, possa lhe apresentar um resultado positivo deste trabalho.

Muito obrigada por sua atenção!

Cordialmente,

Cristiana Busatto Beréa de Oliveira

30 de agosto de 2006

Cara Cristiana Oliveira,

fiquei muito alegre com sua carta; sinto-me lisonjeada por você ter escolhido justamente o meu romance para seu Mestrado!

Ficarei torcendo para que dê tudo certo; e talvez, mais tarde, possamos achar, com a ajuda da sua tradução, uma editora brasileira para o livro? De qualquer modo eu já enviei estas informações para a pessoa responsável por estas questões na minha editora. Informe-nos, quando a senhora estiver pronta com a tradução, e então podemos ver

juntas o que se pode fazer. Mas, por enquanto, o mais importante é que a senhora termine seu Mestrado com sucesso! Desejo muito sucesso!
Lembro-me, com prazer, dos dias no Brasil. Com certeza foi uma de minhas melhores “viagens de leitura”!

Abraços de Hamburgo e tudo de bom, Kirsten Boie
03 de setembro de 2006

Cara Sra. Boie,

Muito obrigada por seu e-mail! Fiquei muito contente com ele.
Meu orientador também ficou muito satisfeito por eu ter feito contato com a senhora.
É claro que fiquei entusiasmada com a sugestão de publicarmos o livro no Brasil. Seria um sonho!

Permanecerei em contato!
Abraços,
Cristiana Oliveira

13 de novembro de 2006

Cara Sra. Boie,

Como vai?

No momento estou vivendo na escola a agitação dos últimos dias antes da férias de verão. Nessa fase, os alunos ficam especialmente inquietos e ativos, o que exige muita energia! Mas isso faz parte do dia-a-dia de um professor, não é mesmo?

Escrevi para lhe contar que ganhei uma bolsa do Instituto Goethe para participar de um curso de aperfeiçoamento. Sendo assim, passarei três semanas em janeiro de 2007 em Munique. Fiquei muito contente, pois terei a possibilidade de discutir sobre diferentes projetos pedagógicos e ampliar meus conhecimentos sobre a Alemanha.

Recebi anteontem a programação do curso e vi que terei o segundo fim de semana à minha disposição. Como não conheço Hamburgo, pensei que seria interessante visitar a cidade, pois acredito que seria bastante enriquecedor para o trabalho de tradução. Há algumas passagens, como, por exemplo, aquela com o túnel do Elba, em que sinto falta deste conhecimento.

Caso estes planos se concretizem, chegarei no dia 19 de janeiro à noite.

Se for conveniente para a senhora, gostaria de convidá-la para um café ou talvez para um almoço. Eu poderia, então, contar um pouco sobre os progressos e também sobre as dificuldades da tradução. Gostaria muito de ouvir sua opinião e suas sugestões.

Compreenderei, naturalmente, caso a senhora esteja ocupada nesta época.

Desejo-lhe tudo de bom!
Abraços,
Cristiana Oliveira

15 de novembro de 2006

Cara Sra. Oliveira,
é mesmo uma oportunidade maravilhosa! Espero que o tempo em janeiro não esteja horrível demais na Alemanha...
Sim, acredito que Hamburgo seja uma boa escolha: Eu acho que é uma cidade lindíssima! Por favor, ligue para minha casa antes de sair de Munique (telefone - top secret! - xxxxxxxx). Frequentemente tenho compromissos nos fins de semana, mas no momento acredito que eu teria, pelo menos no dia 19/01, ou eventualmente mesmo no fim de semana, tempo para um encontro.
Abraços, Kirsten Boie

10 de janeiro de 2007

Cara Sra. Oliveira,
que bom receber notícias suas! Mesmo que a senhora esteja alegre com o clima ameno: todos nós desejamos que finalmente neve um pouquinho!

Exatamente no “seu” fim de semana, receberei, em Heidelberg, um belo prêmio de Literatura Infantil pelo meu livro "Der kleine Ritter Trenk" – o prêmio Heidelberger Leander; por isso partirei, o mais tardar, na manhã de sábado para Heidelberg, ou talvez já na sexta à noite, pois a viagem dura sete horas. (Isso tudo é organizado pela minha editora, sendo assim, ainda não tenho certeza.) Portanto, por mais que eu queira muito me encontrar com a senhora, talvez acabe não dando certo. Mas ligue-me, mesmo assim, na quinta-feira! Até lá saberei ao certo e caso eu ainda esteja aqui, teremos tempo com certeza para um café.

De qualquer modo, desejo-lhe ainda uma estadia muito, muito boa em Munique!
Abraços,
Sua Kirsten Boie

12 de janeiro de 2007

Cara Cristiana,

espero que a senhora continue gostando de Munique – e, em algum momento, o tempo vai ficar como deveria! As montanhas com neve são simplesmente lindas.
Nesse meio tempo fiquei sabendo que viajarei já na sexta, e eu gostaria de avisá-la sobre isso o mais rápido possível, para que a senhora pudesse organizar seu tempo na sexta-feira à noite. Que pena! Eu gostaria muito de vê-la e também de ouvir como anda a sua tradução do "Bottelknabe".

Espero que já não esteja chovendo tanto aqui, quando a senhora chegar. No momento o tempo está horrível.

Abraços,
Sua Kirsten Boie

30 de abril de 2007

Cara Sra. Boie,

Como vai?

Por aqui, tudo OK. Muito trabalho na escola e no Mestrado.

Cheguei à página 100 da tradução, o que significa metade do trabalho!

Em nosso último encontro, meu orientador deu-me várias dicas. Entre elas, a que achei mais importante estava relacionada às diferenças entre a linguagem de Calvin e a de Kevin. Na opinião dele, eu deveria observar melhor os advérbios e adjetivos utilizados no original.

Que os personagens se expressavam de formas totalmente diferentes, estava claro para mim, mas talvez eu não estivesse tão consciente de que era exatamente através da linguagem, que se diferenciavam suas identidades. Ele me mostrou algumas passagens, em que a riqueza da linguagem não estava sendo suficientemente explorada por mim. Estou trabalhando nisso no momento.

Um outro aspecto, com o qual estou trabalhando, é a questão dos nomes que aparecem na história, por exemplo, nomes de personagens, lojas, atores, revistas, etc.

Há situações, em que o leitor brasileiro não reconheceria estes nomes, o que poderia colocar a compreensão e conseqüente legibilidade da obra em risco.

Para que a senhora entenda o que quero dizer, apresentarei três exemplos.

Na página 21 temos a passagem:

“Sie hat eine Figur, an der *Hennes und Mauritz* aussieht wie *Marc Cain* oder *Max Mara*...” (“Ela tem um corpo que faz *Hennes und Mauritz* parecer *Marc Cain* ou *Max Mara*...”)

Ou então, na página 63:

“Ich schnürte seine ALDI-Turnschuhe zu.” (“Amarrei o cadarço dos tênis da ALDI dele.”)

Estas marcas/lojas não são conhecidas no Brasil e caso eu mantenha estes nomes, as piadas presentes nos trechos ficarão perdidas. (O que seria realmente uma pena!)

Por outro lado, não posso simplesmente substituí-los por nomes de marcas ou lojas brasileiras, pois, nesse caso, eu não estaria respeitando a localização da história (Hamburgo, Alemanha).

A solução, na qual pensei, seria substituir estes nomes por outros que fossem conhecidos tanto na Alemanha como no Brasil.

Para o primeiro exemplo procurei lojas que representassem o contraste entre caro e barato, como faz o original. Minha idéia é substituir “*Hennes und Mauritz*” por “*C&A*” e “*Marc Cain* oder *Max Mara*” por “*Armani* oder *Chanel*”. O segundo exemplo foi um pouco mais difícil. A única cadeia de lojas de descontos (como a ALDI) que temos no Brasil e que talvez também seja conhecida na Alemanha é a “Wal Mart”. Que tal: “Ich

schnürte seine Wal-Mart-Turnschuhe zu.”? (“Amarrei o cadarço dos tênis do Wal-Mart dele.”)⁷³

O terceiro exemplo está na página 20:

“Natürlich hatten einige sofort die Hoffnung, dass sie durch Sabrinas Vermittlung... Thomas Gottschalk und Richard Gere Hand und Mund würden reichen dürfen.” / (“É claro que agora algumas tinham a esperança de entrar, com a ajuda de Sabrina, para o *showbiz* internacional e quem sabe oferecer a mão e a boca para Thomas Gottschalk ou Richard Gere.”)

Thomas Gottschalk não é conhecido no Brasil, Richard Gere, por sua vez, sim.

A idéia aqui seria substituir Thomas Gottschalk por Brad Pitt.

Gostraria muito de ouvir sua opinião acerca destas alterações, pois há inúmeras outras passagens, onde isso ocorre.

Paralelamente à tradução comecei também a escrever o esboço de minha Dissertação, que terá naturalmente um capítulo reservado à escolha do livro, em que tratarei do tema da adaptação e reescritura de clássicos.

Para tanto gostaria de saber, por que a senhora escolheu exatamente este clássico? Qual foi sua motivação para a reescritura da história de Twain? A senhora poderia contar um pouco sobre esse processo?

E como foi a recepção do livro junto aos jovens?

Agradeço mais uma vez por toda a sua atenção!

Abraços,

Cristiana

09 de maio de 2007

Cara Cristiana,

sim, a linguagem diferente dos dois garotos é realmente um problema para qualquer tradução! Imagino que seja algo muito, muito difícil!

Mas para as outras questões, a senhora mesma já encontrou ótimas soluções! Achei todas as suas idéias muito boas. Com elas, Hamburgo é preservada como cenário da história e a compreensão do leitor brasileiro é mantida.

Eu me decidi por esta história, porque eu queria escrever um livro juvenil que tratasse de contrastes sociais, presentes também aqui na Alemanha - ainda que não tão flagrantes como no Brasil. O livro não deveria, porém, ser difícil nem sombrio, mas sim o mais leve e divertido possível, a fim de que os jovens tivessem prazer na leitura - e, a princípio, não me ocorreu nada que se encaixasse neste tema.

Então, certo dia, estava passando na televisão uma refilmagem antiga de “O Príncipe e o Mendigo” de Twain e eu soube, na mesma hora, que esta seria a maneira de representar os dois ambientes e, ao mesmo tempo, escrever uma história divertida. Comprei então o livro novamente e depois disso me decidi. - Quanto à popularidade do livro junto aos jovens, não posso dizer nada exato; mas como o livro está quase há dez anos no mercado (o que, para um livro juvenil, é mais tempo que o normal por aqui), além de

⁷³ Foi encontrada, posteriormente, uma solução alternativa para este problema. cf. p.67

que há um contrato de opção de filmagem assinado, isso indica uma certa popularidade - apesar de que não chega perto, é claro, do Harry Potter!

Desejo que a senhora continue tendo prazer na tradução, que tenha paciência e que possa, apesar de todo o trabalho, aproveitar um pouquinho o seu tempo livre.

Abraços, Kirsten Boie
24 de outubro de 2007

Cara Sra. Boie,
Acabei de ficar sabendo sobre o prêmio!
Minha admiração, que já era grande, está maior ainda!

A senhora é mesmo uma mestra!
Estou muito orgulhosa por ter escolhido justamente o seu livro para o meu Mestrado!

Parabéns!
Abraços, Cristiana

28 de outubro de 2007

Cara Cristiana,

muito obrigada pelos seus cumprimentos! Também fiquei muito feliz com o prêmio. (E muito surpresa!!!)

Espero que esteja correndo tudo bem com seu trabalho. Avise-me, quando você tiver passado por todas as provas, certo?

Abraços de uma Hamburgo realmente muito, muito outonal,
Kirsten Boie

31 de outubro de 2007

Cara Sra.Boie, olá!

Sim, está correndo tudo bem com meu trabalho.

Devo entregar, nas próximas semanas, meu Relatório de Qualificação e farei o Exame de Qualificação em março. Infelizmente tive que fazer uma pausa na tradução, para conseguir acabar de escrever o relatório, mas pretendo retomá-la em breve.

Quanto ao relatório, posso dizer foram abordados que dois importantes aspectos, sobre os quais o trabalho de tradução vem se apoiando: a manutenção da ambientação da história e a legibilidade.

Isso significa que mantive, sempre que possível, todas as marcas da cultura alemã (como nomes de personagens, de lojas, marcas, locais, programas de televisão, etc.) . Somente quando essas marcas estrangeiras traziam risco à legibilidade (à compreensão de uma ironia ou de uma passagem), é que efetuei adaptações.

Já lhe escrevi, uma vez, sobre estas adaptações. Na época, mencionei exemplos como os dos “tênis da ALDI” ou como os das lojas “H&M, Marc Cain oder Max Mara”. Há muitos outros, tantos, que decidi tratar este aspecto como a questão central do trabalho. Recentemente encontrei uma solução para questão mais complicada: o sobrenome Bottel e o título da história.

É impossível traduzir para o português este jogo entre as palavras “Bettelknabe” (mendigo) e “Bottel+Knabe”(rapaz+Bottel) , porque não temos uma palavra que signifique “rapaz” e se encaixe, ao mesmo tempo, na palavra “mendigo”.

Mas eu não gostaria de ignorar esta questão, porque os sobrenomes dos dois personagens principais desempenham um importante papel na história. Quando o leitor liga o nome “Bottel” com a palavra “Bettelknabe”, ele percebe que o nome de Kevin representa a sua pobreza.(Assim como “Prinz”, a riqueza de Calvin)

Depois de muito procurar e refletir, desisti de trabalhar com a palavra “mendigo” e comecei a buscar outros conceitos similares. Aqui no Brasil, a história de Twain é conhecida tanto como “O Príncipe e o Mendigo”(“Der Prinz und der Bettelknabe”), quanto como “O Príncipe e o Plebeu” (“Der Prinz und der Plebejer”)

Como as palavras “Plebejer” e “plebeu” são parecidas, pensei que talvez pudesse trabalhar com elas. Inicialmente procurei palavras correlatas e encontrei “Plebs” (plebe). Fiz uma pesquisa sobre sobrenomes alemães na Internet e descobri que existem quatro pessoas com o sobrenome Plebs na Alemanha.

Sugiro dar a Kevin este sobrenome, a fim de que o leitor brasileiro o conecte com a palavra “plebeu”. Esta adaptação possibilitaria a compreensão do jogo de palavras do original e respeitaria a ambientação, uma vez que se trata de um sobrenome alemão. No caso de Calvin eu não faria nenhuma alteração, pois a palavra “Prinz” é bastante parecida com a nossa palavra “príncipe”.

Em relação ao título, optaria então (caso a alteração sugerida fosse realmente efetuada) por “O príncipe e o plebeu”. Não sei ainda, porém, o que fazer com o subtítulo “Oder erzähl mir vom Dow Jones”.

É possível que a alteração no nome de Kevin seja muito estranha ou, até mesmo, soe de forma desagradável para a senhora. Eu gostaria de saber sua opinião a respeito disso e, caso a senhora não esteja de acordo, continuarei a buscar outras soluções.

Gostaria de dizer que o trabalho com a tradução continua sendo para mim um grande prazer e um grande desafio.

Abrços de uma São Paulo realmente muito muito veranil (apesar de ainda ser primavera!).

Cristiana

07 de novembro de 2007

Cara Cristiana,

Assim que cheguei da Inglaterra, fiquei refletindo sobre seu e-mail! Realmente o que a senhora descreveu caracteriza sempre os problemas centrais de toda tradução. Acho genial a idéia de se buscar um nome para aplicar ao título brasileiro. Contudo a palavra Plebs soa, em alemão, realmente muito, muito, muito depreciativa e antipática. A senhora poderia, talvez, chamá-lo de Plebeus, afinal existem vários nomes em alemão, que terminam em

-us, e caso esse nome em especial não exista: poderia facilmente existir e ele contém as mesmas associações, sem ser tão desagradável. (Mas é claro que um leitor brasileiro não

saberia o que um leitor alemão sente ao ler a palavra Plebs, afinal suas associações são bem diferentes.)

Abraços,
Desejo tudo de bom para a estressante fase final!

Sua Kirsten Boie

11 de novembro de 2007

Cara Sra.Boie,

muito obrigada por sua resposta e também pela sugestão!
Tenho um encontro com meu orientador na próxima terça-feira e falaremos, com certeza, a respeito disso.

Muito obrigada mais uma vez pela sua atenção! É realmente muito gentil da sua parte!

Permanecerei em contato.
Abraços, Cristiana

Pesquisa junto ao público-alvo

Apresentaremos a seguir os resultados obtidos com a pesquisa realizada junto a um potencial público-alvo.

Foram pesquisados 63 adolescentes entre 12 e 14 anos da cidade de São Paulo. Os adolescentes foram orientados a responder as perguntas sem consulta a materiais ou a terceiros.

A ficha de pesquisa utilizada foi elaborada durante o processo de tradução a partir do surgimento de dúvidas em relação a aspectos que poderiam ou não ser adequados ao público-alvo. Algumas questões abordadas no questionário não foram transformadas em gráficos e anexadas a este trabalho, por terem se revelado menos importantes ou desnecessárias à discussão aqui apresentada.

Ficha de pesquisa

Pesquisa de reconhecimento de marcas culturais				
Nome: _____		Idade: _____		Sexo: M <input type="checkbox"/> F <input type="checkbox"/>
1) Leia os nomes abaixo e faça um X ao lado daqueles que soam <u>muito estranho</u> para você:				
Kevin <input type="checkbox"/>	Calvin <input type="checkbox"/>	Nisi <input type="checkbox"/>	Markus <input type="checkbox"/>	Fabian <input type="checkbox"/>
Sabrina <input type="checkbox"/>	Jacqueline <input type="checkbox"/>	Ramon <input type="checkbox"/>	Rudolf <input type="checkbox"/>	Herbert <input type="checkbox"/>
Tatjana <input type="checkbox"/>	Tatiana <input type="checkbox"/>	Gun <input type="checkbox"/>	Gunni <input type="checkbox"/>	Özden <input type="checkbox"/>
Zekriye <input type="checkbox"/>	Sahra <input type="checkbox"/>	Yasmin <input type="checkbox"/>	Margareta <input type="checkbox"/>	Margareth <input type="checkbox"/>
senhora Kramer <input type="checkbox"/>	senhor Schnorrhammer <input type="checkbox"/>		senhora Löwenig <input type="checkbox"/>	
senhora Leonin <input type="checkbox"/>		senhor Rhammer <input type="checkbox"/>		
2) Você conhece os seguintes personagens?				
Smurfs				
<input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não Em caso de resposta afirmativa, escreva como eles são:				

Barba Azul				
<input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não Em caso de resposta afirmativa, escreva como ele é:				

3) Você conhece o Borussia Dortmund?				
<input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não Em caso de resposta afirmativa, escreva o que é:				

4) Você sabe o que são o Elba, o Oder e o Neisse?

sim não Em caso de resposta afirmativa, escreva o que são:

5) Você sabe o que são o DAX, o Nikkei e o Dow Jones?

sim não Em caso de resposta afirmativa, escreva o que são:

6) Você sabe em que país fica Amsterdã? sim não Em caso de resposta afirmativa, escreva onde/
quais países:

7) Você conhece os seguintes atores/apresentadores/jogadores/cantores?

Richard Gere

sim não Em caso de resposta afirmativa, escreva algo sobre ele:

Thomas Gottschalk

sim não Em caso de resposta afirmativa, escreva algo sobre ele:

Brad Pitt

sim não Em caso de resposta afirmativa, escreva algo sobre ele:

Tom Cruise

sim não Em caso de resposta afirmativa, escreva algo sobre ele:

Jack Bauer

sim não Em caso de resposta afirmativa, escreva algo sobre ele:

Bierhoff

sim não Em caso de resposta afirmativa, escreva algo sobre ele:

Ballack

sim não Em caso de resposta afirmativa, escreva algo sobre ele:

Heino

sim não Em caso de resposta afirmativa, escreva algo sobre ele:

8) Você sabe o que foi o escândalo da “vaca louca”?

sim não Em caso de resposta afirmativa, escreva do que se trata:

9) Você conhece as seguintes lojas / marcas?

Hennes und Mauritz

sim não Em caso de resposta afirmativa, escreva algo sobre ela:

Budnikowsky

sim não Em caso de resposta afirmativa, escreva algo sobre ela:

Marc Cain

sim não Em caso de resposta afirmativa, escreva algo sobre ela:

Max Mara

sim não Em caso de resposta afirmativa, escreva algo sobre ela:

C&A

sim não Em caso de resposta afirmativa, escreva algo sobre ela:

Chanel

sim não Em caso de resposta afirmativa, escreva algo sobre ela:

Armani

sim não Em caso de resposta afirmativa, escreva algo sobre ela:

ALDI

sim não Em caso de resposta afirmativa, escreva algo sobre ela:

Quelle

sim não Em caso de resposta afirmativa, escreva algo sobre ela:

Joop

sim não Em caso de resposta afirmativa, escreva algo sobre ela:

Levi's

sim não Em caso de resposta afirmativa, escreva algo sobre ela:

Hugo Boss

sim não Em caso de resposta afirmativa, escreva algo sobre ela:

Diesel

sim não Em caso de resposta afirmativa, escreva algo sobre ela:

10) Você conhece os seguintes programas de TV / revistas?

Derrick

sim não Em caso de resposta afirmativa, escreva algo a respeito:

Kommissar

sim não Em caso de resposta afirmativa, escreva algo a respeito:

BRAVO

sim não Em caso de resposta afirmativa, escreva algo a respeito:

MTV

sim não Em caso de resposta afirmativa, escreva algo a respeito:

Alf

sim não Em caso de resposta afirmativa, escreva algo a respeito:

Alf O-ETeimoso

sim não Em caso de resposta afirmativa, escreva algo a respeito:

VIVA

sim não Em caso de resposta afirmativa, escreva algo a respeito:

Wolfs Revier

sim não Em caso de resposta afirmativa, escreva algo a respeito:

11) Em que você pensa quando...

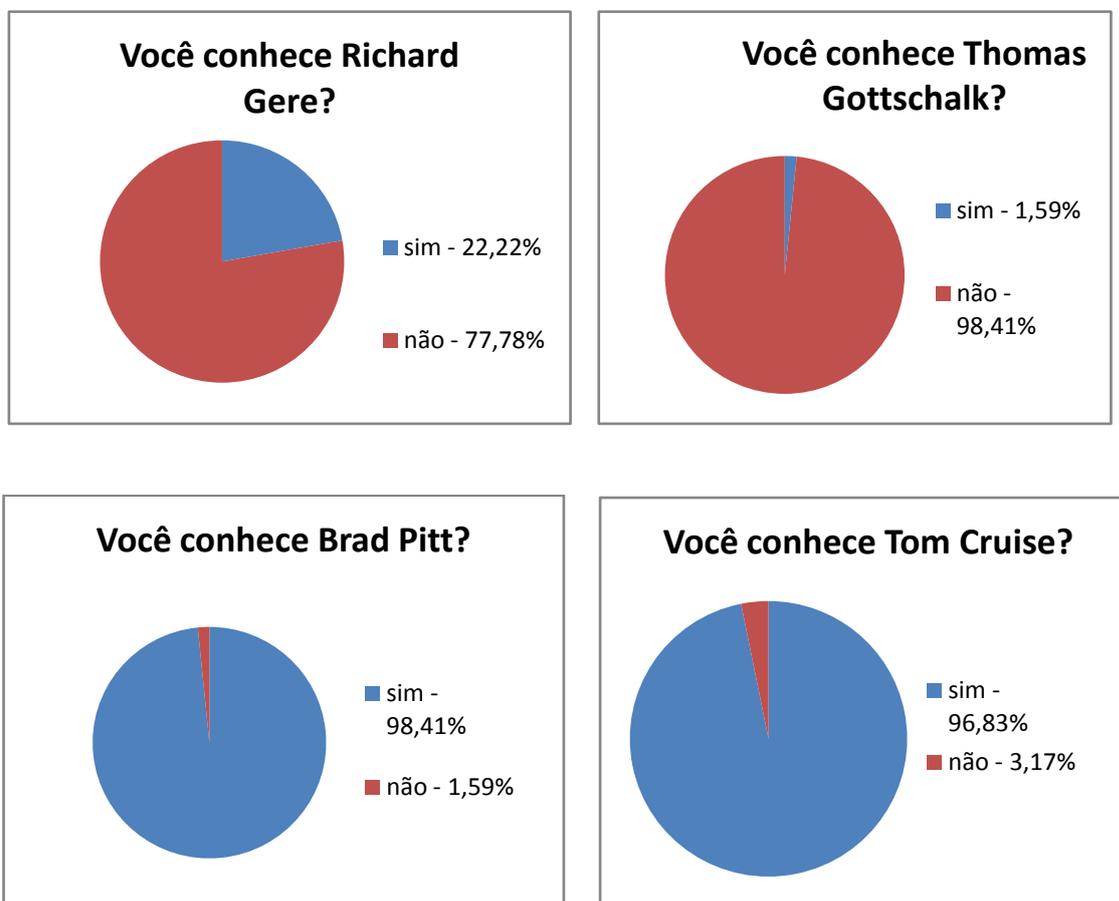
...lê o nome Margareta? _____

...lê o sobrenome Plebs? _____

...lê a seguinte frase: "Inspirei o ar da rua contendo 20% de chumbo"?

Gráficos

Atores, apresentadores, jogadores, cantores

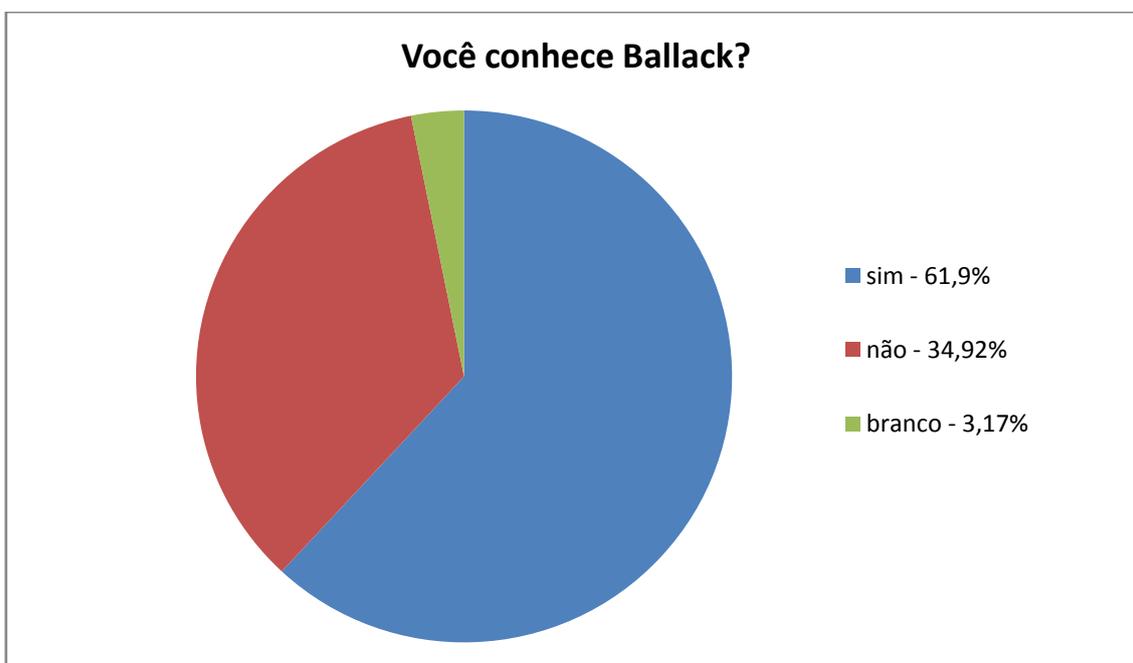
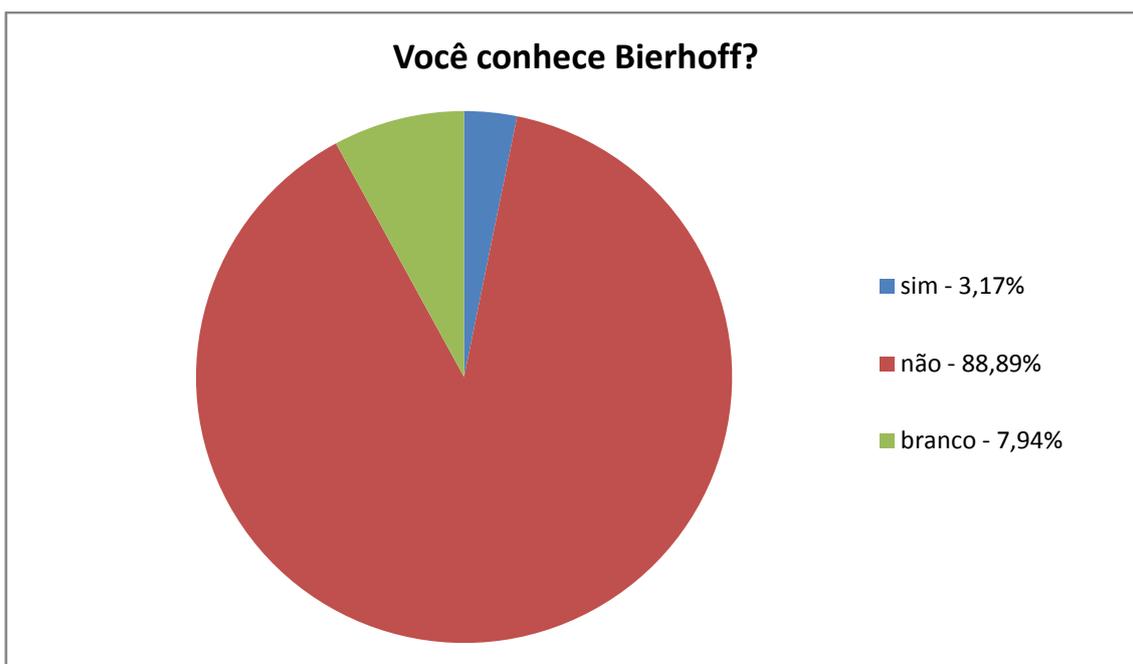


Original:

Natürlich hatten einige sofort die Hoffnung, dass sie durch Sabrinas Vermittlung jetzt ins internationale Showbiz aufsteigen und Thomas Gottschalk und Richard Gere Hand und Mund würden reichen dürfen. (p.20)

Tradução:

É claro que agora algumas tinham a esperança de entrar, com a ajuda de Sabrina, para o *showbiz* internacional e quem sabe se oferecer para o Brad Pitt ou o Tom Cruise. (p.8)



Original:

Ich spielte, als ware ich Bierhoff. (p.172)

Tradução:

Eu joguei como se fosse o Ballack. (p.85)

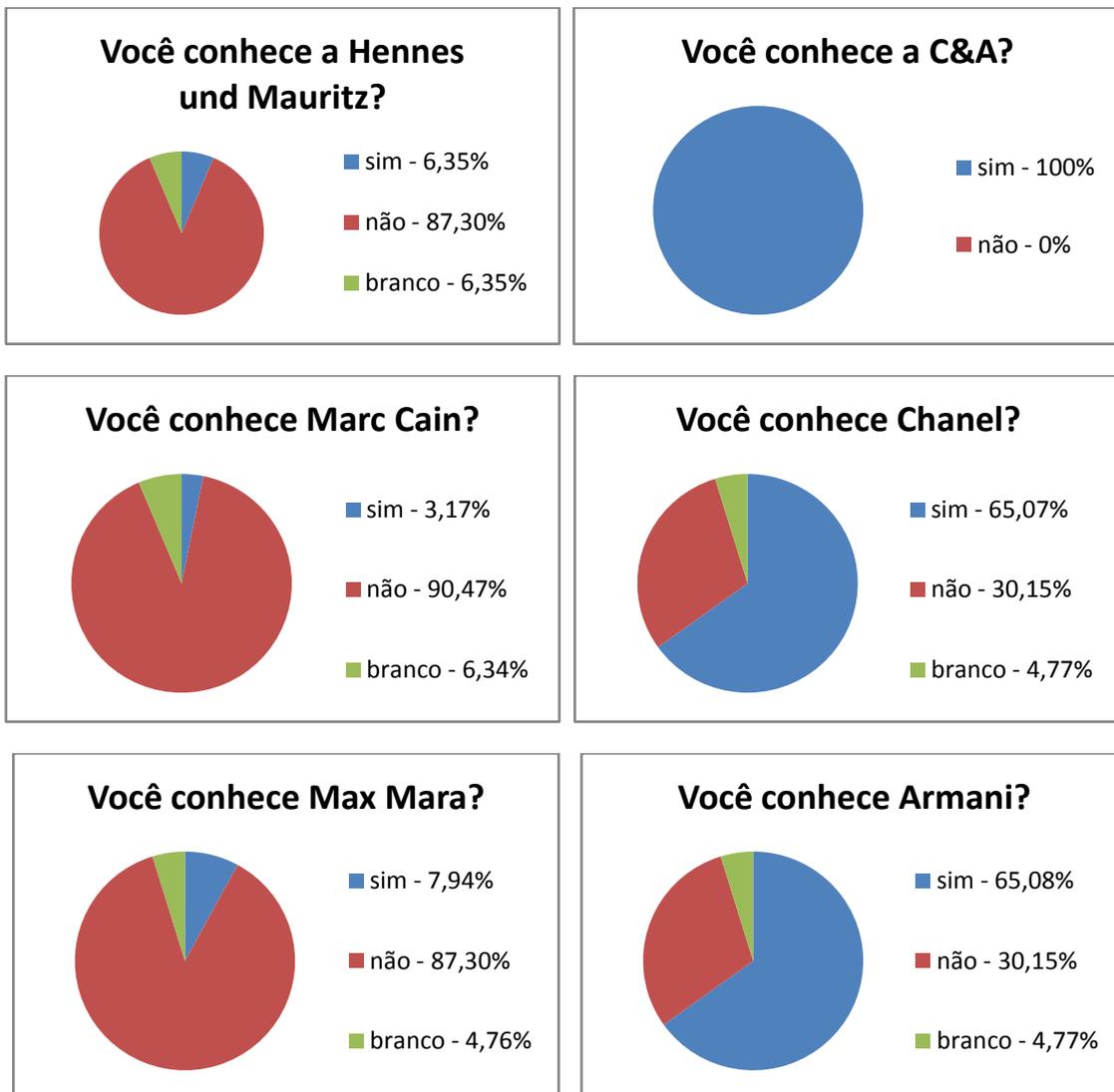
**Original:**

[...] und nur daran, dass er mit den Fingern auf der Matratze ein kleines Percussion-Solo hinlegte, warscheinlich Heino oder irgendetwas ähnlich Fetziges , [...] (p.145)

Tradução:

[...] e só porque ele tamborilava um pequeno solo de percussão com os dedos no colchão, provavelmente alguma coisa bem brega [...] (p.69)

Lojas e marcas

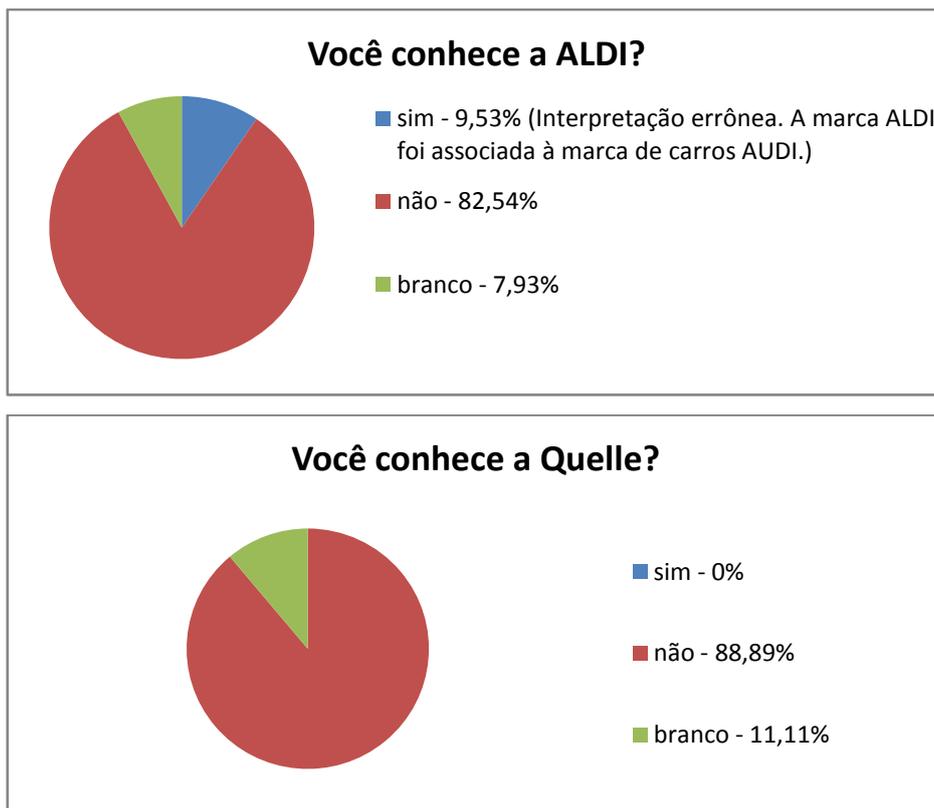


Original:

Sie hat eine Figur, an der Hennes und Mauritz aussieht wie Marc Cain oder Max Mara, [...] (p.21)

Tradução:

Ela tem um corpo, que faz C&A parecer Armani ou Chanel, [...] (p.8)

**Original:**

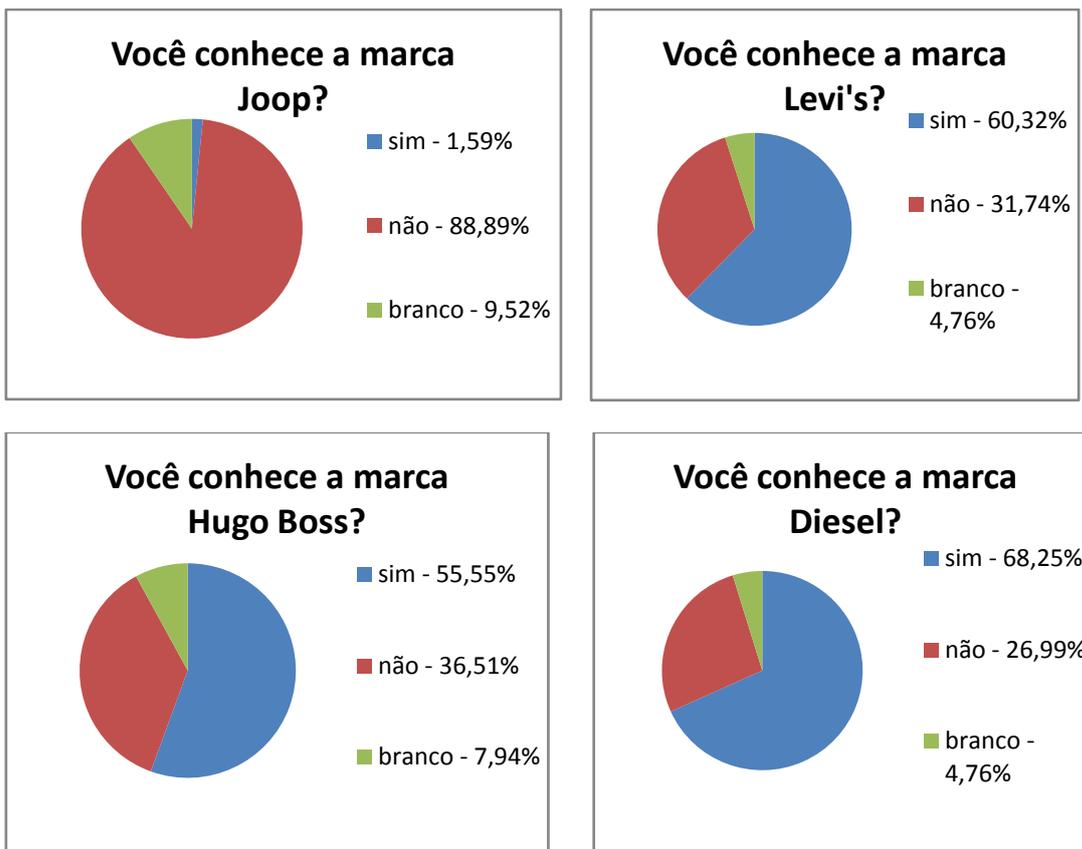
Ich schnürte seine ALDI-Turnschuhe zu. (p.63)

Das Einkaufszentrum war winzig. Wer in dieser Gegend wohnte, musste zum richtigen Einkauf in die U-Bahn steigen. Wer Schuhe wollte, zum Beispiel, hatte keine Chance, außer wenn sie zufällig gerade bei ALDI im Zusatzangebot waren. Es gab einen Supermarkt und einen Dro-Markt und einen Schlachter und einen türkischen Gemüseladen; Es gab eine Quelle-Filiale, in der drei Frauen [...] eifrig in Katalogen blätterten,; [...] (p.127)

Tradução:

Amarrei o cadarço dos tênis dele, que provavelmente tinham sido comprados num supermercado. (p.28)

O centro de compras era minúsculo. Quem morava nessa região, tinha que pegar o metrô para fazer compras de verdade. Quem quisesse sapatos, por exemplo, não tinha a menor chance, a não ser que, por acaso, a ALDI, a loja de descontos, estivesse oferecendo sapatos naquela semana. Havia um supermercado e uma drogaria e um açougue e uma quitanda de turcos; havia uma filial da Quelle, uma dessas lojas que vendem coisas pelo correio, onde três mulheres, [...], folheavam entusiasmadas os catálogos; [...] (p.60)



Original:

Ich fand meinen Platz leicht und ließ mich neben einem gut frisierten Typ in *Levi's* und *Joop!* auf den Stuhl sinken. (p.100)

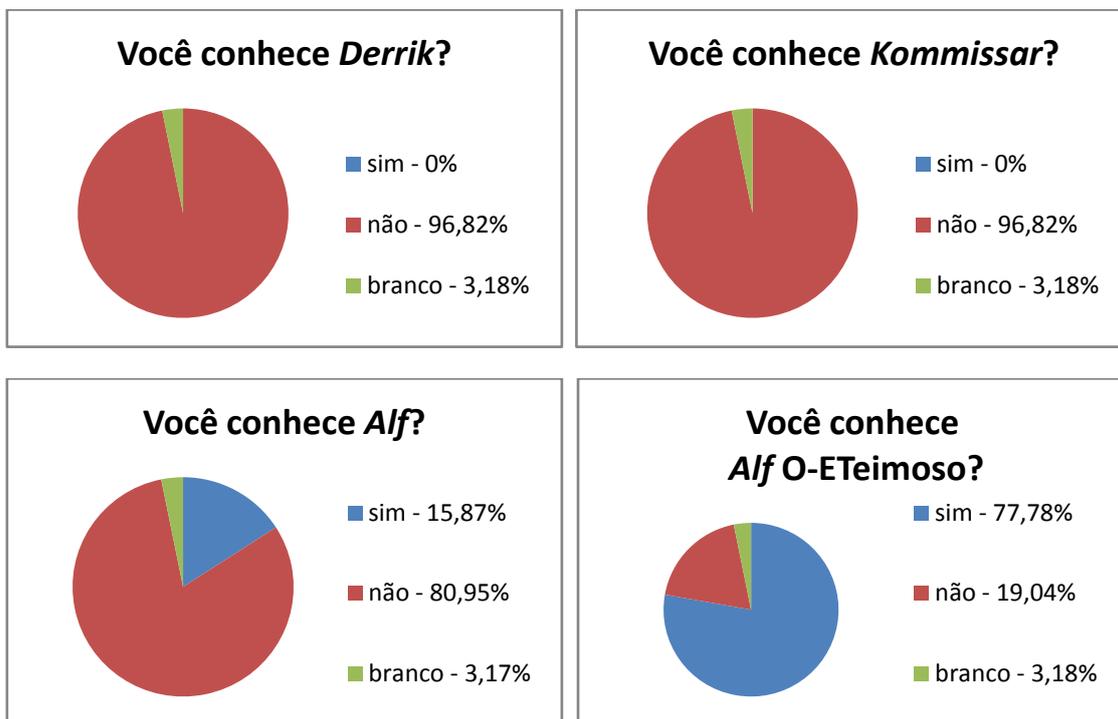
Er trug eine *Diesel*- Lederjacke, [...] (p.51)

Tradução:

Achei meu lugar rapidinho e afundei na cadeira, ao lado de um cara de cabelo penteado, usando *Levi's* e *Hugo Boss!* (p.47)

Ele estava usando uma jaqueta de couro da *Diesel*, [...] (p.23)

Programas de TV, revistas



Original:

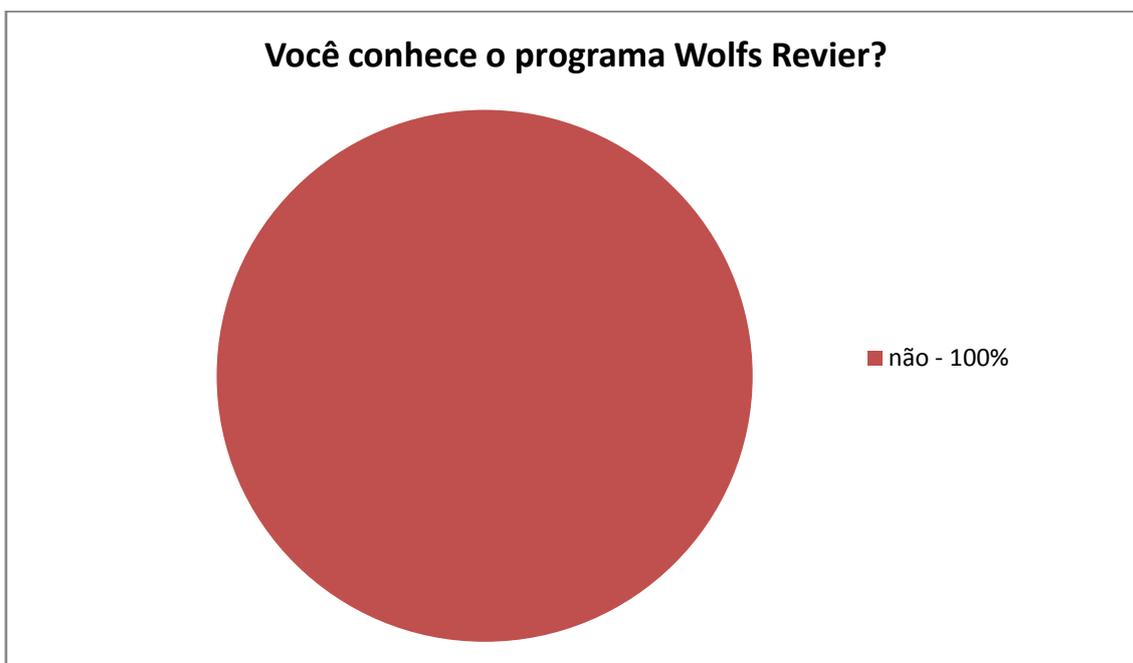
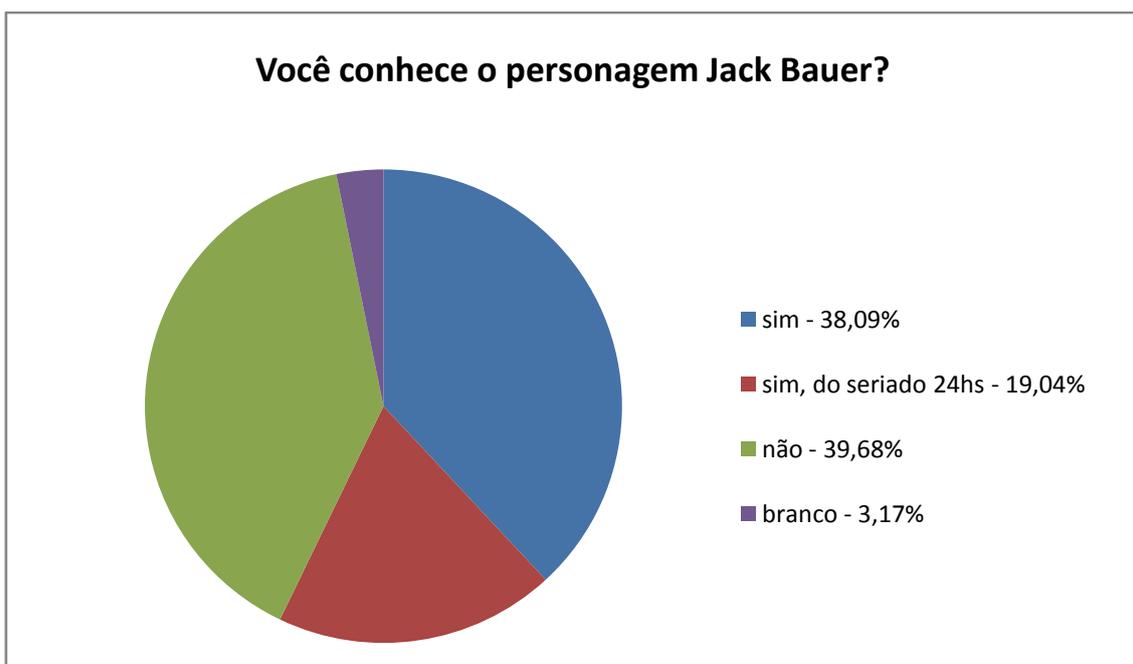
Manchmal schaltete Mama freitags abends *Derrick* ein oder den *Kommissar*, so Mutti- Filme eben [...] (p.78)

Aber das war eben Fernsehen. Im Fernsehen gab es ja auch *Alf*. (p.78)

Tradução:

Às vezes mamãe ligava a televisão nas noites de sexta-feira e assistia *Derrick* ou o *Kommissar*, essas séries policiais antigas, coisa de mãe [...] (p.34)

Mas isso era na televisão. E na televisão havia de tudo, até *Alf - O ETeimoso!* (p.34)

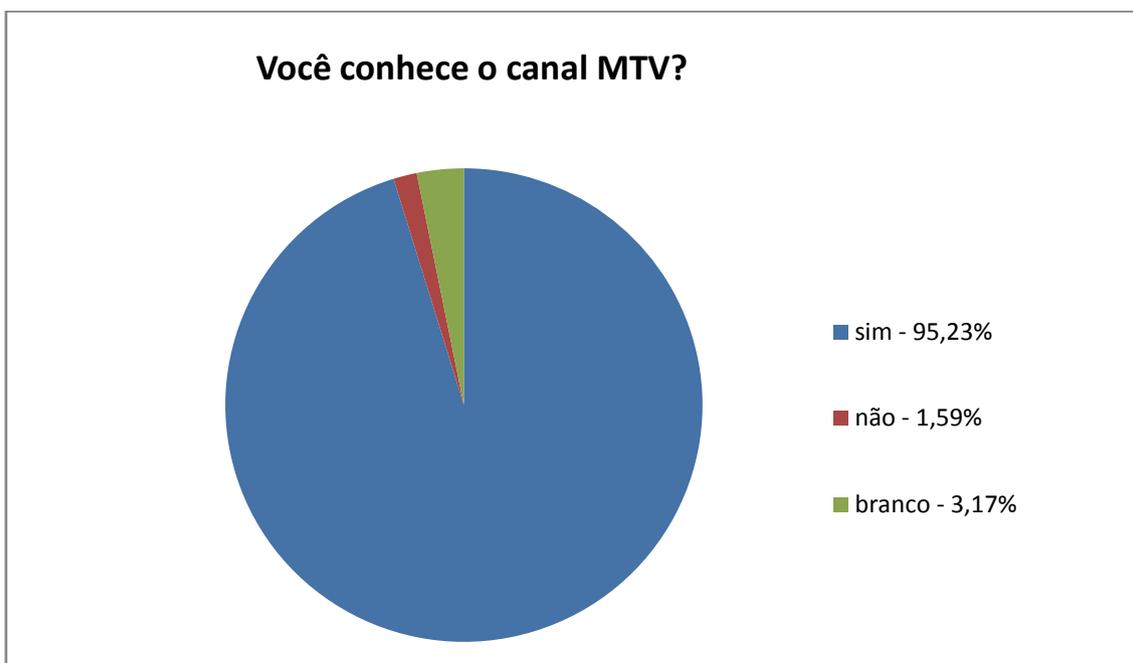
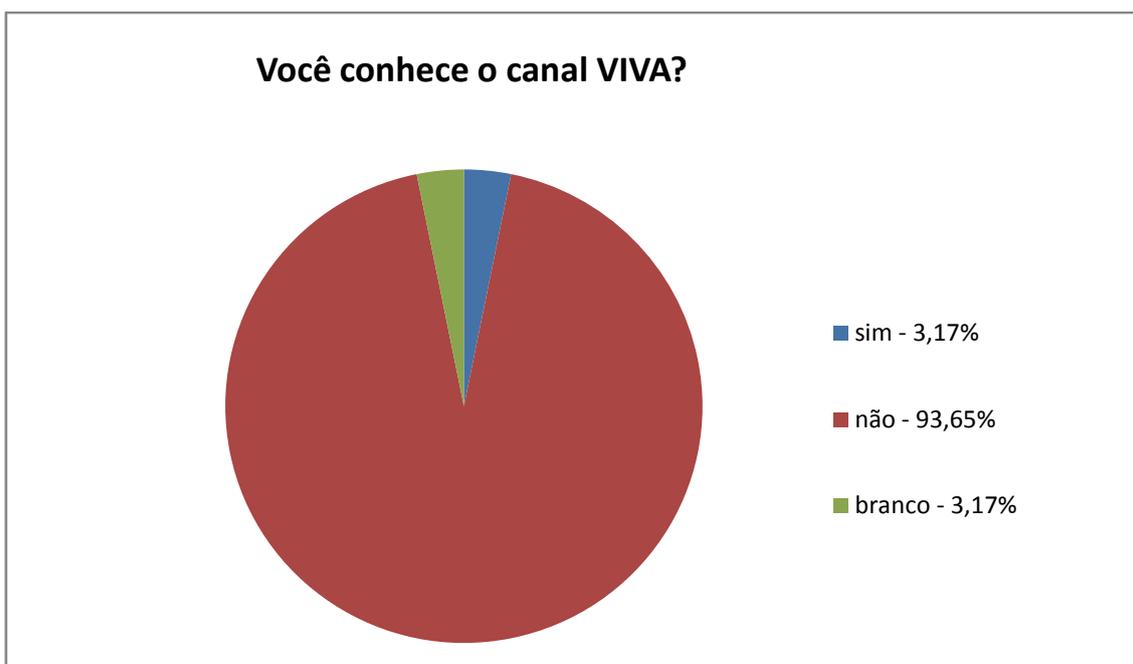


Original:

Ich schlich mich zur Rückseite und fühlte mich wie Wolf aus Wolfs Revier [...] (p.181)

Tradução:

Eu me esgueirei até a parte de trás da casa e me senti o próprio Jack Bauer em 24 horas [...] (p.90)

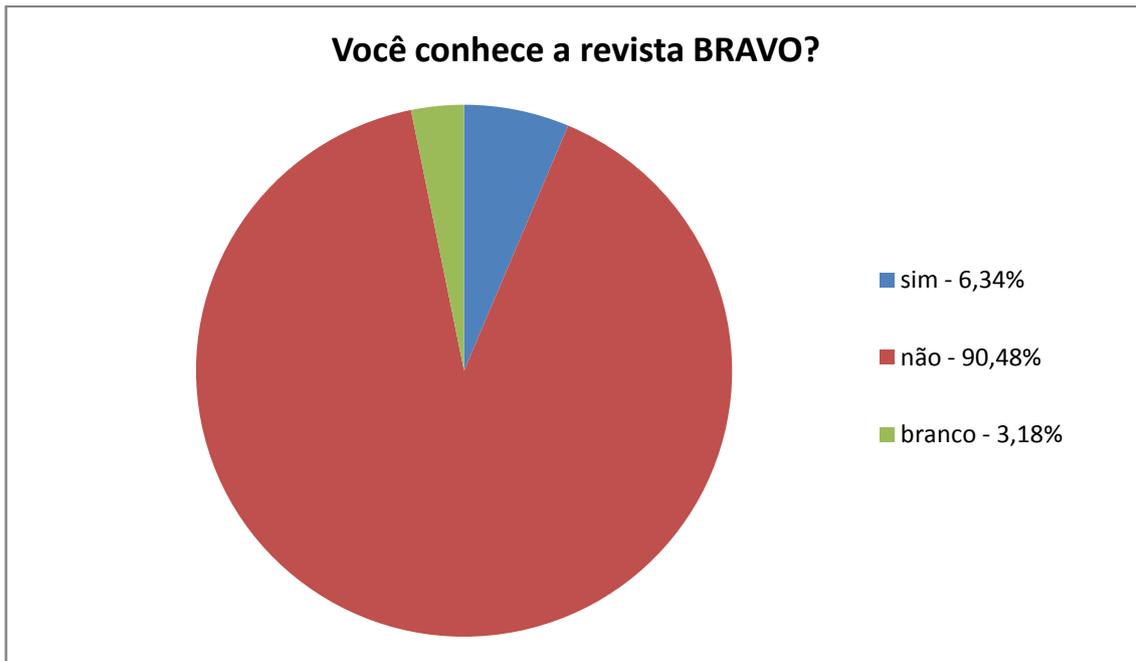


Original:

Auf dem Bildschirm erschienen nacheinander fünf verschiedene Serien, bis Jacqueline endlich bei VIVA war. (p.150)

Tradução:

Na tela apareceram cinco séries diferentes uma depois da outra, até que Jacqueline chegou na MTV. (p.74)



Original:

Warum sollte ich in dieser Wohnung aushalten, an deren Wänden die BRAVO-Poster noch am ehesten minimalen ästhetischen Ansprüchen genügten? (p.75)

Tradução:

Por que é que eu deveria agüentar ficar nesse apartamento em que os pôsteres de revistas de adolescentes na parede eram o que mais se aproximava de requisitos estéticos básicos? (p.35)

Rios



Original:

Danach haben wir den Fahrstuhl runter in den alten Elbtunnel genommen... (p.42)

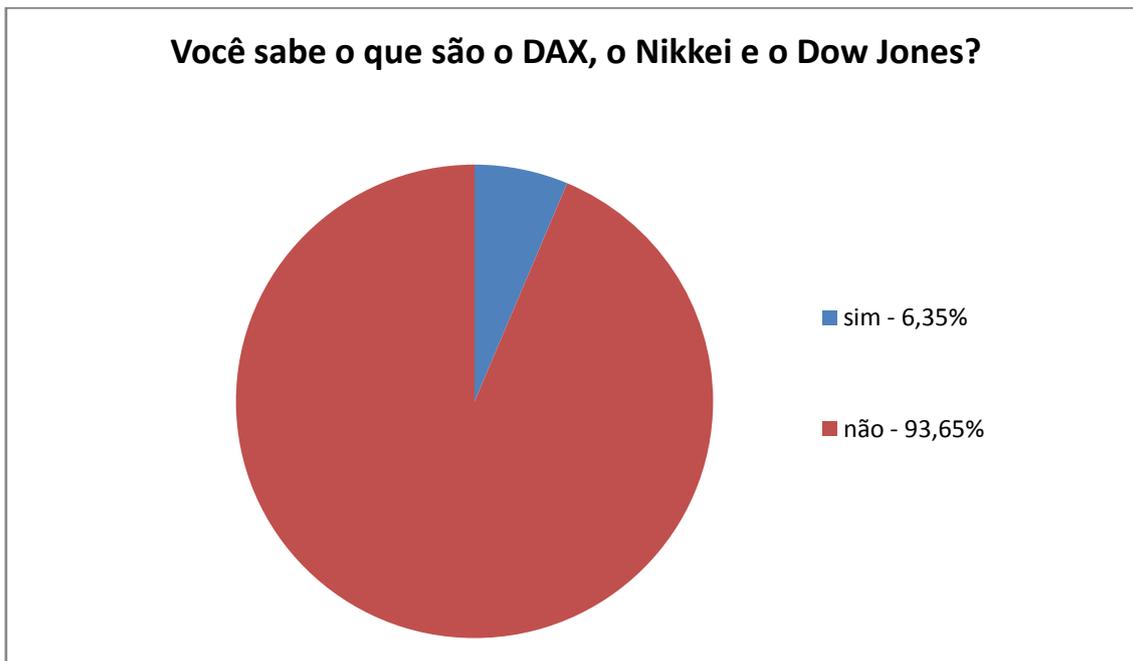
...fragte die Schürzenfrau mit diesem hartem Akzent, den ich von den Müttern aus meiner Klasse kenne. Jenseits von Oder und Neiße, schätze ich mal. (p.118)

Tradução:

Então pegávamos o elevador e descíamos para o antigo túnel do rio Elba... (p.18)

...perguntou a mulher-aventuradora, com um sotaque forte, que eu conhecia das mães da minha classe. Algum lugar pra lá do rio Oder ou do Neisse, eu acho.(p.55)

Índices da Bolsa de Valores

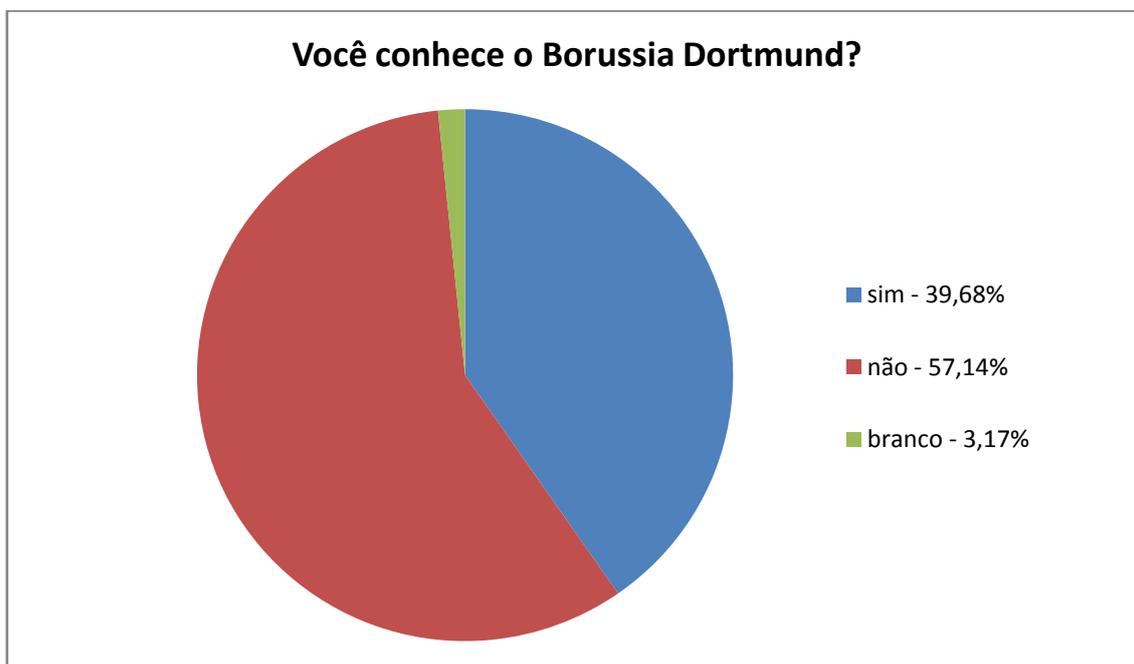


Original:

[...] und dabei konnte ich mir kaum irgendetwas vorstellen, das mich mehr gelangweilt hätte als diese blöde Papiere und der DAX und der Nikkei-Index und der Dow Jones. (p.17)

Tradução:

E eu não conseguia imaginar nada que me deixasse mais entediado do que aqueles documentos idiotas e o tal DAX, o índice da Bolsa de Valores e os índices de outros países, como o Nikkei e o Dow Jones. (p.7)

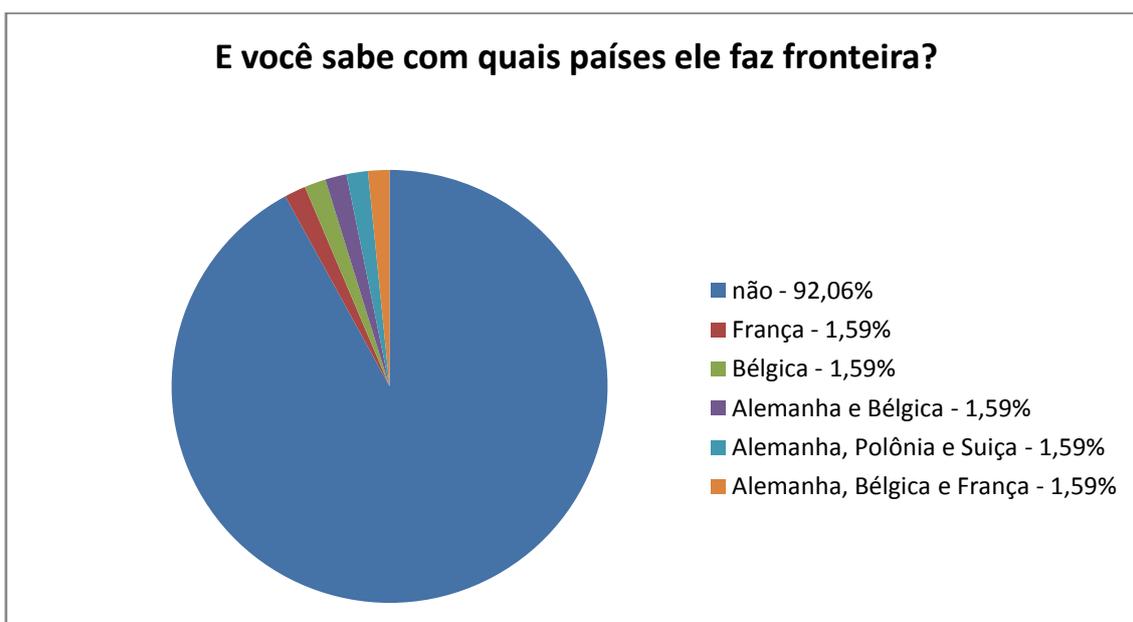
Time de futebol**Original:**

Ich schenkte mir Kaffee aus der Kaffeemaschine in eine *Borussia Dortmund*-Tasse [...] (p.90)

Tradução:

Coloquei um pouco de café da cafeteira em uma caneca de time de futebol [...] (p.41)

Outras marcas culturais

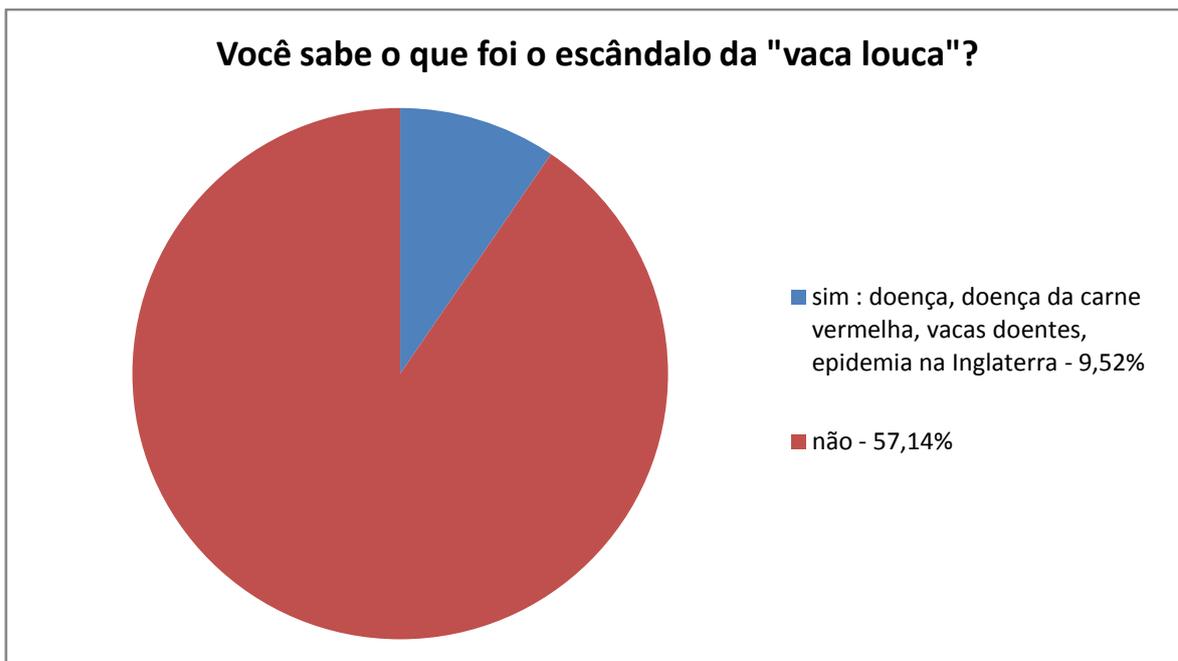


Original:

Aber der *Diesel*-Junge hatte das offenbar nicht gemerkt. Jedenfalls rannte er immer noch wie blöde und als ob er am Abend noch unbedingt zu Fuß bis Amsterdam kommen wollte. (p.52)

Tradução:

Mas pelo jeito o garoto-Diesel não havia percebido, pois ele continuava a correr como um tonto, como se quisesse cruzar a fronteira e chegar a Amsterdã a pé, ao anoitecer. (p.22)

**Original:**

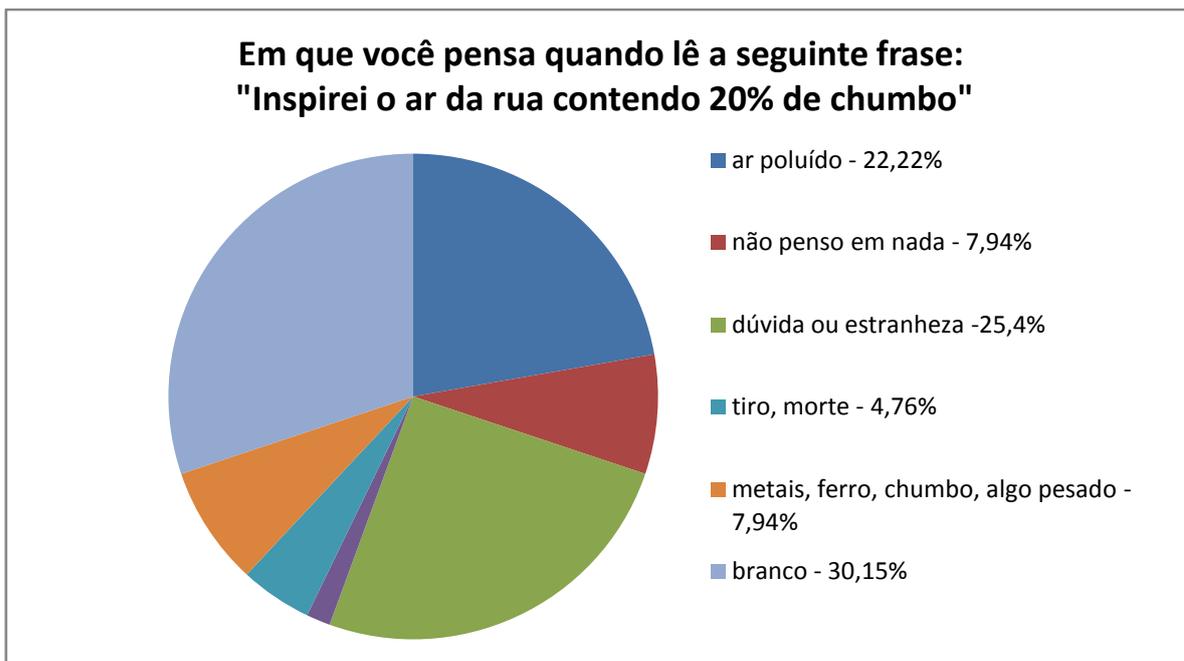
Wie hätte das denn ausgesehen? »Äh, sag mal und alles, aber ich erinner mich gerade nicht mehr, wo ich die Zeitungen abholen muss. Wo ich sie verteilen muss, auch nicht. Komisch eigentlich, oder? Glaubst du, ich hab mich vielleicht mit Rinderwahn angesteckt?« (p.120)

Für 86,40 Schweinepest und Rinderwahn will man ja auch nicht so gerne. (p.127)

Tradução:

Como é que soaria isso? »Ah, sabe, eu não consigo mais me lembrar onde é que eu tenho que buscar os jornais. Onde que eu tenho que entregá-los, também não. Estranho, né? Você acha que eu posso estar ficando esclerosado?« (p. 57)

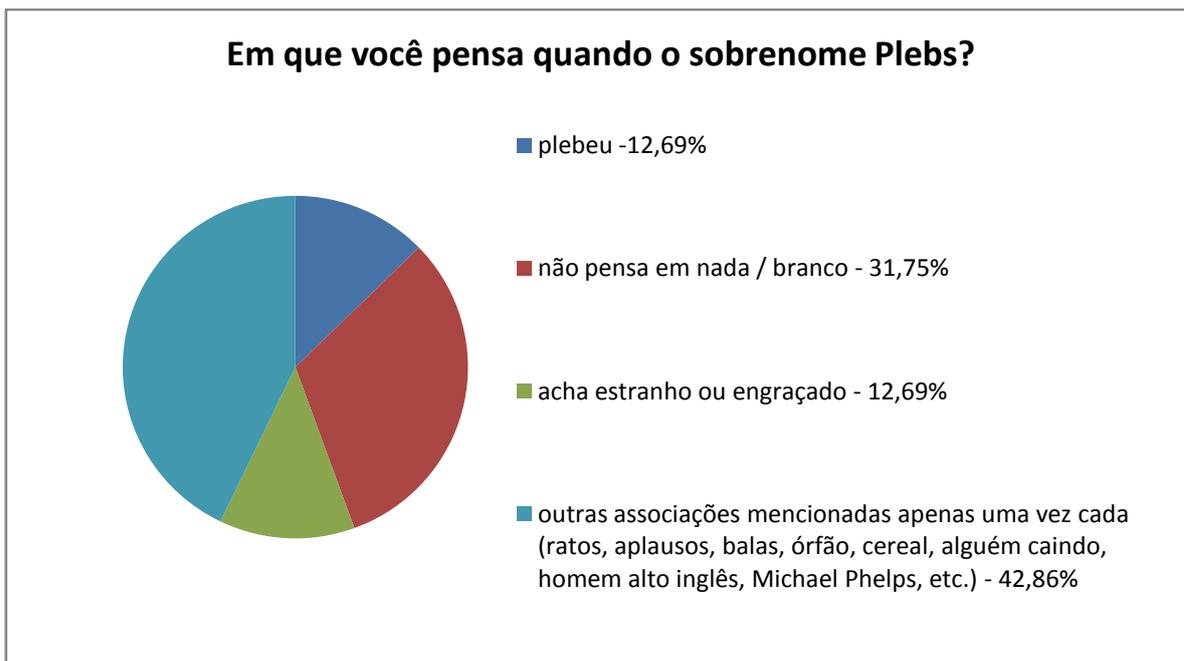
Afinal ninguém quer gastar seus 86,40 comprando carne de porco ou de vaca, que no final das contas, pode até estar intoxicada. (p.60)

**Original:**

Unten vor der Haustür hatte ich ungefähr fünf Kubikmeter Straßenluft mit 20%igem Bleianteil eingeatmet, um bis zum dritten Stock zu kommen ohne Mund und Nase ein einziges Mal bewegen zu müssen; [...] (p.113)

Tradução:

Lá embaixo, do lado de fora da porta havia inspirado uns cinco metros cúbicos do ar poluído da rua, para conseguir chegar até o terceiro andar sem ter que mover a boca e o nariz nem uma vez; [...]” (p.53)

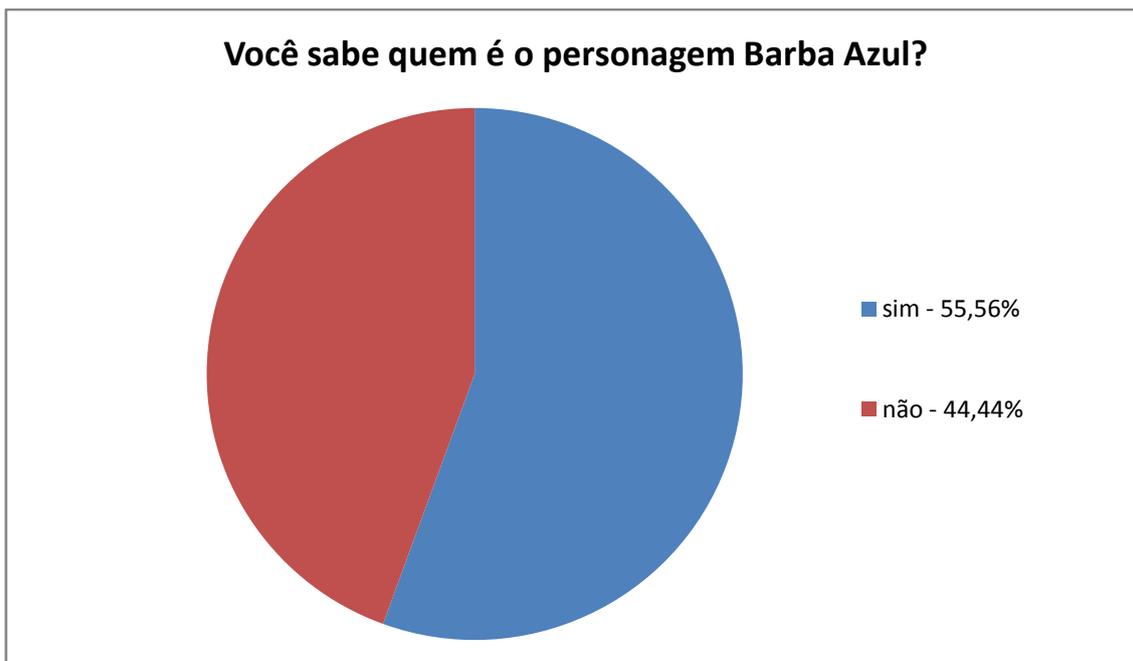


Original:

So also verbrachte der Vater von Kevin Bottel den ersten Morgen im Leben seines Sohnes. (p.8)

Tradução:

Foi assim que o pai de Kevin Plebs passou a primeira manhã da vida de seu filho. (p.2)

**Original:**

Der Kopfgeldjäger ging in die Knie und ich schrie dem Jungchen zu, dass er abhauen sollte, und erst als er genügend Abstand hatte, ließ ich den Blauen los... (p.52)

Tradução:

O caçador de cabeças caiu de joelhos e eu gritei para o menino que fugisse e somente quando ele atingiu uma distância suficiente, soltei o Barba Azul... (p.24)

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E LITERATURA ALEMÃ**

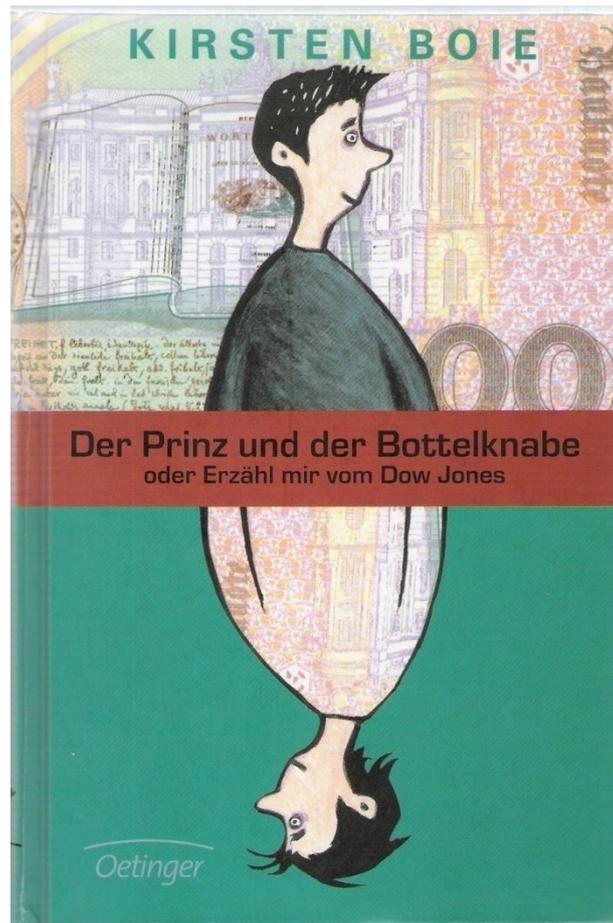
CRISTIANA BUSATTO BERÉA DE OLIVEIRA

**A questão da ambientação na tradução anotada e comentada de
Der Prinz und der Bottelknabe oder Erzähl mir vom Dow Jones,
de Kirsten Boie**

v.2

SÃO PAULO

2008



O príncipe e o plebeu

ou quem sabe...

Como é que anda o Dow Jones?

Tradução: Cristiana Busatto Beréa de Oliveira

Prólogo

Era um desses raros dias ensolarados de verão. Bem cedo, no corredor de uma elegante e pequena clínica particular, um homem rechonchudo, de cabelos ralos, trajando roupa esporte de marca, procurava apressado por moedas. Ele queria usar o telefone que ficava no nicho da janela.

“Que absurdo!”, murmurou o homem e revirou o bolsinho de moedas de sua carteira. “Em um lugar como esse era de se esperar...”

Alguns anos mais tarde essa procura seria desnecessária, pois ele teria naturalmente um cartão telefônico, e mais um pouco, com certeza, um celular. Mas esta história começa em um tempo em que esses dois avanços tecnológicos ainda não haviam dado sinal de vida.

Procurou por mais alguns minutos, que lhe pareceram uma eternidade, até que finalmente juntou as moedas necessárias e discou o número. Seus dedos tremiam tanto, que mal conseguia acertar as teclas do telefone.

“Margot? Sim, ele chegou!”, berrou muito alto, fazendo uma enfermeira que passava, sorrir e ao mesmo tempo balançar a cabeça e levar o dedo indicador aos lábios, num pedido de silêncio.

“Sim, um menino, é claro! Exatamente às oito horas e oito minutos!”

Do outro lado da linha a voz falava agitada e rápida e o homem começou a rir.

“Nossa, isso eu nem tinha percebido!”, gritou. “Ontem à noite, quando tudo começou, ainda era dia sete! É claro, oito do oito ainda por cima! Isso só pode trazer sorte! Isso só pode ser um sinal!”

A voz do outro lado voltou a falar e o homem passou a respirar um pouco mais calmamente.

“Sim, por precaução é melhor reservar logo para umas trinta, quarenta pessoas”, disse ele. “Pode ser naquele restaurante francês pequeno ou, se já estiver tudo reservado para hoje à noite...”

Através da janela viam-se triângulos brancos sobre um azul brilhante: as velas dos primeiros barcos de sortudos que já estavam, àquela hora, velejando no lago no meio da cidade.

“Sim, champanhe, lógico! E todo o resto, a senhora já sabe.” O homem levantou o braço esquerdo até a altura dos olhos e olhou para o seu Rolex. “Não, só um happy-hour rápido. Ligue para aqueles que a senhora achar adequado, eu deixo isso em suas mãos. O príncipe herdeiro chegou!”

Aparentemente a voz do outro lado da linha fazia agora cumprimentos. O homem jogava, impacientemente, o peso do corpo de uma perna para outra.

“Obrigado, Margot, obrigado!”, disse ele. “Agora vou voltar para perto da minha esposa.” E colocou o fone no gancho.

Pela janela ele via os triângulos brancos que continuavam a deslizar: o barulho do trânsito, abafado, mal chegava até o corredor.

“O príncipe herdeiro chegou.”, murmurou o homem e dirigiu-se à porta atrás da qual sua mulher e seu filho se recuperavam do parto.

Foi assim que o pai de Calvin Prinz passou a primeira manhã da vida de seu filho.

Na mesma hora, do outro lado da cidade, um jovem vestindo um jeans velho, saía pela porta giratória do Hospital Geral e piscava cansado à luz do sol da manhã.

No estacionamento para visitantes havia poucos carros e nos canteiros floresciam cravos e petúnias. Essa poderia ter sido uma bela manhã. O jovem suspirou. Não lhe ocorreu ligar para ninguém. Desde a noite anterior estivera sentado em uma dessas poltronas duras, esperando que tudo acabasse. Perguntara-se, uma ou duas vezes, de que adiantava passar a noite em claro no hospital. Isso não facilitava as coisas para Jasmim na sala de cirurgia e ele poderia, afinal de contas, ligar mais tarde do bar para saber se estava tudo bem. Mas cada vez que havia levantado para ir embora, a sensação de que no bar se sentiria tão mal quanto aqui, o segurara. Assim acabara agüentando.

Uma enfermeira trouxera café para ele algumas vezes e perguntara se ele não gostaria mesmo de estar presente, quando seu filho viesse ao mundo. Ele agradecera, mas dissera que não. Quando seu primeiro filho nascera, ele se deixara convencer, mas naquela época era terrivelmente jovem. Ele ainda se lembrava, com horror, do sangue e dos cheiros. Mas acima de tudo, ele se lembrava de ter se sentido totalmente inútil e sobrando. Por causa disso, ficara esperando no corredor no nascimento do segundo, e dessa vez, quase não agüentara até o fim.

O jovem suspirou. Três filhos. Fraldas e lenços de papel sujos e restos nos pratos de comida e roupas jogadas pelo chão. Toda noite gritaria e toda noite a tentativa de não bater, não bater, não bater. Dedos grudentos puxando sua calça, mal abria a porta de casa.

Virou-se decidido e dirigiu-se ao ponto de ônibus. A vizinha estava tomando conta de Ramon e Jaqueline e ele seria louco se não aproveitasse sua curta liberdade. O bar abria às dez e com certeza encontraria alguém a essa hora. Então poderiam brindar o novo filho e fazer piadas sobre como ele era um touro potente. Será que a enfermeira tinha dito que era um menino? Ele estava tão cansado.

O ônibus aproximou-se do ponto e o jovem entrou pela porta do meio. Ele queria esquecer que estava preso em uma armadilha pelo resto de sua vida. Em algum lugar, no fundo de sua mente, já começava a se formar nessa manhã um pensamento... quando não agüentasse mais, acabaria indo embora.

Foi assim que o pai de Kevin Plebs passou a primeira manhã da vida de seu filho.

**1. E NA MINHA FRENTE ESTAVA
EU MESMO**

Calvin

Ninguém vai acreditar nessa história, isso eu já sei. Pra ser sincero, eu mesmo não acreditaria se não tivesse acontecido comigo: Calvin Prinz. O que eu quero dizer é que sou mais do tipo sério, racional, que não liga para coisas esotéricas e pêndulos e perguntas como: “Será que não existem mesmo homenzinhos verdes em Marte?” Sinto arrepios só de ouvir falar nisso.

Por outro lado, todo mundo tem que admitir que, às vezes, acontecem coisas bem improváveis. O nascimento de ótuplos ou homens grisalhos navegando sozinhos numa canoa de Amsterdã até a Terra do Fogo. Sem mencionar tudo o que se encontra no Guinness, o livro dos recordes. São coisas com as quais não nos deparamos a toda hora.

Bem, naquela tarde eu já tinha voltado para casa de mau humor. Na prova de matemática havia tirado um *insuficiente* e com isso, as chances de passar de ano eram praticamente nulas. O tempo estava tão horrível que ninguém acreditaria que, de acordo com o calendário, o verão começaria em breve. E tinha o treino de hóquei às cinco, que me deixava apavorado. As condições eram, portanto, péssimas e geralmente, nesses dias, acontece tudo junto.

Quando atravessei o terraço e entrei em casa, Mom ainda não tinha chegado, mas Margareta, nossa empregada polonesa, estava no andar de cima, passando o aspirador de pó no corredor. No monitor do meu PC estava colada uma folhinha de *Post-it* dizendo que Mom ainda estava na academia e que Margareta cuidaria do almoço.

Por mim, tudo bem. Pelo menos eu não teria que confessar imediatamente meu *insuficiente* e agüentar as lamúrias de Mom. A cada nota ruim ela sempre vinha com suas profecias de um futuro embaixo da ponte e quando eu me enchia de coragem e falava que, me formando ou não, eu assumiria a firma de qualquer jeito, aí ela tinha um ataque de verdade. Porque, pelo jeito, a firma só sobreviveria às próximas décadas com um chefe que tivesse, no mínimo, cursado a Faculdade de Economia e para cursar uma faculdade é necessário primeiro terminar a escola e quem tira *insuficiente* o tempo todo não termina a escola!

Na verdade, eu tinha quase certeza de que para Mom o problema mesmo era ter que confessar para suas amigas do golfe e do tênis, que seu filho único havia repetido de ano. Afinal elas tinham filhos tão encantadores, que ganhavam prêmios na escola de pintura, eram quase profissionais no violino e repetir de ano não era algo em que tivessem que pensar. Na minha opinião, essas senhoras eram todas umas mentirosas.

No hall de entrada a chave girou na fechadura.

“Olááá!!!”, gritou Dad com aquela voz feliz que ele sempre usa, quando passa alguns dias fora de casa. “Não tem ninguém em casa?”

Lá em cima Margareta continuava inabalável a aspirar. De qualquer maneira não era com ela que ele estava falando.

Enfiei a cabeça na porta entreaberta. “Hi”, falei.

“Filho!”, disse Dad, e por um instante parecia que ele iria abrir os braços para que eu pudesse me afundar neles. Era isso que nós sempre fazíamos tempos atrás, quando Dad voltava de suas viagens. Ele abria os braços e eu me afundava neles; e Dad me levantava e com o impulso começava a rodar comigo, fazendo com que minhas pernas se erguessem do chão de mármore e girassem como as pás de um moinho de vento. Só então ele tirava os presentes da mala, lembranças que, em geral, ele comprava rapidamente no desembarque do aeroporto. Mas, por muitos anos, a razão que me fazia esperar ansiosamente pela chegada de Dad era esse curto instante em que nós girávamos no hall de entrada de casa.

Esses tempos pertencem agora ao passado, é claro.

“Tudo OK?”, perguntou, ainda com a animação da viagem estampada no rosto.

Fiz que sim com a cabeça. “Onde você esteve?”, perguntei.

Dad foi até a sala de estar e jogou-se sobre o sofá.

“Você sabe, Chicago de novo. Os negócios por lá estão melhores do eu pensava, filho. Onde está Mom?”

“Lutando contra a celulite”, respondi.

Dad riu. “Talvez eu te leve comigo na próxima vez”, disse. “Já está na hora de você conhecer o escritório, filho.”

Concordei. Passar quatro dias em Chicago era, com certeza, melhor do que quatro dias na escola. Em troca, eu já estava preparado para ouvir horas de explicações de Dad e todo o entusiasmo de Dad e as histórias de Dad sobre a empresa.

“Quantos anos eu tenho?”, perguntou Dad e inclinou-se para a frente. Agora dava para ver como seu rosto bronzeado estava cansado.

Suspirei. Eu sabia o que vinha pela frente quando Dad fazia esta pergunta. Por um instante quase desejei que Mom estivesse ali e que nós pudéssemos ter nossa conversa usual sobre a vida embaixo da ponte.

“Sessenta e dois?”, perguntei. Naturalmente Dad não aparenta essa idade. Afinal não é só Mom que frequenta a academia em nossa família.

Dad fez que sim. “É isso mesmo, meu filho, é isso mesmo. Nessa idade outras pessoas já estão se aposentando. E eu? Por acaso estou me aposentando?”

Fiz que não com a cabeça. Eu sabia que agora ele gostaria de ouvir como ainda parecia jovem e como estava em forma e como ainda ganhava facilmente de mim no tênis; mas, por alguma razão, não consegui dizer nada.

“Justamente!”, disse Dad. “Não estou, não. Não precisa se preocupar. Eu me sinto como se tivesse quarenta anos. Mas daqui a dez anos vou me sentir como se tivesse cinquenta e então chega o momento em que se começa a pensar na aposentadoria.”

No andar de cima o aspirador foi desligado e podíamos ouvir Margareta cantando uma canção polonesa qualquer. Margareta sempre cantava durante o trabalho e sempre cantava em polonês.

“Portanto daqui a dez anos!”, disse Dad. “Aí será a sua vez, filho. Até lá tem que dar certo. Então você terá que assumir os negócios, para que eu possa velejar pelo Mediterrâneo com meu iate por mais alguns anos. Ou pelo Caribe.”

“Mas você nem tem um iate”, disse. Era uma tentativa de distrair Dad, mas não funcionou.

“Agora eu não preciso de nada disso”, respondeu. “Isso está planejado para daqui a dez anos, filho, acredite em mim. Então você será o chefe por aqui.”

Concordei com a cabeça. Pelo menos desde o dia em que eu tinha completado dez anos, vínhamos tendo esse tipo de conversa com regularidade e eu invejava todo mundo que não tivesse que assumir uma empresa com 54 empregados algum dia na vida.

“E como vão as ações?, perguntou, colocando as mãos sobre as coxas. “Teve prejuízo ou lucro?”

Eu sabia o tempo todo que a conversa chegaria nesse ponto e exatamente por isso tentei, mais uma vez, virá-la a meu favor.

“Um computador novo me ajudaria bastante. O meu ainda tem 1.2 giga e o Markus acabou de ganhar um...”

“Lucro ou prejuízo?”, perguntou Dad e agora não havia mais sinal da animação da viagem em seu rosto.

Percebi que encolhia sem querer. “Não tive tempo de checar.”, murmurei.

Dad apurou o corpo imediatamente. “Não teve tempo?”, gritou e deu um tapa curto e forte com a mão direita no canto do sofá. “Quatro dias e você não teve tempo? Pensei que já havíamos discutido esse assunto várias vezes, Calvin.”

Fiz que sim com a cabeça, porque só Deus sabe o quanto isso era verdade. Nós não havíamos apenas discutido várias vezes; nós havíamos falado com tanta frequência do assunto, que nesse meio tempo eu havia desenvolvido um medo dele, quase tão grande quanto o de uma prova de matemática.

Dad havia me dado 10000 marcos em ações no meu aniversário. Afinal roupas, eu já tinha o suficiente, ele havia dito, e três semanas atrás eu tinha ganhado uma bateria nova e há dois meses, um computador novo. Já tinha passado da idade do Lego. Coisas para o hóquei eu ganhava sempre que precisava. O vídeo e outros equipamentos haviam sido trocados no Natal. E na Páscoa haviam me dado um vôo para Nova Iorque. Eles simplesmente não tinham mais idéias de presentes para me dar.

Eu também não ajudava muito. Sempre que Mom me perguntava com um olhar de súplica, o que é que eu queria, eu começava a suar frio, porque eu também não tinha a menor idéia do que pedir. E para ela é sempre muito importante que eu goste dos meus presentes de aniversário.

Apesar disso não me ocorreu nada e então Dad teve essa brilhante idéia e agora eu tinha que arcar com as conseqüências.

Ações de presente! 10000 marcos em ações de todos os tipos.

Eu tinha ações da Volkswagen e da BASF e algumas da Telekom, é claro. Mas não me interessei muito por elas. Dad havia dito que as ações eram para que eu pudesse treinar, afinal um garoto que iria assumir uma firma com 54 empregados e deveria ter contatos no mundo todo deveria começar cedo a se interessar pela vida econômica.

Por isso Dad havia se sentado comigo, todas as noites que se seguiram ao meu aniversário, à mesa do jantar e abria a parte de economia do jornal. Ele me mostrava o curso das ações, quais haviam subido e quais haviam caído e ficava tão animado e alegre como há muitos anos, quando eu tinha ganhado aquele trem elétrico no Natal. Uma área de cinco por seis metros de trens e paisagens, que foram construídos no segundo quarto de brincar no porão.

Por uma semana Dad quis brincar todas as noites comigo e nós colocávamos bonés de maquinista na cabeça, assoprávamos nossos pequenos apitos pretos e às vezes deixávamos os trens baterem de propósito.

Mas depois de uma semana, Dad passou a ter novamente muitos compromissos e, sozinho, eu não tinha coragem de ir ao porão para brincar. Naquela época eu era bem pequeno, tinha talvez quatro ou cinco anos.

E agora a situação com as ações não era muito diferente. Por alguns dias Dad havia brincado comigo de Bolsa de Valores, explicando-me porque, em alguns momentos, eu deveria vender e porque, às vezes, era mais sensato manter um lote de ações, mesmo que elas estivessem caindo.

Eu não me interessava por nada daquilo, mas eu havia tentado. Afinal, Dad estava animado como uma criança. Animado de verdade! Mas agora ele esperava que eu checasse sozinho, todos os dias, o movimento da Bolsa e depois dissesse a ele quais ações eu queria comprar e vender. E eu não conseguia imaginar nada que me deixasse mais entediado do que aqueles documentos idiotas e o tal DAX, o índice da Bolsa de Valores e os índices de outros países, como o Nikkei e o Dow Jones.

“Você já deveria ter vendido há muito tempo!”, gritou Dad. “Você sabe o quanto você perdeu por causa da sua displicência? Se você agir dessa maneira em relação à firma no futuro, vai arruiná-la em menos de um ano!”

“Mas são só 10000 marcos!”, disse eu cautelosamente. Eu não achava justo que Dad estivesse fazendo um drama, como se alguma coisa dependesse dos meus poucos centavos.

“Só 10000 marcos!?!”, ele gritou. “Pois bem! Quando eu tinha a sua idade, filho, eu ganhava trinta centavos por semana!”

Quase cheguei a desejar que a minha situação fosse a mesma.
Ouvi novamente a chave girar na fechadura.
“Mom chegou”, eu disse.

Kevin

É claro que Nisi havia perdido novamente a chave dela naquela tarde: afinal ela faz isso sempre, a bobinha e eu estava furioso, porque naturalmente já sabia os problemas que eu enfrentaria, simplesmente porque sou sempre tão bonzinho. Por outro lado, talvez tenha que dizer que, no fim das contas, foi uma sorte: porque se não fosse a briga que tive com minha mãe por causa da chave, eu não teria fugido e se não tivesse fugido, a história toda não teria acontecido. A história que vou contar agora, mesmo que nenhum idiota acredite nela.

Eu já estava de mau-humor quando fui para casa naquele dia. Pela manhã eu havia brigado com a Tatiana na aula de matemática e de castigo havia recebido uma tarefa extra, que eu já sabia que não iria fazer. Isso significava, naturalmente, que eu novamente teria problemas com a professora de matemática, aquele ratazana medrosa em forma de professora, e eu não estava nem um pouco a fim disso. É verdade que a tarefa extra poderia ter sido evitada, mas fui besta demais de novo.

Tatiana e eu estamos assim... tipo juntos há uma eternidade, bom, pelo menos desde que Tatiana veio para a Alemanha, e isso foi mais ou menos na quarta série. As coisas foram acontecendo e às vezes era bem prático. Para os dois, eu quero dizer. Mas não dá pra dizer que somos apaixonados.

Naquela manhã Sabrina chegou duas horas atrasada, entrou na classe no intervalo antes da aula de matemática e atirou sua mochila em cima da mesa.

“Deu certo!”, ela disse. “Estou no book!”

Não me interessei muito por aquilo. Eu estava com Fabian na janela, tentando cuspir na cabeça das pessoas que passavam lá embaixo.

“Que book?”, perguntou Saha.

Sabrina alisou a blusa colada no corpo com as palmas das mãos, como se ela precisasse ser passada. Na verdade ela já estava tão esticada, que seria possível ver até as suas espinhas através do tecido fino. Isso se Sabrina tivesse espinhas.

“Pequenos papéis...mas tudo bem”, disse, tentando dar uma olhada em seu rosto no espelho entre as janelas. “TV, shows... esse tipo de coisa. Foi um stress total até que finalmente eles me aceitaram!”

As meninas soltaram gritinhos estridentes de animação e cercaram Sabrina. É claro que agora muitas tinham a esperança de entrar, com a ajuda de Sabrina, para o *showbiz* internacional e quem sabe se oferecer para o Brad Pitt ou o Tom Cruise.

Somente Tatiana ficou sentada sobre sua mesa, puxando o chiclete de sua boca para fora com os dedos.

“Grande merda...”, disse devagar. Ela nem tinha falado muito alto e é de se admirar que, no meio da gritaria da mulherada, alguém pudesse ter ouvido. Mas a Tatiana é assim...

“Você é que está com inveja!”, gritou Yasmin, e o estranho é que apesar de achar Sabrina e suas seguidoras umas idiotas, tanto quanto Tatiana achava, naquele momento, pensei que talvez Yasmin tivesse razão.

Afinal Sabrina é simplesmente linda e isso ninguém pode negar. Ela tem um corpaço, que faz C&A parecer Armani ou Chanel, só que naquela época eu ainda não tinha ouvido falar nestas marcas. E nenhum traço de seu rosto revela que o cérebro por detrás é composto, provavelmente, por 90% de vazio embalado a vácuo. A beleza é tudo que Sabrina tem, mas isso ela tem cem por cento e se esforça muito para mantê-la. Por exemplo, ela é a única menina da classe que nunca fuma e nunca bebe, porque, segundo ela, isso acaba com a pele. As modelos têm de ser abstinências. O fato é que deveríamos estar felizes por ela, mas era evidente que Tatiana não estava. Não era lógico que suspeitássemos de inveja? Tatiana ainda mede 1,48m., tem o rosto redondo, suas batatas da perna são bem gordinhas, e nem com boa vontade eu poderia imaginar que alguma agência quisesse incluí-la num book.

“Com inveja? Você pirou ou o quê?”, gritou Tatiana e pulou de cima da mesa. Ela é pequena, mas isso não a impede de ser brigona.

Sabrina a mediu de cima a baixo. “Eu não te levo a mal, querida. Se eu tivesse a tua aparência, também estaria com inveja”, dizendo isso, virou-se novamente para o seu fã-clubê.

Bem nesse momento a Materrática entrou na classe, mas isso não fez a menor diferença. Não posso dizer que não existem professores que, ao entrarem na sala, nos façam sentar, mesmo que reclamando. Mas esse, definitivamente, não era o caso da Materrática.

Poucos alunos ainda acreditavam que terminariam a escola sem a boa vontade dos professores, mas ninguém da minha classe era burro o suficiente para achar que uma boa nota de matemática pudesse melhorar a situação. Boas notas em matemática eram, mais ou menos, como Papai Noel. A partir de uma certa idade acabávamos descobrindo que, por anos, haviam nos enganado sobre a sua existência, só pra que fôssemos bonzinhos e comportados.

“Bom dia, sentem-se, por favor”, disse a Materrática sem grandes esperanças, tirando o material de sua bolsa. Ela nem se deu ao trabalho de olhar para a classe e checar se alguém realmente havia reagido ao seu pedido. Provavelmente ela não suportaria assistir ao mesmo espetáculo seis aulas por dia.

Nesse meio tempo Tatiana havia se dirigido ao grupo de Sabrina. “Você disse alguma coisa, sua ordinária?”, gritou, enquanto a Materrática, sem dizer uma palavra, abria as abas laterais da lousa e começava a apagar os desenhos obscenos que Bruno havia feito, na parte de dentro, no intervalo. Bruno sempre tira *muito bom* em Artes.

“Se eu tivesse a tua bunda”, disse Sabrina entediada, “eu me mataria.”

Tatiana respirou fundo. “Sua vaca nojen...” e aí, infelizmente, seu olhar pousou em mim. Imediatamente percebi que havia sido um erro ter saído da janela e parado com a brincadeira de cuspir, só para ver quem ganharia esse duelo feminino. Agora eu estava metido na confusão.

É que Tatiana parou no meio da frase e ficou me olhando, como se esperasse alguma coisa. Nesse ponto eu já estava condenado, pois não entendi, logo de cara, o que ela queria de mim.

Eu sei, eu sei, foi burrice da minha parte. Quando alguém ofende a sua namorada, deve-se pular no palco com a espada empunhada e defendê-la, eu sei disso. Mas naquele momento eu não estava pensando em Tatiana exatamente como a minha namorada, afinal o nosso amor também não era assim tão intenso. É por isso que eu não estava entendendo o que é que eu tinha a ver com toda aquela história, até ela dizer meu nome.

“Kevin?”, disse ela num tom que me fez entender finalmente o que ela queria: era hora de eu entrar na briga por ela. Mas o problema é que Sabrina havia ofendido justamente uma parte do corpo que me deixava sem graça de defender.

“Agora sentem-se em seus lugares de uma vez por todas!”, e apesar de ninguém prestar atenção na Materrática, sua voz não parecia alterada ou com raiva. Esse era o comportamento que ela esperava de nós; afinal, era isso que ela conhecia há anos. Se de repente nós realmente nos sentássemos comportados em nossos lugares, ela levaria um susto tão grande, que cairia dura no chão sujo.

“E então Kevin, fale logo”, gritou Sabrina. “Você a conhece ou não? Com certeza você já viu mais do que todos nós. Vamos Kevin, fale!”

Sahra e Yasmin e a pequena e horrível Jéssica davam risadinhas e me encaravam.

“Ah, vão tomar no cu!”, respondi furioso. E aí fui para o meu lugar, pouco me importando se a Materrática teria ou não um derrame por causa da minha atitude.

“Seu merda!”, gritou Tatiana e pulou para cima de mim. “Seu grande merda!” E então ela me deu um soco na cara. A minha única sorte foi ter esquecido meu aparelho no vestiário do futebol, há mais ou menos quatro anos, e nunca ter providenciado um novo.

Por alguns instantes doeu pra caramba e eu senti que meu canino direito havia se enterrado no meu lábio. Atrás de mim o fã-clube de Sabrina soltava gritinhos.

Sou uma pessoa bastante calma, isso qualquer um pode comprovar. Com certeza não tirei mais sangue do nariz dos meus colegas do que a estatística para a minha idade recomenda e até hoje só fui duas vezes para a Diretoria por causa de brigas. Isso está tão abaixo da média, que quase chego a ficar preocupado.

Mas quando uma garota me acerta em cheio no meio da cara, só porque eu não me prontifiquei a defender seu traseiro, aí minha calma chega no limite. “Você não está batendo bem da cabeça?”, gritei e então peguei o braço de Tatiana e o torci para baixo, fazendo com que ela se ajoelhasse e continuei torcendo o braço dela até que seu corpo todo se curvou, como se ela quisesse lambe o chão. “Você pirou?”, perguntei.

E como por princípio não bato em mulher, soltei Tatiana em seguida e fui me sentar pela segunda vez.

Agora era de se esperar que a Materrática me olhasse de forma amigável; afinal eu era praticamente o único que estava sentado e, pra completar, no lugar certo. Mas os professores são seres estranhos, ninguém consegue ler seus pensamentos. Ao invés de esticar afetuosamente seu dedo indicador gordo com aquela unha vermelha na minha direção e dizer ao resto da classe, que seguisse meu exemplo, ela me apontou com um objetivo totalmente diferente.

“Plebs!”, ela disse. “Kevin Plebs! Eu não permito brigas nas minhas aulas!” E então, para me castigar, passou-me a tarefa extra, página 46 do livro verde de matemática, do número 5 ao 7. E o pior é que eu nem tinha certeza se ainda possuía o livro e caso possuísse, não sabia onde ele estava.

Por essa razão meu termômetro de humor havia atingido o ponto mais baixo naquele dia. O fato de Nisi ainda por cima ter perdido a chave, já nem me causava mais espanto.

Calvin

Mom deu um beijo em Dad e deixou a sacola da academia no chão.

“Ah, que bom, querido!”, disse, espalhando seu perfume por todo o hall de entrada. Cerruti 1881: há anos esse era o meu presente para ela em todo Natal e em todo aniversário. “Você conseguiu um avião mais cedo?”

“Correu tudo tão bem”, disse Dad, tentando se livrar discretamente do abraço de Mom. “Não havia motivo para ficar por mais tempo. Você está bonita.”

Mom riu e deu uma espiada no espelho do hall. “Então podemos comer todos juntos”, ela disse. “Margareta, você já terminou a almoço?”

Ouvimos os passos rápidos de Margareta no andar de cima e logo depois ela já pegou a sacola de Mom para guardá-la. Antigamente tínhamos uma faxineira, que só limpava a casa, não arrumava tudo. Mom não ficou muito tempo com ela. “Já vou servir. Mas é sopa de legumes. Eu não sabia que a madame e o patrão...”

“Sopa de legumes está ótimo, Margareta.” No início ela havia tentado dissuadir Margareta de chamá-la de “madame”, mas Margareta havia insistido nisso. “O que é certo, é certo!”, ela tinha dito. Eu acho que Margareta é esperta.

“Vocês me permitem?”, perguntou Mom apontando para seu abrigo de ginástica. “Não vou me trocar bem agora, não é mesmo? Estou com uma fome de leão”, e largou-se na cadeira, enquanto Margareta arrumava, silenciosamente, mais dois lugares à mesa. “E você, Calvin? Como foi seu dia?”

Eu suspirei e fiquei empurrando a colher de um lado para o outro sobre a toalha. “Foi normal”, disse sem olhar para cima. “Como sempre.” Mas Mom é difícil de enganar. Sua vida se resume apenas a duas tarefas, mas ambas são desempenhadas com extremo rigor e meticulosamente. A primeira consiste em cuidar-se para que, com quase sessenta, ela pareça ter no máximo quarenta e esteja apresentável em todos os tipos de recepções. A segunda... sou eu.

“E a prova de matemática?”, perguntou inclinando-se um pouco para que Margareta pudesse colocar a sopeira sobre a mesa. Servir a sopa nos pratos não era uma de suas obrigações. “Você não ia saber a nota hoje?”

Peguei a concha e enchi meu prato. Eu poderia esconder a nota até amanhã. Eu diria à professora que esqueci de pedir para meus pais assinarem a prova. Mas depois eu teria que mostrá-la de qualquer jeito e como saber se a situação amanhã estaria melhor que hoje? Pelo menos hoje eu não estava sozinho com Mom e eu não acreditava que ela fosse ficar se lamentando sobre o meu futuro desperdiçado na frente de Dad.

Então me decidi. “O novo professor particular não é tão bom assim”, e ao dizer isso, eles entenderam o recado.

“Não vai me dizer que tirou outro *insuficiente*?”, gritou Mom histérica. Não tinha adiantado nada Margareta cortar os legumes, temperá-los com ervas e preparar aquela sopa maravilhosa. Nesse ponto Mom já tinha perdido completamente o apetite. “Não pode ser! Mas isso é impossível!”

“Quanto ele cobra por aula?”, perguntou Dad. Se ele não se interessasse sempre em primeiro lugar por essas questões financeiras, com certeza não chegaria aonde chegou.

“Estou falando desse cara da aula particular. Ele é um professor desempregado, não é?”

“É sim”, gritou Mom. “De matemática e física”.

“E cobrando 45 marcos por aula, sem descontar nem imposto nem contribuições, não consegue fazer o garoto tirar nem um *suficiente*?”, perguntou Dad. “Está explicado porque ele está desempregado. E acaba de perder esse emprego também.”

Achei que a conversa havia tomado o melhor rumo possível, mas preferia não me pronunciar ainda. A qualquer momento poderia ocorrer a Mom e a Dad que eu também era pelo menos um pouco responsável pela minha prova. Então peguei mais uma concha cheia de sopa.

Mas isso foi demais. “Você também não se interessa absolutamente por números!”, disse Dad e bateu com a palma da mão na mesa, o que achei injusto, afinal a raiva dele era com o professor particular. “Não se interessa pela cotação das ações, nem por matemática, provavelmente nem pelo balanço da firma...”

Levei um susto. Em geral Dad não é assim tão imprevisível, mas a diferença do fuso horário de Chicago e uma noite mal-dormida fizeram com que ele ficasse irritado.

“Você não entende que números são o ABC da vida? Lidar com números é tudo o que você vai fazer no futuro, é tudo o que eu faço todo dia, assim não dá...”

“Querido!”, disse Mom apaziguadora. A vida toda ela me defendeu de Dad e isso já me foi bem útil várias vezes.

Dad deixou os ombros caírem e procurou relaxar. Uma vez ele tinha feito, não sei direito onde, um seminário de três dias caríssimo, para diretores, em que falavam de administração do stress. Desde então ele costuma inspirar o ar profundamente com regularidade.

“Está bem”, disse, inspirando calmamente de novo. “Está bem, está bem. Mas estou vendo que, no futuro, também terei que cuidar pessoalmente da sua situação escolar. Afinal, não tenho nada mais para fazer.” E então ele continuou a comer lentamente sem olhar para nós. Mom lançou-me um olhar irritado.

Mas eu não estava nem aí. Comparados com os sermões-dos-sem-teto-embaixo-da-ponte de Mom, que duravam meia hora, aqueles dois minutos haviam sido moleza.

Ficamos calados por mais dois minutos e aí a situação tornou-se desconfortável. Provavelmente foi burrice começar a falar de novo e ainda mais com uma frase que acabou provocando uma avalanche, sem a qual as próximas semanas jamais teriam sido como foram. Mas nada acontece por acaso.

“A propósito, eu faria bom uso de um computador novo”, disse entre uma colherada e outra. “Eu ainda tenho só 1.2 giga e o Markus tem um que...”

“Um computador novo?”, vociferou Dad. Provavelmente uma pessoa com sessenta e dois anos já não consegue superar tão facilmente a diferença de fuso horário. “Será que eu ouvi bem? Acabou de tirar um *insuficiente* e como recompensa quer um computador?”

“Claro que não é como recompensa!”, gritei de volta, o que naturalmente foi uma tolice. “É porque preciso dele! Porque, afinal, todo mundo está ganhando computadores novos! E, além disso, informática tem tudo a ver com matemática!” E com isso, pensei ter tirado o argumento certo de dentro da cartola.

Pelo menos esse tinha sido o argumento de Dad há sete ou oito anos, quando ele havia me dado meu primeiro PC: que computadores tinham muito a ver com matemática e que, por isso, nunca era cedo para presentear uma criança com um computador.

Mas hoje estava difícil de agüentar Dad.

“Com matemática?, ele gritou. “E informática? Diga-me uma coisa, você está tirando sarro da minha cara?” E olhou tão bravo por sobre a mesa, que eu pensei: bem que um daqueles exercícios de respiração lhe faria bem agora. “Quando foi que você fez alguma coisa além de instalar jogos nos seus vários PCs? Sempre que aparece algo novo no mercado, você acaba ganhando. E toda vez com o argumento de que isso seria bom para a escola!” Dad ficou ofegante. “Mas eu só vejo você jogando!”, continuou. “Você não usou o computador nem para digitar o trabalho de biologia, que aquela universitária simpática fez pra você seis meses atrás. Até isso a Mom teve que fazer por você!” E então ele bateu novamente a mão sobre a mesa e eu pensei que tinha sido uma sorte Margareta não ter usado nenhuma louça especial.

Apertei os lábios. Eu tinha a sensação de que o mundo era brutal e injusto. Afinal o que é que eu podia fazer se o sujeito da aula particular não tinha conseguido me explicar matemática? Agora eu é que tinha que enfrentar o stress, enquanto ele provavelmente estava sentado confortavelmente em algum parque, tomando sol.

E o que eu podia fazer se Mom e Dad eram tão velhos e não conseguiam mais lidar com situações de stress? Se eles fossem vinte anos mais jovens, com certeza não se irritariam tanto com a minha nota de matemática. E aí eu ganharia meu PC. A vida era mesmo uma porcaria.

“É por isso que vocês deveriam ter tido filhos mais cedo!”, gritei e levantei da mesa. “Já que na idade em que vocês estão, não suportam mais crianças!” Saí correndo da sala e ouvi só de longe o que Dad ficou gritando. “O que é que uma coisa tem a ver com a outra? O que é que isso tem a ver com o computador?”

Mas isso ele que descobrisse sozinho!

Kevin

Nisi estava sentada bem no alto da escada do lado de fora, que dá na porta do nosso prédio, com o caderno de alemão sobre os joelhos. O livro estava um degrau abaixo e conforme ela se esticava para frente, a fim de ler alguma coisa, dava medo que ela despencasse os doze degraus de cabeça.

“O que é que você está fazendo aí?”, perguntei de forma rude. Meu humor estava péssimo desde a aula de matemática. “Por que é que você não entra?”

Mas é claro que eu já sabia. Nisi havia perdido novamente seu chaveiro com as chaves da porta do prédio, da porta do apartamento e da porta do depósito no porão e a bronca seria feia.

Há uma semana ela já havia perdido um chaveiro no clube onde fazia ginástica à tarde, apesar de não ser sócia. A treinadora tinha explicado que, apenas no caso de um acidente, seria complicado, por causa do seguro. Mas mamãe havia dito que no caso de um acidente seria tudo muito complicado mesmo, então pra que se preocupar? E se Nisi fazia tanta questão de fazer ginástica, que fizesse, mas por favor, nada de taxas para sócios e, de preferência, sem seguro também. Para isso não havia dinheiro.

Nisi havia prometido que teria bastante cuidado na hora da ginástica; mas ainda por cima, cuidar para que sua chave não fosse roubada do vestiário, era muito para ela. Afinal ela só tinha sete anos.

“Roubada?”, gritou mamãe. “Você está louca? Você sabe quanto custa fazer uma cópia de chave? Mas tudo bem, no mês que vem é seu aniversário e não vai ter presente nenhum”, e se jogou no sofá, esticando as pernas para a frente. “Ou você acha que eu vou procurar mais um emprego de faxineira? Só para que a minha digníssima filha possa perder suas chaves à vontade?”

Nisi chorou muito e eu disse que a chave havia sido roubada e que não era culpa dela. Todo mundo sabe que se rouba como nunca em vestiários.

“Ah, é?”, mamãe gritou. “E levar o chaveiro com ela para o salão de ginástica ela não podia, não é? E o que vai acontecer se o cara que roubou invadir a nossa casa agora? Por que alguém roubaria um chaveiro, se não tivesse a intenção de invadir?”

Aí tive um ataque de riso. “O que é que alguém vai querer roubar aqui?”, disse, assim que recobrei a fala. “É capaz de ainda nos deixar alguma coisa de presente, quando vir essa espelunca!”

Mamãe passou a mão pelos cabelos. “E o vídeo?”, disse provocativa. “E a televisão?”

A partir desse dia Nisi não tinha conseguido mais dormir direito, porque ficava à espera do ladrão que viria buscar nossa televisão e nosso aparelho de vídeo. Com o chaveiro dela.

No início mamãe disse que, a partir de agora, Nisi teria que esperar por um de nós, para que abríssimos a porta para ela, depois da escola. Mas aí ela se lembrou que, há muitos anos, havia dado uma cópia da chave para a senhora Leonin, que morava no andar de cima, para alguma emergência. Não consigo imaginar que tipo de emergência mamãe estava pensando na época, em todo o caso o roubo do chaveiro de Nisi era uma emergência. Por isso mamãe disse à senhora Leonin que precisávamos da chave de volta e ela disse que nunca havíamos dado chave alguma para ela.

Então mamãe disse a ela que a pinga devia estar comendo seu cérebro e que nós queríamos a chave e logo! A senhora Leonin prometeu dar uma olhada e depois de três dias veio com nossa chave, dizendo que a tinha achado embaixo das meias e que estava realmente agradecida à mamãe, pois ao procurá-la, havia finalmente arrumado todas as suas gavetas de novo.

Mas agora que Nisi tinha perdido novamente seu chaveiro, não havia mais ninguém a quem pudéssemos pedir uma cópia; e estava claro que ela estava com medo do que mamãe falaria. Lá na Sapataria Rápida há um serviço de chaveiro, que cobra mais de dez marcos por uma chave e até agora Nisi já havia perdido três.

“Mas você é mesmo uma tonta!”, disse enquanto abria a porta do prédio com a minha chave. Nisi colocou os materiais da escola com cuidado dentro da mochila. Ela é a criança mais organizada que eu conheço. Só pode ter puxado isso do seu pai.

“Eu procurei por toda a parte!”, ela sussurrou e nos cantos dos olhos já apareceram as primeiras lágrimas. “Eu procurei no pátio e na classe eu também procurei e a Julia Olchewski...”

“Se você perdeu na escola, pode esquecer”, disse. “Aposto que alguém as jogou no lixo ou dentro da privada faz tempo.”

“Quando achamos uma chave, devemos entregá-la ao bedel”, falou baixinho. “Foi a senhora Kramer que disse. Quem cuida do setor de Achados e Perdidos é o bedel.”

Não consegui segurar o riso. Tentei imaginar alguém da minha classe, que tivesse achado uma chave, entregando-a ao bedel. Era mesmo uma piada.

“Elas estão no lixo, coração, acredite em mim”, eu disse. “Achados e Perdidos são uma bobagem”

Nisi balançou a cabeça e agora as lágrimas rolavam de verdade. “Talvez elas estejam nos Achados e Perdidos!”, ela soluçou. “Foi o que a senhora Kramer disse! Talvez elas estejam nos Achados e Perdidos!”

Na escada o cheiro era o de sempre e eu me apressei para chegar rápido lá em cima. Eu realmente gostaria de saber quem é que sempre mijava nos cantos. No início eu havia pensado que era um dos vários gatos do apartamento do porão, mas agora estou achando que é o sapateiro velho que mora no último andar. Quando ele chega das suas noitadas de bebedeira, simplesmente não consegue chegar lá em cima a tempo.

Abri a porta do apartamento. “Entre”, disse a Nisi, dando-lhe um empurrãozinho. “Ela já vai chegar. Se você pelo menos tiver terminado as lições, talvez ela não fique tão brava.”

Mas claro que isso era bobagem. Mamãe nunca se importou com lições de casa. Na nossa família só vai dar, na melhor das hipóteses, pra terminar o ginásio, é o que ela sempre diz, e com isso não se consegue nada mesmo. No caso de Ramon ela estava naturalmente certa, mas Jacqueline havia iniciado um curso técnico e bem um curso de cabeleireira, onde há sempre cinco candidatas para uma vaga. Aí mamãe havia ficado inchada de tanto orgulho. “Minha filha!”, ela disse, olhando incrédula para Jacqueline. “Minha filha, puxa! Quem diria?!”

No caso de Nisi, contudo, a história estava começando a ficar inquietante e isso só podia vir mesmo do pai dela. É claro que ela ainda estava na segunda série, mas ela fazia suas lições todos os dias e seus cadernos pareciam, mesmo depois de um ano, novinhos em folha. Ela nunca precisava perguntar nada a mamãe ou a algum de nós e já fazia quase um ano que vinha lendo o guia de programação da televisão da primeira à última página. Ela havia até choramingado que queria um livro no Natal, mas mamãe havia dito que ela não devia nem começar com essas invenções. Não serviria pra nada e só traria aborrecimentos. Por isso ela ganhou dois jogos de Gameboy, usados, do jornal de classificados, que ela podia jogar no meu Gameboy velho. E assim ela teve que continuar lendo o guia da televisão.

Mas como eu morria de pena de ver seus cadernos organizados, suas boas notas e seus desejos malucos, com os quais certamente não conseguiria nada em nossa família, tinha trazido para ela, há quatro semanas, um livro da nossa biblioteca de classe. Ela quase morreu de alegria e passou a tarde toda, até anoitecer, deitada no chão, sem ao menos notar, quando passávamos por cima dela.

Essa biblioteca existe em nossa classe, porque o professor de alemão ainda acredita que talvez ele consiga fazer com que alguém, entre os que sabem ler, dê uma olhada em algum livro. Mas a maioria dos alunos acha que procurar programas no guia de programação da televisão já é suficientemente estressante e não tem forças para, depois disso, ainda ler alguma aventura ridícula no velho-oeste ou em uma geleira.

É por isso que o sujeito que dava alemão quase caiu da cadeira quando fui até ele e disse que queria alugar algo. Uma luz iluminou seu rosto e ele perguntou o que eu gostaria. Que gênero de livro ou algo assim. Provavelmente ele pensou que todos os seus esforços por tantos anos haviam valido a pena afinal.

“Alguma coisa legal”, respondi. Eu não sabia o que é que havia lá e do que Nisi gostava.

“Aventura?”, ele perguntou. “Velho-Oeste? Policial? Animais?”

Pensei em Nisi e achei que ela provavelmente não dormiria nem mais uma noite, se eu lhe desse algo com assassinatos, então me decidi por animais. “Nesse caso só tenho livros sobre cavalos”, disse o professor de alemão em dúvida e puxou um livro colorido da estante. “Mas são as meninas que mais lêem isso. Não tem problema?”

“Não, tanto faz”, eu disse. “Eu gosto de cavalos”, e então ele escreveu meu nome em um tipo de cartãozinho, que estava totalmente vazio. Pelo jeito as meninas também não gostavam tanto disso.

Mas, como disse, Nisi quase morreu de alegria e se deitou no chão atrás do sofá, para que a televisão não atrapalhasse a sua leitura. Deu vontade de apertá-la.

Na manhã seguinte levei o livro de volta e já pedi um novo; aquilo era mesmo uma loucura.

“Não era tão bom, não é?”, perguntou o fulano que dava alemão cautelosamente, enquanto me olhava curioso. “Você acabou não lendo?”

“Li sim, era muito legal”, eu disse. “Na hora em que arrastam o pônei pelo pântano e aí quando eles quase são pegos pelos touros e depois quando aquela tal de Carina recebe permissão para ficar com o pônei.”

Nisi havia me contado tudo isso na noite anterior, tão excitada, que não conseguia pegar no sono. E também, não custava nada fazer um pequeno agrado ao professor, que estava sendo tão gentil.

“É mesmo?”, ele disse alegre, entregando-me um outro livro que se chamava *Susanne salva a fazenda dos pôneis*. “Esse aqui é parecido.”

É claro que eu havia tomado um cuidado dos infernos para que ninguém da minha classe me visse e, à noite, havia dito a Nisi que isso não poderia continuar assim. Todo dia um livro novo, não dava. Era capaz de o professor pensar que eu era um Goethe ou então, mentalmente perturbado. Uma vez por semana estava bom.

Nisi disse que tudo bem, se ela pudesse ficar com o livro o tempo todo. Assim ela poderia ler a história várias vezes durante a semana.

Algumas pessoas poderiam ter medo de ter uma irmã assim, mas eu sempre digo a mim mesmo que, afinal, Nisi não tem o mesmo pai que eu, Ramon e Jacqueline. O nosso fugiu logo depois do meu nascimento, porque o estresse foi muito grande para ele e mamãe diz que, pra ser sincera, nem ela consegue censurá-lo. Nós éramos mesmo pelo menos tão ruins quanto o purgatório. Por isso mamãe não quis saber de homens por alguns anos, mas quando saiu pela primeira vez de novo com uma amiga, foi logo conhecer aquele turco, o qual, mais tarde descobrimos, tinha família e queria voltar para a Turquia.

“Um a mais não vai fazer diferença”, disse mamãe quando começou a passar mal todas as manhãs. E assim é que chegamos a Nisi.

E agora ela estava sentada à mesa da cozinha e chorava sobre o tampo de fórmica. “Tenho certeza que ela vai brigar”, soluçava, “ela vai ficar brava comigo, eu sei”, e como

fiquei morrendo de pena dela e afinal eu era seu irmão mais velho e também porque eu já estava fazendo a história dos livros, me sentia de algum modo responsável.

É claro que foi uma estupidez, mas foi assim que a coisa toda aconteceu.

“Vem cá, pegue aqui o meu chaveiro”, eu disse, puxando-o do bolso da minha calça. “Eu digo que perdi o meu.”

Nisi me encarou, como se não pudesse acreditar.

“Você é mesmo um amor, Kevi”, ela disse e então tive uma sensação tão boa, como provavelmente aqueles caras nos filmes têm, quando salvam alguém no último segundo. Deve ser assim, senão eles não fariam isso sempre.

Fiquei, porém, um pouco surpreso com o fato de Nisi não dizer que não poderia aceitar o chaveiro, porque não se deve mentir. Pois ela é do tipo que faz isso.

Certamente teria sido melhor pra mim e essa história terminaria antes mesmo de começar direito. Mas, extraordinariamente, Nisi não havia tido problemas para enganar mamãe desta vez. E assim o destino teve sua chance.

“Perdeu as chaves?”, berrou mamãe, quando chegou em casa e eu lhe contei minha história. “Eu estou no hospício ou o quê? Há uma semana, Nisi e agora você? Será que isso vai virar moda?”

Eu disse que não.

“Pois então, vire-se para conseguir chaves novas!, gritou. “Não vejo porque eu tenha que providenciá-las! Você já tem idade suficiente!”

“Eu posso pegar o meu dinheiro dos jornais”, disse. Afinal eu entrego jornais uma vez por semana e quem fica com o dinheiro é a mamãe. É lógico que quem pode, deve contribuir para a família, ela diz. De certo modo eu também acho isso.

“Seu dinheiro dos jornais?”, mamãe gritou. “Será que eu posso lembrá-lo, que aqueles poucos centavos não dão nem para a comida que você devora todos os dias? E para as suas roupas muito menos! Não, não, você vai ter que pensar em outro jeito de conseguir dinheiro! Chaves novas, só do seu dinheiro!”

“Vaca”, disse baixinho e mamãe pegou seu casaco de lã e me acertou nas costas com ele.

“Suma daqui!”, berrou. “Suma daqui!”

Bati com os dois dedos na testa, como os marinheiros sempre fazem nos filmes preto e branco, quando dizem *Yes, sir*.

“Fui”, disse.

Eu estava furioso com a minha mãe, mas, apesar disso, é claro que eu não pretendia fugir. Mesmo que neste momento eu estivesse saindo e mesmo que ela tivesse me mandado sumir. Simplesmente aconteceu.

Calvin

De tanta raiva nem subi ao meu quarto para, quem sabe, pegar algum dinheiro. Da sala de jantar fui direto para a porta e saí.

É claro que eu não pensava em fugir; naquele ponto eu ainda não tinha a menor idéia de que algo parecido fosse acontecer e de quanto tempo eu ficaria fora. Eu só queria sair, ficar longe dos lamentos sobre meu péssimo rendimento escolar e das cobranças permanentes sobre números e ações e futuro.

Tirei minha bicicleta da garagem e parti. Não pensei para onde estava indo, pois meus pensamentos estavam ocupados apenas com as misérias da minha existência. Na minha opinião, não deveriam existir muitos garotos da minha idade afundados na lama como eu.

Só quando passei na frente daqueles navios, onde ficam os estrangeiros que estão aguardando asilo político, e daquela casa de repouso de velhos caríssima é que percebi que estava me movendo na direção do porto.

Quando eu era pequeno, Dad e eu vínhamos às vezes aqui para olhar os navios. Comprávamos primeiro um pãozinho com peixe, que é o que todo mundo come no porto e depois um sorvete. Então pegávamos o elevador e descíamos para o antigo túnel do rio Elba e atravessávamos por baixo do rio para o outro lado; e durante todo o tempo Dad falava-me do progresso humano e da audácia que tinha sido necessária para se construir um túnel assim, há quase cem anos. E por isso eu tinha, o tempo todo, uma sensação medonha de que talvez a água fosse invadir o túnel. Mas como Dad estava comigo e como ele deveria saber o que era e o que não era perigoso, essa sensação de medo vinha na medida certa, para transformar-se em uma sensação boa, emocionante e especial. E eu olhava os azulejos na parede de onde se erguiam, em relevo, peixes, estrelas do mar e outros animais marinhos e ficava esperando por outro sorvete que, com certeza, haveria do outro lado do túnel.

Desta vez eu não tinha dinheiro para sorvete, mas o túnel era de graça, então empurrei minha bicicleta para junto dos carros que já estavam no elevador e fui transportado lentamente para baixo. Aos poucos meu bom humor ia voltando.

Afinal ninguém podia me obrigar a agüentar eternamente o stress em casa. Quando eu fizesse dezoito anos, sairia de casa, venderia minhas ações e faria só o que eu quisesse. Talvez fosse para a Austrália, criar ovelhas ou para o Canadá, ser lenhador. Eu ficaria o mais longe possível de tudo o que estivesse relacionado a variações da bolsa, balanços e finanças.

Minha disposição melhorou. É claro que algum dia eu poderia vir a me interessar por todas essas coisas. Talvez quando eu atingisse a idade bíblica de trinta ou trinta e cinco anos. Aí eu voltaria para casa e deixaria minhas ovelhas na Austrália, compraria uma Ferrari e assumiria a firma. Mas só quando eu estivesse a fim.

“Mas que abuso!”, gritou o homem que controlava o elevador. Nós havíamos acabado de chegar embaixo e os carros deixavam o elevador, um atrás do outro. “Você voltou? Mas eu deveria te...” E tentou agarrar o guidão da minha bicicleta.

Uma vez que fui pego totalmente de surpresa, até que não posso reclamar da velocidade da minha reação. Subi na bicicleta e saí voando, passando pelos carros no túnel da direita, enquanto o homem atrás de mim continuava a gritar. “Experimente voltar aqui!”, berrava. “Espere só pra ver! Na próxima vez eu chamo a polícia!”

Pelo menos eu acho que ele gritou isso. O barulho dos motores dos carros no túnel estava muito alto.

Só quando atingi metade do caminho para o outro lado é que desacelerei. Fiquei me perguntando o que o cara poderia ter contra mim. Afinal eu havia respeitado os sinais de não fumar no elevador e nem tinha cuspidado no chão. Durante a descida eu não havia arrancado nenhuma estrela de Mercedes e nem quebrado uma antena e também não havia riscado o carro de ninguém. Talvez o homem do elevador devesse ser examinado.

Do outro lado parei na frente do quiosque onde Dad antigamente sempre comprava o sorvete para mim. Então me lembrei que não havia nem um centavo em meus bolsos. Eu já estava indo embora, quando o dono do quiosque levantou os olhos de sua revista.

“Você ainda está aí?”, ele esbravejou. “Ou você compra alguma coisa ou chispa daqui! Eu já não te avisei? Aqui não é lugar de ficar enrolando!” E fechou a portinha de correr com tanta força, que os vidros em volta tilintaram.

Achei espantoso como algumas pessoas podiam ser nervosas. Pra falar a verdade, era de se esperar que um trabalho tranqüilo como aquele, entre jornais e cigarros, mantivesse a mente equilibrada; mas com aquela pessoa, pelo contrário, o trabalho havia causado transtornos na sua capacidade de percepção e irritabilidade injustificada. Eu não conhecia mais ninguém, que consideraria aqueles três ou, no máximo, cinco segundos que passei na frente da janelinha: “enrolar”!

Mas hoje o destino tinha decidido bater à minha porta. Enquanto eu lamentava em meus pensamentos o estado psíquico do homem do quiosque, uma mão agarrou de repente meu ombro.

“Agora te peguei!”, gritou uma voz de homem e aí, definitivamente, parecia que eu estava em um filme e pra piorar, em um desses filmes baratos de sessão da tarde em que o ator não consegue representar bem seu papel e as paredes do cenário balançam quando alguma porta bate e você percebe, com alívio, que pode relaxar, porque, não importa o que aconteça, nada é verdade.

“Fuja!”, gritou então uma segunda voz. “Vai, corra de uma vez!”, e no mesmo momento a mão soltou meu ombro tão rapidamente quanto tinha me pegado há pouco e como eu não queria lhe dar uma segunda chance, obedeci a voz e saí correndo.

Ninguém precisa me dizer que teria sido mais inteligente pegar a bicicleta, mas ela estava apoiada ao lado da entrada do túnel e quem sabe se a mão não me pegaria novamente no caminho?

Não sou ruim em atletismo; em três segundos acelerei do zero ao cento e oitenta. Mas meus pensamentos não conseguiam acompanhar a mesma velocidade. Em que filme eu havia caído? Como é que num espaço de cinco minutos, três pessoas haviam tido a impressão de terem acabado de me ver? Será que eu tinha um sócio? Ou será que um zumbi ou um ser extra-terrestre havia tomado a minha forma para praticar o mal aqui no túnel do Elba? Mas afinal a vida não era um filme de terror.

Ouvi passos atrás de mim. Alguém estava me seguindo, alguém que, como eu, havia acelerado do zero ao cento e oitenta em três segundos e que estava usando tênis. Alguém como eu.

Busquei minhas últimas reservas de energia. Ou o cara atrás de mim era o tal que havia colocado a mão em meu ombro e nesse caso era bom mesmo que eu conseguisse fugir; ou era o meu sócio, o zumbi, e então não havia mais salvação mesmo.

Os passos atrás de mim estavam cada vez mais perto. “Agora já deu, pare, cara!”, gritou uma voz que soou tão sem fôlego, quanto eu estava me sentindo. “Já deixamos o sujeito pra trás faz tempo! Ele não tem mais nenhuma chance!” Não parecia muito a voz de um zumbi. Mas nunca se sabe. A voz soou normal e nem um pouco extra-terrestre e de certa forma, muito conhecida.

Parei e apoiei minhas mãos nas coxas, para respirar. Então olhei pra cima.
Na minha frente estava eu mesmo.

Kevin

Eu havia andado um trecho de metrô, mas tinha ficado irritado por não ter trazido meu walkman. Eu teria feito bom uso dele naquele momento. Colocaria o volume no máximo e depois ficaria olhando as vovós e os vovôs, em volta, fazendo cara feia. E nunca alguém tem coragem de dizer alguma coisa.

Mas andar de metrô sem walkman não é a melhor coisa do mundo e eu não estava com a menor vontade de andar pelas lojas. Sempre que estou assim de mau humor, fico com vontade de afanar alguma coisa, mas hoje eu realmente não estava a fim disso. O Ramon já foi pego roubando algumas vezes e isso costuma causar a maior confusão.

Por isso saltei do metrô, quando chegamos no porto. O porto é sempre uma boa pedida.

Remexi o bolso da calça, para checar se não tinha pelo menos um pouco de dinheiro comigo; meus cigarros haviam acabado e eu tinha a sensação de que, talvez, alguns tragos pudessem trazer meu bom humor de volta.

Mas não havia uma moeda sequer em meu bolso. Em compensação achei outra coisa que levantou meu astral, tanto quanto o cigarro teria feito.

O Martin da minha classe sempre faz compras com a família dele em uma loja que se chama CheapShop, que vende bugigangas conseguidas em seguradoras. Às vezes elas têm pequenos defeitos, mas na maioria das vezes elas não têm problema nenhum e o Martin diz que a CheapShop é o hobby da mãe dele. Ora, cada ser humano deve ter um hobby...isso o mantém equilibrado e saudável.

Enfim, no Ano Novo eles haviam comprado caixas gigantescas de fogos lá, principalmente umas bombas, daquelas que parecem dinamite, mas tantas, que provavelmente durariam até as três próximas gerações. Tinha sido simplesmente impossível estourar todas as bombas no Ano Novo e nos dias seguintes, apesar de estarmos em cinco e termos dado o melhor de nós, usando cada segundo a disposição. Martin teve que recarregar cinco vezes seu isqueiro, mas em algum momento, lá para o dia dez de janeiro, simplesmente perdemos a vontade. Além disso, tínhamos a sensação de que já havíamos realizado muito mais do que se poderia esperar de nós.

Então Martin dividiu o resto entre nós. Cada um ganhou por volta de dez, doze caixas, o que obrigou os professores a partir desse dia a realizar, volta e meia, longas e infelizmente ineficazes buscas, para descobrir quem causou uma explosão no banheiro feminino ou no vestiário masculino. Devido a sua acústica, os banheiros são simplesmente ideais para estourar bombas!

Eu realmente não sabia que ainda tinha uma comigo. Solitária e abandonada no fundo do meu bolso, ela clamava insistentemente por voar pelos ares. E aqui estava eu, é claro, em um local ideal para isso.

Ainda criança, eu havia atravessado algumas vezes o túnel do Elba com mamãe, Ramon e Jacqueline, quando ela queria fazer um passeio de domingo conosco e já naquela época, eu achava aquele local totalmente emocionante. Banheiros escolares podem ser, normalmente, excelentes plataformas de lançamento de bombas, mas era óbvio que eles não tinham a menor chance de concorrer com aquele túnel. Quando entrei no elevador, já podia sentir claramente a satisfação com o tremor que seguiria pelo túnel após a explosão. Assim que a porta abriu lá embaixo, joguei a bomba.

Infelizmente não pude apreciar totalmente o efeito, porque tive que sair correndo. É preciso sempre contar com o fato de que nem todas as pessoas possuem a mesma capacidade de apreciação e compreensão para as alegrias pirotécnicas... aprendi isso na escola. Por esse motivo corri mais do que as pernas.

Mesmo assim percebi que havia provocado um estrondo maravilhoso, que ecoou através do túnel e eu realmente fiquei com pena das pessoas nos carros que não eram capazes de aproveitar o acontecimento como eu. Pensei na possibilidade de voltar em breve com alguns amigos e estourar de uma vez uma caixa inteira. Seria provavelmente o som mais genial do milênio!

Já do outro lado do túnel, fiquei, por um momento, com medo que alguém tivesse telefonado e avisado sobre a minha chegada, mas como consegui entrar e sair são e salvo do elevador, parei um instante e me apoiei em um pequeno quiosque de jornais e guloseimas para descansar.

Mas pelo visto, o dono do quiosque estava furioso. Não havia se passado, com certeza nem um minuto inteiro, desde que eu havia apoiado os cotovelos sobre o balcãozinho dele, e tinha caído na gargalhada ao ler os títulos das revistas e pensar que as distintas senhoras nas capas possibilitavam o estudo de diferentes formatos de peitos, quando ele abriu a janelinha.

“Quer alguma coisa?”, perguntou mal-humorado.

“Tem alguma coisa grátis?”, perguntei inocente.

“Suma daqui”, disse o cara do quiosque. “Agora!” E mal eu havia iniciado um agradável diálogo com o sujeito, na tentativa de tirar o rebolado dele e fazer com que aos poucos o volume da sua voz fosse aumentando e as veias fossem saltando, vi o homem de uniforme azul na saída do túnel. Ele olhava a sua volta e aí percebi que seria melhor seguir o conselho do dono do quiosque e checar o que ainda havia para se visitar na região do lado de cá do túnel.

Em todo o caso, o cara de azul, não parecia muito confortável naquela situação. Eu poderia apostar que ele pertencia a algum serviço de segurança particular e percebi que realmente alguém do túnel deveria ter telefonado e que agora eu era a vítima desse caçador de recompensas. Lamentei que ele perderia seu prêmio, mas no fim das contas, eu também precisava pensar em mim. Virei as costas para o túnel e andei calmamente pelo cais. Então me sentei em uma escada, que descia em direção à água e fingi que era uma dessas pessoas que para relaxar gastam 999 marcos em uma viagem de trem para uma cidade qualquer e então querem, por pelo menos 1000 marcos, ver tudo o que têm direito, só para terem a sensação de que seu dinheiro foi bem investido.

Dali a vista do rio não tinha nada assim de tão emocionante, mas, mesmo assim, eu já tinha gasto uns 777 marcos olhando e poderia economizar os outros 223.

Depois disso, provavelmente o caçador azul já deveria ter sumido e eu me esconderia atrás de algum carro bem grande e conseguiria chegar ao outro lado sem que ninguém percebesse. Tenho experiência nesse tipo de coisa.

Mas infelizmente caí no erro de interromper por um momento meu passeio turístico, para dar uma checada rápida. Podia ser que, a esta altura, o gorila já tivesse sumido e então eu poderia finalmente interromper minha estadia na escada. Tão louco por pontos turísticos eu também não sou e, além disso, eu nem estava com a minha máquina fotográfica.

Foi nesse momento que eu o vi. Ele estava usando uma jaqueta de couro da *Diesel*, dessas que só um idiota usaria fora de casa, afinal todo ser humano, que tenha alguma capacidade de raciocínio, sabe que esse tipo de peça de roupa é roubada no momento em que você deixa a segurança do seu lar. Enfim, era na direção desse garoto que o caçador de cabeças estava se movendo agora, por trás, sorratamente, assim como fazem os vilões nos filmes, e sem que eu precisasse pensar muito, já sabia o porquê.

Alguém pode pensar que por ter dado o meu chaveiro a Nisi, eu seja uma pessoa nobre como essas que aparecem em filmes infantis ou romances femininos. Mas, pra ser sincero, não é o meu caso. Quando alguma coisa tem cheiro de boa ação, penso umas três vezes antes de entrar na jogada e em 98% dos casos, não entro. Mas por alguma razão não achei certo que esse garoto-*Diesel*, que de longe eu já via que não tinha a menor noção da vida, levasse a

culpa no meu lugar por causa da bomba. Não que eu não achasse graça nisso, claro, mas, por outro lado, eu simplesmente não suporto estes caras de azul com os celulares presos no cinto e os distintivos nas jaquetas. Fico automaticamente a favor do outro lado.

Como ainda não sofro de artrite, saí correndo e cheguei no gorila bem na hora em que ele colocava sua mão no ombro do garoto.

“Peguei você!”, ele gritou. Sua voz era tão antipática quanto seus distintivos e eu percebi que, finalmente, havia chegado o momento de testar um dos golpes que Jacqueline tinha aprendido no seu curso *Proteção pessoal para mulheres* e que depois ela havia ensinado para toda a família no corredor de casa. Mal pude acreditar: funcionou como nunca! O caçador de recompensas caiu de joelhos e eu gritei para o menino que fugisse e somente quando ele atingiu uma distância suficiente, soltei o Barba Azul e saí correndo atrás.

Estava me sentindo estupidamente bem!

Agora falando sério: não costumo usar golpes para derrubar as pessoas e fazê-las cair de joelhos. Exatamente por isso é que não achei nada mal ter tido um bom motivo para fazer isso desta vez. É claro que o melhor é ficar longe de brigas, mas quando se trata de proteger uma criatura indefesa... aí a história é outra.

Corri atrás da jaqueta de couro e rapidamente percebi que o inimigo azul nem havia tentado nos seguir. Mas pelo jeito o garoto-*Diesel* não havia percebido, pois ele continuava a correr como um tonto, como se quisesse cruzar a fronteira e chegar a Amsterdã a pé, ao anoitecer.

Infelizmente eu não tinha nem um florim holandês no bolso e ainda por cima meu passaporte estava vencido. Por isso achei melhor parar.

“Agora já deu, pare, cara!”, gritei. “Já deixamos o sujeito pra trás faz tempo!”

Diesel, lá na frente, desistiu de atravessar a fronteira e parou ofegante. Talvez ele também tivesse assistido a um desses filmes na televisão, que mostram que a cidade dos canais já não é mais a mesma. Ele apoiou as mãos sobre as coxas e então eu percebi que ele estava completamente esgotado. Isso prova que um Nike-Air não é tudo quando se precisa correr. Uma boa condição física pode fazer a diferença.

Ele inspirou o ar algumas vezes e então olhou para mim.

E falando sério, sem brincadeira: Na minha frente estava eu mesmo.

Calvin

Percebi que estava a ponto de desmaiar e fechei os olhos. Então inspirei fundo. Os gastos de Dad com o curso de relaxamento haviam valido a pena. Pelo menos, a respiração abdominal dele ajudou-me a superar aquele momento de espanto.

Quando abri os olhos, meu sósia continuava parado à minha frente, no mesmo lugar, como se não tivesse se movido. Talvez ele também tivesse se estabilizado, assim como eu, inspirando alguns decímetros cúbicos da mistura altamente concentrada de O₂, CO₂ e benzina, que substituía o que restava de ar nesse lugar. Por outro lado, ele não parecia com alguém que já tivesse entrado em contato com técnicas de relaxamento para diretores. A única técnica de relaxamento que eu o julgaria capaz de dominar, era abrir uma lata de cerveja fazendo barulho.

“Uau!”, disse meu duplo encarando-me, como se ninguém tivesse lhe ensinado que em uma situação como esta, o certo seria dizer: “Muito prazer, você é meu clone, eu presumo.” Mas, ao invés disso, disse “Isso é a coisa mais louca que eu já vivi.”

Dei um passo para trás. “O que é que você fez no túnel?”, perguntei. Eu não queria falar nada que tivesse a ver com a minha ou a aparência dele. Talvez, em algum lugar do meu subconsciente, eu tivesse a esperança de que, fingindo que ela não existia, essa semelhança sinistra desaparecesse por si só.

Eu podia ter enxergado mal, não é mesmo? Quantas vezes a gente não vê uma pessoa e pensa que ela é idêntica à vendedora da padaria da estação de trem ou então ao apresentador da TV? E então a pessoa vira a cabeça num ângulo de 25 graus, fazendo com que a vejamos agora de frente e não mais de perfil e pronto! Da semelhança não sobra nada.

Uma vez, estava anoitecendo, e Dad deu o braço a uma senhora que passava na sua frente e ficou falando, no mínimo uns cinco minutos, sobre a banheira de hidromassagem com ela. Será que não deveriam mesmo tirá-la do banheiro de cima, já que o efeito do turbilhão não chegava nem perto do que o prospecto havia prometido, e afinal não precisavam de uma hidromassagem para namorar, não é meu bem? E só quando ela não se manifestou absolutamente sobre o tema e permaneceu dura como uma porta, foi que ele percebeu que não era com a mamãe que ele estava de braços dados e sim com uma mulher estranha, que já estava quase desmaiando de medo de ter caído nas mãos de um assassino compulsivo.

Uma coisa assim pode acontecer... por isso é que inspirei novamente o ar, algumas vezes, diretamente para dentro do meu plexo solar e desejei que meu sósia se transformasse, em seguida, em alguém com meu tipo e minha cor de cabelo, mas fora isso que não pudesse ser confundido comigo de forma alguma.

Mas ele não me dava um minuto de sossego.

“Que jaqueta maneira você está vestindo”, disse o sósia com um olhar de cobiça, que me fez dar um passo para trás, por segurança. Essa não era a resposta à minha pergunta e, ainda por cima, a sua aparência não tinha mudado nada. Engoli em seco e tentei simplesmente elaborar um novo pensamento: À minha frente estava uma versão bizarra de mim mesmo, que cheirava a água de colônia barata ou a algum desodorante 24 horas. Assim como a maioria dos produtos, eu também existia em duas versões: o original caro e a cópia barata.

A cópia olhou para os meus sapatos. “Nada mal também”, disse. “Quanto foi? Uns trezentos? Eu estava pensando aqui agora, que talvez tenhamos sido trocados na maternidade. Nesse caso as suas roupas me pertencem”, e havia um brilho em seus olhos que me fez pensar que talvez tivesse sido melhor ter sido pego por aquela mão em meu ombro. Se a coisa continuasse desse jeito e teria que atravessar o túnel de cueca... bom, pelo menos ela era Calvin Klein.

Pelo jeito o duplo conseguia ler meus pensamentos.

“Não precisa entrar em pânico!”, disse, tranquilizando-me. “Você pode ficar com tudo. Isso aqui não é totalmente louco? Ou será que eu pirei?”

Balancei a cabeça. “Se você acha que a gente é mesmo igual...”, disse resignado, “então você não pirou não.”

“É... eu me admiraria muito com isso”, disse a versão barata, puxando um chiclete da boca com os dedos. “Cigarros você não tem, não é?”

Infelizmente tinha que dizer não a todas as suas perguntas. “Eu me chamo Calvin”, disse, afinal eu havia aprendido a lidar com situações de crise. “Por que não nos sentamos?”

Fomos então juntos para a escada, de onde ele tinha vindo há pouco para me salvar, e nos sentamos no degrau mais alto.

Às vezes a vida é muito mais estranha do que se pode imaginar.

Kevin

É claro que no começo eu estava totalmente confuso. Essa seria a reação de qualquer pessoa que se visse, de repente, frente a frente consigo mesma. Ainda mais quando a sua imagem espelhada está usando roupas de pelo menos dois mil marcos. Nem todas as roupas do nosso armário, juntas, custaram tanto!

Mas era óbvio que o gêmeo estava pelo menos tão chocado quanto eu. Por isso sentamos juntos na minha escada-turística e apreciamos a paisagem. Ela não havia ficado mais interessante nesse meio tempo e não estava sendo nada fácil iniciar uma conversa. Não existe ninguém com cérebro que esteja preparado para uma situação dessas.

Primeiro ficamos pensando em como era possível que existissem dois de nós e eu logo percebi que *Diesel* não estava nem de longe tão animado com essa semelhança como eu. Provavelmente ele preferiria um sócia que ele pudesse exibir no campo de golfe.

Não achamos nenhuma explicação. A idéia de que duas pessoas são iguais como gêmeos siameses, por terem nascido no mesmo minuto e no mesmo meridiano não nos convencia. Chegamos à conclusão de que o mundo deveria estar cheio de pessoas que parecem clonadas.

“Mas seria idiota desperdiçar essa oportunidade, não é?”, eu disse. “Quero dizer, a gente é tão parecido... e ninguém sabe disso.”

Diesel amarrou o cadarço do tênis. É claro que ele se chamava Calvin. Era de se esperar.

“Por acaso você é bom em matemática?”, perguntou esperançoso. “Eu podia te pagar pra você fazer as minhas provas.”

“Pode desistir.”, disse.

Ele abanou a cabeça e disse: “Provavelmente também somos iguais em nossos fortes e fracos. Assim como com a nossa aparência.”

Eu achava isso também. “Mas nós poderíamos trocar de roupas por um tempinho.”, eu disse. “Aí eu seria você e você seria eu.”

Calvin olhou pensativo. “Mas eu vou pegá-las de volta.”, ele disse. Levantei a mão num gesto de juramento e mostrei também a outra mão aberta, para que ele visse que eu não estava tentando nenhum truque.

“Ou será que você está com pressa?”, perguntei. “Algum compromisso ou coisa parecida ou a mamãezinha está esperando?”

Calvin chutou o asfalto com o calcanhar.

“Ela pode esperar.”, disse. “Hoje ela estava um saco...”

“A minha também!”, disse espantado. “A história está ficando engraçada. Não me diga que você também perdeu um chaveiro? Aí eu vou voltar a acreditar em Papai Noel.”

Calvin fez que não com a cabeça e dava pra ver que ele tinha ficado aliviado. “Não precisa, fique tranquilo. Não, eles só não quiseram comprar um computador novo pra mim. Super-pão-duros! E olha que a grana eles tinham!”

Não sabia o que dizer, então fiquei de boca calada. Mas minha sugestão continuava em pé “E aí? Vamos trocar ou não?”, perguntei.

É lógico que ele também estava curioso para conhecer seu outro eu. “Mas pra quê?”, ele perguntou.

Eu tenho certeza de que, naquele momento, já tínhamos idéia do que íamos fazer. Os dois. Nós só não tínhamos coragem de dizer em voz alta. Nenhum dos dois.

“Ah, trocar só por trocar...”, eu disse. “Do outro lado do túnel tem um banheiro masculino.”

Calvin riu. “Vamos lá.”, ele disse.

Então fomos pegar a bicicleta dele, para atravessarmos juntos o túnel de volta.

Calvin

Esse Kevin era provavelmente o cara mais malaco que eu já havia encontrado até então, sério! Era evidente que ele tinha experiência em enganar guardinhas e seguranças.

“Com licença?”, disse todo inocente a um jovem que pelo jeito iria atravessar o túnel a pé. “Eu e meu irmão queríamos apostar quem desce a escada correndo mais rápido. Será que o senhor poderia levar a nossa bicicleta pelo elevador?”

E assim conseguimos evitar o elevador e do outro lado, na hora de subir, a mesma coisa. Moleza!

“Você faz isso sempre?”, perguntei quando pegamos a bicicleta de volta no píer. Àquela altura o trânsito estava inacreditável e os turistas inundavam as calçadas com suas filmadoras.

Kevin abanou a cabeça. “Nããã”, ele disse. “No máximo uma vez por dia. O banheiro é ali.”

O maior problema agora era explicar ao homem do banheiro, sentado atrás de sua mesinha, que nós não tínhamos sequer um centavo e que mesmo assim precisávamos fazer uma visita urgente ao seu estabelecimento. O sujeito era duro na queda. Ou paga ou faz xixi na calça, esse era o seu lema. De nada adiantava ficarmos pulando de uma perna para outra, feito crianças do jardim de infância ou falarmos sobre poluição ambiental, o sujeito não amolecia.

“O Elba está bem ali na frente”, disse ele, tomando um gole de café da sua xícara florida, uma peça de colecionador.

Kevin estava explicando que uma grande parcela da mortalidade dos peixes nos rios da Alemanha se devia a seguranças-de-banheiro-sem-coração como ele, quando um senhor de cabeça suada, que em vão tentava esconder sua barriga atrás de uma câmera com diversos acessórios, veio em nossa ajuda.

“Tomem aqui, meninos”, disse gentil e jogou duas moedas de um marco no prato, que estava sobre uma toalha de mesa cuidadosamente passada, “por conta da casa.”

Gritamos o nosso obrigado e corremos para o nosso abrigo azulejado. De tanto segurar o riso, quase mijamos de verdade.

“O que é que ele vai pensar de nós dois dentro de uma cabine?”, cochichei, assim que finalmente havíamos conseguido fechar a porta atrás de nós. Caramba, era apertado mesmo ali!

“Bom, o que é que você acha?”, disse Kevin, já puxando seu moletom pela cabeça. Eu estava me sentindo dentro de um filme.

“Vai, tira logo a roupa”, disse Kevin impaciente. “Jogo rápido.”

Pendurei minha jaqueta em cima do porta-papel higiênico e me perguntei se alguma vez na minha vida já tinha vivido algo tão louco quanto aquilo. O banheiro cheirava tão mal, que trinta centavos de taxa já teriam sido suficientes.

“Vai, vai, vai!”, cochichou Kevin, que pelo jeito estava louco pra vestir logo minhas roupas. “Senão daqui a pouco a gente está ferrado!”

Comecei a rir. “Você acha que ele acha que...”, falei baixinho.

Mas nesse momento alguém já batia na porta

“É proibido usar o banheiro em duplas!”, gritou o homem do banheiro nervoso. “Ei vocês! É proibido...”

Quase mijei nas calças, mas Kevin continuava senhor da situação.

“Eu tenho que ajudar meu irmão!”, ele gritou mais alto do que seria necessário. Afinal os outros usuários mereciam algo mais, depois de pagar uma taxa de uso do banheiro tão exagerada. “Ele queimou os dedos ontem e não consegue abrir o botão!”

Mordi os lábios pra não cair na risada.

“Sei, sei!”, gritou o senhor-das-privadas do lado de fora. “Saíam daí imediatamente! Eu conheço essas desculpas!”

“Vem, Rudolf, eu te ajudo”, disse Kevin amorosamente, numa voz usada somente em conversas com hamsters e coelhinhos.

“Pronto, Rudolf, o botão já está aberto. Você já pode fazer o teu...”

“Rudolf???” , cochichei enquanto tentava, com dificuldades, tirar meus sapatos. “Rudolf???”

“...pipi”, disse Kevin e puxou a descarga. “Viu só? Tudo pronto.”

Amarrei o cadarço dos tênis dele, que provavelmente tinham sido comprados num supermercado. “Obrigado, Herbert”, disse. “Você é tão bom pra mim.”

Mas tão idiota o homem do banheiro também não era.

“Fora daqui, eu disse!”, gritou e então a maçaneta da porta girou. Todos esses guardinhas de banheiro têm uma chave de ponta quadrada, que eles usam, em casos de emergência, para salvar vovós desmaiadas ou criancinhas gritando. “Fora daqui, e já!” E então ele abriu a porta para dentro com um estrondo.

“Ai!”, disse Kevin indignado. “O senhor precisa aprender a lidar com inválidos!” E então me pegou pelo cotovelo. “Venha, Rudolf, vamos embora. Da próxima vez vamos procurar outro banheiro.”

Mandei um beijo para o guardinha e disse: “Você tem razão, Herbert”. E então voamos para fora, onde estava a bicicleta, que por sorte não havia sido roubada.

“Pena que não houve tempo para uma espiada no espelho”, disse Kevin. “Por dois metros foi uma performance muito fraca”

“Você está bonito”, disse eu, olhando-o de cima a baixo. “Como eu.”

“Você está mais bonito, irmão”, disse Kevin rindo de forma irônica. “Como eu.”

“Com exceção do cabelo”, eu disse.

Kevin concordou com a cabeça e perguntou: “Você acha que alguém vai perceber?”

Olhei desconfiado pra ele. “Como é que eles não perceberiam?”, perguntei. “De quem é que você está falando?”

Mas eu sabia exatamente de quem ele estava falando. Mas a gente teria sido bobo, se não tivesse tentado.

Kevin

Ficamos pelo menos umas três horas sentados em um desses bancos, que são colocados para os turistas perto da água. Contamos um para o outro as nossas vidas e nisso meu estômago começou a roncar tanto, que eu estava prestes a roubar a comida que umas senhoras e umas crianças eufóricas tiravam, aos poucos, de sacos plásticos e jogavam ao ar para as gaivotas.

Mas é claro que não podíamos nos precipitar e, além disso, eu tinha certeza de que depois disso eu seria recompensado com os pratos mais apetitosos e as bebidas mais deliciosas. Já no caso do gêmeo a coisa era um pouco diferente, mas por sorte ele não fazia idéia disso. Ele tinha, no máximo, dez por cento de noção da situação.

E pra completar, a história estava me divertindo. Eu nunca havia pensado no que uma pessoa deveria saber sobre mim ou sobre a minha vida, caso fosse ser meu dublê por algum tempo. Afinal jamais surgira essa oportunidade.

Mas agora isso havia se tornado, de repente, extremamente importante. Ele tinha que saber, por exemplo, o nome do nosso pai ou até o do pai da Nisi (o qual eu não me lembrava no momento) e como era meu relacionamento com cada pessoa da minha classe. Os nomes dos professores eram, com certeza, importantes e que matéria lecionavam; falei um pouco também sobre a Tatiana. Fora isso ticara rapidamente todos os pontos essenciais da minha lista. Era assombroso ver como minha vida podia ser resumida em um tempo tão curto.

No caso de Calvin a situação era um pouco diferente, principalmente porque ele tentou me ensinar, pelo menos na teoria, o saque correto no tênis e as regras do hóquei.

“Cara!”, disse impaciente. “Quanto tempo você acha que isso vai durar? Eu acho que nem vou ter chance de jogar hóquei!”

Calvin deu de ombros. “Vai saber...”, disse olhando para o chão. “Por mim, estou feliz de ficar um tempo sem ter que ver meus velhos.”

Não disse a ele que, então, provavelmente ficaria bem mais feliz por não ter que ver a *minha* velha. Ele que vivesse sua própria experiência.

Eu tinha certeza de que ele me ligaria no mais tardar no dia seguinte bem cedo, antes do café, para trocarmos. Isso, é claro, com a condição de que mamãe não tivesse trancado o telefone dentro do armário para economizar.

Levei Calvin até o metrô. Fiquei repetindo a nossa rua e o número da casa e o caminho da estação, para que ele decorasse. Mas aí ele ficou um pouco espantado quando percebeu que eu não forneceria nem dinheiro e nem uma passagem a ele. Pelo jeito ele não estava acostumado a viajar sem pagar. Por isso tive que explicar a ele o quanto custa para uma família com quatro crianças, que ainda por cima vive num bairro de merda como o nosso, onde não há loja nenhuma e nada acontece, se tiver que pagar toda vez. Ele acabou entendendo. Tive quase a sensação de que junto com as minhas roupas ele também tinha levado um pouco do meu bom senso.

“Tchau, velho, se cuida”, disse, enquanto Calvin passava pela catraca do metrô na estação.

“Você também!”, disse ele levantando a mão. Seu jeito de andar ainda era meio *Diesel*, o que não combinava muito com o resto.

Lá embaixo tirei o cadeado da bicicleta e fiquei brincando um pouco com a marcha. Eu me chamava Calvin Prinz e estava a caminho do castelo dos meus pais a fim de conseguir algo decente para engolir.

Eu me chamava Calvin Prinz. Mais tarde me tornaria rei.

Calvin

Não demorou tanto para que eu chegasse ao meu novo endereço. Mais ou menos meia hora de metrô. Mas meia hora pode parecer uma eternidade, quando você tem que contar com a possibilidade de o cobrador aparecer e pedir para ver sua passagem.

Quando saí do metrô, inspirei fundo, e desta vez não se tratava de uma técnica de relaxamento. Desta vez era puro choque.

Kevin tinha me explicado exatamente por quais ruas eu deveria seguir e onde deveria virar. Mas ele não havia me preparado para a cara dessas ruas. Vamos deixar bem claro: já rodei bastante mundo afora. Mas naquele momento percebi que, da sua própria cidade, as pessoas conhecem apenas alguns lugares. O lugar onde se mora, é lógico, e o centro onde se faz compras e as várias quadras de hóquei e tênis, onde se pratica esporte de vez em quando, e também o lugar onde moram os amigos e conhecidos, é claro!

Mas em um bairro como o de Kevin nós não tínhamos nem amigos, nem conhecidos. E por isso eu não fazia a menor idéia de que existiam ruas como aquelas.

Quando fomos para Nova Iorque na primavera, Dad havia me proibido de andar pelo Harlem ou pelo Bronx. E o pior é que além do Empire State Building, esse era o único motivo pelo qual eu queria visitar a cidade. Influência excessiva de filmes policiais, é óbvio!

E agora eu me dava conta de que poderíamos ter economizado o dinheiro das passagens aéreas. Um bilhete do transporte público local já teria sido suficiente.

Ao lado da estação havia uns sujeitos com latas de cerveja nas mãos, parados na frente de uma lanchonete. À primeira vista tive a impressão de que eram figurantes de um filme qualquer. Mas aí percebi que eles eram de verdade. De verdade mesmo, com seus cabelos sebosos, as roupas gastas e as latas de cerveja e instintivamente fechei as mãos com força para segurar minha jaqueta de couro. Mas a esta altura ela deveria estar passeando, segura e elegante, sobre a minha bicicleta de 24 marchas pelas alamedas do nosso bairro.

Os homens não se interessaram por mim e eu tomei isso como um sinal de que também eu parecia real. Kevin Plebs andava por aqui sem chamar a atenção. Para Calvin Prinz isso seria um pouco mais difícil.

Quanto mais eu me aproximava da minha nova casa, mais deprimido ia ficando. Minha vontade era a de pegar um táxi e voltar para casa. Mas eu sabia que ficaria mal com Kevin e, no fundo, comigo mesmo também. Sem falar que não passavam muitos táxis por ali, né?

As casas eram velhas, altas, coladas umas nas outras. Não havia jardins, árvores... absolutamente nenhum verde. Por toda a parte havia bitucas de cigarro, latas de coca-cola e cerveja e, na calçada, os restos pretos pisoteados de milhares de chicletes cuspidos. Àquela hora havia também crianças apoiadas nos portões das casas, com cigarros no canto da boca. Das janelas ouvia-se a confusão de diferentes programas de televisão, que prendiam a atenção dos espectadores. Aqui morava Kevin Plebs.

Toquei a campainha. Kevin havia me contado uma longa história sobre um chaveiro perdido. Inspirei fundo, a fim de estar preparado para o que viria a seguir: no mínimo uma mãe berrando. O relógio de Kevin, no meu pulso esquerdo, mostrava vinte para as onze e eu já contava com o pior. Talvez fosse até costume, nesse tipo de lugar, bater nos filhos com um pedaço de pau.

Mas eu não precisava ter medo. Ao invés de uma senhora raivosa com um pau de macarrão na mão, uma menininha desceu a escada correndo. Ela estava vestindo uma camiseta gigante que batia nos joelhos, mas com um decote que deixava o ombro esquerdo à mostra.

Mal abri a porta, ela gritou nervosa: “Você não me trouxe o livro! Você disse que ia trazer um novo hoje! Eu olhei na sua mochila!”

“Ah, é?”, disse um pouco confuso. Mal tinha chegado e já começavam as confusões. Por sorte, só com uma criança. Crianças são fáceis de tapear.

“Você disse!”, gritou a garotinha, que só podia ser Nisi, e saiu correndo à minha frente, escada acima. Embaixo da camiseta ela só estava vestindo uma calcinha minúscula. A camiseta era, provavelmente, sua camisola.

Não havíamos falado de livros na nossa conversa de preparação e eu decidi não me demorar neste tema.

“Você já não devia estar dormindo?”, perguntei.

Eu procurava usar pouco ar ao falar, para não ter que inspirar muitas vezes. Parecia que 80 % do gás que preenchia o espaço da escada era composto de mijo de gato evaporado.

Pelo jeito Nisi não achava necessário responder a minha pergunta. Ela parou no terceiro andar e destrancou uma porta, na qual estavam colados vários adesivos dos sucrilhos *Kellogg's* e de uma firma desconhecida de velas para automóvel. Fiquei me perguntando se a decoração era resultado da vontade de algum membro da família de embelezar o lugar ou se a intenção era, com isso, esconder pelo menos os riscos e manchas mais horríveis. De qualquer forma, a tentativa teria sido inútil.

Já no corredor do apartamento, Nisi colocou seu chaveiro sobre o capacho. Pelo jeito ela decidira que agora era o momento de responder à minha pergunta.

“Eu não consigo dormir, oras”, ela disse.

Acenei com a cabeça. Provavelmente eu também não conseguiria dormir nessas redondezas. Já li muita coisa e já vi filmes, mas o que eu quero dizer é que – *uau!* Quero dizer, quando a gente vê a realidade, então é assim de certa forma... real. Não que o apartamento fosse sujo. Na verdade, depois que se deixava aquela escada que dava vontade de vomitar, o apartamento não era nada sujo. Mas o carpete estava tão enrugado que parecia ser da época do último imperador e já naquela época deveria ter custado no máximo quinze tostões por metro quadrado. Nas paredes, pendurados a uma distância de poucos centímetros uns dos outros, havia quadros de tirar o fôlego com castelos da Baviera e cavalos saltitantes. Olhando mais de perto, podia-se ver que nada mais eram do que quebra-cabeças de mil peças colados. Sou a favor da arte, com certeza, fui educado para isso. E com certeza sou a favor de ambientes aconchegantes, mas repito – *uau!* Aquilo era realmente real.

“Será que você não podia ter chegado um pouco mais cedo?”, gritou uma voz que vinha da sala. A voz não parecia muito maternal e se esforçava para suplantar o som de alguma conversa da televisão, onde os atores, que dublavam o filme, tentavam falar numa voz sedutora. “A Nisi não conseguiu dormir de novo.”

Eu não estava entendendo direito o que é que isso tinha a ver comigo e de repente, como se eu tivesse levado um soco no estômago, me dei conta de que eu não tinha a menor idéia do que estava fazendo ali. Estava vivendo a vida errada.

É comum se dizer *acho que estou no filme errado*, pois era exatamente assim que eu estava me sentindo agora: como um espectador no cinema que, de repente, percebe que a sala se transformou em uma parte do filme e ele, em um ator. O único problema é que ninguém tinha dado o script a ele para ler.

Pensei em relaxamento e respiração e enfiei a cabeça pela porta da sala.

“Sinto muito.”, disse.

No sofá havia uma garota, que estava folheando uma revista. Era exatamente o tipo de garota que jamais me interessaria; essas que têm o cabelo penteado demais e o rosto muito maquiado, como se quisessem desviar o olhar de tudo o que possa estar escondido por trás, em seu cérebro, e fixar-se somente na fachada. Ela estava usando uma *legging* muito estampada, apesar de que talvez fosse melhor que seu corpo estivesse coberto por um vestido bem largo, e comia batatinhas chips direto do saquinho. Sem dúvida essa era minha irmã Jacqueline.

“Sente muito?!”, disse sem nem olhar para cima. “Eu queria sair hoje à noite, cara! Mas a Nisi entrou de novo em pânico e você não estava aqui...”

Ela olhou para mim e um olhar de perplexidade cobriu o seu rosto.

“Não pode ser... pode?”, disse ela, apoiando-se sobre os cotovelos. “Você cortou o cabelo?”

Dei de ombros. Eu deveria saber que ela notaria a diferença. Afinal Kevin havia me contado que ela estava estudando para ser cabeleireira.

“Você gostou?”, perguntei cuidadosamente.

Jacqueline deu uma olhada. “Bem cortado, não se pode reclamar”, ela disse. “Eu não sabia que você ligava pra essas coisas.”

“Mas eu ligo”, disse e percebi que, de repente, havia entrado no filme. “Agora vou dormir.”

Jacqueline rolou pesadamente de volta à sua posição no sofá. “E de onde é que você tirou a grana?”, perguntou. “Bons sonhos então”, e com isso acho que eu estava dispensado.

Olhei à minha volta. Nisi havia desaparecido atrás de uma porta entreaberta e agora eu tinha que decidir qual porta eu experimentaria primeiro. Sorte que pelo menos a mãe não estava lá, assim eu podia testar todas as maçanetas com calma e despercebido.

Atrás da primeira porta ficava a cozinha. As portas dos armários eram tão brancas, que teria sido possível ver meu reflexo nelas e a bancada e a mesa estavam arrumadas e brilhando. Na única parede livre havia uma folhinha da farmácia. Eu apostaria com qualquer um, que Mom jamais conseguiria sozinha deixar nossa cozinha assim tão arrumada.

O banheiro tinha só uma privada e o chão era decorado com ladrilhos do milênio passado, mas apesar disso, não atingiriam bons preços no mercado de antiguidades, porque eram de uma cor totalmente estranha. Agora só restavam duas portas.

“Eu não consigo dormir!”, disse Nisi quando abri cuidadosamente a primeira. “Eu fico pensando o tempo todo que o ladrão vai chegar a qualquer momento!”

“Bobagem!”, disse com convicção. Eu não sabia se um irmão mais velho deveria passar a mão na cabeça da irmã menor em uma situação como essa, mas eu sabia, com certeza, que nenhum ladrão perderia tempo com esse buraco. “Eu estou aqui agora.”

“Então talvez eu durma.”, disse Nisi e com um leve grunhido rolou para o lado, fazendo-me pensar, pela primeira vez na minha vida, que talvez fosse legal ter filhos mais tarde.

“Bons sonhos, Nisi”, falei baixinho e fechei a porta atrás de mim. Eu era Kevin Plebs.

Minha cama, portanto, esperava por mim atrás da última porta. Só que infelizmente eram duas camas esperando.

O quarto era tão pequeno, que ficava difícil chamá-lo de quarto. Fora uma estreita faixa de chão no centro, que estava coberta até a altura dos joelhos com roupas, CDs e revistas, o quarto era totalmente ocupado por duas camas, que não eram feitas há dias e que provavelmente não viam lençóis limpos há meses. A janela estava fechada e o cheiro fazia concorrência com a escada.

Dei dois passos para trás. Se alguém imagina que vai trocar de vida com outra pessoa, é quase certo que irá pensar em tudo o que é possível antes. Mas eu garanto que apenas para uma coisa ninguém está preparado: os cheiros. Percebi naquele momento que cheiros transformam o filme em realidade num piscar de olhos e, novamente, eu estava prestes a pegar o metrô de volta.

Por que é que eu deveria agüentar ficar nesse apartamento em que os pôsteres de revistas de adolescentes na parede eram o que mais se aproximava de requisitos estéticos básicos? Por que eu deveria me deitar em uma dessas camas, envolto no cheiro de uma pessoa que eu mal conhecia? E por falar nisso, em qual cama? Porque a segunda cama pertencia, sem dúvida nenhuma, ao irmão mais velho de Kevin. E o que é que ele diria quando chegasse no

meio da noite em casa e achasse um estranho em sua cama? Tudo bem, seu irmão... mas mesmo assim acho que ele não ficaria muito feliz com isso.

“Nisi?”, falei baixinho, abrindo um pouquinho a porta vizinha novamente. “Nisi, você sabe quando...”, ligar o computador, clicar em arquivo *nomes dos integrantes da família* -, “...quando o Ramón vai chegar em casa?”

“O quê?”, murmurou Nisi sonolenta. “Quem?”

“O Ramón”, cochichei. “Quando é que ele chega?”

Nisi fez aquele grunhido de novo e murmurou: “Não sei de quem você está falando...”, e já ia se virando. “Agora eu quero dormir.”

Mas eu não podia deixar isso assim. “Ramón!”, insisti, cutucando um pouco seu ombro. “Seu irmão mais velho, Nisi, Ramón!”

Nisi empurrou minha mão. “Por que é que você está falando assim tão estranho?”, disse ela. “Não sei quando o Ramón vai chegar. Agora vou dormir, já disse”, e com isso, puxou o lençol por cima da cabeça.

Rámon, meu Deus. Por que é que essas pessoas davam nomes estrangeiros aos seus filhos, se nem sabiam como pronunciá-los? Rámon e quadros de quebra-cabeça na parede e garotas gordas vestindo *legging*. Amanhã cedo eu daria o fora rapidinho dali. Isso aqui, com toda a certeza, não era o meu mundo.

Na falta de dados mais concretos, decidi-me pela cama que me pareceu menos nojenta. Na parede ao lado desta cama, havia pôsteres de cantores pop e, pendurada em um barbante, uma pistola que parecia de verdade.

Uma noite, Calvin, só uma noite, pensei. Mais tarde você teria vontade de se matar, se deixasse de viver essa experiência. Isso aqui era melhor que qualquer passeio ao Bronx. Isso aqui era real. Mas bem que o cheiro não precisava ser tão ruim...

Não achei nenhum pijama, mas caso tivesse achado, provavelmente não teria vestido. Nem as meias eu tirei. Afinal não era necessário que muitas áreas do meu corpo entrassem em contato com a cama de Kevin. Ou com a de Rámon.

Puxei a coberta. Uma noite eu agüentaria. Eu pensava mesmo que seria só por uma noite.

Kevin

Sempre quis uma bicicleta de 24 marchas como essa. Devia ter custado uns 1500 marcos, mas eu não tinha muita noção de preços. Menos que isso, com certeza, não. Embreagem *Shimano*, velocímetro e um adesivo da polícia colado no quadro: esta bicicleta é registrada. Como se isso fizesse alguma diferença para o ladrão.

O caminho foi fácil de achar, subindo a partir do porto e sempre em frente. Só se alguém fosse muito idiota é que se perderia aqui.

No começo abusei das marchas o quanto pude, mas depois diminuí a velocidade. É que de repente senti vontade de olhar. De repente me dei conta: aqui moravam pessoas. Cara, aqui moravam pessoas!

Havia escurecido nesse meio tempo e os postes de iluminação projetavam círculos de luz. Mas era uma noite de verão e era possível enxergar o que havia atrás dos muros e das cercas vivas e à beira da calçada. Aqui moravam pessoas.

Quando éramos pequenos, mamãe nos levava no fim de semana às vezes ao parque municipal ou até a floresta. Digo isso para que ninguém pense que não conheço a cidade. E também havia feito algumas excursões com a classe e claro que tinha conhecido outras coisas, mas eram apenas lugarejos e natureza.

Aqui nesse pedaço da cidade eu nunca havia estado. Também, por qual razão eu viria aqui? É por isso que eu não sabia que existiam lugares como esse, sério, sem sacanagem. E é por isso que eu estava tão chocado.

Por que isso era tão difícil de entender? A minha vida inteira eu morei nessa cidade, OK, e andava de metrô e de trem pra lá e pra cá e pensava que conhecia tudo.

É claro que eu sabia que existem pessoas que têm uma casa inteirinha só para elas, até a Nisi sabe disso. Mas isso aqui...

Às vezes mamãe ligava a televisão nas noites de sexta-feira e assistia *Derrick* ou o *Kommissar*, essas séries policiais antigas, coisa de mãe... e eram em casas como essas, que sempre se encontravam os corpos, casas com pelo menos 27 quartos, paredes revestidas de madeira e um jardim tão grande quanto o parque da cidade. Mas isso era na televisão. E na televisão havia de tudo, até *Alf - O ETeimoso!*

Um pouco abalado, diminuí a marcha. Tão a fim de conhecer os pais de Calvin eu também não estava.

Eu não quero que ninguém pense que eu tinha pirado de repente, só porque havia, por toda parte, árvores enormes nas calçadas ou porque as casas pareciam sair de filmes do sul dos Estados Unidos. Simplesmente eu estava cismado.

Quero dizer, como é que esse Calvin morava aqui e eu em outro planeta? Será que alguém lá em cima tirara a sorte nos dados e, com um risinho malicioso, escolhera mamãe, Ramon e Jacqueline para mim? Ou será que, depois desse choque, eu deveria mesmo começar a me preocupar com essas religiões do Extremo Oriente, que afirmam que tudo de ruim que ocorre nessa vida é resultado do que aprontamos em uma vida passada?

Fala sério, cara! É preciso ter feito muita merda na sua vida passada pra aterrissar na nossa escada mijada, se havia uma região como essa à disposição.

Isso significava, por outro lado, que esse Calvin deveria ter sido uma espécie de santo na sua vida passada. E isso ele não parecia mesmo...

Aumentei novamente uma marcha, pois a maioria das cercas-vivas era tão alta, que dali de trás só dava pra ver os telhados. E nada de ver o rio, que as damas e os cavalheiros podiam observar de seus terraços.

De certa forma, até que essas pessoas tinham sorte que caras como eu não passassem com mais frequência por aqui para olhar. As excursões de classe, por exemplo. Bem que nós poderíamos ter feito uma excursão para cá, quando havíamos estudado aquela tal Revolução Francesa. Tinha sido alguma coisa com os franceses, há muito tempo... O povo havia amarrado os ricos nos postes de luz, mas não só pra humilhar, não, eles enforcavam mesmo e mais tarde chegaram até a cortar as cabeças.

Eu tinha achado aquilo muito forte, de certa forma exagerado. Mas realmente havia muita sujeira entre os ricos e os pobres estavam passando fome e, nessas circunstâncias, uma coisa assim pode acontecer.

Mas é lógico que aquilo tudo parecia estar muito distante de mim. Eu não conhecia ninguém que já tivesse passado fome. Mas eu acho que se eu morasse aqui no meio dessas casas de cinema e desses jardins de cinema, ficaria pensativo. Pode ser até que eu ficasse com medo de postes de luz.

A casa ficava numa rua lateral tranqüila. Não era das maiores, nem tinha vista para o rio, mas ainda assim teria servido para cenário de um assassinato em um filme policial de sexta à noite. Desenganchei a chave do cinto. Agora seguiria silenciosamente para o quarto de Calvin e me deitaria na sua cama. Ele havia me explicado onde ficava o quarto.

Mas é claro que eu ainda não conhecia a vida familiar desse príncipe. Nessa casa ninguém vai para cama, se o anjinho do coração não está em casa! Ninguém pode dormir enquanto o docinho não estiver deitado em sua caminha!

“Cal!”, gritou uma voz histérica de mulher, no momento em que eu tentava fechar a porta tão silenciosamente quanto a abrir. “Cal, pelo amor de Deus!”

O hall de entrada era tão espaçoso, que poderia ser alugado para bailes de formatura de escolas de dança e havia uma porta escancarada, que levava para uma sala gigante com vários conjuntos de sofás e poltronas e uma lareira.

“Meu Deus, Cal, que sustou você nos deu!”

Soltei suavemente a maçaneta e pisquei os olhos na direção da luz.

“Oi”, disse cuidadosamente. Eu não queria cometer um erro logo no começo e eu não estava absolutamente preparado para aquela recepção. Com certeza tinha faltado pouco para que essas pessoas ligassem para a polícia e dessem queixa do desaparecimento do filho.

“Nós quase ligamos para a polícia!”, disse a mulher que havia me flagrado, parada ao lado da porta da sala. Ela estava maquiada como uma jovem, mas sem exagero. “Você sabe que horas são? Você sabe que nós nos preocupamos com você!”

Atrás da senhora apareceu naquele momento um senhor e eu olhei para o chão. Calvin não havia me contado que seus avós também moravam na casa e eu estava apavorado com a idéia de que logo seus pais também apareceriam. Eu não me sentia preparado para enfrentar quatro pessoas como aquelas.

“Venha até aqui, Calvin, você não pode simplesmente ir para a cama assim”, disse o senhor. Fiquei pensando em como era injusto que alguém velho como ele, para quem ninguém mais presta atenção, usasse roupas como aquelas, enquanto eu tinha que procurar meus jeans nas liquidações da C&A ou com sorte, conseguir uma Levi’s no brechó. “Eu acho que temos algumas coisas para discutir.”

“Ah não, pra falar a verdade, estou bem cansado”, murmurei. Valia a pena pelo menos tentar.

Não sou do tipo tímido, desses que ficam vermelho sempre que têm que ir à lousa na classe, mas isso aqui já era demais, mais do que eu podia suportar.

De repente me dei conta de onde me metera e essa conclusão explodiu como uma bomba, envolvendo todo o meu cérebro de fumaça. Será que eu havia enlouquecido? Por que é que eu não me contentara com a troca de roupas? Eu poderia ter tido a sensação da *Diesel* sobre os meus ombros e depois pronto... voltava para o banheiro de gatos. Por que diabos eu tinha que me meter com essas pessoas, que pareciam ter saído da propaganda de um tônico fortificante e que falavam com o neto como se estivessem usando um microfone.

Mas para meu alívio, nem aqui o tom gentil da conversa durava para sempre.

“Venha já para a sala conosco!”, disse o velho e de alguma forma me senti imediatamente um pouco melhor. Quando alguém berra comigo, sinto-me em casa. “Mom quase morreu de susto!” disse.

Foi aí que eu percebi que os dois velhos não eram vovó e vovô coisa nenhuma, mas sim mamãe e papai! Senti um frio na espinha e fui andando, como que em transe, atrás deles.

Os dois sentaram-se.

“Calvin”, disse a senhora em tom de súplica, mas o homem cortou-lhe a palavra.

“Talvez você possa começar, contando-nos onde esteve até a essa hora!”, disse ele severo. “Mom esperou por você a tarde toda, para levá-lo ao hóquei e depois...”

“Isso não importa mais, Dad!”, disse a senhora. “Agora que ele está de volta! Cal, eu só quero que você saiba...”

“Como assim não importa?”, exclamou o homem.

“... que ficamos muito preocupados com você! Eu quase enlouqueci de medo.”

“Fugir é um sinal de covardia, filho!”, exclamou o homem. “Nunca te expliquei isso? Fugir significa correr dos próprios problemas! Não enfrentar as dificuldades! Não resolvemos os nossos problemas nos esquivando deles!”

Meus olhos estavam cravados no tapete claro, embaixo dos meus pés. Era evidente que ninguém esperava que eu respondesse. Eu também não saberia o que responder. O falatório todo parecia o da escola, onde nosso professor conselheiro quer, o tempo todo, discutir sobre coisas como *covardia* e *coragem* e *será que é justo diminuir o seguro desemprego?* O que eu acho ridículo, vindo de alguém que nunca na vida precisou de ajuda. Ele não deveria se intrometer em um assunto, do qual não tem a menor idéia.

“Onde você pensa que eu estaria hoje, se tivesse fugido cada vez que uma coisa me desagradasse?”, exclamou o senhor. “Você acha mesmo que eu teria conseguido construir a firma desta forma? Com uma atitude assim? Calvin, olhe-me nos olhos!”

“Acho melhor não!”, murmurei. Olhar para cima era algo que eu realmente não queria fazer.

“Olhe para mim, já disse!”, gritou. “Agora você ficou tão covarde que nem me olha nos olhos?”

O que é que eu podia fazer? “Eu só pensei...”, murmurei. Eu não tinha a menor idéia do que eu havia pensado quando fugi. Afinal eu não tinha fugido. Afinal não era eu o filho sagrado deles.

Mas eu nem precisava ficar com medo de não saber o que dizer.

“Cal!”, gritou assustada a senhora. “O que é que você fez com o seu cabelo?”

Dei de ombros. Eu preferia este tema um pouco mais do que *covardia* ou *o que você estava pensando*. “Sei lá”, murmurei.

“Eu não havia notado!” disse a senhora nervosa. “Olhe só, Dad! Esse menino já deveria ter ido ao cabeleireiro faz tempo! Assim ele não pode mais circular entre seres

humanos!” Ela suspirou. “Pelo menos ele não foi assim ao hóquei hoje à tarde, que sorte. Eu teria que cavar um buraco para me esconder de vergonha.”

Mas o homem não continuou o assunto. “Ouça-me com atenção, Calvin”, disse ele, agora com uma voz que me fez imaginá-lo num terno cinza, sentado na ponta de uma mesa de reuniões, falando com os gerentes de sua firma. Como nesses filmes americanos que a Jacqueline gosta de ver. “Ouça-me com atenção. Dessa vez vou deixar passar. Ultimamente você tem assumido uma postura que me deixa pensativo, mas tudo bem. Vamos trabalhar a questão das ações e por causa dos seus problemas com a matemática, eu arranjei um professor particular novo hoje à tarde. Eu, Calvin, eu! Não a Mom. Agora vai funcionar e não tem discussão!”

Encarando-me, perguntou: “Está claro, filho?”

Fiz que sim com a cabeça, sem levantar os olhos. Por mim eu podia prometer um A no boletim. Amanhã cedo eu daria o fora e então poderia voltar a me comportar como um ser humano. Caraca! Aqui era tudo como na televisão, ninguém poderia se sentir normal. Além disso eu não sabia que podia me sentir tão mal, tão pequeno e coitado, sem valor nenhum. A cada palavra que esse cara havia dito, eu me sentira, pelo menos, dois centímetros menor.

“Bom”, disse o chefe da firma e o tom da sua voz já não estava mais usando o terno cinza. “Se isso ficou claro, então está tudo bem. E quanto ao computador...” Ele olhou para a senhora e ela deu um sorriso animador e bondoso, mostrando pelo menos 25 dentes brancos e brilhantes, que pareciam muito mais ter nascido em uma fábrica de plástico do que em seu maxilar.

“Quanto ao computador – bem, Mom e eu chegamos à conclusão de que até que faz sentido você ganhar um novo. Tecnologia ultrapassada não leva ninguém a lugar algum. Vou encomendar um amanhã através da firma.”

Senti dificuldade para respirar. Será que essa casa não era um cenário de cinema, mas sim um hospício? Calvin havia me contado porque tinha fugido e eu não havia dito nada, porque queria ficar com as roupas dele e trocar de vida com ele por um tempo; mas achei bem exagerado que alguém que tem três PCs, precisasse necessariamente de um quarto e com urgência!

Só que esses pais eram mais exagerados ainda. Falando sério...eles mereciam o filho que tinham.

“Teseão, valeu”, murmurei. Eu não tinha a menor idéia do que Calvin teria falado, mas pelo jeito, não isso.

“Você sabe que eu não quero ouvir essa palavra absurda aqui!”, gritou a senhora. “Calvin! Eu já te falei isso tantas vezes!”

“Vou dormir”, eu disse.

Enquanto atravessava o hall em direção à escada, olhei por uns instantes para a porta de entrada. Eu poderia dar o fora a qualquer momento. Exatamente por isso é que consegui ficar.

Ouvi os dois conversando na sala. Pensei em mamãe e Ramon e Jacqueline e torci para que Nisi conseguisse dormir esta noite.

2. COMO É QUE ANDA O DOW JONES?

Calvin

Acordei com alguém soprando fumaça no meu rosto. Por um instante achei que talvez estivesse em uma excursão com a classe e alguém quisesse dar uma fumada rapidinha no dormitório antes do café da manhã, sem que os professores percebessem; mas aí me lembrei.

Abri os olhos cuidadosamente e me apoiei nos cotovelos. Eu não precisava dizer nada. É normal ficar calado pela manhã.

“E então? O que é que isso significa?”, perguntou o cara, que estava sentado de cueca na segunda cama e inalava a fumaça de seu primeiro cigarro matinal. Ele tinha uma tatuagem no braço, que se mexia, conforme ele movimentava os músculos e era exatamente o tipo de cara que eu não gostaria de encontrar na rua, nem que fosse de dia. Meu irmão Ramon.

“Heim?”, disse com cuidado.

“Desde quando você dorme na minha cama?”, perguntou Ramon, coçando a batata da perna. “Você virou bicha ou o quê?”

Num pulo fiquei sentado. “Eu...sorry!”, disse. “Eu nem percebi!” E pulei pra fora da cama, antes que ele fizesse isso com as próprias mãos.

“Sorry!”, disse Ramon com uma voz em falsete e, francamente, achei que ele parecia perigoso naquele momento. “Sorry, meu! Olha o jeito que você está falando comigo! Você estava de porre ontem ou o quê?”

Dei de ombros. O chuveiro ficava na cozinha e é para lá que eu queria ir agora.

“Não vai acontecer de novo!”, disse e forcei passagem entre os seus pés para sair do quarto. Eu teria vestido com prazer um roupão, afinal eu não conhecia ninguém nesse apartamento, mas à primeira vista já dava pra ver, que não havia roupão nenhum ali.

Na cozinha havia uma mulher baixa com uma xícara de café em uma mão e um cigarro na outra.

“Já não era sem tempo!”, disse ela e deu uma última tragada longa. Então esmagou o cigarro no cinzeiro. Ela estava usando jeans e uma camiseta com bordado brilhante e, pela sua aparência, dava pra dizer que estava na casa dos trinta anos, isso se ela dormisse um pouco mais e fumasse um pouco menos. “Estou indo, Jaqueline, saia do chuveiro! Kevin vai chegar atrasado!” Então ela passou por mim, na direção do corredor, sem ao menos perguntar onde eu havia estado na noite anterior e a que horas havia chegado em casa.

Atrás da cortina, a torneira foi fechada. “Você pode entrar já, já!”, disse a voz de Jaqueline e eu desejei fervorosamente que as pessoas dessa família se enrolassem em toalhas quando saíssem do banho. “Só dois segundos.”

Coloquei um pouco de café da cafeteira em uma caneca do time *Borussia Dortmund* e enquanto bebia, para ver se finalmente acordava, a cortina do chuveiro foi puxada para o lado, fazendo barulho.

Nessa família, as pessoas não se enrolavam em toalhas quando saíam do banho.

Kevin

Não vou ser idiota agora e afirmar que o ambiente na nossa casa de manhã seja super acolhedor; mas, pelo menos, nenhuma mulher vestida em um roupão azul bebê, lavado e macio, vem até a minha cama e me acaricia o rosto com seus dedos velhos e de unhas compridas e cochicha, que o seu queridinho logo terá que levantar, já, já, em cinco minutinhos.

Sentei imediatamente, o corpo reto como uma vassoura. Se eu teria que levantar dali a cinco minutos, por que é que ela já estava me acordando agora? Cinco preciosos minutos de sono perdidos! Além disso fiquei me perguntando por um angustiante segundo, se eu talvez havia caído, sem perceber, em um desses filmes de arte franceses, que às vezes a gente acha sem querer, quando está zapeando, e se despede o mais rápido possível deles, porque senão temos que ver velhinhas enrugadas vestidas com roupas transparentes atrás de jovens rapazes e a história toda acaba, na maioria das vezes, em assassinato. Dei um pulo, em pânico, para trás na cama.

“Cal, querido!”, disse a senhora assustada. “Você teve um pesadelo?” Ele deu uns tapinhas sobre a minha coberta, para me animar. “Então você pode levantar já. O café está na mesa.”

Dei um grunhido e esperei até que ela saísse do quarto, para tomar qualquer atitude. Enquanto eu não estivesse totalmente certo de que ela estava realmente apenas fazendo seu papel de mãe, ela não veria nem um dedão pelado meu.

Sobre o banheiro, prefiro não falar nada. A gente vê esse tipo de coisa em séries familiares americanas, só que nunca se pensa que isso existe na vida real também. Peguei três tipos diferentes de gel para banho e então me sentei no chão da banheira, fechei a tampa e a água foi subindo em volta do meu corpo. Consegui ficar numa boa vinte minutos assim, mas eu precisava disso para me fortalecer. Caso contrário, teria caído morto de susto, quando desci.

A mãe, vestida com seu roupão, estava sentada à mesa de café da manhã e sorriu. “Você não teve pressa, heim, Cal?”, disse e sua voz me fez lembrar daquelas balinhas de pregar peça nos outros, que a gente compra no Ano Novo: por fora toda doce, mas quando a gente mastiga, a boca pega fogo. “Já passei manteiga no seu pão. Conclusão?” E então ela serviu café para mim em uma xícara com motivos florais, totalmente sem graça.

Fiz uma cara de interrogação. Eu não tinha a menor idéia de qual conclusão eu deveria tirar do fato de que ela já havia passado manteiga no meu pão. Mamãe não fazia isso nem para Nisi.

“Calvin!”, gritou a mãe. “Conclusão! Mas que coisa, menino!”

Tomei um gole de café. Ele tinha o mesmo gosto que o café de casa, mas com certeza era aromatizado. Aí dei uma mordida no meu pão. Se isso aqui era um hospício, eu não queria pirar também.

“Conclusion!”, gritou a senhora e seus dedos esvoaçaram nervosos por um caderno. “Conclusion! É isso que acontece, quando você fica fora até tarde! Até hoje nós demos conta do inglês sem aula particular, Calvin! Conclusão?”

Foi aí que eu percebi que ela não tinha ficado louca e que o caderno na sua mão era um caderno de vocabulário. Eu também havia tido um desses no começo do ano letivo.

“Conclusion”, disse então obediente entre duas mordidas, mas aí, quando ela quis saber como se falava “com problemas, metido em confusão”, tive que passar novamente.

“In trouble, Calvin, in trouble!”, disse nervosa. “Hoje à tarde você tem muito o que revisar!”

Empurrei minha cadeira para trás e olhei para os lados à procura da mochila da escola. In trouble, exatamente. Não havia maneira mais simples e precisa de descrever a minha situação. Felizmente eu estaria em casa à noite.

Calvin

A escola era o meu maior medo. Ou talvez medo não seja a palavra certa: eu estava simplesmente nervoso.

Você pode sair a qualquer momento, Cal, eu me dizia. Você pode até levantar no meio da aula e mandar todo mundo pra aquele lugar. Nos *seus* documentos escolares não será nada registrado.

Eu não *tinha* que agüentar, ninguém podia me obrigar. Eu podia sentar no metrô e ir pra casa, sem passagem: Kevin é que estaria cabulando a aula.

Mas o problema era exatamente este. Era um pouco como no esporte, quando a gente resolve correr, de livre e espontânea vontade, 4000 metros e no máximo depois de uns 800 metros a gente tem a sensação de que foi idiota: Agora eu já poderia estar junto com os outros, confortavelmente embaixo do chuveiro e ao invés disso estou suando, correndo em volta da quadra e faltam uns 3000 metros ainda. Eu sempre decidia desistir por volta dos 800 metros e só o fato de saber que eu podia parar a qualquer momento é que me fazia continuar correndo mais um pouco. Mas aí quando eu consigo ultrapassar os 1000 metros ou 1500 e quem sabe até com um tempo bom, aí minha disposição se transforma. Aí, de repente, quero chegar ao final. Depois de um quarto de corrida, a ambição toma conta de mim.

Decidi que esse dia seria como uma corrida de 4000 metros. O pior já tinha passado: a noite com Ramon na jaula dos leões e o chuveiro morno, que de tão caquético, espirrava água para todos os lados, menos pra baixo. Comparada a isso, a escola poderia ser moleza.

Achei a classe sem problemas. Meu lugar era na segunda fileira, bem à direita e nem tive a impressão de que estavam todos me olhando, quando me sentei. Uma garota maravilhosa, mas dessas que a gente sabe que em cinco anos a beleza já se foi, estava lá na frente, ao lado da mesa do professor, cercada por todas as outras meninas e recebia, tranqüila e impassível, a admiração delas como se fosse um ato de veneração natural.

Em uma outra mesa mais para trás havia um grupo de garotos jogando pôquer e três outros olhavam por cima dos ombros deles. Ninguém olhou para mim.

Para a mulher que entrou atrás de mim na classe, também não. Entre gritos estridentes, as cartas continuavam a ser misturadas e a bonitona, lá na frente, continuava a se exhibir, enrolando seus cabelos com os dedos em volta do rosto.

“Será que eu posso... mas será que vocês têm mesmo que fazer isso?!”, disse a mulher com uma voz que misturava raiva e desânimo, tentando tomar conta pelo menos de um pequeno espaço na mesa, para colocar seu material.

Sem prestar atenção nela, saíram entediadas de perto da mesa e foram, como em câmera lenta, para seus lugares. Fiquei pensando qual delas poderia ser Tatiana: baixa, um pouco gorda, do tipo que não faria alguém se apaixonar de cara.

“...vamos continuar trabalhando com o cálculo de área hoje”, disse a professora. Sorte minha estar sentado bem na frente. Assim eu conseguia pelo menos entender alguma coisa no meio de tanto barulho.

Ela abriu a lousa e começou a escrever. Alguns meninos haviam deixado, nesse meio tempo, o grupo do pôquer, mas o jogo continuava a todo vapor. Apenas o volume estava agora um decibel mais baixo.

“Kevin?”, disse a professora de matemática, parando de escrever de repente, como se tivesse acabado de se lembrar de algo. “Quero ver a tarefa extra.”

“Tarefa extra?”, perguntei. Kevin poderia pelo menos ter me preparado para isso.

A mulher suspirou. “Não fez de novo”, disse ela e escreveu alguma coisa em um livrinho que estava em cima da mesa, ao lado da bolsa dela. “Eu acho que vocês todos não percebem, que... Então você pode pelo menos resolver o exercício para nós”, e esticou a mão com um pedaço de giz na minha direção, como se para me animar.

Fiquei olhando para ela. Era óbvio o que eu tinha que fazer: Eu tinha que resolver o exercício dela lá na frente, na lousa, enquanto o resto da classe prosseguia com suas ocupações variadas. Havia sido um erro ficar sentado tranqüilo na minha cadeira. Essa professora de matemática era daquelas que são covardes demais para discutir com os alunos que atrapalham e, ao invés disso, procuram suas vítimas sempre entre os obedientes. E pelo jeito hoje eu era um dos obedientes.

Por um instante pensei em dizer “nem pensar”. Uma oportunidade assim eu nunca mais teria. E no fim das contas, Kevin é quem teria que agüentar a bronca, não eu. Isso se essa mulher ainda conseguisse reunir forças para brigar com alguém.

Mas, no fim, acabei indo para a lousa. Afinal eu havia decidido que não ia desistir logo depois dos 800 metros e, além disso, a coisa não era tão ruim assim. Cálculo de área, céus! Um trapézio super fácil, coisa de criança, eu já tinha aprendido isso há séculos. Peguei o giz e escrevi. Então voltei para o meu lugar, sem esperar para ver se o resultado estava certo. Eu sabia que estava certo.

“Ótimo, Kevin, muito bom!”, disse a mulher e agora dava para ver que ela, de fato, sabia sorrir. Fiquei contente por ela. “Quem faz o próximo?”

Digamos que a concorrência para fazer o exercício não foi muito grande e eu fiquei me perguntando, como é que ela podia ser tão ingênua em procurar por voluntários. Uma olhada rápida nessa classe era suficiente para perceber que todos aqui, a não ser que fossem torturados, preferiam ser apedrejados a mostrar algum interesse pela aula.

“Eu posso fazer”, disse uma voz, e antes que eu caísse perplexo da cadeira, uma garota, que eu não tinha visto antes perto da mesa do professor, veio vindo lá do fundo da classe em direção à lousa: baixa, um pouco gorda, do tipo que não faria alguém se apaixonar de cara. Quando ela passou pela minha mesa, lançou um olhar que eu não entendi.

Ela não demorou mais do que eu para fazer os cálculos e, além disso, seus números eram mais bonitos. No caminho de volta para a sua mesa, ela prendeu meus olhos por um segundo com o seu olhar e pelo jeito, ela não estava nem aí para as exclamações de alegria da professora.

“Excelente, Tatiana!”, falou alto a professora de matemática, pegando sua pequena agenda verde. “E Kevin também! Excelente!”

No pôquer, a situação agora era de vida ou morte e os murmúrios transformaram-se em gritaria. “Será que um de vocês não quer tentar? Nós faremos a prova na segunda!”

Mas sua gentil oferta ficou sem resposta e isso comprovou, que eu havia feito uma avaliação correta da mulher.

“Kevin?”, disse em tom de súplica. “Talvez você queira tentar de novo?”

Achei que ela estava sendo um pouco atrevida, mas ao mesmo tempo meus dedos estavam coçando. Um triângulo equilátero ridículo enquanto que em casa eu tinha que lutar com hipérboles. A sensação de me tornar, só pra variar, o expert da matemática, até que não era assim tão ruim.

Só que eu tinha concorrência. Já no caminho para o meu lugar, topei de novo com a gordinha que vinha na minha direção e me encarava impassível.

“Mais um pra mim também”, disse ela e aí percebi que isso aqui era um duelo, mesmo que eu não tivesse a menor idéia do porquê. Não tinha nada a ver com boas notas, não tinha nada a ver com a professora de matemática e nem tinha nada a ver com matemática. Isso aqui era alguma coisa entre Tatiana e eu.

“O próximo!”, disse Tatiana aproximando-se pela terceira vez da lousa, sem ser chamada. A classe foi, aos poucos, ficando quieta. Até os garotos da mesa de pôquer estavam olhando para frente.

“Bem, Tatiana, não sei...”, disse a professora confusa. A expressão de alegria em seu rosto nas nossas duas primeiras visitas à lousa, que havia feito com que ela parecesse 75 anos

mais jovem, tinha cedido lugar para um leve pânico. “Eu já vi que você consegue. Talvez um outro aluno pudesse agora...”

“O próximo!”, disse Tatiana ameaçadora, colocando o giz na mão da professora.

“Yeah!”, berrou alguém do fundo da classe. “Cool!” Então a professora cedeu e sem hesitar, Tatiana fez os cálculos de um triângulo retângulo. No caminho de volta ela colocou, com uma batida, o pedaço de giz em cima da minha mesa. Só que dessa vez ela não olhou pra mim.

Mas isso já era suficiente para a professora. “Não, realmente, Kevin, por mais que isso seja legal...”, disse, tentando fazer sua voz parecer firme. “Agora nós temos mesmo que... Agora nós devemos...” E ela olhou para uma anotação em sua pasta.

“Nós chegamos no cálculo de áreas irregulares.”, disse. “É bom que todos prestem bastante atenção. Vai ser difícil”, e virou-se para a lousa e começou a escrever. Por um instante os outros ficaram esperando para ver se eu não ia mesmo me levantar; então perceberam que o show tinha acabado.

Na lousa a professora explicava com uma voz desanimada as pegadinhas das áreas irregulares, enquanto a bonitona pegava seu espelho. Na mesa de pôquer as cartas faziam barulho, quando eram jogadas sobre a madeira e eu decidi que também não precisava prestar atenção. Por hoje, já tinha feito muito pelas notas de matemática do Plebs.

Kevin

É claro que eu sabia que na escola eu não teria a menor chance. Escola de CDFs, meu! E pra piorar, na minha escola eu não estou nem entre os dez melhores.

Achei meu lugar rapidinho e afundei na cadeira, ao lado de um cara de cabelo penteado, usando *Levi's* e Hugo Boss! No caminho eu vinha pensando, que o melhor seria ficar na minha. Quem não diz nada, não pode dizer nada errado.

Estiquei as pernas.

“Algum problema, Kalle?”, perguntou meu vizinho, sem tirar os olhos do caderno, de onde ele estava copiando alguma coisa, para escrever em um outro caderno. Provavelmente ele não tinha conseguido fazer a tarefa na tarde anterior.

Se alguém falasse comigo, eu tinha que responder, mas se eu falasse demais, podia estragar tudo rapidamente.

“Não, por quê?”, disse mal-humorado. Minha voz saiu um pouco rouca. Eu estava agindo como se isto fosse prova.

“Nada não.”, disse o vizinho e aí olhou pra cima. “Nós estranhamos que você não foi ao hóquei ontem. Você está resfriado ou o quê?”

Expirei o ar lentamente. É incrível como, às vezes, alguém te dá de presente exatamente aquela desculpa, que você estava procurando e não achava.

“Laringite!”, grasei. Assim ninguém poderia esperar que eu ficasse cantando óperas agora de manhã. Deitei o corpo pra trás e sorri. Estava salvo.

“E você veio pra escola?”, cochichou o vizinho. “Você é tonto?”

A razão para o cochicho era um senhor que tinha passado pela porta, caminhado rapidamente até a mesa e que não era nem um pouco diferente dos professores da minha escola. E apesar de que as coisas, de certa forma, não parecessem tão diferentes assim aqui, dava pra sentir muito bem que elas *eram* diferentes.

“Nós já nos ocupamos um bom tempo com a estrutura da hipérbole”, disse o professor de matemática, abrindo o livro de classe. Fiquei aliviado que aqui as conversas continuassem em algumas mesas, como na minha classe. Só que talvez uns duzentos decibéis mais baixo. “E para minha grande preocupação, não consigo deixar de suspeitar que há, nessa sala de aula, alguns cavalheiros que ainda não conseguiram compreender essa estrutura em toda sua beleza e clareza”, e como, pelo visto, havia acabado de fazer os seus registros, olhou para a classe.

Fiquei com o estômago revirado. Era óbvio que eu não tinha absolutamente nada a ver com as hipérboles deles – mas será que o professor também sabia? Enquanto seus olhos davam uma busca pela classe, batia ritmicamente com a régua na lateral da calça, e mesmo sabendo que é proibido bater em alunos, aquele movimento me parecia uma ameaça de castigo corporal.

“Por exemplo...”, disse ele e por onde seu olhar passava, os olhos afundavam nas mesas, como se quem fizesse isso, pudesse ficar invisível, “por exemplo – Calvin Prinz.” E então deu um passo na direção da minha mesa e me olhou de forma perigosa.

Ai, merda, pensei. É claro que tanto faz, tudo bem, mas não é exatamente a melhor coisa do mundo ser o motivo da gozação de todo mundo. Eu não tinha a menor idéia do que poderia ser uma hipérbole e também não tinha a intenção de me aperfeiçoar nessa área. Mas o matemonstro não estava nem aí pra isso. Ele apontou dois dedos na minha direção, como se fosse um bruxo, e me mandou para a frente e como se ele realmente tivesse poderes mágicos, levantei e fui para a lousa.

Não que eu tivesse a menor idéia do que eu faria lá na frente e, além disso, sabia muito bem que seria impossível blefar. Nem se alguém da classe soprasse alguma coisa, eu estaria

salvo, porque eu simplesmente não tinha a mínima noção do que era uma maldita hipérbole. Tentei ganhar tempo, abrindo a lousa.

Eu já mencionei que as coisas aqui não pareciam, de certa forma, tão diferentes da minha escola? Pois é, senhoras e senhores, agora eu tinha a minha confirmação. Pelo interior da lousa, dava até pra pensar que o Bruno tinha mudado de escola. Damas e partes de damas... naturalmente as mais interessantes.

“Tesão!”, berrou alguém na classe e uma voz de menina gritou: “Isso é nojento!”

O professor de matemática olhou, mas não eram uns desenhos eróticos que iam abalar seu equilíbrio, ele não era desse tipo...

“Não é que já temos praticamente algumas belas hipérbolés aqui?”, disse com ar de conhecedor. “Realmente. Mesmo que a intenção não fosse essa...”, e me estendeu a esponja de apagar a lousa e ela estava mesmo úmida, o que provava que havia sim uma diferença entre esta e a minha classe, onde a esponja vivia seca.

“É uma pena”, disse o professor, dando uma última olhada nas formas curvilíneas. “Mas nós precisamos do espaço. E enquanto você apaga, Calvin Prinz, quem sabe você já possa ir nos contando um pouquinho sobre as hipérbolés.”

É claro que eu poderia dizer que não tinha nada contra hipérbolés, caso elas realmente tivessem alguma coisa a ver com aqueles desenhos; mas aí uma garota com um corpão, que de 1 a 10, na minha escala-de-avaliação-feminina, teria atingido por volta dos 8,7, levantou a mão.

“Eu acho isso o fim!”, ela disse. “Os garotos ficam desenhando estas coisas e o senhor ainda diz – o senhor nem...”

“Você achou machista?”, gritou um baixinho espinhudo lá do fundo e agora todos os representantes masculinos da classe riam e até algumas meninas também.

“Na próxima vez o Hubert pode desenhar homens, é isso que você quer, não é, Gunni?”, gritou um de pulôver azul e eu me perguntei se esse não seria o momento de voltar sorrateiramente para o meu lugar.

“As duas coisas!”, gritou o espinhudo sob aplausos de todos os lados. “Mulheres e homens juntos!” O clima ia ficando cada vez mais animado.

“Muito engraçado”, disse o professor de matemática impassível e sem levantar nem um pouco a voz. Mesmo assim o silêncio foi instantâneo. “Para aqueles, que na sexta série eram muito tímidos para olhar as figuras do livro de Biologia, nas aulas de Educação Sexual, tivemos aqui uma pequena e divertida demonstração. E agora voltemo-nos para as coisas importantes da vida”, e virou-se para mim e era óbvio, que agora eu deveria começar a explicação.

Peguei o giz na mão e dei uma tossida, limpando a garganta. No fim foi isso que me salvou. Mas não de cara.

“Então, Calvin Prinz?”, disse o professor. “Com seus 5000 marcos em roupas e trinta centavos de cérebro? Ou será que sai alguma coisa daí?”

Foi aí que meu vizinho estalou os dedos. “O Calvin não pode falar hoje!”, disse ele. “O Calvin está com laringite!”

O professor me olhou, como se estivesse me examinando. “Isso é verdade, Calvin Prinz?”, perguntou.

Fiz que sim, várias vezes, com a cabeça.

O professor pareceu insatisfeito. “Então hoje você se safou”, disse e fez um movimento com a mão, para que eu me sentasse. “Mas laringite passa logo. Aguarde a próxima vez!”

E enquanto ele chamava os próximos infelizes à lousa, eu me sentei e acenei com a cabeça para meu vizinho. Bem que Calvin poderia ter me revelado o nome dele.

Pela primeira vez senti algo parecido com simpatia pela nossa tímida Materrática.

Era mesmo um milagre que esse sujeito sacana ainda não tivesse mandado ninguém dessa pra uma melhor.

Lá no fundo da classe a garota-nota-8,7 levantou a mão. “Direitos humanos também servem para alunos!”, disse ela. “Ofender alguém, só porque seus pais têm dinheiro...”

“Ai, meu Deus, Gunni d’Arc”, disse o professor. “Você ainda vai superar essa fase. Saboreie as hipérboles, é o melhor que você tem a fazer.”

Eu me virei com cuidado e percebi, que minha avaliação estava errada.

9,2.

Calvin

O pior eram os intervalos. Nas aulas eu podia prestar atenção ou “viajar”; podia responder, quando fosse chamado, ou dar de ombros: eu não acho que isso levantasse qualquer suspeita maior.

Mas quando os professores estavam fora da classe, aí a coisa era diferente.

“Como assim você não quer participar, Kevin?”, gritou alguém da mesa de pôquer lá no fundo. “Acabou a grana ou o quê?”

Fiz que não com a cabeça. “Não estou a fim”, disse com ar de poucos amigos. Eu nunca tinha jogado pôquer na minha vida e, com certeza, não era agora que eu iria começar. E, além disso, eu não parava de pensar na Tatiana, baixa, um pouco gorda, do tipo que não faria alguém se apaixonar de cara: mas, sem dúvida, ela sabia matemática e era dura na queda e ela estava fazendo um jogo comigo, que eu não entendia. Ou melhor: ela estava jogando com Kevin. E esse era exatamente o problema, eu não tinha a menor idéia de porque eu devia estar bravo com isso.

“Desde quando você é assim tão louco por matemática?”, perguntou um garoto, que pelo jeito também não tinha encontrado o sentido da vida no jogo de pôquer. “A velha quase bateu com as botas.”

Levantei os ombros. “Foi fácil”, disse. Então me curvei sobre a minha mochila. Eu achava melhor que a conversa terminasse agora. Eu não tinha idéia, sobre o que mais eles conversavam aqui nos intervalos.

Dentro da mochila, folhas e livros estavam misturados numa bagunça tão grande, que eu me perguntei se a mãe de Kevin nunca controlava a bolsa. Meus dedos quase coçaram de vontade de organizar as folhas amassadas, mas era óbvio que isso chamaria a atenção. Ao invés disso peguei um livro que estava no fundo, embaixo do resto da bagunça e dei uma olhada no título: *Kenny salva o rancho dos cavalos*, meu Deus! Que esse Kevin e eu não tínhamos os mesmos interesses, eu já sabia; mas que ele lia esse tipo de livro, foi a gota d’água. Ele tinha me passado, de certa forma, uma boa impressão. “*Ciclone pulou elegante por cima do buraco*”, não, hoje não, por favor, mas tudo pode sempre ficar pior, “*e por um momento Kenny sentiu-se como se estivesse voando*”.

Eu estava me sentindo como se alguém tivesse batido com uma pá de tirar neve na minha cabeça. Você foi desmascarado, Kevin Plebs. Lá no fundo você é um romântico incurável.

“Não vai me dizer que você lê essa merda!”, disse o garoto que não estava a fim de jogar pôquer, olhando fascinado para o livro. “Não, falando sério, Kevi, não vai me dizer...”

Nesse instante a porta da classe foi aberta.

“Ah, Kevin!”, disse um sujeito de camiseta, que entrou na classe com uma cara tão alegre, que parecia que estavam dando alguma coisa grátis ali. “É claro, seus livros! Não me deixe esquecer depois! E o que você achou deste?”

Fiquei olhando pra ele. De fato Kevin Plebs era conhecido por ler livros. Livros de cavalos.

“Ah, bem legal”, disse cuidadosamente. “Sei lá... Nada mal”

Os garotos da mesa de pôquer começaram a berrar. Talvez eles não notassem sempre a presença de um professor na classe, mas aquilo não havia passado despercebido. “Ahahaha! Está na hora de contar historinhas pro Kevin! E como vai o Papai Noel, heim, Kevi?” O resto da classe gritava junto.

Apenas uma voz disse uma coisa no meio daquilo tudo, tão baixo, que foi incrível como soou claro no meio da gritaria.

“Vocês só têm merda na cabeça”, disse Tatiana.

Percebi que fiquei vermelho. Isso nunca mais tinha me acontecido, desde o jardim de infância.

O sujeito da camiseta suspirou e foi até a sua mesa. “Em primeiro lugar, bom dia, senhoras e senhores”, disse ele, e era difícil de acreditar: realmente o barulho diminuiu um pouquinho.

Apoiei a cabeça nas mãos e fiquei olhando o professor escrever regrinhas inofensivas sobre o uso de letras maiúsculas e minúsculas na lousa; e como eu sabia tudo aquilo e a minha cabeça estava, de qualquer maneira, num estado bem esquisito por causa da história da aula de matemática e do livro, até me ofereci para responder. Provavelmente Kevin iria me amaldiçoar, quando ele viesse para a escola no dia seguinte.

“Estão vendo o que eu sempre prego a vocês?”, disse o homem-camiseta, pegando, ao caminhar pela classe, o sanduíche de queijo da mão de um gigante de rosto suado. “A leitura leva automaticamente a uma ortografia melhor. E olhem que Kevin nem leu muita coisa ainda.” E então, sem dizer nada, colocou o pão sobre sua mesa.

“Eu leio o caderno de esportes!”, disse um Pôquermaníaco. “Só que eu não leio livros!”

“O caderno de esportes também é bom”, disse o homem-camiseta. “Mas você está vendo como Kevin...”

“Eu só leio o que tem muié pelada!”, gritou um lá no meio, que com certeza era o mais baixinho da classe. Eu podia apostar que ele sempre se aproveitava de ser baixinho pra entrar de graça no circo.

“Mulher pelada”, disse o professor sorrindo. “Você pode vir à lousa, Carlos.”

Foi uma aulinha legal. Tatiana não se mexeu e nem se manifestou, apesar das minhas tentativas de provocá-la, levantando a mão a cada pergunta. Talvez ela não fosse tão boa em alemão como em matemática. Ou talvez ela conhecesse muito bem o cara do alemão, para saber que não podia brincar com ele, como fazia com a fulana de matemática.

Ou então – mas eu preferia não acreditar nisso -, a encenação de Tatiana não tinha tido absolutamente nada a ver comigo. Esqueci de todas as regras de ortografia e fiquei pensando, se havia algum sinal que mostrasse que a situação da aula de matemática estava relacionada comigo. Talvez ela apenas estivesse entediada e quis, desse jeito estranho, fazer alguma coisa contra o tédio ou ela queria pregar uma peça na fulana de matemática ou ela queria se exibir pra algum cara da classe.

Estiquei minhas pernas. Como é que eu não tinha pensado nisso antes? Tatiana, baixa, um pouco gorda, do tipo que não faria alguém se apaixonar de cara, tinha tentado, desse jeito estranho, chamar a atenção de alguém. Eu não estava nem aí pra isso.

“Kevin?”, disse o professor.

Revirei os olhos. Agora era o momento de cuidar para que meu sócia pudesse dar as caras nessa classe de novo no dia seguinte.

“Não sei”, disse eu, encarando o homem-camiseta fundo nos olhos. “E nem quero saber.”

O homem-camiseta deu um leve suspiro. “Eu realmente acho que você não precisa fazer isso, Kevin”, disse ele de forma amigável. “Mas você ainda vai descobrir isso.”

Eu grunhi.

No final da aula ele colocou um livro sobre a minha mesa, que chamava *E mais uma vez: Os Cavalos do Tirol!* “Não há problema nenhum em se defender aquilo que se acredita, Kevin”, disse ele.

Não olhei para cima. “Não enche o meu saco!”, eu disse.

Mas só quando ele já estava fora da classe.

Kevin

A idéia da laringite realmente me salvou a vida. Cada vez que um professor se atrevia a me chamar, sem que eu levantasse a mão, meu vizinho o informava sobre meus sintomas. Então o corpo docente me desejava melhoras e eu podia me recostar e observar os acontecimentos, sem precisar dizer nada.

E eu observei mesmo. Acho que, desde a primeira série, eu nunca havia prestado tanta atenção na escola. Mas de certa forma, não havia saída e, além disso, eu também achei que devia guardar isso pro resto da vida. Quando é que eu iria ver uma escola dessas por dentro de novo? Eu podia conseguir informações valiosas hoje. Se Nisi continuasse a se desenvolver assim de forma tão especial, não estava descartada a possibilidade de que a professora dela sugerisse que ela fosse para uma escola assim. Aí pelo menos um da família entenderia do assunto.

“Nem precisa se preocupar, Nisi”, eu diria. “Na verdade é tudo igual. Eu até me dei bem em inglês”, e então eu poderia contar para ela a história da aula de inglês, na qual eu tinha conseguido pelo menos 400 pontos para o Calvin, por ter puxado o saco da professora.

Logo no começo da aula meu vizinho havia divulgado novamente um boletim sobre meu estado de saúde, e a professora havia dito “Oh, sorry, Calvin” e mais alguma coisa, supostamente também em inglês. Acenei com a cabeça e sorri e me recostei, ansioso por passar mais uma aula como espectador.

Mas meus planos falharam já nos primeiros cinco minutos.

Escola, pra mim, foi sempre assim: a gente tinha que ir, mas não precisava se matar. Nunca cabulei muito, afinal eu quero meu diploma, e às vezes eu até fazia a tarefa. Mas era só isso. Ninguém pode esperar que eu fique lá sentado, esperando ansiosamente pelo quem vem a seguir, como se estivesse assistindo a um filme de terror. E só participo da aula quando é estritamente necessário. Meu termômetro de interesse oscila sempre entre 0,5 negativo e 0,2 positivo e eu poderia apostar meu velho Nintendo, que isso jamais mudaria.

Eu teria perdido o Nintendo.

Logo depois de dar uma olhada no diário de classe e de me dar os pêsames, a professora de inglês abriu o caderno de vocabulário.

“Capa de chuva”, ela disse, e nesse momento houve um clique no meu cérebro e eu me senti como esses carrinhos de fricção, com os quais eu brincava mil anos atrás. A gente puxa o carrinho para trás em cima de uma superfície lisa, pra que alguma coisa no interior dele se estique e a partir desse momento ele vibra até o segundo em que a gente o solta: aí ele chispa pra frente numa velocidade maluca, sem se preocupar com nada que esteja no caminho.

Com a primeira pergunta a professora tinha acionado meu sistema de fricção, e mesmo que eu me dissesse que eu estava com defeito, eu mal podia esperar que ela finalmente quisesse saber como se dizia conclusão.

Ela demorou, sério, e o elástico dentro de mim quase rasgou de tanta tensão; mas quando ela começou com *con...*, meu braço já estava lá em cima, muito antes de ela dizer *clusão* ou de alguém ter a chance de levantar a mão.

“Calvin”, ela disse, e por sorte eu me lembrei, na última hora, que estava com laringite.

“Conclusion”, grasnei e a professora de inglês sorriu e acenou com a cabeça e pareceu não ter achado nada demais.

Mas eu me recostei na minha cadeira e respirei fundo e percebi que uma coisa surpreendente havia acabado de acontecer. Isso aqui era uma escola de elite; e eu era Kevin Plebs. Levantei a mão de novo, quando ela quis saber como se dizia *metido em confusão*, e dessa vez eu já estava bem calmo.

“*In trouble*”, eu disse e esqueci totalmente de grasnar. Com certeza eu iria recomendar esse tipo de escola para Nisi. Ela ia tirar isso de letra.

“Acho que você não deveria falar tanto, Calvin”, disse a professora. “Agora nós dois esquecemos completamente da sua laringite. Mas é muito bom que você esteja assim tão bem preparado”, e sorriu novamente para mim e me deixou o resto da aula em paz.

E eu estava me sentindo bem. Tão bem que até virei para a Gunni, a 9,2 na escala-de-avaliação-feminina. Mas ela estava conversando com a vizinha.

Calvin

Quando cheguei em casa, ouvi já da escada a voz de Nisi.

“Mas eu quero, mãe!”, ela gritou e parecia que estava chorando. “Por que é que eu não posso?”

Toquei a campainha. Lá embaixo, do lado de fora da porta inspirado uns cinco metros cúbicos do ar poluído da rua, para conseguir chegar até o terceiro andar sem ter que mover a boca e o nariz nem uma vez; mas a reação à campainha foi tão lenta, que acabei tendo que soltar o ar dos meus pulmões, descartar aquela mistura estimulante de gases e respirar o ar da escada. Quase caí duro em cima do capacho.

“Com que dinheiro eu vou pagar isso, será que você pode me dizer?”, disse a mulher baixinha. Ela abriu a porta sem ao menos me olhar. “Você sabe como foi da última vez! Comigo de novo não, Nisi! Pode ir tirando seu cavalinho da chuva!”

Fechei a porta do apartamento para proteger o ar do corredor da ameaça lá de fora. Pelo jeito estava havendo uma discussão entre mãe e filha.

“*Todos* comemoraram o aniversário!”, soluçava Nisi. “Desse jeito ninguém vai me convidar pra mais nenhuma festa!”

“*Todos?*”, gritou a mãe baixinha. “Que *todos?* Diga-me! Eu não me lembro de você ter sido convidada pela Sarah! Ou pela Filiz! Pela Anna também não! Ou estou errada? Acho que *todos* não é bem a palavra que podemos aplicar aqui!”

Nisi fungou. “Você me trouxe o livro, Kevi?”, perguntou, limpando o nariz com o pulso. “Você disse que ia trazer sempre!”

Olhei pra ela atônito. Mas em meu cérebro a ficha começava a cair.

“Escute aqui, Nisi!”, gritou a mãe. “Não vai começar com essa baboseira de leitura de novo! Vá brincar lá fora, você precisa de ar fresco, senão vai acabar ficando pálida e nervosa!” E abriu a torneira para encher uma panela.

Eu gostaria de ter perguntado onde é que havia ar fresco para brincar nestas redondezas, mas exatamente nesse instante meus neurônios se encontraram, solucionando a questão.

“É claro que eu trouxe o livro, Nisi”, disse e fui pegar a mochila. Graças a Deus esse Kevin não era, no final das contas, um louco perigoso que se interessava por livros de cavalos. Apesar de que pra mim tanto fazia. Mas é que, sei lá, quando se tem um sócia, a gente não vai querer que ele apresente grandes defeitos.

“*E mais uma vez: Os Cavalos do Tirol!*”, e coloquei o livro bem embaixo do nariz dela.

“Ai, Kevi, que legal!”, disse Nisi e agarrou o livro. “Esses cavalinhos do Tirol são muito fofos, você não acha?”

Quando eu tinha mais ou menos sete anos, Mom e Dad haviam tentado me convencer a fazer equitação. Eles compraram todo o equipamento necessário e me inscreveram em um clube hípico, mas não durou muito. Eu simplesmente achava os cavalos grandes e perigosos e, acima de tudo, chatos e por isso me deixaram parar e, no lugar, fazer uma aula a mais de tênis por semana.

“São fofos sim!”, disse eu. E porque eu achei que pareceria um pouco mais autêntico se eu me interessasse pela vida da família, perguntei: “Onde é que o Ramon está?”

A mãe apontou com o dedão na direção do corredor, sem olhar para cima.

“Na cama”, ela disse. “Ficou fora até tarde ontem. Pelo menos está satisfeita agora, Nisi? Já que ganhou o seu livro?” Nisi olhou para mim. “Mas eu ainda quero comemorar o meu aniversário!”, disse ela.

Eu sempre pensei que irmãs mais novas fossem irritantes, “reclamonas” e roubassem as nossas coisas do quarto e quisessem que a gente jogasse *Ludo* com elas, e por isso, eu sempre gostei de ser filho único. E talvez irmãs mais novas sejam realmente assim, se a gente tem que agüentá-las todo dia, mas quando a gente pega uma emprestado, só por um tempinho, é um pouco diferente. Essa Nisi era simplesmente pequena e quando ela me olhava daquele jeito, me dava vontade, de repente, de protegê-la do mundo todo. Pode ser que isso fosse um sinal de envelhecimento precoce, mas, de qualquer modo, eu não podia simplesmente deixá-la nas mãos daquela mãe.

“E por que ela não deveria?”, perguntei e pisquei para Nisi. “Comemorar?”

A mãe se virou tão bruscamente para mim, que quase derrubou a panela do fogão.

“Cara!”, ela gritou. “Kevi! Você é idiota ou o quê?”

Eu balancei a cabeça. “Eu só não entendo o porquê”, disse teimoso.

Nisi olhava assustada, mas a mãe logo me esclareceu.

“Razão número um, certo?”, ela disse. “Grana. Faça as contas de quanto isso custa, cara! Bolo pra todo mundo e brigadeiros e balinhas de bichinhos e Coca-Fanta-Sprite! E a minha faxina desse dia posso esquecer, faça as contas! E as lembrancinhas! Você já esqueceu que no ano passado ficaram todos reclamando que as lembrancinhas eram uma merda? Eu não posso, ainda por cima, sair comprando pra cada criança alguma coisa que custe cinco marcos! Será que eu virei milionária ou o quê?”

“Não precisa de lembrancinha, mãe!”, disse Nisi. “Mãe, vai! Só uma comemoração, sem lembrancinha!”

“E bolo também não precisa, não é?”, disse a mãe. “Não, obrigada, pode esquecer. Eu já vivi isso no ano passado, comigo de novo não.”

“Não?”, disse Nisi baixinho e eu percebi que ela tinha desistido.

Fiz um sinal para que ela saísse comigo da cozinha. “A gente vai dar um jeito, Nisi”, cochichei.

Mas Nisi não fez uma cara de que estava consolada, mas sim, desconfiada. E se eu pensasse bem, ela tinha razão.

Eu não sabia nem quando era o aniversário dela. E de qualquer maneira eu já estaria há muito tempo em casa nesse dia.

Kevin

E então o almoço, gente!

Uau, e essa é a única palavra que me vem à cabeça.

Eu não tinha a menor idéia do que devia ser aquele troço vermelho no meu prato. Alguma coisa italiana, eu acho. Mas também aquilo não era uma prova onde eu tinha que responder perguntas.

Havia apenas dois lugares postos à mesa e lá estava sentada a Dona Mom, que, nesse meio tempo, com a ajuda de um penteado elegante e maquiagem, parecia uns sete anos mais jovem. Por volta dos setenta e três mais ou menos.

“Cal!”, ela disse. “Você está atrasado!”

“Eu tinha uma coisa pra resolver”, disse eu. O que não era de todo mentira. Depois da aula eu havia tentado chavecar a 9,2, de um jeito simples, tipo: “Ei Gunni, foi o máximo o jeito que você falou com o cara de matemática! Eu estava pensando, a gente devia ir junto pra uma balada talvez, ou outra coisa, ou no cinema ou...”

E é claro que ela não podia ter dito outra coisa a não ser que ela estava sonhando exatamente com isso há semanas e a gente teria combinado alguma coisa.

Só que tudo isso era, infelizmente, papo-furado. É claro que deveria ter acontecido desse jeito, mas de certa maneira minha vida tinha sempre sido assim: as coisas deveriam ser, mas na realidade não eram. Eu queria dar em cima dela sim e fiquei esperando por ela na frente da escola. Mas essa Gunni olhou de um jeito, que eu não tive coragem nem de dizer tchau. Ao invés disso me abaixei bem rápido e fingi que estava amarrando o cadarço.

“Não fale nesse tom!”, disse a Dona Mom. “Olhe como você está sentado, Cal!” E se nesse instante uma mulher vestindo um avental branco não tivesse entrado, talvez ela ainda tivesse feito um discurso sobre boas maneiras à mesa.

“Posso trazer a comida, minha senhora?”, perguntou a mulher-avental, com aquele sotaque forte, que eu já tinha ouvido das mães de alguns colegas da minha classe. De algum lugar lá do leste europeu, pra lá do rio Oder ou do Neisse, eu acho. Talvez Rússia. Ou Cazaquistão.

“Ah, por gentileza, Margareta!”, disse a Dona Mom e sorriu com seus dentes artificiais, como se quisesse fazer propaganda da Sensodyne. Quase caí da cadeira. “Pode deixar que nós mesmos podemos nos servir, Margareta, muito obrigada!” e sorriu de novo e essa Margareta fez uma cara, que talvez significasse também um sorriso, mas antes de mais nada, o respeito que se espera do serviçal perante seu amo. Aquilo tudo era o máximo.

“Então eu já vou, minha senhora”, disse Margareta. Se eu não fosse daqueles que, em situações duvidosas, sempre olham nos olhos das pessoas, para saber o que está acontecendo, eu teria caído nessa merda de “minha senhora”. Mas eu sempre olho nos olhos e isso pode ser de extrema importância, porque você descobre se a pessoa está sendo sincera. E essa Margareta não estava sendo sincera, o que era de se esperar. De todo modo, havia pelo menos tanto desprezo nos olhos dela, quanto humildade na sua voz. Ela acenou gentilmente com a cabeça e provavelmente foi buscar seu casaco no corredor. Isso se ele tivesse permissão para ficar pendurado à vista de todos no cabideiro que, com certeza, havia sido desenhado por um estilista.

Dona Mom serviu o meu prato. “Estou tão contente por termos Margareta”, ela disse. “Das últimas empregadas, nenhuma tinha esse estilo. Acho que eu deveria dar a ela um marco a mais por hora. O que você acha?”

“Claro”, eu disse. Eu sempre era a favor de que se pagasse bem empregadas. Quem sabe isso pudesse também se refletir nos empregos de mamãe.

“Não faça esse barulho com a boca, Cal!”, disse a Dona Mom insatisfeita. “E como foi a escola?”

“Inglês foi super legal”, disse. E não estava nem mentindo.

Dona Mom abriu um sorriso. “Está vendo!”, ela disse. “E hoje nós dois vamos estudar de novo. E não esqueça que o professor particular novo vem hoje. A propósito eu marquei um horário para você cortar o cabelo.”

“Obrigado”, eu disse. Agora eram quase duas e meia. Daqui a aproximadamente cinco horas eu estaria em casa.

Calvin

Kevin não havia falado nada sobre entregar jornais. Talvez ele tivesse feito confusão com os dias da semana, de todo o modo, não havíamos tocado neste assunto.

Mas, logo depois do almoço, sobre o qual prefiro não dizer nem uma palavra, a pequena mãe me lembrou do assunto e eu não me atrevi a contradizê-la.

Ou a perguntar qualquer coisa, é lógico. Como é que soaria isso? “Ah, sabe, eu não consigo mais lembrar onde é que eu tenho que buscar os jornais. Onde que eu tenho que entregá-los, também não. Estranho, né? Você acha que eu posso estar ficando esclerosado?”

Ela teria me dado um tapa, tenho quase certeza. Do jeito que essa mãe parecia, eu podia jurar que ela faria isso. Em termos de tamanho, ela dava no meu ombro, mas em termos de braveza, ela me dava de dez a zero.

Por isso achei melhor dizer: “Você vem comigo, Nisi? Você pode me levar”, e enfiei a cabeça no quarto da menina, onde ela estava deitada na cama, mergulhada no mundo dos cavalos do Tirol. “Nós podemos ir conversando no caminho.”

Nisi esticou o pescoço. Pelo jeito o amor entre os irmãos não era assim tão grande, que fizesse Kevin querer levar sua irmã pra onde quer que fosse.

“Você pode me contar alguma coisa dos seus livros”, disse num tom tentador. “Eu acho isso muito interessante.”

Nisi olhou cética, mas pelo jeito meu sorriso havia sido convincente.

“Está bem”, disse ela só um pouquinho mal-humorada. “Só mais esta página.”

Esse tanto eu podia esperar por ela. Era melhor que eu chegasse dez minutos atrasado no local de distribuição, do que simplesmente não chegar. Porque pra falar a verdade agora eu já estava até com vontade de entregar jornais.

Quando eu tinha doze anos, tive vontade de fazer isso, entregar jornais, mas é claro que nem pude pensar no assunto. Dad havia dito que certamente não teria nada contra eu começar a ganhar dinheiro tão cedo, mas meu trabalho era a escola naquele momento e a coisa não ia tão bem assim, que eu pudesse me dar ao luxo de desperdiçar minhas tardes. Cheguei a fazer uma investida cuidadosa, sugerindo que eu parasse o hóquei, mas aí Dad foi categórico.

“Eu sei que o hóquei não te agradou desde o princípio”, disse ele naquela ocasião. “Mas esforce-se um pouquinho! Hóquei a gente não joga, porque dá prazer! Hóquei a gente joga por causa dos contatos!” E aí eu percebi, que não adiantava ficar insistindo.

Mas então o acaso havia me presenteado com uma segunda chance, o único problema é que, de lá pra cá, meu entusiasmo já não era o mesmo. Este tipo de coisa a gente acha bom quando tem doze anos.

“Pronto!”, disse Nisi, colocando uma passagem de metrô dentro do livro, antes de fechá-lo. Pelo jeito nem todo mundo nessa família andava no metrô sem pagar. “Esse aqui é muito legal, Kevi!”

“Claro que é”, eu disse. “Eu nunca traria algo que não fosse assim pra você”, e estiquei minha mão para ela e ela a pegou e me olhou um pouco estranho e depois foi saltitando ao meu lado, falando, falando, o tempo todo, sobre cavalos e sobre uma menina chamada Janina, mas que era chamada de Jenny e eu acenava com a cabeça e dizia: “Que legal, meu!” ou então “Sério mesmo, verdade?”, e o tempo todo ia torcendo para que Nisi realmente soubesse onde é que eu tinha que buscar os tais jornais.

Ela sabia. Os jornais estavam guardados em grandes pilhas amarradas em uma garagem, eram folhetos de propaganda, desses que colocam, toda semana, de graça na nossa caixa de correio e eu coloquei meu pacote em um carrinho e parti.

Nisi continuou a trotar por um tempo ao meu lado, falando sobre os cavalos, mas aí ela se despediu.

“Você não está prestando atenção, Kevi!”, disse brava. “Então eu vou embora agora!”

“Cara, eu estou trabalhando!”, disse, olhando minha lista de ruas. “Você não está vendo?”, eu daria tudo pra ter um mapa da cidade agora.

Nisi suspirou e girando com o dedo ao lado da cabeça, gritou: “Pirou, heim?” Depois ela sumiu.

Precisei de quase três horas, mas quando voltei para a garagem, estava me sentindo bem. É claro que eu podia simplesmente ter largado a pilha de jornais no corredor de algum prédio, atrás da porta de entrada, afinal a maioria deles era escuro o suficiente; mas eu estava sentindo aquela ambição de novo. Pela segunda vez 4000 metros em um dia. Eu tinha conseguido.

“Então assine aqui”, disse o responsável pela distribuição, empurrando o bloco de recibos na minha direção. “86,40. Pelo mês.”

Eu o encarei. Por um momento pensei que ele estivesse fazendo uma piada. 86,40 pelo mês todo? Isso depois de ficar quatro tardes por semana puxando um carrinho e enchendo de jornais caixas de correio amassadas em prédios escuros e fedidos? Nesse caso, desde que não desse a louca no índice DAX, era bem mais fácil lucrar com as minhas ações, e isso sem ter que mexer nem um dedinho.

“Você está querendo me provocar, cara?”, disse o chefe furioso. “Se eu digo, assine, é pra assinar, idiota! Agora tenho que fazer outro recibo!”, e enquanto ele apertava, concentrado, a caneta no papel, uma ponta de língua rosa e enrolada apareceu entre os seus lábios. “Você sabia que isso é proibido? Falsificação de documento, é assim que se chama! Na próxima vez você vai escrever o quê? Michael Jackson?”

Ele me deu o recibo e meus dedos tremiam. Era uma sorte que esse homem não era desconfiado! Na hora de assinar havia esquecido que eu não era mais Calvin Prinz.

“Que nada, desta vez vou escrever Rambo”, disse tentando fazer graça. “Sylvester Stallone. Está OK assim?” E entreguei a ele o recibo.

Eu não tinha a menor idéia de como era a assinatura de Kevin, mas, pelo jeito, o chefe também não.

“Certo, Kevin Plebs”, disse satisfeito, me empurrando o dinheiro. “E aqui está a grana. Vê se guarda direito.”

Bati continência e disse: “Até a semana que vem”.

Pela primeira vez na vida eu havia falsificado um documento.

Kevin

A esta altura, ficaria quase espantado se a dona Mom não me levasse pessoalmente para cortar o cabelo. Estava claro, fazia tempo, que ela não tinha mais nada para fazer, do que ficar saracoteando em volta do seu menino de ouro e aos poucos comecei a entender, porque meu duplo havia se metido nessa troca imbecil comigo. É óbvio que qualquer um se arriscaria um pouco, pra fugir desse sorriso brilhante por algumas horas.

Mas afinal eu não era Calvin Prinz e eu seria um mentiroso, se quisesse convencer alguém, que vou todo dia de carro conversível para o cabeleireiro. Por isso a coisa não era assim de todo ruim.

“Agora deixe de uma vez por todas as janelas em paz, Cal!”, disse a dona Mom depois que eu havia subido e descido o vidro elétrico pela terceira vez. Vidro elétrico, meu! Se alguma vez tenho a chance de andar de carro, então é com meu tio Wolfgang e ele tem um Mazda, que tem a placa grudada com chiclete.

“Tesão total!”, disse e me recostei. Couro e madeira polida. Essas máquinas a gente conhece da propaganda, é claro.

“Cal, estou avisando pela centésima vez”, disse a dona Mom e então jurei a ela, sem o menor peso na consciência, que eu nunca mais usaria essas expressões inadequadas.

No salão, ela se sentou, graças a Deus, em um canto para me esperar e ficou tomando um café e conversando animadamente com uma senhora, que não se parecia, nem de longe, com as brucacas que trabalham nos nossos cabeleireiros. Parecia mais uma executiva, eu diria, assim tipo uma mulher de negócios, e a dona que estava mexendo no meu cabelo, tinha jeito de quem faria faculdade. Talvez eu devesse aconselhar Jacqueline a usar um pouco menos de maquiagem nos olhos. Mas é claro que os clientes dela eram bem diferentes.

“Gostou?”, perguntou a mulher que iria para a faculdade, enquanto Mom e a mulher de negócios não paravam de falar em como é que num só dia, em nome de Deus, o cabelo de alguém (“Só um dia, estou lhe dizendo!”, repetia a dona Mom) pudesse crescer assim tão rápido.

Mas a mulher de negócios já havia vivido de tudo em seus anos a serviço da beleza, cabelos que caíam e cabelos que cresciam como loucos e cabelos que, pelo contrário, haviam desistido de qualquer crescimento, e ela assegurava a dona Mom, que segundo sua avaliação não era de se esperar, de forma alguma, que meu cabelo fosse dar um pulo assim todo dia daqui pra frente.

“Embora cabelo seja uma coisa que, volta e meia, nos espante”, disse a mulher de negócios. “Mas enquanto a qualidade do cabelo for a mesma...”, e a dona da faculdade, que pelo jeito era quem sempre me atendia nesse salão, garantiu que quanto à isso não havia a menor diferença em relação a antes.

Então nos despedimos com uma gorjeta generosa.

Antes de passar pela porta, dei uma última olhada nos vários espelhos.

Agora eu era definitivamente Calvin Prinz.

Calvin

Quando saí da garagem, estava com a mão dentro do meu bolso, segurando forte o dinheiro.

86,40, isso era mesmo uma piada, mas era o primeiro dinheiro que eu havia ganhado sozinho na vida e eu posso assegurar a qualquer um que a sensação não é nada ruim.

Fui caminhando pelas ruas até chegar àquele centrinho de compras indecente, pelo qual havia passado antes no meu tour, e resolvi torrar o dinheiro logo. Pra isso 86,40 era exatamente o valor ideal. Se fossem 1000,-, eu já começaria a me questionar, e 50,0 nem justificariam uma compra. Mas 86,40 era uma quantia que, de alguma forma, te convidava a gastar. E, afinal, eu era Kevin Plebs, que tinha feito uma grana, e eu tinha certeza que o Plebs gastava a grana dele logo de cara.

Fui andando mais devagar que o normal. O sol batia nos vãos entre as casas e nas varandas havia velhas de cabelo amarelo regando gerânios. Crianças de cabelo preto brincavam de esconde-esconde entre os carros estacionados e berravam, umas para as outras, em uma língua que lembrava férias.

Comecei a assobiar. Eu era Kevin Plebs. Em menos de vinte e quatro horas eu havia conseguido.

Eu conhecia as ruas, afinal de contas eu havia entregado jornais aqui, e ninguém estava me olhando de cara feia. Eu não havia desistido depois dos 1000 metros e ninguém havia percebido nada. Eu era Kevin Plebs e tinha a sensação de estar bêbado.

O centro de compras era minúsculo. Quem morava nessa região, tinha que pegar o metrô para fazer compras de verdade. Quem quisesse sapatos, por exemplo, não tinha a menor chance, a não ser que, por acaso, a *ALDI*, a loja de descontos, estivesse oferecendo sapatos naquela semana. Havia um supermercado e uma drogaria e um açougue e uma quitanda de turcos; havia uma filial da *Quelle*, uma dessas lojas que vendem coisas pelo correio, onde três mulheres, usando lenço na cabeça, folheavam entusiasmadas os catálogos; e havia ainda aquela loja de jeans.

Portanto não era muito grande a oferta de coisas, que eu pudesse comprar com o meu suado dinheirinho; se eu não estivesse muito interessado no melhor café ou no cobertor térmico elétrico que estavam em oferta este mês na *ALDI*, só me restava então um simpático sortimento de chás para a vesícula e para os rins lá da drogaria. Afinal ninguém quer gastar seus 86,40 comprando carne de porco ou de vaca, que no final das contas, pode até estar intoxicada.

Eu brincava com o dinheiro dentro do bolso. O que é que faziam os caras, que moravam aqui de verdade? Provavelmente já tinham pegado o metrô há um tempão e ido para o centro da cidade, sem pagar, pra fazer bagunça nas lojas de departamentos. A única saída pra quem fosse desta região e quisesse manter a mente razoavelmente equilibrada, era a fuga do desespero.

Na filial da *Quelle* as três mães tinham acabado de escolher suas compras. Saíram juntas da loja, sorrindo e gesticulando, e como seguraram de forma convidativa a porta para mim, pensei realmente por um instante se não deveria talvez usar minha primeira grana como pagamento de uma máquina de costura chique, com a qual eu faria vestidos de tirar o fôlego, criados por mim, à noite, sob a luz opaca de uma lâmpada de 20 watts do lustre da cozinha. Dessa maneira eu teria, em bem pouco tempo, multiplicado meu capital por cem e eu poderia deixar esse bairro miserável e comprar uma casa de férias na praia para minha querida mãezinha, e a história do engraxate que vira milionário aconteceria mais uma vez. E Dad daria um tapinha no meu ombro e um aperto de mão bem forte e diria o que ele sempre diz, porque é o ditado dele: “Um Prinz pode ser largado no deserto sem água, um Prinz está sempre em ascensão. Um Prinz será sempre um Prinz.”

Só que máquinas de costura nunca haviam sido meu forte, por isso tive que interromper minha carreira de milionário antes mesmo de começar. É claro que eles também tinham na vitrine atrativos ferros de passar e um equipamento de excelente qualidade para o primeiro mês do bebê e uma caixa de Barbies falsificadas. Mas de algum modo não era nada disso.

Não ter levado a loja de jeans em consideração revelou-se mais tarde como uma prova da minha ignorância. Mas era lógico que eu pensasse assim: uma loja de jeans e 86,40. No que é que isso podia dar?

E foi justamente quando eu estava pensando se a drogaria, com sua oferta abundante de talcos para os pés até polidor para mármore não acabaria conseguindo me convencer, que eu a vi.

Ok, tudo bem, não vou fazer suspense, afinal é óbvio de quem estou falando. Tatiana saiu da ALDI com uma sacola de tecido na mão e parou na frente da loja de jeans. E eu era Kevin Plebs e podia fazer o que talvez nunca havia feito.

“Oi, Tatiana”, disse e ela quase deixou a sacola cair com o susto.

“Seu bundão”, disse ela e continuou a olhar a vitrine. Fiquei me perguntando pelo que exatamente ela podia se interessar. Eu achava a maioria das peças sem graça.

“Até que foi engraçado hoje de manhã”, eu disse num tom amigável. “Em matemática. Eu achei legal.”

Então ela se virou para mim. Ela me encarou como se eu viesse de Marte e tivesse acabado de pousar nesse pedacinho encantador da Terra e tivesse esticado meus órgãos da visão e da audição, além de oitenta e dois tentáculos em forma de antena.

“Você tem merda na cabeça ou o quê?”, disse ela furiosa, com uma voz profunda, e foi então que eu percebi, pela primeira vez, que ali havia um mini-sotaque, assim como um resto de sotaque excitante, mais ou menos como a nossa empregada polonesa tem, só que, de certa forma, sexy.

Respirei fundo. “Não exatamente”, disse eu e então fiquei quieto, olhando a vitrine ao lado dela, e me perguntei se talvez ela não tinha realmente razão em pensar que havia alguma coisa fora de controle no meu cérebro. Tentei imaginar que estava no meu bairro, na frente da loja de jeans, com uma menina ao meu lado, tendo esta conversa.

Comecei a me sentir mal. Tirando o fato de que eu não conhecia ninguém que falasse assim, *eu* jamais faria isso. Afinal eu não sou idiota! Eu não costumo ser teimoso e insistente, ficando ao lado de uma menina, que me provocou e me xingou desde a manhã. Realmente eu não preciso disso.

Mas quem estava aqui era Kevin Plebs, e em algumas horas eu já estaria de novo em casa. E a voz de Tatiana soava de um jeito, que parecia escorregar pela minha coluna, vértebra por vértebra, criando uma tensão de mais ou menos dois mil volts, e eu esperava que o eletricista dentro de mim, que controlava tudo aquilo, tivesse instalado fusíveis suficientes.

Não, agora falando sério e para acalmar quem quer que seja: Eu não costumo atacar de cara cada mulher que tenha uma voz profunda e um sotaque sexy. Pelo contrário, eu sou extremamente civilizado e bem-educado, e sem contar uma vez na sexta série, em que junto com mais três garotos do time de hóquei convencemos três meninas a ir ao cinema, e eu, na escuridão da sala, amassei a mão da minha vizinha de fileira e tentei, apesar da sua resistência fingida, desesperadamente beijá-la, afinal esse era o verdadeiro motivo para irmos ao cinema, ao invés de ficarmos assistindo televisão - sem contar este pequeno episódio de assédio sexual, não há mais nada para relatar, isso é claro se não incluirmos os beijos úmidos da época de primário. Pra falar a verdade, às vezes até me sentia um pouco inquieto com o fato de, até agora, não querer mais nada de uma garota, além da sua tarefa de matemática.

É claro que todo mundo sempre diz que não há o menor problema em ser bicha, mas com certeza é mais simples gostar de mulheres. Talvez seja por isso que eu estava tão agitado

ao observar a voltagem do meu corpo subindo, que neste momento era o corpo do Plebs, e que estava aos poucos atingindo um ponto em que é preciso estar preparado para um terremoto com uma força de mais ou menos 14,9 na escala Richter ou mais.

“Olhe aqui, Tatiana”, eu disse, sabendo que só havia uma maneira de diminuir a tensão e evitar que os fusíveis se queimassem e foi por isso que eu coloquei rapidamente a mão sobre o braço dela e tive a sensação de que, realmente, uns 1000 volts passaram sibilando pra ela. Mas estranhamente isso não ajudou nem um pouquinho. Ao invés disso tive a sensação de que a rede da minha central elétrica estava sendo carregada com pelo menos uns 2000 volts novos. A coisa aqui não se resolveria com um simples toque de mão.

“Não me toque!”, disse Tatiana e me empurrou para trás. “Agora você vem de novo com *olhe-aqui-Tatiana*, não é? E ontem de manhã? Ontem de manhã era *Tatiana-da-bunda-gorda!*” E me encarou de um jeito que me fez perceber que, mesmo que hoje à noite houvesse uma hora de metrô nos separando, não adiantaria nada.

Por um minúsculo instante pensei com meu cérebro, que por causa da tensão exagerada quase já não funcionava mais, se eu deveria contar a ela, que na manhã anterior eu estava do outro lado da cidade, desesperado, recebendo uma prova de matemática com um péssimo resultado e que não sabia absolutamente nada da existência dela. Mas pra mim já estava claro, que isto teria sido um erro. Se agora, Tatiana já partia do princípio que no meu cérebro não havia mais nada do que fezes, tais explicações só fariam com que ela acabasse indo embora. Eu precisava ser esperto e astuto.

“Olha só, a liquidação!”, eu disse.

Kevin

Era óbvio que esta mãe-profissional também não iria largar do meu pé depois de voltarmos do cabeleireiro.

“Olhe só, Cal, nós bem que podemos agora fazer um pouquinho mais de inglês”, disse ela, arrumando seu penteado em frente ao espelho do hall de entrada. “Antes do seu professor de matemática chegar. Vá buscar seu livro.”

Fiquei olhando pra ela. “Inglês?”, eu disse. “Agora?”

Dona Mom abriu um enorme sorriso. “Lembra-se de hoje de manhã?”, perguntou. “Você precisa rever algumas coisas, Calvin!”

“Mas eu fui super bem na escola!”, eu disse com uma cara de súplica. “É sério, agora, eu fui super bem na escola!”

Saí correndo para a escada e subi para o meu quarto. Eu não era idiota para desperdiçar o único dia da minha vida, em que eu passaria em uma vizinhança tão nobre, estudando inglês ou matemática! Pra isso, essa senhora teria que conseguir uns caras fortes que me levassem numa camisa de força.

Mas ela não pretendia fazer isso. “Tudo bem, Calvin, então descanse um pouco”, disse maternalmente. “Mas quando chegar o senhor – nossa, eu nem sei como ele se chama! – para estudar matemática com você, você desce.”

“Lógico!”, eu disse. É preciso estar sempre pronto a aceitar acordos, isso é o que se aprende rapidinho, quando se divide o quarto com um irmão cinco anos mais velho. “Só vou teclar um pouco.”

“Teclar?”, ela perguntou, levantando as sobrancelhas. Provavelmente eu não havia escolhido a melhor palavra de novo.

Eu já havia dado uma olhada nos PCs de Calvin na noite anterior, eram três e todos com impressora, mas não em rede. Por sorte o quarto dele era tão grande, que apesar de tudo isso, ainda sobrava espaço pra um monte de outras coisas.

Decidi ficar com o computador que parecia mais novo. Em casa eu tinha um Nintendo e antigamente eu era super bom nele; mas num computador de verdade eu nunca havia mexido pra valer.

Talvez fosse por isso que eu estivesse me divertindo tanto. Eu não sou desses medrosos, que pensam que vão ferrar com tudo, se apertarem, sem querer, algum botão errado. Botões eu aperto o tempo todo.

Na minha classe há dois caras, que também têm um PC em casa, e uma vez eu pude ficar junto no computador de um deles. Mas ele não me deixou mexer de verdade no negócio, porque ele disse que iria arranjar confusão com o pai dele. O que, no final das contas, acabou realmente acontecendo, porque mais tarde descobrimos, que nem ele tinha permissão de mexer no PC. Foi quando achei melhor dar o fora.

E é claro que na loja de departamentos sempre há computadores, com os quais eu também já fiquei brincando. Mas aí logo chegam aqueles jovens dinâmicos, de camisa branca e gravata, e dizem que é pra gente tirar a mão, se a gente não entende do assunto. E eles nunca acreditam que a gente entende do assunto.

Mas, de todo modo, eu sabia como é que se clica com o mouse nas coisas e como é que os menus funcionam e foi o máximo. Com certeza duzentas vezes melhor que o Nintendo. Eu realmente não entendo como é que pessoas, que possuem um computador, podem usá-lo pra jogar. Pra isso um Gameboy serve.

Ao lado da torre do computador havia uma pilha de manuais e como eu, depois de um tempo, já estava cheio de simplesmente ficar xeretando, peguei um deles e comecei a ler.

Era tudo muito fácil, sério. Estes troços de computador são feitos de um jeito, que até o último dos idiotas consegue entender. Eu clicava uma vez ou dava um clique duplo e

experimentava combinações de teclas e agora falando sério, sem sacanagem: Toda vez acontecia exatamente o que o livro havia prometido.

Eu já ia começar a escrever um pequeno texto, só assim como teste, pra colocar a impressora pra trabalhar, quando a campainha tocou lá em baixo.

“O professor de matemática”, digitei, afinal era necessário digitar alguma coisa, “é um c...” Não consegui continuar. Dona Mom enfiou a cabeça na porta e olhou com cara de reprovação para o monitor.

“Calvin”, disse ela num tom extremamente amável e forçado, sério, forçado é realmente a palavra exata, e ela só estava fazendo isso, porque havia alguém do lado de fora ouvindo, “O senhor Schnorrhammer chegou e gostaria de estudar matemática com você.”

Gostaria, heim? Eu poderia apostar que este tal senhor Schnorrhammer estava tão animado com nossos 45 minutos juntos quanto eu. Provavelmente ele precisava da grana.

“Estou quase pronto.”, disse mal-humorado. Qualquer imbecil sabe que não se pode simplesmente desligar um computador do nada. Primeiro é preciso clicar em uns sessenta e três símbolos e fazer o mouse responder a pergunta, se você realmente quer desligar, antes que o próprio aparelho interrompa seu funcionamento. Só que infelizmente eu não sabia, como é que se fazia isso.

“Agora venha, Calvin, você não pode fazer o senhor Schnorrhammer esperar tanto!”, disse Dona Mom impaciente e, com isso, ela me deu a oportunidade.

“OK, eu vou mesmo continuar mais tarde”, disse e deixei o PC do jeito que estava. Ele comunicaria a qualquer um que entrasse no meu quarto, na próxima hora, que o professor de matemática era um c.

Eu e o tal Schnorrhammer fomos para a sala de jantar e nos apresentamos primeiramente. Quer dizer, Schnorrhammer se apresentou. Afinal era ele que ganhava a grana aqui. “Seu pai me escolheu, porque sou professor de matemática diplomado”, disse ele e olhou em volta, atrevido, para nossos cômodos ricamente decorados. Ele deveria primeiro aprender como se comportar na casa de pessoas como nós. “Só que desempregado. Seu pai está me pagando 50 marcos por hora, para que eu tire você do E. Se você chegar no C, ele sobe para sessenta. Então vamos começar”, e pegou meu livro de matemática – quer dizer, o do Calvin, é claro -, o qual Dona Mom já havia gentilmente deixado em cima da mesa, juntamente com lápis recém apontados e um bloco.

“Hipérboles”, disse o Matelouco e então começou. Ele era bem dinâmico. Só que a coisa acabou rápido.

“Agora preste atenção, garoto”, disse ele depois de uma meia hora e eu tive a impressão de que não estava muito claro para ele, quem era o empregador aqui, “vamos falar preto no branco. Você não tem a menor idéia de nada, certo? Você entende de matemática praticamente tanto quanto uma criança da quarta série, certo? Com você será necessário realizar um trabalho de base, certo também?”

Olhei para ele e não disse nada. Não gostei nadinha do seu tom. Alguém pode falar assim com os Plebs, talvez; mas não com os Prinz.

Neste momento a porta da sala foi cautelosamente aberta, bem cautelosamente.

“Que tal um cafezinho?”, disse Dona Mom naquele tom forçado, trazendo com cuidado uma xícara e uma bandeja com um potinho de chantili e um açucareiro. “E como vão indo as coisas até agora?” Ela presenteou o senhor Schnorrhammer com um de seus famosos sorrisos; só que ele infelizmente não conseguiu retribuí-lo.

“As coisas vão indo mal”, disse ele e pegou seu café sem o menor agradecimento. “Se a senhora quiser que eu continue, vou lhe dizer uma coisa agora: É um enigma para mim, como este garoto foi arrastado pela escola até aqui. Se nós quisermos colocá-lo no nível da classe dele, duas aulas de reforço por semana não serão suficientes, também não será suficiente uma aula por dia. O que ele precisa agora é de um curso intensivo, digamos duas

aulas toda tarde, por duas semanas. Depois disso verei, então, se posso continuar. Do jeito que está, com certeza, não.

Dona Mom desabou. “Tão ruim assim?”, sussurrou ela. “Mas meu caro senhor Schnorrhammer, eu lhe peço – é evidente que o senhor deve fazer tudo da maneira como o senhor – o senhor sabe o que é melhor...!” E ela pareceu tão desesperada, que quase consegui tocar meu coração.

Schnorrhammer deu de ombros. “Farei o que eu puder”, ele disse. “Ou melhor: o que o seu garoto aqui puder. Mas se eu vir que não está adiantando, não vou continuar. Neste caso, recomendo a mudança para uma escola mais fraca”, e ele olhou para Dona Mom de um jeito, que eu pensei, uau, que atrevido!

“Faça assim, como o senhor...”, falou Dona Mom baixinho e eu pensei que ela logo começaria a chorar.

“Um curso intensivo. Eu avisarei meu marido.”

Quando Dona Mom saiu, Schnorrhammer curvou-se na minha direção.

“Agora escute com atenção”, disse. “Para mim isso aqui também não é um momento de alegria e felicidade, que fique claro. Você vai ter uma chance agora, para a qual você não fez por merecer. Você passou o ano na folga, sem fazer nada. Vamos apostar no que você pensou?”

Eu o olhei nos olhos, mas não respondi. Eu tinha prática nisso.

“Você pensou, que se dane, Daddy tem grana suficiente!”, disse Schnorrhammer. “Pensou ou não pensou? Mas Daddy também pode ir à falência, meu caro, e então vai ser tarde demais. Tirando o fato de que a sensação de se conseguir alguma coisa sozinho é muito boa, você sabia? É por isso que vamos começar agora.”

E foi o que ele fez e a mim não sobrou outra escolha, a não ser participar. Eu sempre pensei que as pessoas, quando vissem uma casa como a nossa, teriam um certo respeito, cara. Mas negativo. Esse sujeito era mesmo ousado. Mas ele sabia matemática, isso eu tinha que dizer, e explicar ele também sabia. Quando os quarenta e cinco minutos acabaram eu já estava me sentindo quase apto para a escola de Calvin.

Schnorrhammer empurrou sua cadeira para trás. “Posso lhe dizer o que é eu acho de você?”, ele perguntou. “Heim, garoto? Melhor não. Quando eu vejo tudo o que você aprendeu aqui em meia hora – você deve ter sido realmente muito preguiçoso todos esses anos. Um baita bicho-preguiça, daqueles bem fedidos!”

Dei de ombros. Eu quase falei que aquela tarde tinha chegado perto de ser divertida.

Quando ele se dirigiu para a porta de entrada, Dona Mom saiu de uma das muitas portas e o olhou de forma suplicante. Ela não tinha coragem de fazer a pergunta.

“Ele é suficientemente inteligente”, disse Schnorrhammer, já meio para fora. “Resta apenas saber se ele quer.”

“Até amanhã!”, gritou Dona Mom triste para ele.

Subi correndo para o meu PC. Eu queria aproveitar as últimas horas.

Calvin

A idéia da liquidação não era ruim. Eu logo pensei que nesta região eles deviam gostar deste tipo de coisa.

“Só 79 marcos!”, disse eu. “Por uma *Levi’s*! Eu não acredito!”

Tatiana ficou me olhando. “E daí?”, ela disse. “Do que é que adianta, se você não tem a grana?”

As notas dentro do meu bolso faziam um ruído, enquanto eu mexia com elas. “Isso é uma ninharia”, eu disse.

Tatiana girou seu dedo indicador ao lado da cabeça. “79 marcos!”, disse. “Só pra ter *Levi’s* escrito nela! Bah!”

Precisei de um momento para pensar, antes que eu entendesse. É que eu não achava que alguma vez eu tivesse usado uma *Levi’s* de 79 marcos na minha vida, com isso não se consegue nada. Com menos de 125,- não dá pra fazer nada, pensando bem 150,-, e quem é que vai querer ir à escola com uma roupa sem marca qualquer?

Mas com o Kevin talvez fosse diferente. Talvez ele não tivesse muitas roupas boas. Seria uma pechincha, se eu arranjasse essa *Levi’s* aqui pra ele.

“Você vai entrar comigo?”, perguntei. “Olhar se ela fica bem?”

Tatiana me olhou de cima pra baixo. “Por 79 marcos?”, ela disse.

Experimentei meu sorriso mais charmoso.

“Por favor!”, eu disse. Ninguém consegue resistir a isso.

A calça não era mesmo nada mal, botão ao invés de zíper e tudo mais, não daria para ninguém ver, como ela tinha sido barata. Coloquei minhas notas ao lado da caixa registradora e guardei o troco. De qualquer modo a sensação foi demais.

Até ali Tatiana não tinha dito nada. Mas pelo menos ela não tinha ido embora.

“Até que ficou boa, né?”, eu disse. “Agora eu ainda tenho sete marcos. Vou comprar um Magnum pra gente”, e então fui até o supermercado, sem olhar se Tatiana me seguia, e peguei dois sorvetes da geladeira ao lado do caixa. Agora eu estava de novo quase sem um centavo.

“Eu não sei o que é que você tem, Kevin”, disse Tatiana, ao apoiar as costas no muro, ao meu lado, e começou a comer a casquinha de chocolate. “É sério agora. Aquele dinheirão todo.”

Estalei os dedos. “Assim como vem, vai”, disse arrogante. “A gente precisa aproveitar a vida.”

Tatiana olhou-me de um jeito, que fez o terremoto dentro de mim atingir 16,2 graus de novo. São Francisco já não teria salvação. “Você é tão idiota, Kevin”, ela disse. “Você não pensa, sabia? Sabe o que eu quero da minha vida?” E ela realmente esperou até que eu balançasse a minha cabeça, antes de voltar a falar, como se nós estivéssemos em uma série de televisão. E este seria o momento em que ela me confessaria, que tinha Aids ou no mínimo leucemia. Aquilo era totalmente irreal, tudo.

“Eu quero uma casa grande”, disse Tatiana, “com um jardim grande. E um carro grande, Classe E. Eu quero poder comprar roupas, quantas eu quiser, e viajar para a Flórida, para toda parte, onde houver palmeiras. Eu quero...”

Agora!, pensou o meu cérebro. Diga para ela, Calvin, anda! Ofereça a ela o que você tem! Uma oportunidade mais simples do que essa de conseguir baixar o tremor dentro de você para um nível normal, você nunca mais vai ter.

“Eu vou me formar”, disse Tatiana e lambeu toda a volta do seu sorvete. Esse era o tipo de coisa que talvez não se fizesse numa série, num momento tão dramático. “Mas eu vou me formar bem, Kevin, isso é importante. E aí darei um jeito de conseguir um emprego com um médico”, e ficou me olhando de um modo, que eu percebi que ela esperava uma resposta.

“Hmm, nada mal”, murmurei. Eu não tinha a menor idéia do que deveria ser tão legal nos médicos e isso também não me interessava à mínima. Neste ponto eu deveria ter me revelado, mas eu simplesmente não conseguia. Até agora eu tinha conseguido me segurar no meu sorvete, mas agora ele tinha acabado e eu sabia que eu não iria agüentar nem mais dois segundos ao lado dela sem pirar. Dei um passo para o lado.

“Assistente de médico”, disse Tatiana. “Essa é a profissão, você sabe. É onde você conhece os médicos e os caras que vendem remédios, eles também não ganham mal. E é onde você pode conhecer homens em geral, você pode olhar nas fichas dos pacientes, quem é paciente particular, e aí você sabe quem vale a pena.” Ela jogou o palitinho do sorvete no chão. “O problema é que os médicos não querem gente com um diploma de uma escola como a nossa, eu já andei perguntando.”, disse Tatiana. Sua voz e seus movimentos provocavam um terrível efeito sobre a escala Richter. “É por isso que eu preciso me formar com notas muito boas. Pra que me eles me aceitem. E aí eu vou conseguir, estou te falando.”

Fiquei olhando pra ela. Eu não tinha a menor dúvida de que ela conseguiria. Eu não conseguia imaginar ninguém que conseguiria antes que ela. Não havia nenhuma outra mulher como ela, só por isso.

“Mas você tem que se esforçar mais, Kevin.”, disse Tatiana maternalmente. Eu não entendia, como é que ela não percebia o que estava acontecendo comigo. Eu tinha a nítida sensação de que qualquer um poderia ver a uma distância de 1000 metros, como a minha adrenalina rugia nas minhas veias. Mas Tatiana continuava a dar sua palestra de série de televisão.

“Afinal você é um cara, Kevin. Aí é mais difícil esse lance de casar por dinheiro. Então você precisa de um bom diploma e não pode ficar sempre fazendo merda na escola.” Ela me olhou severa. “É assim que é, ou não?”

Eu não tinha coragem nem de mexer minha cabeça, concordando. Era uma bênção que ninguém da minha classe pudesse ouvir o discurso dela. Ela seria apedrejada na hora pelas meninas.

“E você é inteligente, Kevin, só que ninguém percebeu isso ainda!”, disse Tatiana. “Hoje de manhã, em matemática, todo mundo se admirou. Mas você ainda não entendeu como a vida é, sabia? E eu vou te falar isso agora.”

Eu tentei usar a respiração pelo diafragma profunda de Dad. Fique calmo, Calvin, fique calmo, eu me dizia. *It's now or never*. Em uma hora você vai entrar no metrô e vai embora e aí good-bye, Tatiana, forever. A não ser que você tenha uma idéia. E falando sério agora, o diretor dessa produção barata serviu o assunto em uma bandeja de prata pra você. Ninguém pode esperar mais do que isso. Você tem que fazer pelo menos alguma coisa sozinho.

“Se eu te falar uma coisa agora, Tatiana”, disse e percebi que minha voz estava bem perto de tremer, “mesmo que soe estranho: Você vai acreditar em mim?”

Os olhos de Tatiana se estreitaram. “O que é?”, ela disse. “Está vendo, você nem prestou atenção no que eu falei, bem que eu estava percebendo, o tempo todo! Você não roubou, né?”

Eu ri. Não tenho idéia porque, mas de certo modo fiquei aliviado.

“Então, todas as coisas que você deseja”, disse, e eu sabia que logo ela viria até mim e eu atiraria meus braços em volta dela e São Francisco estaria salva, “eu já tenho tudo isso faz tempo, Tatiana. Portanto isso tudo pra mim é...” Inspirei o ar mais uma vez. “Na verdade eu sou uma outra pessoa”, eu disse.

Só que infelizmente o diretor não havia imaginado o filme como eu.

Tatiana se descolou do muro. Ela me encarou furiosa.

“Você tem mesmo merda na cabeça, Kevin Plebs!”, ela disse.

E então ela atravessou a praça, sem olhar para trás nem uma vez.

Kevin

Eu havia completado o texto no meu monitor com “uzão” e o imprimido em pelo menos uns vinte tipos de letras e cores diferentes, e havia acabado de começar a me familiarizar com os programas de pintar e desenhar, quando alguém bateu na minha porta.

“Então, filho”, disse o senhor Dad. Eu não o havia visto ainda hoje, por isso tive mesmo que pensar, de onde é que eu conhecia a sua cara. Mas quando alguém diz “filho”, não fica assim tão difícil de descobrir.

“Mom me contou”, disse e se sentou na cama. Só que bem na pontinha, como se já quisesse ir embora. “Então parece que é meio uma catástrofe, você e a matemática.”

Não olhei para ele. Quando Calvin voltasse para casa hoje, ele teria que aturar algumas coisas. Mas esse problema não era exatamente meu.

“Duas aulas todo dia, por duas semanas”, disse o senhor Dad. “Isso dá uma nota de mil. E ele vai ganhá-la livre de impostos e eu não posso nem descontar do imposto de renda.” Ele suspirou. “Depois vou querer ouvir que você entendeu tudo, filho!”, ele disse. “Estamos entendidos?”

Acenei com a cabeça, concordando. Na verdade achei bem surpreendente, como esse sujeito estava calmo. Sua mulher tinha acabado de explicar a ele, que seu filho custaria uma fortuna extra, nas próximas duas semanas, só por causa da matemática, e ele ainda mantinha os bons modos. Era de se invejar.

“E agora eu gostaria de saber”, disse o senhor Dad, e só porque ele tamborilava um pequeno solo de percussão com os dedos no colchão, provavelmente alguma coisa bem brega, é que se percebia que ele não estava tão calmo assim como ele fingia estar, “o que você pode me falar do *Nikkei*, filho. Ou do *Dow Jones*? Isso, como é que anda o *Dow Jones*?”

Fiquei olhando pra ele. Sério, a coisa toda já era suficientemente complicada pra mim, por que é que o Calvin tinha que se esquecer de me falar dos amigos, pelos quais o pai dele se interessava? Nicky e Dow Jones? E por que é que ele se interessava pelos dois? Minhas palmas das mãos estavam, aos poucos, ficando úmidas.

“E então, filho?”, disse o senhor Dad impiedoso. “Eu gostaria de saber se você já cuidou dos seus papéis hoje.”

Essa agora me fez quebrar a cabeça. É claro que eu estava contente, que o seu interesse pelos meus amigos tivesse sumido, pelo jeito, tão rápido quanto havia aparecido; apesar disso eu estava um pouco perplexo com a rapidez dele em mudar de tema. Papéis, né? Também não havíamos falado em papéis ontem à noite na hora da nossa troca.

“Hoje eu tive tão pouco tempo”, disse cuidadosamente. O que dona Mom poderia confirmar sem problemas. Cabeleireiro e aula particular e tudo mais – pra qualquer papel que fosse não havia sobrado tempo.

“Sim, Mom já me contou”, disse o senhor Dad impiedoso. “Mas agora estou vendo você brincar no seu computador. Talvez você tivesse tido tempo...”

“Brincando não!”, disse rapidamente. “Afinal Calvin não deveria ter apenas aborrecimentos na sua volta. “Eu estava acabando de ler os manuais.”

“Esta seria a primeira vez!”, disse o senhor Dad. “Mas mesmo isto não serve de desculpa, filho! Como é que está a BASF? Será que não deveríamos mesmo pensar em vender algumas da *Telekom*? E que tal a Volkswagen?”

“Bem”, eu disse. O sol batia de lado no monitor e apesar disso não se via nem uma única poeirinha voando. Esta russa-polonesa, Margareta, não era só esperta, mas também metódica.

“Calvin!”, disse o senhor Dad e eu fiquei admirado, como alguém que não havia ligado a mínima para o fato de que seu filho tivesse ultrapassado tranquilamente as fronteiras

imagináveis da burrice em matemática, pudesse se irritar tanto por causa de uns papéis quaisquer. “Ontem mesmo eu te disse...”

Definitivamente achei isso muito injusto da parte de Calvin. Como é que ele não havia me dito, que neste momento umas histórias misteriosas de papéis eram o assunto principal nesta casa? Eu estava me estrebuchando aqui, para deixar a sua família razoavelmente tranqüila para a volta dele, e ele me deixava aqui sem chão.

Avisei o PC através de um clique com o mouse, que eu já estava cheio dele e o desliguei. “Nós podemos discutir isso com calma de novo”, eu disse. Meu relógio de pulso mostrava cinco e meia. No fundo, de nada mais adiantava. Mas agora eu queria ser Calvin Prinz até o fim.

“Com calma?”, trovejou o senhor Dad. “O que é que existe para ser discutido com calma?”

“Dad!”, disse dona Mom. “O menino realmente se esforçou muito hoje! Talvez você possa mesmo sentar um pouco com ele!”

O senhor Dad olhou para ele, como se quisesse falar alguma coisa, então, ao invés disso, colocou a mão sobre o meu ombro. Ele inspirou fundo o ar três vezes antes de finalmente falar:

“Por mim, filho”, disse e agora ele já parecia claramente mais relaxado. “Venha para baixo.”

Pelo jeito, o cômodo ao lado da sala de jantar era o escritório dele e tinha do bom e do melhor. Aqui eles poderiam gravar *Derrick* todos os dias, sem problemas, escrivadinha com tampo de couro e armários de livros com portas de vidro e tudo arrumadinho nos trinques.

“Sente-se”, disse o senhor Dad. Ele tirou um jornal do porta-jornal. “Bom, de novo do começo!”

E aí ele começou a me explicar coisas, que eram da hora! Não, sério agora e sem sacanagem, eles deviam contar essas coisas pra gente na escola! Tudo de ações e uns lances e tudo o que aquilo significa e no que é que a gente tem que prestar atenção, quando a gente tem algumas. Isso pode ser muito útil pra mim mais tarde. Quem sabe, talvez eu vire empresário.

E ele mesmo também achou super bom, dava pra ver: mas ele achou ainda melhor o fato de eu estar achando bom, e ele falava e falava e dava tapinhas no meu ombro e me fazia perguntas, que eu sabia responder de olhos fechados, sorrindo. Quando alguém explica pra gente, ações ficam realmente simples de entender.

O senhor Dad esticou-se para trás. “Filho!”, disse, encarando-me com um olhar, que me fez ter uma sensação estranha. Mais um pouco e ele colocaria uma faixa com uma condecoração em mim ou algo do gênero.

“Eu esperei isso por anos. Por anos! Sempre que sua mãe reclamava, eu dizia: Espere e verá! O garoto vai. Um Prinz será sempre um Prinz. Qualquer hora ele descobrirá do que se trata. Um Prinz você pode largar no deserto sem água, ele está sempre em ascensão. Um Prinz, Calvin, um Prinz”, e ele respirou fundo, “ele tem um faro para os negócios. Como você.”, e recostou-se novamente.

Percebi que havia ficado vermelho até as orelhas. Afinal ninguém costuma me elogiar, né? No máximo o professor de alemão, às vezes, porque eu gosto tanto de ler livros de cavalos.

“Isso é o que nos separa daqueles”, disse o senhor Dad agora levantando, “que estão por baixo e que vão ficar por baixo. É alguma coisa no sangue, Calvin, acredite em mim. Eu estou aqui em cima, onde estou, porque eu trabalhei para isso. Assim como você vai trabalhar, filho. A partir de hoje, estou certo disso.”

Eu já não podia mais olhar para ele, sério. É lógico que eu sempre soube que sou bom, claro. Só que até hoje ninguém havia percebido. Pelo menos não como este aqui.

“E amanhã tem o novo computador”, disse Dad. “Vou encomendá-lo pela firma. Por causa do desconto no imposto, filho”, e me deu uma piscada.

“Ah não, melhor não”, disse rapidamente. Agora que eu tinha acabado de entender tudo de um, já ia ter que me adaptar de novo. “Até que o velho está OK! Para o que eu faço, ele dá!”

“Filho!”, disse Dad. “Você está falando sério? Já já vou achar que você virou um adulto.” Ele se permitiu inspirar, mais três vezes, o ar profundamente. “Hoje você me deixou muito contente.”

Neste momento o telefone tocou.

E de repente eu percebi que havia acabado de pôr o computador novo de Calvin a perder. Mas já era tarde demais.

Calvin

É claro que agora eu poderia falar por um bom tempo da maneira como Tatiana se expressava. Ela poderia variar mais, sem dúvida, e não precisaria usar termos relacionados a fezes com tanta frequência. Mas a linguagem não tem absolutamente nada a ver com terremotos internos. Pelo menos meus hormônios não se deixaram intimidar nem um pouquinho.

Tatiana estava atravessando a praça e meu disco rígido entrou em pane. No relógio de Kevin eram cinco e meia. Esta era minha despedida de Tatiana.

“Tatiana!”, berrei. “Espere!”

Mas é claro que ela não esperou. Se ela fosse uma daquelas que esperam, ela jamais teria conseguido causar este caos dentro de mim.

“Ai que merda”, murmurei. Mas o fato de eu xingar como ela não ajudou nem um pouco. Tatiana havia sumido entre as casas, atrás da quitanda dos turcos.

OK, Calvin, eu me dizia. Você se safou de novo. Cara, alguém que fala sem a menor vergonha de como vai dar o golpe do baú! E o que ela entende de riqueza? Pobre criança. Fique feliz, que logo você vai estar sentado no metrô.

Mas os hormônios não obedecem o cérebro, isso é uma lição para a vida. Os hormônios são os hormônios e o cérebro é o cérebro, e a situação é que vai dizer quem manda em quem. De qualquer modo, os hormônios não estavam dispostos a se subordinar assim tão facilmente.

Fui andando devagar para casa. Quer dizer: pra casa de Kevin. Era hora de telefonar, para ver como iríamos destruir. Afinal não era necessário que todo mundo nos visse dobrado. Este tipo de coisa pode facilmente causar confusão nas mentes mais simples.

“Nossa, que cara!”, disse Jacqueline, quando abriu a porta para mim. Pelo jeito ela havia acabado de voltar do cabeleireiro dela. Ela ainda estava cheirando a uma perfumaria inteira. “Aconteceu alguma coisa?”

“Não, tudo OK”, disse e joguei minha sacola de plástico no chão. Afinal ela não tinha que meter o bedelho no lance com a Tatiana. “Comprei uma *Levi’s* pra mim.”

Jacqueline girou o dedo indicador ao lado da cabeça. “Como? Você tinha menos grana que eu!”, perguntou, já mexendo na sacola.

“Menos grana”, eu disse. “Com o dinheiro do jornal. Ela estava em liquidação, pela metade do preço.”

Jacqueline levantou a calça e a inspecionou com um olhar experiente. “Irada!”, ela disse. “Você comeu merda ou o quê? Do dinheiro do jornal! Você vai levar uma surra.”

“Qual é o problema?”, perguntei, arrancando a calça da mão dela. “Afinal o dinheiro é meu.”

Um sorrisinho formou-se nos lábios de Jacqueline. “Bom, a mamãe vai ficar surpresa”, disse ela. “Com essa novidade que o dinheiro é seu”, e apertou o controle remoto. Na tela apareceram cinco séries diferentes uma depois da outra, até que Jacqueline chegou na MTV. “Ela ainda tem que pagar o telefone.”

“O quê?”, perguntei, mas Jacqueline já estava embalada, balançando-se da cintura para cima, ao ritmo da música. E, além disso, eu também não precisava mais da informação dela. Afinal a coisa não era tão difícil de entender.

Kevin não ganhava absolutamente nada da mesada. Os ridículos 86,40 ele tinha que entregar em casa, para o telefone e, talvez, para as contas da televisão. E eu havia comprado uma *Levi’s* pra mim.

“I can’t help myself”, cantarolava Jacqueline. Com aquela voz ela não chegaria às paradas de sucesso. “And I can’t stop myself! I am feeling crazy!”

Eu também estava, mas hellooo! Sentei ao lado de Jacqueline no sofá e tentei colocar meu sistema operacional em ordem novamente. Os hormônios haviam se acalmado um pouco por causa do choque, ao me tocar que tinha jogado fora o dinheiro de Kevin sem permissão. Mas eles estavam perigosamente à espreita, prontos para atacar a qualquer momento. E afinal de contas eu podia resolver facilmente o problema financeiro de Kevin. Eu, Calvin. Eu podia dar 86,40 para o Kevin, isso era um trocado.

Com os hormônios a coisa já não era tão simples.

Pensando logicamente, só havia uma única solução para o caso. Mesmo que ela fosse talvez um pouco injusta, mas afinal eu tinha provavelmente acabado de providenciar que a Telekom cortasse o telefone dessa casa no próximo mês.

“Preciso telefonar”, disse e peguei o telefone. Se eu ficasse no corredor, seria mais difícil para Jacqueline conseguir ouvir.

Disquei nosso número. Eu podia trocar a roupa de cama e talvez esse Ramon não fosse assim tão perigoso. Tinha que dar, pelo menos por alguns dias.

“Residência dos Prinz”, disse Mom do outro lado da linha, e bem naquele momento me toquei que ela não podia reconhecer a minha voz.

“Oi, aqui quem fala é o Plebs”, grasei. “Posso falar com o Kevin, por favor?”

“Com quem você quer falar?”, perguntou Mom desconfiada. “Aqui é da casa dos Prinz.”

“Kevin – não, não, Calvin, sorry”, disse rapidamente. Life can be difficult. “Eu, hã, gostaria de falar com Calvin.”

Mas eu estava longe de vencer a desconfiança dela. Por Deus, como eu conhecia a Mom!

“Você é um colega de classe?”, perguntou. “Acho que nunca ouvi o seu nome.”

“Sim, do Calvin”, disse e levei um susto quando percebi que havia esquecido de grasnar. “Posso falar com ele?”

“Agora estou achando a sua voz assim um pouco familiar!”, disse Mom e dava para perceber claramente que a desconfiança dela havia sumido. “É...agora estou me lembrando. Apesar de que este nome...”

Oh Mom, Mom!, pensei. Kevin não aceitaria nunca a minha sugestão. Com certeza um dia já havia sido suficiente. Ele havia conhecido Mom e Dad. Por que é que ele trocaria a liberdade plebsiana pela vigilância prinzeriana?

“Sim, é o Plebs”, disse uma voz do outro lado da linha.

“Prinz, idiota!”, eu disse. “Você é Calvin Prinz!”

“Sim, é o Plebs? Oi Plebs, é você?”, disse Kevin. Burro ele não era, isto estava claro. Pelo menos ele tinha uma capacidade bem rápida de reagir.

“É, Plebs, sou eu”, eu disse. “Tudo bem? Não responda, ela está parada aí perto, escutando. Ela sempre escuta, Plebs, mesmo que você não a veja. Não esqueça que você é Calvin Prinz.”

“Eu nunca esqueço nada”, disse Kevin. “OK, onde a gente se encontra?”

“O problema é justamente esse, cara.”, eu disse. “Agora eu não quero. Quero dizer, hoje não. Ainda não.”

“Será que eu ouvi direito?” perguntou Kevin chocado. “Você vai furar com o nosso combinado?”

“Só hoje, Kevin, poxa, me dê só alguns dias!”, disse suplicando. “Ainda tenho que resolver algumas coisas por aqui!”

“Mas você não fez merda, né?”, perguntou Kevin desconfiado. “Você não vai me fazer chegar depois aí e ...”

“Não, merda nenhuma, juro!”, eu disse. “Só uma semana, mais ou menos! Eu estou achando super bom aqui!”

Do outro lado da linha houve uma pausa, então Kevin suspirou no telefone. “Eu acho que você comeu merda”, ele disse, e olha que ele não era o primeiro a pensar isso hoje. “Mas por mim tudo bem. Só não esquece dos livros de cavalo, tá? A Nisi fica louca com isso.”

“Já cuidei disso faz tempo”, disse. “Eu esqueci totalmente de te dizer que o meu pai quer que eu cheque todos os dias a bolsa de...”

“Já cuidei disso faz tempo”, disse Kevin. “Se é só isso então...”

“É, só isso”, eu disse. “Eu te ligo, então. Ou você liga.”

“Tá, tchau”, disse Kevin. Ouvi Mom perguntando ao fundo “Quem é Nisi afinal? Calvin, o que está acontecendo?”, e aí pus o fone no gancho. Com certeza ela daria a ele agora uma palestra sobre linguagem vulgar.

Kevin Plebs por uma semana. Agora eu queria ver.

3. DIZER A VERDADE É SEMPRE ARRISCADO

Calvin

Talvez eu não tivesse começado a coisa toda, se eu suspeitasse como seria complicado com a Tatiana. Mas este tipo de coisa a gente nunca fica sabendo antes, né?

Primeiro pensei que eu podia simplesmente levar algum presente pra ela como nos filmes antigos, talvez bombons, daqueles assim que derretem sensualmente na boca; mas aí me dei conta que Tatiana com certeza controla as calorias, e então pensei que era melhor algo bem romântico como um buquê de rosas vermelhas.

O único problema era que eu não tinha grana pra isso. E eu também nem sabia, se havia alguma floricultura nessa região. E esses troços embalados em plástico, que se compra no supermercado ou no posto de gasolina realmente não ajudam muito.

Por isso é que eu tinha que pensar em algo novo, e isso não era nada fácil quando se tratava de Tatiana, que me dava as costas assim que eu chegava perto dela e que me dirigia no máximo um “Suma daqui, Plebs!” ou então “Vai procurar a sua turma, tá?”. Estranhamente meus hormônios ficavam totalmente indiferentes a isso e eles continuavam a retumbar alegres no meu epicentro. E todo mundo sabe afinal, que quanto mais se adia um terremoto, mais terrível ele fica.

Talvez a minha única chance fosse seguir o conselho maternal dela e começar de repente a participar na escola, como se eu tivesse tomado juízo; mas eu simplesmente não sou do tipo que faz isso. Nunca fiz em casa também. Por alguma razão, escola não é pra mim, se não fosse a Mom sempre pegando no meu pé e os meus professores particulares, talvez eu já tivesse jogado a coisa toda pros ares há muito tempo.

Por isso a minha animação não durou tanto assim, o que é bem fácil de se entender. E afinal, áreas irregulares não são tão emocionantes assim, mesmo que você já tenha se animado com hipérbolos ou não. Quando se acredita que o desenvolvimento da matemática é um passo em falso da humanidade, rapidamente ela perde seu encanto em todas as suas formas e aspectos.

Somente o cara que dava alemão continuava animado com minha paixão pela leitura. Nesse meio tempo ele tinha começado a trazer todo dia, sem que eu pedisse, um livro novo de cavalos e Nisi passava suas tardes em cima da cama e, entre uma leitura e outra, fazia uns resuminhos rápidos pra mim, com comentários do tipo: “É muito legal, você não acha, Kevi?” ou então: “Fale pra mim, Kevi, você também não gostaria de cavalgar na Islândia?” Aí a gente conversava gostoso por uns minutos sobre as vantagens dos diferentes andamentos e eu me sentia terrivelmente velho, como um pai, e queria simplesmente só ficar cuidando para que ninguém nesse mundo fizesse mal a Nisi. Quando eu era menor, eu tive um hamster por um tempo, era exatamente assim que eu me sentia naquela época. Mas depois de um ano, o hamster morreu.

Às vezes Nisi também falava do aniversário dela e aí meu sentimento de pai crescia tanto, que eu me sentia inchado como um balão de gás.

“Quem sabe só uma pequena comemoração, Kevi?”, dizia Nisi. “Só com a Gunni e a Ana e a Petra? Se a gente não fizer nem bolo, nem lanche?”

“Mas então o que é que você quer fazer, Nis?”, disse e me apoiei no batente da porta dela. “Se não tiver lembrancinhas, nem bolo...”

“Só o aniversário, Kevi, você não entende?”, disse Nisi agitada. “Só assim...aniversário! A gente pode sentar na sala e comemorar o aniversário e tomar refrigerante e cantar parabéns e brincar de bate-panela...”

“E o que é que tem embaixo da panela?”, perguntei.

“...e brincar de dança das cadeiras”, disse Nisi. “E a gente coloca nossas roupas mais bonitas e ficamos bem arrumadas e...”

“E o que é que tem embaixo da panela?”, perguntei impiedoso.

Nisi deu de ombros. “Tanto faz!”, ela disse. “Só comemorar, sem mais nada! Por favor, por favor, por favor, Kevi! Você bem que podia perguntar pra mamãe!”

Mas isso já não era mais necessário.

“Essa não, agora eu virei a bruxa malvada, né?”, disse mamãe vindo do corredor.

“Agora eu sou a bruxa que proíbe aniversários e o querido e bom Kevin precisa convencê-la do contrário! Só que não foi a mamãe cruel que torrou os oitenta marcos do jornal, né? Dava pra gente ter comemorado dois aniversários e agora vão cortar nosso telefone!” E deu um tapa com raiva na porta do armário de sapatos, que de qualquer maneira parecia que ia desmoronar na primeira oportunidade. “Mas em compensação o Kevin tem uma *Lee* agora!, gritou mamãe. “E a mamãe aqui é a bruxa, que proíbe aniversários...”

“*Levi’s*”, disse baixinho. Adulto gritando é tão proletário. “Eu sinto muito mesmo, mãe! Será que a Nisi não pode simplesmente comemorar, do jeito que ela falou?”

Eu não tinha muita noção de festas infantis. Pelo menos não deste tipo que a Nisi queria fazer. Eu me lembrava de ter ido jogar boliche quando era pequeno, e andado de pônei e pra jantar, sempre no *McDonald’s*. Uma vez tivemos um mágico e uma vez, um palhaço e uma vez Mom contratou uma firma que prometia organizar uma festa lúdico-pedagógica, e que foi um horror. A gente já tinha uns nove anos mais ou menos e eles vieram com fantoches pra cima da gente.

“Será que a Nisi não pode simplesmente comemorar?!”, gritou mamãe. “Ficar só tomando refrigerante na sala, né? Só que três crianças bebem mais refrigerante! E além disso, só sobrou chá aqui em casa! O que é bem mais saudável além de tudo!”, e então ela inspirou o ar tão profundamente que me lembrou Dad. Talvez as diferenças não fossem tão grandes assim.

“Pode ser chá também, mamãe!”, gritou Nisi rapidamente. “Chá até que é legal, mãe, se a gente puder usar a sua louça bonita! Posso mãe, por favor, por favor, posso?” Mas eu tinha prestado mais atenção.

“Como assim chá?”, perguntei com cuidado. “Aconteceu alguma coisa?”

Mamãe se jogou na cama de Nisi. “Aqueles sujeitinhos de merda!”, ela disse. “Eles dizem que não têm mais dinheiro e aí saem de férias pela terceira vez no ano e viajam para as Ilhas Maldivas! Mas eu já sei como funciona!”

Fiquei olhando pra ela. “Que sujeitinhos de merda?”, perguntei. “Alguém que eu conheça?”

“Ah, aqueles da mansão antiga!, disse mamãe. “Que eu limpava às terças e quintas! E agora eles afirmam que não têm mais grana!” Ela deu uma risada maquiavélica e eu levei um susto. “Já é a terceira vez!”, ela gritou. “A terceira vez neste ano que me mandam embora! O que é que eu faço de errado, será que alguém pode me dizer?”

Balancei a cabeça e Nisi continuou sentada, imóvel.

“Eu também não sei”, disse mamãe resignada e tragou seu cigarro. “Eu ralo pra caramba. Mais que isso não dá”, e deu outra tragada longa.

Eu olhei pra ela. A permanente e os reflexos do cabelo dela já estavam a pelo menos uns cinco centímetros de distância da raiz. Por cima o cabelo estava liso e quase todo grisalho. A camiseta com bordado brilhante mostrava um pouco a barriga, porque estava muito apertada e a legging tinha uma estampa geométrica maluca. Pensei que Mom jamais abriria mão de Margareta.

“Talvez você devesse...”, disse cuidadosamente. “Diga que você quer um avental branco.”

“O quê?”, perguntou mamãe perplexa.

Ela devia estar pensando que eu tinha ficado louco. “É o que eles querem, mãe!”, disse, quase que implorando. “Um avental e uma touquinha! Diga que você se sente melhor assim! E diga sempre *minha senhora*.”

“Você é demente ou o quê?”, gritou mamãe. “Eu não sou uma empregadinha!”

“É o que eles querem, mãe, acredite em mim!, disse nervoso. “Eles vão brigar por você! Você pode pelo menos tentar!”

Mamãe havia acabado o cigarro dela.

“E eu vou comprar avental com o meu dinheiro suado, é isso?”, disse, apagando o cigarro na sola do sapato. “Nós não estamos na Idade Média, cara! Os meus últimos patrões queriam até que eu os tratasse por você!”

Fiz que não com a cabeça. “Não entre nessa, pelo amor de Deus!”, eu disse. “Eu sei do que estou falando! Diga *minha senhora*.”

Tirei o cigarro da mão dela, para levá-lo para o lixo. “E o avental, eles têm que te arranjar, pra isso eles têm dinheiro suficiente”, disse eu. “Escute o que o seu filho está falando.”

Mamãe esticou-se toda na cama de Nisi. “Mas que merda”, ela disse. “Até isso eu faria, juro.”

Dei uma piscada pra ela. “A vida é showbusiness”, eu disse. “Faça uma apresentação decente pra eles. Depois a gente ri em casa.”

Mas mamãe já estava rindo. “Você é mesmo um sarro, Kevi.”, ela disse. “Faz alguns dias que você está tão diferente. Eu acho que, devagarzinho, você está ficando adulto”, e neste momento eu soube que ela iria pensar na minha sugestão.

Só ficava faltando a Nisi.

“E você vai ganhar sua festa de aniversário, Nis”, eu disse. “Prometido e jurado. Já estou tendo uma idéia.”

O que no fundo era uma mentira. Eu já tinha tido uma idéia fazia tempo.

Kevin

Não entrava mesmo na minha cabeça que aquele filhinho de papai quisesse realmente prolongar a troca deste cenário de filmes pela nossa escada-de-xixi-de-gato; mas se este era mesmo o desejo dele, eu não iria atrapalhar. É provável que a gente fique meio pancada, quando se tem muita grana anos a fio. Quem sabe ele quisesse fazer alguns estudos sobre a vida dos pobres pra, mais tarde, ter assuntos interessantes nestas festinhas da moda. “Ah não, sabe, minha querida, na época em que eu me fiz passar por um garoto de classe baixa por um tempo ...” E etcetera e tal... dá até vontade de vomitar.

Mas eu não estava nem aí. Enquanto eu pudesse ficar aqui usando os três PCs dele todos os dias, ele podia muito bem dividir o quarto com Ramon.

A única coisa difícil pra mim era a escola. Não estou falando das aulas, com elas estava tudo OK. Afinal eu estava tendo o meu curso intensivo de matemática, e depois de três dias já tinha conseguido levantar a mão pela primeira vez na aula, porque sabia o resolver o exercício, e o cara perigoso da matemática ficou ao meu lado, batendo com a régua na lateral da calça, balançando a cabeça.

“Nem acredito, Prinz”, disse ele, assim que a equação ficou pronta e redondinha. As palmas das minhas mãos estavam úmidas.

“Pelo jeito o bom Deus também te deu, além de pais ricos, ainda um pedacinho rudimentar de cérebro. Bem, na verdade eu ia pedir para amanhã um atestado por causa da sua laringite crônica, mas a coisa já se resolveu”, fiz que sim com a cabeça de forma submissa e fui de fininho para o meu lugar e enfrentei o olhar espantado do meu vizinho de carteira sem piscar.

Em inglês eu também não precisava mais tão desesperadamente da laringite, porque Mom treinava comigo todos os dias; e, aos poucos, eu estava ficando mesmo com vontade de me virar nas outras matérias também.

“Aconteceu alguma coisa, Prinz?”, perguntou meu vizinho no intervalo, depois que a professora de alemão tinha vindo até o meu lugar no final da aula, pra me dizer que estava muito contente por eu estar participando com tanta vontade. “Eles te fizeram uma lavagem cerebral?”

Dei de ombros, entediado. “É que é muito chato ficar sempre só sentado aí”, disse. “É muito mais irado quando a gente participa!”

O vizinho ficou me olhando, depois girou o dedo indicador ao lado da cabeça. “Muito mais irado!”, disse ele. “Obrigado, dispenso. Você vem patinar hoje à tarde?”

Fiz que não com a cabeça. “Não tenho tempo”, disse. Este talvez fosse o único problema, eu não conseguia fazer nada com os caras da classe. Eles teriam percebido algo na hora, disso eu tinha certeza. Eles não são tão tontos como os adultos, eles não acreditam que alguém muda tanto de repente. E aí também daria na cara que eu não tinha a menor idéia de um milhão de coisas que eles estavam falando, ou não ia conhecer pessoas ou, por exemplo, que eu não sabia patinar. Mamãe nunca tinha tido grana pra patins bons e aquelas sucatas de 59 marcos da prateleira dos brinquedos não chegam perto dos meus pés.

“Essa já é a terceira vez!”, disse o vizinho. “Você está estudando toda tarde agora ou o quê? Pra que os professores e a mamãezinha fiquem contentes?”

“Você não tem nada com isso”, disse e desde então o clima entre nós tinha ficado meio gelado. Provavelmente ele já estava procurando um novo lugar pra sentar.

Em casa, numa situação dessas, eu teria engolido o sapo, sério; mas aqui eu não estava nem aí. De qualquer jeito, daqui uns dias eu não iria mais ver esses caras. Afinal ninguém acha que eles iriam querer continuar meus amigos, quando eu voltasse a ser Kevin Plebs. Eu podia esquecer deles na mesma hora.

E, de qualquer forma, eu já tinha algo melhor pras minhas tardes. Era melhor eu mandar amputar o meu cérebro, se eu não aproveitasse os computadores. Eles eram mesmo o máximo. Eu devorava todos os manuais que encontrava pela frente e aí ia pra Internet. É claro que isso custava uns centavos a mais, mas mesmo assim o tal Dad estava entusiasmado.

“Dê uma olhada nisso, Mom”, disse ele, depois de passar pelo menos uns quinze minutos de pé atrás de mim, olhando o que eu estava fazendo no PC. “A era dos jogos acabou. Agora sim está valendo a pena, termos sempre comprado os computadores para o garoto. Se a coisa continuar assim, logo explicarei a você como a firma funciona.”

“Tesão”, disse eu e Mom suspirou e falou que já estava chamando atenção como a melhora no meu rendimento escolar era proporcional à piora do meu vocabulário.

“Vulgar!”, disse Mom estremecendo.

Este talvez fosse o segundo problema, tanto é que às vezes nem me arriscava a conversar, porque pode apostar que, de novo, alguma palavra não seria suficientemente elegante. Mas este tipo de coisa a gente aprende mais rápido que matemática. E, além disso, Dad sempre dava uma piscada na minha direção.

“Um moleque de verdade é assim, não é, Calvin?”, ele dizia e me dava um tapinha no ombro. “Ele tem que passar dos limites de vez em quando também. Você cuidou das suas ações hoje?”

E é lógico que eu sempre tinha feito isso. Na Internet a gente consegue um milhão de informações e, se você for um pouquinho esperto, dá pra fazer a maior grana, comprando e vendendo. Mas melhor ainda é se você ler o jornal também. É que esses lances, tipo alta dos juros e tentativas de manipulação, também têm um papel importante, uma firma pode se endividar rapidinho ou, às vezes, também não. Eu nunca pensei que alguma vez fosse ler o jornal.

“O garoto é um financista nato!”, disse Dad, quando eu expliquei a ele, uns dias depois, porque é que devíamos nos livrar de qualquer maneira de um lote de ações, o que nem ele mesmo tinha percebido. “Se ele não fosse assumir a firma - deveria ir para a Bolsa! Caramba, filho! E isso na sua idade!” E todo mundo podia ver que ele estava orgulhoso de mim, que, se pudesse, me apresentava num show de TV qualquer.

“Um Prinz será sempre um Prinz”, disse eu modesto, porque havia aprendido isso nesse meio tempo.

“Um Prinz será sempre um Prinz”, disse Dad e me deu uma nota de dinheiro, não muito alta. “Não há a menor dúvida quanto a isso.”

Esta foi a noite em que eu pedi para ter aula particular também de francês. É que é uma grande merda, quando você não tem a menor idéia do que está acontecendo em uma matéria. Afinal eu nunca tinha tido francês.

Aí eles quase brindaram com champanhe.

Só em uma coisa eu tive que decepcioná-los. Logo no domingo, Mom me colocou no Jaguar dela e do meu lado, uma mala de esporte pesada.

“Mas você não pode ter esquecido, Calvin!”, ela disse. “Afinal hoje é o campeonato de hóquei!”

Encostei minhas costas no banco. Eu já tinha assistido algumas vezes hóquei na televisão, mas isso não muito pra mim. Eu sou mais futebol.

A viagem durou mais de uma hora, e aí saltamos. Mom cumprimentou, toda exagerada, umas senhoras e uns senhores, que também tinham cara de gente que não tem filho que fala “tesão” e, entre os colegas do time, eu reconheci meu vizinho de classe.

“Hi”, eu disse.

Mas essa foi a única luz no fim do túnel neste dia. A sorte é que todo mundo se troca junto e aí eu pude ver onde é que se colocam todos aqueles enchimentos e almofadinhas. No fim eu parecia o boneco da *Michelin* e fiquei torcendo, do fundo da minha alma, para que eu

fosse o goleiro. Aí talvez eu conseguisse. Afinal se atirar para o lado e não deixar que a mini-bola entre no gol qualquer um consegue. Pra isso não é preciso conhecer nenhuma regra. O melhor que eu tinha a fazer era mandar uma pequena oração lá para o alto.

Mas o que acontece é que não dá pra esperar que as coisas dêem certo sempre. “Isso aqui não é jogo de golfe, Calvin!”, gritou o treinador. “O que é que você tem hoje?”

E como os outros também estavam todos me olhando de forma estranha, simplesmente saí correndo, e quando alguém cruzava o meu caminho, eu acertava o nariz da pessoa. Aquele taco até que tem suas vantagens também. Por causa disso fui advertido e finalmente tive que ir para o banco. Teria sido melhor falar que estava com reumatismo antes do jogo. Mas agora era tarde demais.

“O que é que você tem, Calvin?”, sussurrou Mom. “Você não pode sair por aí soltando a sua raiva como se fosse um Viking!”

“Eu acho hóquei uma merda!”, disse firme.

Mom me olhou suplicante. “Você não deve falar merda toda hora, Calvin!”, ela disse. “E isso está longe de ser um motivo pra você se comportar desse jeito aqui!”

“Eu quero ir pra casa”, eu disse.

E então não mudei mais de idéia. Afinal, em algum ponto a gente também tem que se impor.

A viagem de volta passou quase que em silêncio. “Mas que coisa desagradável!”, murmurou Mom. “Com que cara vamos ficar agora?! Primeiro você ataca todo mundo e depois se nega totalmente a participar!” Ela pegou um lenço. “Você sabe que estamos no clube de hóquei também por causa das festas! Por causa das pessoas que a gente acaba conhecendo! E agora, se você não participar mais...”

“Que se dane”, eu disse. Eu já tinha conhecido pessoas demais nos últimos tempos.

Calvin

Não é sempre tão legal ser Calvin Prinz e, pelas experiências que tive até aqui, ser Kevin Plebs também tem o seu lado ruim; mas Calvin Prinz no papel de Kevin Plebs, aí a coisa não é tão ruim assim.

Por exemplo: o aniversário de Nisi. Porque eu não deveria gastar meu ouro, como a fada boa de Walt Disney? Eu só precisava ligar para o Kevin, aí a gente podia combinar um ponto de encontro e ele me passaria algumas notas. Eu já estava no maior barato, só de pensar nisso.

Só que infelizmente este era o Calvin Prinz pensando.

“Você pode me dizer onde é que está o telefone?”, perguntei a Jacqueline, que desde que havia voltado do trabalho, estava deitada no sofá, assistindo MTV como sempre. “Faz dias que eu não vejo esse telefone.”

Jacqueline levantou a cabeça. “Onde mais poderia estar?”, disse, esticando a mão para pegar a xícara dele, sem nem olhar.

Aquilo não exatamente uma grande ajuda.

“É o que eu estou te perguntando!”, disse furioso. “Faz uma eternidade que eu estou procurando!”

“E é por isso mesmo, meu queridinho”, disse Jacqueline. “Porque ela sabe que você fica uma eternidade telefonando. Ela já te disse mil vezes que fica muito caro.”

“E agora ela mandou cortar o telefone?”, perguntei chocado.

Jacqueline girou o dedo indicador ao lado da cabeça. “Só colocou de novo no armário”, ela disse.

Isso dificultava meu plano. Afinal eu não tinha a chave do armário. E mesmo que isso agora soe idiota: Eu não tinha dinheiro nem pra falar no orelhão. O dinheiro do jornal tinha acabado e, por causa disso, mamãe não havia me dado mesada. É que no fim das contas eu é que tinha ainda que pagar o chaveiro perdido.

“Será que você me empresta algum, Jacqueline?”, apelei. “Pra eu poder telefonar rapidinho?”

Jacqueline apertou o botão do controle remoto, aumentando o volume. “E eu sou lá idiota?”, ela disse. “Pra nunca mais ver a cor do dinheiro?”

É claro que agora eu poderia fazer um discurso pra ela, dizendo que após a minha volta para casa eu pagaria tudo a ela com juros gigantescos e que esta era a chance dela de ficar rica numa tacada só, trabalhando de agiota; mas ela não teria acreditado de qualquer jeito.

“Você não vai pro treino?”, perguntou Jacqueline. “Na semana passada você já não foi também.”

Saí da sala sem dar uma resposta a ela.

“Eu sempre pensei que futebol fosse a sua vida!?”, gritou Jacqueline lá de trás pra mim. Aí eu percebi, o que é que se esperava de mim.

A quadra de futebol ficava atrás da escola. As tarefas eu não tinha entendido mesmo e quem sabe havia alguém no time que pudesse me emprestar um marco pra eu telefonar. Afinal, por que é que não podem existir diferentes motivos pra se ir ao futebol?

Eu não tinha a menor dúvida de que eu seria um enriquecimento pra qualquer time. Quando eu ainda estava no primário, eu também jogava futebol e uma vez o treinador até me escalou como líbero. Mas aí quando fui para o ginásio, tive que largar o treino. Eu tinha que estudar muito à tarde e nós não podíamos abrir mão do tênis ou do hóquei.

Apesar disso eu estava convencido de que ia ter o que mostrar pra eles hoje. Futebol é que nem andar de bicicleta, não se esquece. Até vovozinhas velhinhas, que só andam de carro

desde a adolescência, sobem numa bicicleta e não caem, mesmo que os espectadores na calçada fiquem torcendo pra isso acontecer.

Metade da minha classe já estava na quadra se aquecendo e o treinador fez um sinal me chamando.

“E então, Plebs?”, disse severo. “Onde é que você estava na semana passada? Comigo não tem essa de falta sem justificativa!”

“Eu torci o pé”, disse, olhando direto nos olhos dele. “Os outros não contaram?”

“Eles não devem ter percebido”, disse o treinador irônico. “Duas voltas extras, Plebs.”

Dei duas voltas na quadra, enquanto os outros já faziam seus exercícios de aquecimento.

Foi só na segunda rodada que eu a vi encostada na cerca e meu coração decidiu dobrar o ritmo das batidas. Eu sabia que logo meu epicentro daria sinal de vida de novo.

Hoje de manhã na aula de matemática, eu tinha escrito uma carta para Tatiana. Eu achava que já tinha esperado o suficiente; mas ela continuava agindo como se não me conhecesse. Por isso eu tinha decidido escrever pra ela e dizer que eu tinha sido idiota de mentir para ela naquele dia. É claro que na realidade eu não era outra pessoa. Na realidade eu era Kevin Plebs. Eu havia feito o papelzinho passar por todas as fileiras até chegar na mesa dela e, dois minutos depois, ele tinha voltado sem ser aberto. “Ela não quer ler o bilhete!”, cochichou o cara atrás de mim, mas eu não era idiota. Na hora de dobrar de volta, ela não tinha feito as mesmas dobras de antes. E agora ela estava na cerca e assistia o treino e ela podia me falar umas mil vezes que a visita era para outro. Eu joguei como se fosse o Ballack.

Bom, pelo menos eu tentei. “Mas assim não dá!”, berrou o treinador. “Plebs, você está jogando engessado? Não pode ser que depois de uma semana de treino, você esteja jogando como na segunda divisão!”

“Sorry, mestre”, murmurei. Fazia tempo que eu não me sentia assim tão idiota. Pelo jeito futebol não é como andar de bicicleta.

Fui mancando até o lado da quadra. “Meu pé ainda está doendo”, disse. “Ainda não dá pra jogar, sorry. Eu pensei que ele já estava OK.”

O treinador ficou me olhando como se quisesse descobrir alguma coisa. “Quer dizer que torceu o pé mesmo...”, ele disse. “Bem, sinto muito. Então é melhor você parar um pouco. E depois, quando você estiver melhor, volte. Deste jeito não adianta nada jogar.”

Sai mancando da quadra, fingindo que não tinha visto Tatiana. Aos poucos eu estava aprendendo as regras do jogo.

E eu estava certo.

“Aconteceu alguma coisa com o seu pé?”, perguntou Tatiana, quando ela me alcançou. Isso não significava muita coisa, afinal eu estava mancando suficientemente devagar.

“Só torci”, disse sem olhar pra ela. Seja cuidadoso agora, Plebs, eu me dizia. Não diga nada errado. E, pelo amor de Deus, não deixe ela perceber o que está se passando com os seus hormônios.

“Você tem que passar arnica, ajuda”, disse Tatiana. “A gente sempre passa.”

Agora bem que seria legal se eu pudesse perguntar se ela faria o curativo em mim, mas nesse meio tempo eu tinha ficado esperto pra saber que isso era o tipo de coisa que ela não iria aceitar.

Por isso, disse: “Fui idiota no outro dia”. Era difícil não esquecer de que tinha que mancar, e além disso, eu já não tinha tanta certeza de qual pé eu afinal havia torcido. “Foi só porque... Eu não gostei muito do jeito que você falou de casamento.”

Tatiana andava ao meu lado e, às vezes, a manga do casaco dela roçava na manga do meu casaco. Pelo menos ela não estava usando só uma camiseta.

“Você não tem nada com isso”, disse Tatiana. Mas o tom que ela usou parecia mais uma pergunta.

Inspirei o ar três vezes como Dad.

“Pois eu acho que sim”, eu disse. E isso já era alguma coisa.

Tatiana parou. “Merda na cabeça, é o que eu estou sempre dizendo, Kevin”, disse e então levantou a mão direita e me tocou bem suavemente com o dedo indicador na bochecha e aí meu pé já não estava mais torcido. “Merda na cabeça”, disse Tatiana.

E não interessa o que falam sobre beijo de língua: comigo um dedo indicador na bochecha já é mais do que suficiente pra provocar o maior terremoto.

“Merda na cabeça tem você”, disse eu e aí eu queria puxar Tatiana pra perto de mim e ver o que acontecia.

Mas infelizmente eu tinha família.

“Desculpe interromper, mas já interrompendo...”, disse mamãe, puxando a chave de dentro da bolsa. “O Kevin tem cinco segundos e aí ele tem que ir. Oi, Tatiana.”

O melhor remédio contra terremotos intensos são mães que surgem do nada, sendo elas de verdade ou emprestadas.

“Até amanhã, Tatiana”, eu disse.

Tatiana levantou o dedo indicador de novo e desta vez foi com ele da minha testa até o meu queixo. “Até amanhã, Kevin”, ela disse.

Mamãe destrancou a porta. “Vamos, vamos, subindo, Kevin Plebs!”, ela disse. “Amanhã você tem mais tempo pro amor”, me empurrando pra dentro do prédio.

E a vida inteira eu tinha obedecido a minha mãe! Respirei fundo, prenda a respiração e fui assim até a porta do apartamento.

Kevin

Por sorte uma amiga contou a Mom no telefone, que meu comportamento no hóquei era um sinal típico da adolescência. Não que eu estivesse escutando a conversa dela. Eu estava passando por acaso por ali.

“Tudo bem, Calvin”, disse Mom suspirando. “Por mim, você pode largar o hóquei. Mas eu tenho certeza de que você vai voltar a jogar daqui um ou dois anos. Quando essa adolescência horrível tiver passado.”

“Tudo é possível”, disse, sem levantar os olhos da minha revista de computador. É o máximo quando você tem dinheiro suficiente pra comprar o que você quer. Eu tinha pegado tudo o que havia na banca sobre PCs e isso era melhor do que vídeos.

“Vê se deixa o garoto em paz agora, Mom”, disse Dad que já tinha acabado a conversa diária sobre ações comigo. Agora a gente não falava só sobre as minhas ações, mas sobre as dele também. E se ele seguisse o que eu havia sugerido, a conversa de hoje poderia lucrar de um a uns dois mil pra ele, sossegado.

“No geral o desenvolvimento está sendo positivo, você não acha? Este desenvolvimento astronômico na escola! A conscientização cada vez maior das responsabilidades dele! O envolvimento mais sério com a informática!” E deu um beijo de leve na testa dela.

Eu não entendo como é que duas pessoas tão velhas e cheias de rugas possam ainda ficar de beijinhos o tempo todo. Como é que não tinha dado certo com o meu velho? Como é que eles não tinham agüentado ficar juntos nem cinco anos? Isso era uma coisa que me deixava irritado.

“Mas este ataque e as respostas malcriadas”, disse Mom, apoiando-se no ombro de Dad. “Ele precisa perder esse costume bem rápido. E essa mania agora de ficar o tempo todo enfurnado no quarto! Isso também é muito preocupante!”

Ela não tinha a menor idéia de que na próxima noite aconteceria uma coisa que aumentaria de forma desmedida essas preocupações. A propósito, eu também não.

Pra compensar eu tomei, nesta tarde, o maior susto da minha vida, sério. Eu tinha dado uma passadinha rápida na estação pra ver se por acaso eles tinham ainda um número antigo da revista PC-Today na banca, porque eu estava interessado no CD-ROM que vinha junto; e no caminho de volta ela veio ao meu encontro.

No começo eu não tive certeza se era ela. Não reconhecer a própria mãe, cara! Mas ela estava de cabelo bem curto e liso e não estava mais loira também. E também não estava usando a legging apertada. Era como se ela tivesse se arrumado exatamente para aquele lugar.

Mas o andar dela era inconfundível, o andar e o corpo, e quando cheguei mais perto, o rosto dela também. E o casaco, é claro, e a bolsa. Era mamãe que vinha do outro lado da rua em minha direção, na calçada.

Por um instante meu coração parou. Será que ela havia descoberto que Calvin não era eu? Será que ela tinha vindo me buscar? Será que era possível que, enquanto eu estava fora, ela tivesse tocado a campainha, e tivesse sido expulsa da propriedade por Mom e Dad com duas pedras na mão?

Mas isso aqui não era cinema, isso era vida real. Devia haver outros motivos para que mamãe estivesse vindo em minha direção.

E aí eu vi, que ela não sabia de nada; se ela soubesse que me encontraria ali, não teria ficado tão chocada como ela ficou quando me viu.

“Kevin?”, chamou mamãe e parou como se tivesse sido atingida por um raio. “Kevin, o que é que você está fazendo aqui?”

Desci da bicicleta. É assim que as coisas são. Nossa troca tinha acabado de ir pros ares, simplesmente assim, totalmente inesperado e num momento que a gente não tinha escolhido. Por acaso. Afinal isso aqui não era cinema, isso era vida real.

Mamãe iria perguntar de onde é que eu tinha tirado aquelas roupas caras e a bicicleta, e aí eu ia ter que explicar tudo. Mas eu não queria. Não, eu não queria mesmo.

Dad estava com um lote de ações de uma empresa japonesa de eletrônicos, e agora a gente precisava ficar de olho nela. De hora em hora podia ser que a gente tivesse que agir. E eu tinha acabado de entender o passado em francês e só agora é que eu estava realmente dominando o PC. Eu não estava pronto para desistir de tudo isso já. A gente não pode deixar o acaso controlar a nossa vida.

Por isso eu disse: “Pois não?” e fiquei olhando pra ela e eu não tinha idéia de que pudesse olhar alguém assim; assim de cima pra baixo, com um olhar que mostra ao outro o lugar dele: *Volte para o lugar de onde você veio. E não venha invadir o meu pedaço.*

“Kevin!”, disse mamãe, mas eu vi que ela já estava um pouco insegura. “Que bobagem é esta?”

Respirei fundo e aí coloquei minha mãe no lugar dela. “Nós nos conhecemos?”, disse num tom que ficaria melhor ainda se eu estivesse usando um monóculo; e como eu não estava, levantei, pela primeira vez na vida, minha sobrancelha direita.

Mamãe olhava confusa. “Kevin?”, com uma voz bem pequenininha. Aí seus ombros se contraíram. “Não, não, sinto muito, eu confundi você com outra pessoa”, disse ela e agora sua voz já estava normal de novo e de um jeito que parecia até que ela estava achando graça na coisa. “Não, agora eu mesma estou vendo que não é você! A semelhança nem é tão grande assim”, e ela riu e balançou a cabeça, fazendo que não. “Quando a gente olha com mais cuidado, vê que não. Que pena, por pouco você não tinha sócia”, e aí ela olhou pro relógio e saiu correndo.

Provavelmente ela não queria perder o metrô.

Fiquei olhando pra ela. Quando a sua própria mãe não te reconhece mais, é porque você realmente se transformou em Calvin Prinz.

Calvin

“Não, vocês não vão acreditar!”, gritou mamãe, quando ela colocou a bolsa no chão do corredor. Jacqueline ainda estava deitada na companhia da MTV no sofá e, lá no meu quarto, Ramon emitia uns sons estranhos. “Você tem um sócia, Kevi!”

Eu me apoiei na parede. Mantenha a calma, Calvin, calma, disse a mim mesmo. Se ela está falando em sócia, é porque não tem idéia de absolutamente nada. Ela continua achando que você é o Kevin, então qual é o problema?

“Não sério, super parecido, não dá pra acreditar!”, disse mamãe e se jogou no sofá ao lado de Jacqueline. Aí ela tirou o som da TV. “Um cara de nariz em pé, cheio das roupas, de Mountainbike e tudo mais, mas a cara – super parecido!”

“Ah vai, mãe!”, disse e tentei rir. “Não pode ser.”

“Mas se eu estou dizendo!”, falou mamãe alto. “Estou chegando lá daquele meu emprego, falei o dia todo *minha senhora e se é assim que a senhora quer* e adivinha, Kevin?! Ficaram malucos! Quer dizer, primeiro ela disse assim: *Ora, por favor, isso não é necessário!* Mas eu acho que é como você disse: *A vida é showbusiness*, aí eu digo: *Por favor, minha senhora, eu prefiro assim. A senhora é a patroa e eu sua ajudante e eu prefiro assim, minha senhora.* Ela ri um pouco, sem graça, sabe, e aí diz: *Está bem, se é assim que você quer!* E eu digo: *Sim, minha senhora, eu gostaria assim.* E então ela me deu o avental, branco como eu havia dito, uma touquinha ela não tinha, e aí me virei e fiquei rindo sozinha. *A senhora poderia me dizer o que devo fazer agora, minha senhora?* No final ela disse que estava muito satisfeita com minha meticulosidade e ficou falando e aí perguntou se eu não teria uma segunda tarde livre na semana pra ela.” Mamãe bateu com as duas mãos no sofá. “Eu disse que talvez eu conseguisse alguma coisa a mais lá. O que é que vocês acham?”

“Você ia falar alguma coisa sobre o sócia do Kevin”, disse Jacqueline irritada. Dava pra ver que o que ela queria mesmo era pegar o controle remoto da mamãe, pra aumentar o volume de novo. “Foi o que você disse.”

“Ah, é mesmo, cara!”, gritou mamãe. “Então, eu estou indo pra estação e aí aparece este fulano de bicicleta. Eu grito: *Kevin!* Porque... eu fiquei de boca aberta, vocês podem imaginar. O que é que o Kevin está fazendo aqui? e tudo mais. Aí ele pára e diz: *Pois não?* Num tom que, nossa Kevi, fiquei feliz por você não ser como ele. Um sujeito gelado desses dá até arrepio.

“E ele era a cara do Kevin?”, perguntou Jacqueline. “Que nada, vai? Tinha alguma semelhança, talvez. Você está exagerando.”

“Mas se eu estou dizendo!”, gritou mamãe. “Totalmente!!! Pelo menos à primeira vista. Mas aí quando a gente olhava com mais cuidado – super arrogante, argh!, super nariz empinado, que nem um morto vivo. Não, Kevi, sério!” E ela tentou me puxar pra perto dela.

“Ah, eu acho que você não olhou direito”, disse eu.

Nisi estava parada na porta da sala e me olhava pensativa. E eu pensei no aniversário e achei que a coisa tinha que ser hoje. É claro que teria sido melhor se eu tivesse ligado antes pro Kevin; mas eu tinha quase certeza, que eu conseguiria entrar na casa mesmo assim.

Ninguém se importou quando eu saí do apartamento um pouco antes da meia-noite. Jacqueline e mamãe estavam dormindo e Nisi estava dormindo também; e depois de passar uma tarde inteira resmungando pela casa, Ramon também havia sumido. Fechei a porta de casa silenciosamente atrás de mim. Eu tinha certeza de que a essa hora não haveria controle no metrô, por isso, quando cheguei na minha parada, saí tranquilamente da estação. Dois homens deixavam o saguão iluminado em direção aos seus carros no estacionamento do metrô e o vento soprava as copas das árvores. Um arbusto cheio de flores, que brilhavam mesmo na escuridão, cheirava a verão e eu tive que parar por um instante. Eu nunca tinha notado antes,

que no nosso bairro alguma coisa pudesse ter algum cheiro. Logo eu seria Calvin Prinz aqui de novo.

Mas esta noite ainda não. Esta noite Kevi Plebs tinha apenas dado uma saída, pra organizar a festa de aniversário da sua irmãzinha.

Eu sabia como entrar em nosso jardim, sem que os sensores de movimento reagissem; não que isso tivesse feito muita diferença. Quando Mom e Dad estavam com as venezianas abaixadas, eles continuavam dormindo, mesmo quando os refletores acendiam.

Eu me esgueirei até a parte de trás da casa e me senti o próprio Jack Bauer em 24 horas ou então aquele 007 caquético, totalmente relaxado no meio do maior perigo. Parei embaixo da minha janela.

“Kevin, ei, Kevin!”, falei baixinho, tentando assobiar por entre os dentes. Mas o Plebs tinha um sono pesado. Pelo menos ele não tinha baixado a veneziana, por isso consegui jogar uns gravetos no vidro da janela. Pelo jeito ele estava bem na fase REM do sono. Eu tinha a sensação de que meus pés tinham afundado pelo menos uns dez centímetros no chão, até que finalmente uma cama rangeu lá em cima. Eu só podia rezar pra que fosse a de Kevin.

Quando Kevin abriu a janela, estava com uma cara de pânico.

“Ei!”, gritou ele na escuridão. “Tem alguém aí?” Ele estava com o taco de hóquei na mão, e como eu não sabia se ele queria usar o taco só pra bater em alguém ou também pra arremessar, controlei a minha reação.

“Fale baixo, Plebs, você vai acordar todo mundo!”, sussurrei. “Sou eu, eu vou subir agora.”

“Calvin?”, sussurrou Kevin. “Cara, eu não acredito! Por que você não ligou antes?”

Fui subindo pela calha até o parapeito da janela e nos últimos cinquenta centímetros ele me ajudou. “Entra”, ele disse completamente imbecil, como se eu tivesse a intenção de passar a noite em cima do parapeito da janela do meu próprio quarto. “Isto não estava combinado, cara! Por que é que você não ligou?”

“Porque o telefone está no armário, idiota!”, eu disse. Meu quarto estava como sempre, só que entre as mesas dos PCs havia pilhas de revistas. “Posso ver que você está passando bem.”

“Não posso reclamar”, disse Kevin. Ele estava diferente do que no nosso encontro no banheiro do porto, mas eu não sabia explicar o que estava diferente. Agora de noite, os cabelos dele estavam bagunçados e ele ainda tinha o meu rosto. Mas mesmo assim, ele estava diferente, completamente diferente mesmo.

“Ela está sem dinheiro pra conta de novo?”, perguntou ele. “A Jacqueline telefonou demais de novo, né?”

Eu não via razão pra contar pra ele sobre a *Levi's* e sobre o dinheiro do jornal. “Não vai me dizer que você fica aqui sentado o tempo todo na frente do computador”, eu disse.

Kevin fez um sinal pra que eu sentasse na cama. “Ah, o tempo todo não”, ele disse. “Mas eu ia achar uma merda, se a gente agora – é que tem umas coisas que ainda não estão muito certas com as ações de vocês e agora eu sei como resolver isso.”

“Pô, tesão”, disse e caí pesadamente na cama. Ela continuava rangendo. Fazia anos que Mom e Dad queriam comprar uma nova, mas eu teria me sentido como em um hotel, se eu acordasse no meio da noite e à minha volta reinasse um silêncio mortal. Quando eu me virava à noite, ela tinha que ranger. “E o Dad não pirou de tanta animação?”

“Ele não entende assim tanto do assunto”, disse o admirável Kevin Plebs. “Só assim o mais necessário. Estou tentando ajeitar o negócio pra ele.”

“Ah, é mesmo?”, eu disse. Eu estava meio irritado. Não entendia tanto do assunto, né? Dad, né? Aí tinha que vir um Plebs pra colocar nossas ações em ordem, né? Provavelmente ele tinha ficado megalomaníaco. Provavelmente ele tinha esquecido totalmente quem ele era.

Mas pelo jeito não tinha não. “Como vai a Nis?”, perguntou e fechou a janela. Aí ele veio sentar perto de mim na cama. “Ela ainda está querendo aquele monte de livros?”

“Nis?”, eu disse. “Quer sim. E está conseguindo, a propósito. Se pudesse o seu professor de alemão me beijava todo dia. É por causa da Nis que eu estou aqui, cara. Você pode continuar ajeitando as ações com calma.”

“Você não quer...?”, perguntou Plebs pasmo. “Você não vai querer ficar?” E agora ele estava com uma cara de que estava duvidando que eu tivesse mesmo virado gente e convivido com as pessoas.

“Eu também tenho que resolver umas coisas lá no seu pedaço ainda”, disse e senti os dedos de Tatiana na minha bochecha. “Não tenho idéia de quanto tempo ainda preciso. Mas agora eu só estou aqui, porque...”

Neste momento ouvi os passos. Talvez a gente não tivesse falado suficientemente baixo ou talvez meus gravetos e minhas pedrinhas tivessem chamado muito a atenção, sei lá; de qualquer forma, os passos no corredor comprido se aproximavam do meu quarto.

“Vá pra debaixo da cama!”, cochichou Plebs e com um pulo se enfiou embaixo da coberta. “Rápido, rápido!”

Quando a porta do quarto se abriu, eu estava deitado embaixo do estrado da cama e tentava respirar sem fazer barulho. Tenho apenas a recomendar, a qualquer um que vá adquirir uma cama, que observe se ela é alta o suficiente para dar asilo a um refugiado num caso de emergência.

“Calvin?”, sussurrou Mom. Atráves da fresta da porta, atrás dela, entrava um feixe de luz no quarto, mas ele não alcançava a cama. “Aconteceu alguma coisa, Calvin?” O ser tão paparicado girava na cama dentro do seu lençol e gemia. “Je serai, tu serás, Il será”, ele gemia. “Se o DAX cair dois pontos...”

“Calvin!”, gritou Mom e com um pulo já estava na cama. As pantufas cor-de-rosa dela invadiam o meu abrigo e os pelinhos que ficavam na ponta quase faziam cócegas no meu nariz. Agora sim, senhoras e senhores, a coisa ia virar um verdadeiro pastelão! “Calvin, você está tendo um pesadelo! Acorde, menino, está tudo bem!” E pelas pernas dela, eu podia ver que ela tinha se curvado sobre ele agora. Provavelmente ela estava sacudindo Kevin pelos ombros.

“Como? O quê?”, gritou Kevin e o estrado curvou-se rangendo, e eu pensei que ele ia me esmagar contra o chão. Tão dramático assim o meu duplo também não precisava ser na encenação do momento de acordar.

“Está tudo bem, Calvin!”, sussurrou Mom. “Você pode dormir de novo! Você tem estado fatigado nestes últimos dias. Este trabalho constante é simplesmente demais pra você.”

“Durma bem”, murmurou Kevin e levando em conta o estrado, ele tinha se jogado de volta nos travesseiros. Seria de bom tom ter um pouco mais de consideração pelo hóspede embaixo da cama.

“Durma bem, Calvin”, sussurrou Mom também e então os pelinhos se distanciaram do meu nariz. Senti uma facada no peito. Ela podia ser uma mulher meio burra, eu sempre soube disto, e eu tinha perdido a chance de ensinar algumas coisas pra ela. Mas afinal isso era algo que eu ainda podia recuperar. Mas de algum modo ela também era incrivelmente querida. Bem parecida com a Nisi.

“Cara, essa foi de mestre!”, falei baixinho, quando Kevin mergulhou, quase sem fazer barulho, da cama pro tapete. “Foi por pouco.”

“Ela teria morrido!”, disse Kevin. “É claro que ela ama o filho dela, mas será que ela quer ter o filho dobrado?”

Ri baixinho. “É por causa do aniversário da Nisi”, eu disse. “Eu preciso de grana sua, Plebs. E depois ainda tenho que procurar uma coisa no nosso sótão.”

“No nosso sótão?”, perguntou Kevin chocado.

“No *nosso* sótão”, eu disse. Talvez algumas coisas precisassem ser esclarecidas por aqui. “É isso mesmo. Ainda tem umas caixas lá com umas coisas de criança minhas. Talvez eu ache algo pra Nisi lá.”

“Mande os meus parabéns pra ela”, disse Plebs, mas aí ele mesmo percebeu que isso era uma bobagem. “Quanto é que você precisa? Acho que eu tenho mais ou menos uns quatrocentos na caixa.”

“*Eu* tenho quatrocentos na caixa”, disse. “Isso dá e sobra.” Aí tirei a chave de dentro do vaso preto, que Plebs pelo jeito também já tinha achado. “A criança vai ter uma festa de arromba.”

Kevin olhava cético. “E como é que você vai explicar isso?”, ele perguntou. “De onde saiu a grana de repente?”

Eu não estava pensando nestes detalhes. “Cada coisa a seu tempo”, eu disse e me despedi, batendo com o dedo na testa. “Tchau, Plebs. Vou à caça.”

Quando eu era menor, eu gostava de ir ao sótão às vezes, porque ele era tão legal e diferente do que um quarto normal: nada combinava, só caixas e móveis velhos e quadros cobertos com cobertores no chão. Como Mom acha que organização é super importante, todas as caixas eram etiquetadas.

Achei um urso gigante, que parecia que nunca tinha sido usado, e uma caixa com *Lego* e o hospital do *Playmobil*. Se agora eu ainda comprasse alguns livros, daria pra fazer uma mesa de aniversário linda pra Nisi.

Mas, pelo jeito, os deuses haviam reservado um susto antes do sucesso. Um susto em forma de mãe.

“Calvin!”, gritou Mom, quando eu estava quase chegando na escada, para descer para o andar de baixo. “Eu ouvi que você...”

Mas aí eu já tinha passado por ela correndo e tinha voado pro meu quarto, antes que ela pudesse perceber que eu estava aprontando pela casa, usando roupas que não eram minhas.

“Sai da frente, Plebs!”, falei entre os dentes e pulei pra junto dele, debaixo da coberta. O cara do banheiro, com seus pensamentos imundos, teria feito a festa aqui. *Legos* e bonequinhos de *Playmobyl* estavam espalhados sobre o tapete e o ursão olhava para a porta do quarto com cara de bobo e olhos arregalados. Agora só adiantava rezar.

“Mas, Dad, é o que eu estou dizendo!”, gritava Mom nervosa no corredor. “Ele está tendo pesadelos! E agora deu pra andar com bichinhos de pelúcia pela casa! A criança está totalmente sobrecarregada!” E aí eles entraram no quarto.

“Olhe só isto!”, disse Mom abalada, apontando para a baderna de brinquedos no chão. “Isto já não é mais normal!”

Eu havia puxado a coberta até o pescoço e fiquei torcendo, para que Kevin não se mexesse atrás de mim, embaixo da coberta. Mom teria provavelmente um ataque do coração.

“De fato”, murmurou Dad. “De fato isto é realmente...” Então ele veio até mim, na cama. “Calvin!”, disse ele suplicante. “O que é que está acontecendo com você, menino?”

Não olhei diretamente pra ele.

Será que ele não percebia mesmo, que eu não era quem ele estava pensando? Será que ele via que eu era um mentiroso, um traidor, um enganador? “Estou sonhando a noite toda com uma coisa idiota”, falei baixinho.

Dad olhou o urso de pelúcia no chão. “Então tente dormir de novo, filho”, disse ele triste. “Mas acho que teremos que...” Ele colocou a mão sobre a minha testa. “Durma bem, meu menino.”

“Durma bem, Dad”, murmurei e fechei os olhos. O perigo havia passado.

Só que agora eu não podia levar a tralha toda pra Nisi. Senão o Kevin teria muita coisa pra explicar amanhã de manhã. E de qualquer jeito ele já tinha mesmo muita coisa pra explicar amanhã.

Kevin

Depois que Calvin foi embora, tentei em primeiro lugar colocar meus pensamentos em ordem. De qualquer forma, não adiantava nem pensar em dormir, mas é lógico que eu também não podia acender a luz e ir pro computador. Mom e Dad estavam assustados demais pra que eu ainda fizesse isso. Eu podia apostar que agora eles estavam sentados retos na cama deles, de tocaia, ouvindo cada barulho que eu fazia, e eu preferia nem pensar nos planos que eles estavam bolando para o filho estressado. Por isso fechei os olhos e pensei em Calvin e na cena de teatro embaixo da minha janela. Só faltava ele fazer uma serenata. Calvin, meu! Quase que eu não tinha reconhecido o cara, isso se ele não continuasse igualzinho a mim. Pois olha, se ele tivesse passado durante o dia aqui pelas nossas ruas, qualquer um saberia: esse sujeito não é daqui.

E de algum modo ele tinha que ter sofrido algum dano na cabeça. Senão quem é que iria querer, de livre e espontânea vontade, continuar dividindo aquela espelunca fedida com Ramon, se pudesse ter este quarto aqui. É claro que essa história tocante do aniversário da Nisi podia fazer alguém quase ficar com lágrimas nos olhos, mas eu vivo há muito tempo na selva pra acreditar que alguém vá abrir mão de bem estar e dinheiro, só pra preparar um aniversário lindo pra uma garotinha. Eu tinha cem por cento de certeza que havia alguma coisa por trás disso, cem por cento! E não tinha a menor idéia do que era.

Quando cheguei pro café na manhã seguinte, Mom estava com cara de quem tinha chorado. Ou talvez ela só não tivesse conseguido dormir o resto da noite, sei lá. De qualquer modo, pela cara dela, parecia que ela tinha envelhecido uns cem anos, e olha que isso não é pouco para uma senhora que já chegou quase na idade de se aposentar.

“Tudo bem, Calvin, querido?”, disse tentando parecer normal. Mas por trás do seu olhar havia algo diferente, como se ela estivesse esperando que a qualquer momento eu subisse na mesa.

Infelizmente eu teria que decepcioná-la.

Pela cara dela, se eu tivesse sido esperto, teria desconfiado de alguma coisa, mas afinal de contas eu não era um hóspede dessa família há tanto tempo assim. Por isso é que fiquei meio espantado, quando eles se sentaram juntos na hora do almoço na sala, Mom e Dad, um ao lado do outro no sofá, e Dad segurando a mão de Mom entre as suas.

“Sente-se, Calvin”, disse Dad e Mom sorria pra mim, como se quisesse me animar.

É verdade que Dad vem às vezes na hora do almoço pra casa, isso eu já tinha percebido, talvez porque ele aprecie tanto a comida de Margareta. Mas ficar ali de agradinhos com Mom no sofá, isso nunca tinha acontecido. Isso não estava me cheirando bem.

Por isso falei rápido: “Hoje falamos sobre as notas de matemática. Ele disse que retirou meu *insuficiente*. Ele só não entende como é que alguém pode se transformar da água pro vinho assim em tão pouco tempo, mas a consciência dele diz que, por causa da minha participação e da melhora evidente do meu nível de conhecimento, ele não pode me dar um E no boletim. Vai me dar um *satisfatório*.”

Fiquei olhando ansioso para Dad. Pensei que ele me daria um abraço e me passaria uma nota de dinheiro ou até me arrastaria ao escritório dele, pra abrir, em recompensa, todos os balanços na minha frente; mas, ao invés disso, ele só deu um sorriso cansado.

“Que bom, Calvin, ficamos felizes com isso”, disse Dad, mas eu quase nem consegui entender o que ele disse, porque Mom começou a falar ao mesmo tempo, me assustando de verdade.

“Mas você não deveria se esforçar tanto, Calvin!”, ela disse. “Meu Deus, menino, você não devia mesmo...”

Dad bateu levemente na coxa dela. “É o seguinte, Calvin”, disse ele e aí Mom ficou quieta e eu percebi que era agora.

“Nós ficamos muito felizes com você nos últimos tempos, Calvin”, disse Dad. “Seu entusiasmo para estudar e seu interesse nas questões de negócios me deixaram, como você já sabe, muito animado, mas não admirado. Há tempos eu contava com isso, um Prinz será sempre um Prinz. Mas depois doas acontecimentos da última noite...”

“Calvin!”, interrompeu Mom e Dad tocou novamente a coxa dela.

“...nós chegamos à conclusão, Mom e eu, que isso tudo foi evidentemente demais pra você. Você mudou muito rápido, Calvin, de um dia para o outro. Não dá para um jovem agüentar isso assim tão facilmente. Você trabalhou muito. E agora o que está acontecendo é que...”

“Você não precisa se preocupar com nada, Calvin!”, disse Mom alto. “Vamos resolver tudo!”

A mão de Dad bateu um pouco mais forte. “Eu telefonei para um psicólogo hoje de manhã”, ele disse. “Nós decidimos, Mom e eu...”

“Mesmo porque você já fez muito, Calvin!”, falou Mom alto. “Estes pesadelos são por causa disso! E buscar dormindo bichinhos de pelúcia no meio da noite...”

“Saudade do universo puro da infância”, disse Dad, abanando a cabeça afirmativamente. “O termo técnico é regressão. Vamos resolver isso tudo.”

“Você está sentido falta da época antes da sua mudança, Calvin!”, disse Mom. “Inconscientemente! Eu lia sempre esses livros, sobre educação e tudo mais, sobre psicologia...”

“O brinquedo é o símbolo da pureza do universo infantil, Calvin”, disse Dad. “Vamos resolver isso tudo. Eu já usei da minha influência. Você já tem um horário no psicólogo.”

“Eu não sou retardado!”, disse. “Só porque às vezes à noite eu...”

Dad fez um gesto como se fosse um general. Fiquei quieto.

“Não adianta tapar o sol com a peneira, filho, você está sobrecarregado”, disse ele. “E nós estamos pensando no que pode ser feito. Não podemos abrir mão das suas aulas particulares de matemática, isto está claro, das de inglês e francês, também não. E eu realmente não gostaria de te tirar o computador, apesar de que, na minha opinião, você tem gastado muito tempo e energia...”

“Ah não! Você vai...?”, gritei. Aí eu podia ir pra casa agora mesmo.

“Não, não, não é o que eu quero!”, disse Dad me acalmando. Não queremos jogar fora o futuro potencial que temos aí. Mas isso significa, filho, isso significa...”

“É a escola não podemos cortar também!”, gritou mamãe no meio.

“...que o seu dia-a-dia deve continuar como ele está agora. Mesmo que você esteja sobrecarregado no momento. É por isso que um psicólogo vai...”

“O hóquei nós já cortamos!”, continuou mamãe, alto. “Portanto o hóquei já está fora!”

“Um psicólogo precisa fazer com que você fique bom novamente!, disse Dad. “Vamos resolver isso tudo.”

“E horário livre nós já temos!”, disse Mom e, pela primeira vez, ela pareceu bem alegre. “Agora que cortamos o hóquei!”

Fiquei olhando pra eles. Se Calvin não tivesse me pedido um prolongamento do prazo na noite passada, eu teria ligado pra ele e pedido pra trocarmos de volta, pode crer. Apesar de que provavelmente eu não teria conseguido falar com ele. O telefone estava com certeza no armário.

Calvin

No dia seguinte fui fazer compras com Tatiana. Eu havia suspeitado de que ela gostaria dos meus planos para o aniversário, mas eu não havia contado com o fato de que ela também ficaria tão desconfiada.

“Quatrocentos marcos?”, ela perguntou com aquele sotaque que fez com que os meus neurônios começassem a atirar pra todos os lados de novo, como se estivessem em guerra e ela tirou a mão dela da minha. Isso aconteceu no intervalo, atrás do salão de ginástica, quando eu confidenciei a ela meus planos para a realização do aniversário de Nisi. “De onde é que eles saíram, Kevin, isso eu quero saber!” E ela me olhou tão severa, que as placas continentais já se prepararam novamente pra uma movimentação ainda maior.

“Está tudo bem, Tatiana, te juro”, disse firme. “Só que eu não posso te explicar! Mas talvez daqui a uma semana e aí você vai ver...”

O sinal do intervalo tocou. “Você jura que não é roubado?”, disse Tatiana severa. “E que não tem nada de errado, absolutamente nada?”

“Juro”, disse, levantando minha mão direita.

“Pela Virgem Mãe Santíssima?”, disse Tatiana e eu fiquei me perguntando se devia explicar que eu não ligava assim tanto pra ela.

“Pela Virgem Mãe Santíssima”, eu disse.

“Então eu vou te ajudar”, disse Tatiana e me estendeu a mão de volta.

Por causa disso ficamos andando juntos à tarde pelas lojas do centro, procurando os presentes da Nisi. Eu havia pensado se com um saldo de quatrocentos marcos, eu não podia talvez desviar um pouco de dinheiro para uma passagem de metrô pra mim e pra Tatiana, mas aí achei que faria mais sentido se eu devolvesse os 86,40 pra mamãe e acrescentasse logo de uma vez uma nota de cinquenta para a Telekom. Quem é que podia saber se, há qualquer momento, eu não teria que ligar de novo com urgência para o Kevin; porque a chave pro armário eu ainda não tinha conseguido arranjar em lugar nenhum.

“E de onde é que saiu isso?”, perguntou mamãe, girando as notas que segurava entre os dedos, como se elas transmitissem uma doença contagiosa. Ela não era mesmo nem um pouco menos desconfiada que Tatiana. “Acho bom você não começar igual ao seu irmão, estou te avisando!”

“Você acredita, se eu te falar que eu ganhei em algum lugar?”

Mamãe fez que não com a cabeça. “Tenta outra”, disse ela.

“Recompensa por ter achado alguma coisa na rua?”, disse eu. Mas mamãe girou o dedo indicador ao lado da cabeça.

“Então vou dizer a verdade”, disse. “Meu sócia me deu. Posso até jurar. Pela Virgem Mãe Santíssima”, e levantei de novo a mão direita.

Só que infelizmente mamãe não era católica. “Vamos parar de falar merda aqui, entendeu?”, ela disse. “Eu quero saber a verdade, e é pra já!”

Eu suspirei. “Eu desembalei produtos no supermercado.”, disse. “Desembalei e empilhei. Todas as vezes que eu estava fora, era lá que eu estava. Por causa do aniversário da Nisi. E eu também queria pagar minhas dívidas com você.”

Vi como os ombros de mamãe foram relaxando.

“Está bem”, disse ela em dúvida. “Eu acredito em você. Mas aí de você se eu descobrir...” Ela levantou a mão dela, como se já fosse me bater.

“Que nada, tudo OK”, disse me encolhendo.

Mamãe colocou o dinheiro no bolso. “E por que é que você não diz logo a verdade?”, disse e foi para a cozinha, onde ela tinha começado a montar um quebra-cabeça no chão. Cheio de filhotinhos de cachorro fofinhos desta vez. “Você deve me achar uma completa

idiota. Agora vocês vão me alugar um ano por causa disso, não é? Sósia!”, e mexeu com força num montinho de peças de canto.

Depois disso, dos quatrocentos marcos, sobraram apenas duzentos e cinquenta.

“Mas com isso a gente consegue alguma coisa”, disse, ligando um cachorro automático que, pra fazer propaganda, dava piruetas no departamento de brinquedos e fiquei olhando as cambalhotas que ele dava latindo. “De qualquer jeito, o que ela mais quer são livros.”

“Você é burro, Kevin?”, disse Tatiana e, com a mão que estava livre, a que não estava colada na minha, ela roubou o cachorro de mim. “Oito anos, oito crianças. Isso custa.”

“Só oito?”, disse espantado. Pra tão poucos Mom nem teria se dado ao trabalho de contratar o monitor de festas pedagógicas dela.

“A parte do bolo é barata, eles comem só brigadeiro”, disse Tatiana, conhecedora do assunto. “Mas e o *McDonald’s* depois? E as prendas pra corrida de saco e pra brincadeira de bate panela? Vai muito dinheiro embora pra fazer uma festa legal, você precisa pensar nisso.”

Dei um beijo na cabeça de Tatiana. Ela sabia de tudo e pensava em tudo e era tão prática. Eu não conseguia imaginar, que Mom tivesse alguma vez feito as contas de quanto poderia gastar na festa antes de algum aniversário. O paciente particular, que Tatiana iria escolher no futuro, podia se alegrar. Isso se eu fosse permitir essa história médica toda.

“Mas de qualquer jeito, o que ela mais quer são livros mesmo”, disse Tatiana, colocando o cachorro no chão de novo. “É o que você está dizendo. Vem cá, vou te mostrar uma coisa”, e foi me puxando pra longe dos bichinhos de pelúcia, em direção aos livros e artigos de papelaria e no meio do caminho ia me dando de vez em quando uns beijinhos no pescoço.

Quando saímos do metrô à noite com mais ou menos umas vinte e sete sacolinhas de plástico, sem termos sido incomodados por nenhum fiscal, eu soube que aquela tinha sido uma das melhores tardes da minha vida.

Kevin

Nos dias que se seguiram, tentei provar por todos os meios que eu não estava sobrecarregado. No café da manhã já chegava sorrindo e assobiava relaxado, onde quer que eu fosse ou estivesse, mas pelo jeito os pais agoniados viam isso como um sinal de uma doença mental que se aproximava.

“Está tudo OK mesmo, Calvin?”, perguntou Mom quando eu escorreguei gritando pelo corredor até o andar de baixo e quase derrubei Margareta.

“Tudo OK”, disse, abanando as mãos alegre. Mas no fundo eu sabia, que tudo o que eu estava fazendo só iria aumentar a suspeita deles. O sinal mais claro disso foi que, de repente, Dad não quis mais falar sobre as ações comigo, apesar de eu ter acabado de topar com umas dicas bem quentes.

“Não fique assim só pensando em dinheiro o tempo todo, menino!”, disse Dad. “Afim o mais importante para nós é você! Dinheiro não é tudo no mundo!”

Fiquei pensando se podia concordar com ele. Lá no nosso prédio nojentos com certeza ninguém concordaria. Mas independente do que eu fizesse, não escaparia de qualquer forma do psicólogo.

Quando o dia chegou, Dad e Mom vieram junto e só isso já é bem embaraçoso pra alguém da minha idade. O consultório ficava em uma mansão elegante pintada de branco, que dava direto no lago Außenalster, onde os barcos a vela, uns muito perto dos outros, davam voltas pra lá e pra cá e misteriosamente não colidiam. Velejar era o tipo de coisa que eu bem que gostaria de fazer, com certeza. Eu ia ter que dar um jeito de colocar essa idéia na cabeça de Mom e Dad. Eu não conseguia pensar em nenhum motivo, pra que eles fossem contra isso.

Não havia ninguém na sala de espera, além de nós, mas o garoto que saiu da sala do médico, antes da gente entrar, parecia incrivelmente normal. Podia ser que todo mundo viesse aqui por causa de enganos idiotas. Mas isso era bem improvável. Afim não é todo mundo que tem um sócio.

“Olá, Calvin”, disse o sujeito, que me recebeu na porta. Ele também não parecia assim tão estranho, não tinha nada a ver com a imagem que eu tinha desses psico-caras, aí respirei aliviado. Nos últimos dias, eu vinha pensando em como iria lidar com essa conversa e agora, vendo a cara dele, eu estava convencido de que ia dar tudo certo. Então me acalmei.

Mas Mom e Dad não me deixariam entrar lá assim tão facilmente.

“Meu marido com certeza já explicou ao senhor”, disse Mom, encarando o psicólogo, como se estivesse pedindo ajuda. “Tudo isso é apenas esforço demais. Eu posso dizer ao senhor exatamente...”

“Regressão!”, disse Dad. “O senhor sabe! Ele não está suportando a pressão desse salto tão repentino para a vida adulta! Aconteceu tudo de forma tão abrupta...”

“Mas nós não o pressionamos”, disse Mom alto. “Nem um pouquinho...”

“Está tudo muito claro”, disse Dad, fazendo um sinal a Mom para que ela ficasse quieta. “O senhor compreende? Minha esposa e eu nos demos conta logo. Enquanto o menino de um dia para o outro começou a se ocupar só de coisas sérias, estudar, estudar, trabalhar, percebemos ao mesmo tempo uma deterioração na linguagem. Expressões que na nossa casa... o senhor compreende? Foi a válvula de escape, agora eu entendo, de um lado havia a tensão, aí ele precisou de uma válvula de escape...”

“E ela foi essa forma de falar inadequada!”, gritou Mom. “*Tensão e merda* e umas palavras...”

“O senhor compreende?”, perguntou Dad.

O psicólogo fez que sim com a cabeça e me deu um sorrisinho. “Vamos entrar?”

“O caso é bastante claro!”, disse Dad. “É que a válvula de escape não adiantou e aí agora ele anda à noite...”

“Ele tem pesadelos!”, disse Mom alto. “Ele fala dormindo e...”

“... e busca brinquedos no sótão!”, disse Dad. “Ele quer a infância dele de volta! Inconscientemente! O senhor compreende? *O senhor compreende?*”

O psicólogo, gentil, fez que sim com a cabeça. “O senhores podem esperar aqui?”, disse e então fez um sinal com a cabeça para que eu entrasse na sala dele e fechou a porta atrás da gente.

“Então, Calvin”, disse amigável.

Quase caí duro. Alguma coisa estava errada. Eles tinham me levado de volta pro jardim de infância.

Num canto da sala havia uma concha vermelha de plástico, como a que Nisi quer já faz uma eternidade pra nossa varanda, dessas que a gente enche uma metade de areia e a outra a gente fecha à noite como uma tampa e num outro canto havia uma casinha de bonecas. Havia massinha de modelar e um armário que provavelmente escondia mais utensílios de brincar e montar. Eu tinha que esclarecer algumas coisas bem rapidinho aqui.

“Eu não tenho que brincar com essas coisas, né?”, perguntei. “Eu não estou louco de verdade.”

O psicólogo continuava sorrindo. “Não, se você não quiser”, ele disse. Mas depois não falou mais nada.

Eu fiquei esperando que ele fizesse alguma coisa ou que perguntasse alguma coisa, mas ele só sorria mudo e eu simplesmente fiquei ali sentado em uma cadeira. Eu não tinha idéia de quanto Dad ou o seguro médico tinha que pagar por esta sessão, mas de qualquer jeito era um dinheiro fácil de ganhar. Sentar, relaxar e sorrir e ainda por cima cobrar não é um emprego tão ruim assim. Fiquei pensando se não deveria me interessar por isso quando fosse escolher minha profissão. Mas aí resolvi acabar com a coisa rápido.

“Vou explicar ao senhor a história toda, OK?”, disse eu. “A verdade é que tudo não passa de um grande mal-entendido.” O cara que ganhava dinheiro fácil concordou com a cabeça e sorriu, mas continuou sem emitir nem um som.

“Então, como eu disse, é tudo um grande mal-entendido”, falei. “A verdade é que eu sou uma pessoa completamente diferente. Não esse tal Calvin Prinz.”

Se eu esperava que essa informação fosse fazer ele cair da cadeira, eu me enganei. Ao invés de levantar e se servir de uma dose de conhaque, ele continuou a sorrir animador.

“Na realidade eu me chamo Kevin”, disse. “Kevin e não Calvin. Eu só troquei de lugar com esse Prinz. Ele é meu sócia.”

O sujeito continuava sentado bem relaxado. Pelo jeito minha suposição de antes, que mais ou menos metade da população tinha um sócia, não estava tão errada assim. Pelo menos ele parecia estar bem familiarizado com esse fenômeno.

“Eu encontrei com ele faz pouco tempo no porto”, e então contei toda a história e ele continuou sem dizer uma palavra, só sorrindo, de um jeito que dava vontade de continuar falando. Normalmente as pessoas não te escutam assim tão interessadas.

Quando eu terminei, ele tirou as mãos dos braços da cadeira e levantou. “Muito obrigado, Calvin, por você ter contado tantas coisas para mim”, disse e foi até a porta. Mas eu não podia permitir uma coisa dessas.

“Pare!”, gritei. “Espere só um pouco!”

Ele se virou.

“Eu não quero que o senhor conte isso para os meus pais!”, falei. “Quer dizer para os pais do Calvin! Porque eu prometi pro Calvin que... é que a gente ainda quer ficar trocado por alguns dias.”

“Você não quer que os seus pais saibam que você é outra pessoa”, disse o psicólogo.

Pelo menos ele pensava rápido.

“Não, claro que não!”, disse. “Eu ainda tenho que fazer umas coisas no computador... quer dizer, o momento agora seria totalmente desfavorável, sério.”

O psicólogo abriu a porta. “Infelizmente as coisas não são tão simples assim, Calvin”, disse e aí fez um sinal para que Mom e Dad entrassem.

E só aí que eu percebi que ele tinha armado comigo.

“Temo que a história seja um pouquinho mais complicada”, disse o psicólogo. “O filho dos senhores aqui, Calvin, talvez nunca tenha contado que acha que é outra pessoa?”

“Outra pessoa?”, disse Mom sem entender nada.

E aí eu entendi que esse sujeito traiçoeiro tinha me puxado o tapete. Ele tinha ficado acenando a cabeça, sorrindo, como se acreditasse em mim, e o tempo todo ele estava pensando que eu tinha pirado na batatinha. E aí percebi que o tempo feliz, no bem-bom, estava se aproximando do fim. Eu ia ter que virar Kevin Plebs de novo.

“Eu não sou o Calvin mesmo, eu juro!”, gritei em pânico. Mas ninguém estava interessado naquilo.

Mom chorava e Dad me olhava de forma estranha. Quando chegássemos eu casa eu iria ligar imediatamente pro Plebs. Não, quer dizer, pro Calvin.

Calvin

E é claro que o aniversário foi o máximo.

A gente tinha comprado livros e um CD e um jogo de tabuleiro e uma boneca, porque Tatiana havia dito, que oito anos ainda era idade pra isso, e dois carimbos de ursinho bonitinhos. Quando coloquei de manhã tudo em cima da mesa dos presentes, mamãe quase desmaiou.

“E você jura que a grana é do supermercado?”, ela perguntou. “Você não roubou?”

Odeio jurar em falso. “Por que você nunca acredita em mim!?”, disse bravo.

Jacqueline coçou a cabeça e disse que me achava mesmo um barato. Ela não conseguia pensar em muitos irmãos mais velhos que mexessem um dedo pra organizar uma coisa dessas para irmã mais nova e ela jurava que não me achava capaz disso.

“Está vendo?”, falei, me achando. “Como a gente pode se enganar com uma pessoa!” E no meu caso isso era a pura verdade.

À tarde Tatiana veio pra nossa casa, pra me ajudar com a festa. Mamãe não queria faltar logo de cara no trabalho novo e Jacqueline tinha que cortar o cabelo das madames e Ramon, pra variar, não estava presente naquela hora. Mas Tatiana disse que ela dava um jeito.

“Se você me prometer uma coisa, Kevin Plebs”, disse, me dando um empurrãozinho pro lado. “Se você me prometer que vai parar de fazer merda na escola e vai começar a estudar. Você estava se saindo tão bem uns dias atrás! E agora voltou a não fazer nada! Assim você não vai passar, estou te falando. Ou então vai passar raspando.”

“Mas também eu não quero virar assistente de médico”, falei meio que grunhindo, mas Tatiana não achou nada engraçado.

Por isso prometi a ela que me comportaria como alguém que está louco pra se formar com excelentes notas, apesar de achar isso uma pena. De algum modo até que a escola estava me divertindo nos últimos tempos.

E então Tatiana veio pra nossa casa à tarde e brincou com a criançada de bate panela, de quente ou frio, de barra manteiga, de tirar a maçã com a boca de dentro da água. Levando em conta as gargalhadas e a gritaria, a festa foi um sucesso e, no final, as bochechas de Nisi estavam tão vermelhas que dava até pra fritar uns bifes nelas.

“A Tatiana é tão legal!”, disse Nisi enquanto arrumávamos tudo, depois que as crianças tinham ido embora lá pras sete e meia. Tatiana estava lavando a louça da festa na cozinha.

“É mesmo”, falei e decidi que depois da arrumação seria hora da verdade. Com certeza Tatiana já me conhecia o suficiente agora, pra não acreditar que eu estava mentindo pra ela.

Quando todas as xícaras e pratos já estavam de volta no armário da cozinha e não havia mais nenhuma migalha pelo chão, Nisi foi pra cama com seu livro novo *Coragem, pequeno pônei!*.

“E eu vou te levar pra casa”, disse para Tatiana que estava se sentando pra assistir televisão. É mais fácil falar andando.

“Não precisa”, disse, apoiando a cabeça dela no meu peito. “Não vai deixar a pequena Nisi sozinha!”

“Quando ela está lendo, o mundo pode cair”, falei firme. “Hoje não vou deixar é a pequena Tatiana sozinha.”

Tatiana riu e beijou meu pescoço num lugar extremamente perigoso. Os neurônios responsáveis por essa área mandaram sinais para o resto do meu corpo e eu não podia ceder a eles de jeito nenhum agora, e na sala o telefone começou a tocar dentro do armário. Mas outras coisas tinham prioridade agora.

“Eu quero te contar uma coisa, Tatiana”, disse e fechei a porta do apartamento atrás de nós. “E eu quero que você acredite em mim. Eu não quero mais estar com você e saber que estou mentindo o tempo todo. É por isso que vou te falar agora...”

Tatiana me encarou e eu pude ver que as suspeitas começavam a saltar dentro da cabeça dela. “Nãõ, nada de outra namorada, caso você esteja pensando nisso!”, disse rápido. “Nada disso! É que... tem a ver com uma coisa que já conversamos.”

Tatiana tirou a mão dela da minha. “Fale logo”, ela disse e eu percebi que ela estava com medo do que viria a seguir e como ela não queria ficar com medo, ficou irritada. “Fale e aí pronto”.

Inspirei fundo. “Você disse uma vez que queria arranjar um cara rico”, disse e aí parei. A coisa era tão importante. “Eu não achei isso muito bom, porque na verdade acho que a gente deve... as mulheres devem...”

Tatiana riu. De repente ela parecia aliviada de verdade. “Ah, é sobre isso que você quer falar!”, disse e aí me deu de novo um beijinho na bochecha. “Ai Kevin, você é um bobo! Se eu te amo, não vou falar: Acabou, Plebs, você tem muito pouca grana! Você agora vai se esforçar na escola e vai fazer um bom curso técnico e eu também vou fazer um ...”

“Tatiana!”, falei. “Não é isso.”

Tatiana olhou confusa. “Nãõ?”, ela disse. “Pensei que você estava com ciúmes. Mas você não precisa! Afinal eu nem conheço um cara rico!”

“Conhece sim”, disse rápido. Era agora ou nunca. “Um cara rico. Você *me* conhece, Tatiana. Eu não sou Kevin Plebs”, e pensei nos exercícios de respiração de Dad e em como eram poucas as possibilidades de usá-los bem na hora que eles eram mais necessários.

Tatiana me deu um soco na barriga. “Mas que merda, merda, merda!”, ela gritou furiosa. Uma velhinha que estava passeando com um cachorro minúsculo, balançou a cabeça indignada. “Você já me falou tudo isso, Kevin! Você acha que eu sou idiota? Você acha que eu...”

“Tatiana, vê se me escuta!”, gritei desesperado. Até quem estava do outro lado da rua olhava pra gente agora. “Eu não sou Kevin Plebs, eu chamo Calvin Prinz! Meu pai tem uma firma, que faz...”

“Que merda, merda, merda!”, gritou Tatiana de novo. “É isso que você pensa de mim, né, Plebs? Que eu só quero grana, é o que você pensa? Eu te odeio, Plebs, te odeio!” E então saiu correndo e pra uma garota que é bem menor que eu e que não é exatamente magra, ela bem que não era tão devagar assim.

“Tatiana!”, gritei e corri atrás dela. “Você não entendeu, Tatiana! Eu não posso fazer nada se sou rico! Não tem nada a ver com você!”

Tatiana parou de repente. “Mentiroso!”, disse ela e cuspiu na calçada, bem na frente dos meus pés. “Só porque eu te contei o que eu desejo pra minha vida, agora você pensa que eu sou uma vagabunda atrás de caras ricos...”

“Tatiana!”, gritei. “Tatiana!” Mas eu já sabia que não conseguir convencê-la.

Havia só uma solução.

“Vem comigo até um orelhão, Tatiana”, disse. “Aí eu vou te provar.”

Kevin

A volta no carro foi horrível. Mom soluçava e Dad não movia um músculo da uma cara.

“Nós não podíamos ter exigido tanto dele, Dad!”, chorava Mom. “Agora o menino está... não está sendo fácil pra ele! E agora veja o que aconteceu!”

“Bobagem!” rosou Dad e olhava fixamente para o trânsito. Ele não disse que um Prinz será sempre um Prinz.

Por isso falei alto: “Mas não é nada disso! Vocês não precisam se preocupar! Eu posso provar tudo!”

“Fique quieto!”, ralhou Dad e Mom ficou choramingando.

“É verdade, eu posso!”, falei, mas aí Dad deu uma freada brusca e eu percebi que talvez o carro não fosse o melhor lugar para continuarmos a discutir aquele assunto. Não tinha sentido ficar falando em provas; eu tinha que trazer a prova para eles.

E minha prova era Calvin.

Não foi fácil conseguir telefonar em paz em casa. Provavelmente eles tinham medo que alguém que pensa que é outra pessoa, pudesse quebrar a casa toda; de todo jeito, Mom não saía nem um segundo do meu lado.

“Agora veja se você se acalma, Calvin”, falou ela baixinho, quando eu peguei a lista telefônica e comecei a folhear.

“Pelo amor de Deus, menino, você precisa...”

“Plebs!”, gritei. “Olhe só! Jasmin Plebs! Como eu havia dito! Essa é a minha mãe, caraca! Você acredita agora?”

“Você não deve falar caraca”, soluçou Mom e Dad disse: “E o que é que isso prova? Que na lista telefônica tem alguém que chama Plebs? Tirando o fato de que esse é um nome bem ordinário, o que é que isso prova?”

“Um garoto da classe dele chama Plebs”, disse Mom, passando a mão pelos olhos. “Ele ligou outro dia aqui em casa, Dad. Foi assim que o menino chegou nesse nome.”

Dad veio até mim e colocou as mãos sobre meus ombros. “Calvin!”, disse como que suplicando. “Eu te imploro!”

Pra mim não importava mais nada. Levantei o fone do gancho e disquei nosso número.

“Você já vai ver!”, disse bravo. “Já já você vai poder falar com Calvin! Ele vai te explicar tudo...”

O telefone tocou do outro lado da linha. Na sexta vez perdi a esperança. “Esperem um pouco só!”, falei alto. “Eles colocaram o telefone dentro do armário de novo!”

Mom soluçou. “Calvin!”, ela falava baixinho. “Calvin, você precisa entender que...”

“O menino precisa de descanso agora”, disse Dad decidido, mas eu pude ouvir que a sua voz estava tremendo. “Suba para o seu quarto, Calvin. Mom e eu precisamos conversar. Mas deite-se na sua cama! Nada de computador agora!”

Eu me virei e subi a escada. Atrás de mim Dad murmurava: “Vamos resolver tudo isso”, mas a voz dele parecia cansada e quase não dava para ouvir. Eu gostaria tanto de poder ajudar.

E é por isso que agora eu não podia simplesmente fugir e mandar o Calvin pra cá e me instalar de novo em casa, como se nada tivesse acontecido. É claro que eles só iriam pensar que Calvin era eu, quer dizer, na verdade ele mesmo, então... era tudo muito complicado. E se Calvin voltasse e explicasse que agora ele era o Calvin certo, isso não os acalmaria do mesmo jeito. A única solução era que eles nos vissem juntos. E o melhor era que o psicólogo estivesse lá também. Eu iria agora pro telefone lá de cima, no corredor, iria ligar e rezar para que alguém com a chave do armário na mão fosse atender.

Aí o telefone tocou no corredor. Com um pulo atendi o telefone. “Alô, Calvin Prinz falando”, disse eu. Agora sério, sem sacanagem: transmissão de pensamento existe.

“Kevin?”, alguém berrou no telefone. “Plebs, escute, aqui é o Calvin! Estou ligando de um orelhão e ...”

“Me solta agora, eu quero que você me solte imediatamente!”, gritava uma voz no fundo. “Você ficou maluco, Plebs, eu vou começar a gritar aqui!”

“Essa é a Tatiana?”, perguntei espantado. “Calvin, deixe ela ir, você tem que vir pra cá! Os pais estão pirando, eles foram comigo ao psicólogo e ele contou pra eles que...”

“Por que é que você acha que eu estou ligando, Plebs?”, gritou Calvin do outro lado da linha. “A Tatiana acha que eu estou aprontando com ela – espera aí, Tatiana! Tatiana, espere!” Aí ficou tudo quieto.

“Calvin!”, berrei. “Alô, Calvin?” Segurei o telefone no ouvido e esperei.

“Ela fugiu”, disse a voz de Calvin, que de repente tinha ficado triste. “Eu queria que você falasse com ela...”

“Você tem que vir pra cá, Calvin!”, falei suplicando. “Seus pais estão completamente desesperados!”

“E como é que você acha que *eu* estou, Plebs?”, disse Calvin furioso. “A Tatiana fugiu, cara! Você é que tem que vir pra cá!”

Engoli em seco. “A gente está fodido de qualquer jeito mesmo”, eu disse. “Vamos nos encontrar no porto, Calvin, e a gente troca de volta. E aí a gente resolve pra onde vamos primeiro, OK? Pra casa dos teus pais ou atrás da Tatiana. Calvin, você está me ouvindo?”

A porta do meu quarto abriu, mas naquele momento eu não podia ligar pra aquilo.

“Calvin!”, berrei. “Você ainda está aí? Alô, Calvin, alô, Calvin...”

Dad colocou a mão dele em cima do gancho do telefone. Ouvi o barulho da linha caindo do outro lado.

“Calvin”, ele disse cansado. “*Você* é Calvin, menino. Calvin Prinz, esse é você. Então acredite pelo menos nos seus pais, Calvin! Ou você acha que pais podem se enganar quando se trata dos filhos deles?” E ele me olhou tão suplicante e desesperado, que eu soube que agora a coisa teria que ser rápida.

“Sorry, Dad, e não se preocupe!”, gritei e corri pra janela. Eu iria pelas ruas laterais e teria que me esconder nesse meio tempo, pra que ele não me alcançasse com o carro. “Eu já volto!”

Era a primeira vez que eu pulava de tão alto, mas a grama embaixo da janela era fofa. Atrás de mim ouvi Dad chamando o nome de Calvin.

Me atirei em cima da bicicleta e sai pedalando.

Calvin

No fim do dia, a essa hora, a maioria dos turistas já tinha deixado o porto e se transferido para uma área uns cem metros mais pra frente, onde senhoras de todas as faixas etárias, mas principalmente abaixo dos trinta, os atraíam com ofertas dos mais diferentes tipos, todas pagas. O dia ainda estava claro.

No metrô, pela primeira vez desde que tinha começado a andar sem pagar, quase fui pego por dois fiscais, mas a diferença de trinta anos de idade acabou ficando a meu favor na corrida. Só que agora eu ainda estava meio sem fôlego.

O Plebs chegou com a minha bicicleta e parou, cantando os pneus, bem na frente dos meus pés.

“Merda, cara!”, disse ele. “Levei uma eternidade pra conseguir me livrar do meu velho.”

“Do *meu* velho”, falei.

Plebs concordou com a cabeça. “A coisa está fedendo”, ele disse. “Eles acham que eu pirei completamente, porque eu contei a verdade pro psico-papaizinho, que eles tinham me arranjado e o porco me dedou.”

“Você não está falando como um Prinz, Plebs”, falei. Fiquei tentando imaginar o que Mom teria dito sobre o jeito de falar dele.

Kevin fez um gesto com a mão, como se isso não importasse. “Agora eles estão me vigiando a cada minuto”, ele disse. “E eles estão completamente arrasados. Você tem que vir comigo, Calvin, nós temos que ir juntos pra que eles vejam...”

“Exatamente”, falei. “Só que é *você* que tem que vir pra *minha* casa. Pra sua casa. Pra casa da Tatiana. Ela também não conseguiu lidar direito com a verdade.”

“A verdade é sempre um risco”, disse Plebs. “Como assim a Tatiana?”

Fiquei pensando no que dizer a ele. Afinal ele meio que tinha ficado com ela. Podia até ser que ele não tivesse interesse nenhum em desfazer o mal-entendido. Aí Tatiana iria acreditar até ficar velhinha, que só existia um Kevin Plebs, e esse era ele.

Mas a preocupação não tinha razão de ser.

“Na sua classe também tem uma garota com quem eu poderia tentar alguma coisa a longo prazo”, disse Kevin. “Estava nos meus planos para as próximas semanas.”

Fiquei olhando pra ele. “Sério mesmo?”, perguntei. “E por quê? Quero dizer, por que só nas próximas semanas?”

Kevin deu de ombros. “Medo”, ele disse. “Eu não tive coragem. Ela é tão... eu não tenho muito experiência com garotas desse tipo.”

Fiz um sinal afirmativo com a cabeça. “E quem é?”, perguntei. Se o interesse de Plebs estava em outro lugar, então eu não tinha com o que me preocupar mais por causa da Tatiana.

“Gunny”, disse Kevin com uns olhos que davam pra iluminar o porto todo. “Mas tudo bem”, e ele deu de ombros.

“Você ainda pode tentar mais pra frente”, falei, procurando consolar e fiquei me perguntando o que é que ele tinha visto na Gunni. Quando Gunni fosse adulta, ela seria como a Mom. Quando a Tatiana fosse adulta, ela ainda seria a Tatiana.

“Vamos então?”, disse. “Espero que você tenha grana.”

Kevin remexeu os bolsos dele, aí me encarou. “Merda!”, berrou, e os últimos turistas que estavam saindo do túnel a esta hora olharam com cara de reprovação. Provavelmente eles não viam com muita frequência duas pessoas que pareciam clonadas e que não conseguiam parar de rir.

“Podemos entrar sem pagar?”, perguntou Plebs gentilmente ao homem que estava sentado com a sua xícara de colecionador e a garrafa térmica atrás da sua mesinha com a toalha bem passada. Eu podia apostar que era o mesmo cara.

“Nem pensar”, disse ele, tomando um pequeno gole. “Se fosse assim, todo mundo iria querer entrar.”

“Nós somos fregueses da casa!”, falou Kevin alto. “Não tem nem um desconto? O senhor não lembra mais da gente?”

“Rudolf e Herbert!”, eu disse. “Ah, por favor, meu senhor!”

O cara do banheiro levantou. “Sumam daqui!”, ele disse. “E já! Senão chamo a polícia!”

“Mas será que não se pode nem mais ter vontade de ir ao banheiro?!”, falou Kevin bravo. “Por favor, minha boa senhora...” E esticou a mão na direção de uma madame com uma roupa esportiva e óculos de sol pendurados no pescoço. “Será que poderíamos pedir a senhora...”

“Fora daqui!”, berrou o cara do banheiro.

“Infelizmente estamos completamente sem recursos, minha boa senhora, mas não deixamos de ter nossas necessidades naturais...”

“Fora daqui, rápido!”, berrava o cara do banheiro e a madame fugiu com passos rápidos e entrou em uma das cabininhas, não sem antes de lançar um olhar venenoso em nossa direção. Nesse meio tempo, a cara dela estava brilhando de tão vermelha, o que mostrava que ela tinha educação.

“Herbert, precisamos cometer um pecado contra o meio ambiente. Vamos para o Elba. A ocasião faz o ladrão.”

“Eu não era o Rudolf?”, falei pensativo. “Isso é mais uma prova de que a pobreza leva à poluição do meio ambiente. Fazer o quê...”

“Não, não, não. Eu sempre ajudo o meio ambiente”, disse um senhor mais velho, que provavelmente já tinha tomado a sua quarta ou quinta cerveja da tarde e agora queria se aliviar. “Quanto é que vocês precisam? Um marco cada um?”

E assim acabamos conseguindo entrar na nossa cabininha também e à nossa volta ouvíamos portas batendo e água correndo. Talvez um ônibus de turismo tivesse acabado de chegar, de qualquer jeito o cara do banheiro estava tão ocupado que acabou esquecendo de brigar com a gente por causa da proibição de usar o banheiro de dois.

“Meu Deus, isto aqui está mesmo monótono hoje, Rudolf”, disse Kevin depois de vestir, por último, o moletom por cima da roupa. Era estranho... apesar do moletom ele não estava parecendo assim tão “Plebs” como da última vez. “E todo mundo pensa que ele mantém a ordem aqui, seria até nosso direito exigir isto.”

“Você tem razão, Herbert”, falei. “Sujeito sem responsabilidades. Mas você está vendo... A ordem e a moral estão se extinguindo nesse país”, e então saímos da cabininha e no meio das madames que passavam rímel nos cílios na parte da frente do banheiro, acabamos desistindo de lavar as mãos.

“Até a próxima, senhor”, disse Kevin, quando passamos pela xícara de colecionador. “Nós recomendamos seu estabelecimento aos amigos.”

“Fora daqui!”, berrou o cara do banheiro. Comecei então a me perguntar se na verdade ele não era uma obra-prima feita de látex, com uma fita cassete embutida. Caso contrário a extensão do vocabulário dele era mesmo de assustar.

Na frente do túnel havia realmente um grupo, mais ou menos com o tamanho da população de uma cidadezinha média, entrando num ônibus de turismo.

“Vamos então, Kevin?”, perguntei. “Senão provavelmente a Tatiana já vai estar na cama.”

Kevin fez que não com a cabeça. “Primeiro os seus pais”, ele disse. “Eles estão mal pra caramba. E quem sabe, se a gente não for, vão até chamar a polícia.”

“Primeiro a Tatiana”, falei em tom de batalha.

Kevin balançou a cabeça. “Vamos tirar na moeda?”, perguntou.

Fiz que sim. Mas de repente Kevin fez uma cara super estranha.

“Eu vou sentir falta de tudo isso, sabia?”, ele disse. “Você ainda vai poder encontrar a Tatiana, mas eu...”

“E a Nis?”, falei. “Você acha que eu não estou nem aí pra ela? E de certa forma até a sua mãe maluca! E a Jacqueline”, e de repente tive a mesma sensação que uma vez tinha tido na terceira série, quando saímos pela primeira vez em excursão com a classe.

Kevin ficou me olhando. “Se você quiser, pode vir nos visitar sempre”, disse. “Qual é o problema?”

“Vou levar livros pra Nisi”, falei.

Kevin riu. “Espera aí!”, disse ele. “Mas pra mim está tudo acabado agora, Calvin. Os computadores e as oscilações da Bolsa...”

“Você também pode nos visitar, Plebs”, disse e de repente percebi, não sei bem porquê, que era Calvin Prinz de novo. “Afiml você mesmo disse que meu pai te adorou.”

“Sério?”, disse Kevin e aí ele levantou uma sobrancelha, de um jeito que eu nunca vi ninguém levantar, e eu percebi que Kevin nunca mais seria um Plebs.

“Claro”, falei rápido. “Seja bem-vindo! A qualquer hora.” Kevin riu. “Um Prinz será sempre um Prinz”, ele falou. “E um Plebs será um Plebs. Se o seu pai ficar sabendo quem eu sou...”

“Bobagem!”, eu gritei. “Você conhece Dad!”

Kevin fez que sim com a cabeça. “É verdade”, disse sério.

“Não, Plebs, escute, agora eu estou achando isto injusto”, falei. “Vamos apostar que Dad vai continuar se importando com você? E pra começar você pode ficar com um dos meus computadores.”

Kevin olhou pra cima. “Mas tem que ter Internet”, ele disse e aí nos demos conta que na verdade estávamos com pressa.

Talvez o cara atrás da mesinha já tivesse se recuperado de nós, mas agora tínhamos que fazer a adrenalina dele subir de novo.

“O senhor nos permite...”, disse Kevin e roubou uma moeda do pratinho. “Quanto é que o senhor cobra de juros por minuto?”

“Fora daqui!”, berrou o homem. Látex com fita cassete, não tinha a menor dúvida.

“Tanto faz também!”, disse Kevin sorrindo. “Nós não íamos poder pagar mesmo. Mas muito obrigado”, e sob os gritos estremecedores de protesto do cara do banheiro, ele jogou a moeda para o ar.

Ficamos olhando quando ela bateu fazendo barulho no ladrilho e girou por alguns segundos, antes de se decidir por um dos lados. Tatiana; ou Dad e Mom.

“Fora daqui!”, berrou a fita cassete no casaco de látex e levantou num pulo.

Kevin lançou um olhar em direção à moeda e saiu correndo.

“Vamos lá!”, ele disse.

Epílogo

Daqui a muito, muito tempo, anos, décadas, numa das últimas noites do verão, dois jovens senhores espantosamente parecidos, tão parecidos que dá até pra confundir, vão se sentar relaxados no terraço de um restaurante à beira do lago no centro da cidade, depois de jogar suas jaquetas Armani no encosto das suas cadeiras.

As duas jovens senhoras que estarão na companhia deles, uma morena, baixinha, meio rechonchuda, a outra alta, magra e loira irã, tanto uma como a outra, atrair o olhar de todos.

Então eles pedirão champanhe ao garçom e ficarão sentados juntos, tranqüilamente, como pessoas que já se conhecem há muito, muito tempo, e ficarão olhando para a água, onde os triângulos brancos dos barcos a vela estarão fazendo uma coreografia impressionante que ninguém inventou, na frente do cenário da cidade, sob um céu que irá escurecendo aos poucos.

“Como é que anda o Dow Jones?”, um dos senhores vai perguntar e o outro vai rir e eles irã brincar e comentar admirados como, às vezes, a vida tenta imitar a arte.

É assim que vai ser. Ou mais ou menos assim.
Ou, quem sabe, totalmente diferente.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)